O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

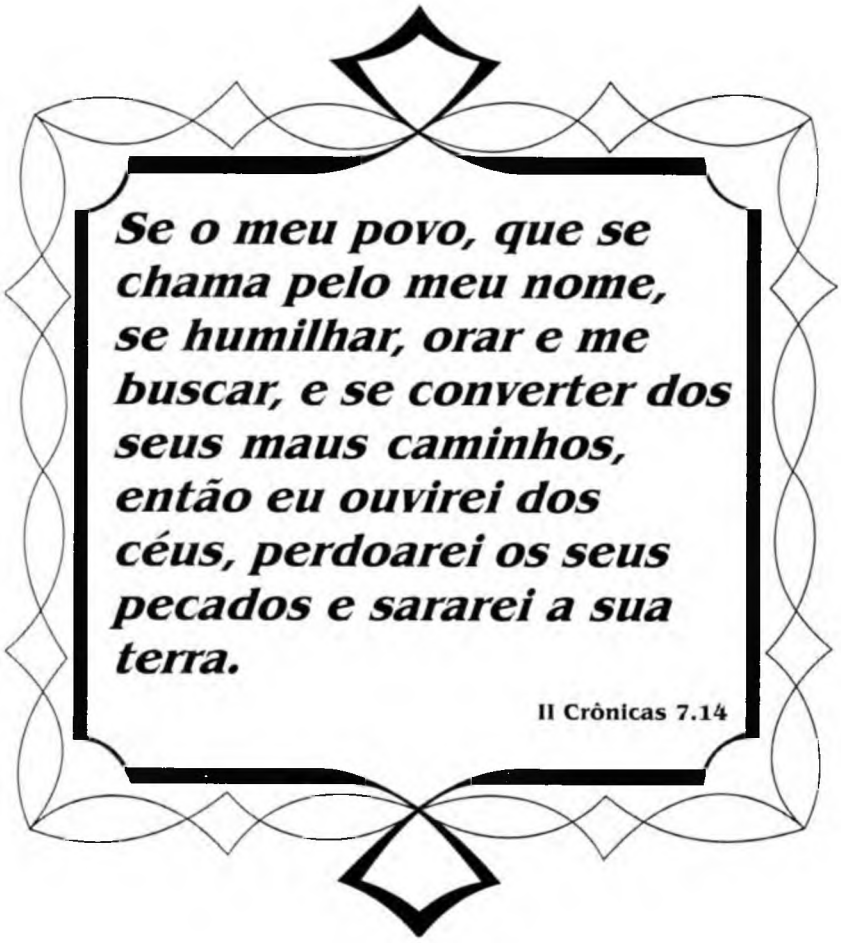
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

2 CRÔNICAS

HAGNOS

II CRÔNICAS

O Livro que Descreve a
Dinastia de Davi


Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.
II Crônicas 7.14

II Crônicas

36 Capítulos
822 Versículos

INTRODUÇÃO

Ao Leitor

Na *Introdução* à unidade literária, formada por I e II Crônicas, imediatamente antes da exposição a I Crônicas, provi informações sobre tópicos como caracterização geral, título, autoria, data, autenticidade histórica, fontes literárias, motivo e propósitos dos livros, filosofia e teologia, canonicidade, problemas especiais e conteúdo. O leitor sério não começará o estudo desses livros sem primeiro informar-se sobre esses tópicos em geral. Uma única introdução foi provida para os dois livros. I e II Crônicas eram, de fato, um único livro na Bíblia hebraica. A divisão apareceu primeiramente na Septuaginta, a versão grega desses livros, a fim de facilitar a leitura, porquanto manusear um volume do tamanho de I e II Crônicas não seria uma tarefa fácil. A divisão foi bem-feita. Fazia a história de Davi ser a conclusão do primeiro livro, e a história de Salomão ser a introdução ao segundo. Davi trouxe paz e prosperidade mediante a derrota dos *oito* inimigos de Israel (ver as notas a respeito em II Sam. 10.19). Assim sendo, Salomão teve paz e capacidade para conduzir Israel a uma prosperidade sem precedentes em sua época áurea. Parte dessa época áurea foi a construção do templo, que visava unificar a adoração em Jerusalém.

Imediatamente antes do início de minha exposição em I Crônicas, adicionei algumas informações além dos materiais da Introdução. Essas adições também se aplicam a II Crônicas. Discuto ainda a relação entre I e II Samuel, I e II Reis e I e II Crônicas. Mais da metade de I e II Crônicas tem paralelos diretos com esses quatro livros. Além disso, há a questão da Filosofia da História, um aspecto importante da unidade, que discuto pouco antes da exposição sobre I Crônicas. Cinco princípios orientadores foram observados nessa Filosofia da História, e eles são analisados nos comentários.

Em II Crô. 18.28 chegamos à marca da metade do Antigo Testamento. Ou seja, de Gên. 1.1 a II Crô. 18.28, há 11.574 versículos, sendo essa a metade do total de 23.148 versículos no Antigo Testamento.

Capítulo Um

Histórla de Salomão (1.1 – 9.31)

Davi havia trazido a paz a Israel, ao derrotar os *oito* adversários da nação. Ver as notas sobre isso em II Sam. 10.19. Devido aos despojos de guerra que tomou, ele obteve recursos materiais imensos, grande parte dos quais entregou a Salomão para a edificação do templo. Ver I Crô. 29.2-5. Em face das realizações e contribuições de Davi, Salomão estava devidamente posicionado para construir o templo e assim unificar o culto divino em Jerusalém. Salomão, pois, prosperou materialmente muito mais do que Davi, e assim foi capaz de dar a Israel sua época áurea.

Salomão edificou o templo de Jerusalém no estilo dos monarcas orientais. Acumulou riquezas para o templo e deu-lhe um estilo magnificente (ver II Crô. 22.5). O reinado de Salomão esteve em paz e foi forte; suas riquezas materiais foram imensas. Houve alguns aspectos tenebrosos em Salomão e seu reinado, que o cronista preferiu ignorar, tal como havia ignorado (em sua maior parte) os defeitos e pecados de Davi. O propósito do autor sacro era exaltar a dinastia davídica, e não tratar dos problemas pessoais e familiares de seus heróis. Era a dinastia davídica, um fragmento da qual retornou a Israel, terminado o cativeiro babilônico, que dava a Israel a legitimidade de continuar, a despeito de essa continuação ter ocorrido através da tribo única de Judá. A legitimidade espiritual foi provida pelos poucos levitas que retornaram do cativeiro babilônico.

Em consonância com o seu propósito, o autor omitiu os materiais dos capítulos primeiro e segundo de I Reis, onde vemos Salomão assassinar seu meio-irmão, Adonias, e eliminar Joabe. Quanto a informações detalhadas, ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Salomão* e *Rei.* Ver também o artigo chamado *Templo de Jerusalém.*

Caracterização Geral. O paralelo do primeiro capítulo de II Crônicas é I Reis 3.3-15, cujas notas expositivas que também se aplicam aqui. Cerca de metade de I e II Crônicas tem paralelo em I Samuel e I e II Reis. Salomão estabeleceu controle absoluto sobre o reino unido de Israel. Ele dispunha das bênçãos especiais e da ajuda de Yahweh. Para mostrar sua devoção e boas intenções e para buscar a ajuda divina, Salomão, juntamente com certos líderes de Israel, fez uma peregrinação ao tabernáculo que estava em Gibeom. Ali chegando, eles ofereceram sacrifícios sobre o grande altar de bronze que havia sido feito por Bezalel, sob a orientação de Moisés (ver Êxo. 31.11 e 38.1-7). A arca da aliança, entretanto, tinha sido transportada para Jerusalém, e estava abrigada no tabernáculo provisório de Davi (anotado em II Sam. 6.17). Ver I Crô. 16.39,40 e II Crô. 1.4. Quanto às vagueações da *arca da aliança,* ver no *Dicionário* o verbete com esse título. Salomão exprimiu sua devoção e sérias intenções como novo rei de Israel, ao oferecer mil holocaustos no tabernáculo de Gibeom (ver II Crô. 1.6).

1.1

Salomão, filho de Davi, fortaleceu-se no seu reino. Esse fortalecimento verificou-se primeiramente através de Davi, que derrotou os inimigos de Israel. E então ultrapassou qualquer coisa que Davi tinha conseguido fazer. O autor sagrado começou a dizer que a vontade divina estava arranjando as coisas de modo que elas contribuíssem para a glória e o poder de Salomão. O cronista exaltou a dinastia davídica através da qual, em seus dias, terminado o cativeiro babilônico, Israel continuou existindo, mediante a única tribo sobrevivente, Judá. O autor sagrado não maculou a descrição da grandeza de Salomão ao dar-nos os fatos desgostosos registrados nos capítulos primeiro e segundo de I Reis. Além disso, ele ignorou a história de todas as esposas que desviaram Salomão para a maldita idolatria e apostasia. Cf. o presente versículo com I Reis 2.46. Ver também I Crô. 29.25, um paralelo quase direto com o presente versículo.

1.2

Falou Salomão a todo o Israel. Salomão convocou os homens poderosos de Israel, os *líderes* das várias categorias sociais. Cf. I Crô. 28.1, onde temos uma lista extensa de líderes. Ver também I Crô. 29.22. Estavam incluídos os cabeças das tribos e os governantes militares e civis. A narrativa do livro de I Reis usa apenas um versículo para referir-se aos sacrifícios, e assim omite qualquer menção aos príncipes que participaram da cerimônia (ver I Reis 3.4). Estavam presentes os *governantes*, os cabeças de clãs que tinham autoridade sobre as diversas tribos (ver Núm. 7.10; I Reis 8.1); e também estavam presentes os *cabeças* das famílias paternas, sendo esta, provavelmente, apenas outra denominação para os governantes que tinham acabado de ser mencionados. Os juízes também não foram esquecidos e, naturalmente, o exército estava bem representado.

1.3

E foi com toda a congregação ao alto. Os *representantes de Israel* (escolhidos entre os listados no versículo anterior) foram com Salomão em sua peregrinação a Gibeom, para os ritos e sacrifícios que ali seriam oferecidos. O trecho paralelo de I Reis 3.4 deixa de mencionar os conselheiros de Salomão, que também o acompanharam. O tabernáculo erigido por Moisés ainda existia. Tinha vagueado para um lado e para outro pelo deserto, mas finalmente repousara em Gibeom. Quanto às vagueações da tenda, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tabernáculo.* No tabernáculo estava o grande altar de bronze que era o lugar do sacrifício. A arca da aliança estava no tabernáculo provisório de Davi, em Jerusalém (ver as notas a respeito em II Sam. 6.17). As coisas estavam confusas. Israel passava por um processo de transição, e assim continuaria até que Salomão *unificasse as coisas* no templo de Jerusalém.

Ao alto. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lugares Altos.* O texto parece dizer que a própria Gibeom era um dos lugares altos, e ali o tabernáculo tinha sido posto. Cf. I Reis 3.4. Não é provável que Salomão tenha ido a um lugar alto separado, distinto do tabernáculo.

1.4

Mas Davi fizera subir a arca de Deus. O *tabernáculo provisório* fora preparado por Davi (em Jerusalém) para abrigar a arca da aliança. Quanto a notas expositivas a respeito, ver II Sam. 6.17. Ver também sobre I Crô. 15.1 e o artigo do *Dicionário* denominado *Tabernáculo.* Quando o templo estava terminado, a arca foi levada para repousar naquele lugar. Até então, seguiu um curso de vagueações. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arca da Aliança,* quanto a completas informações.

1.5

Também o altar de bronze que fizera Bezalel. Quanto à história que narra como Bezalel preparou o grande altar de bronze (sob a direção de Moisés), ver Êxo. 31.11 e 38.17. Ali, naturalmente, seria o lugar dos sacrifícios que Salomão utilizaria em seus ritos. Salomão preparava-se para tornar-se rei e buscava o favor de Yahweh. A principal preocupação de Salomão era adquirir sabedoria para a tarefa à sua frente (vs. 10). Sua busca estava mesclada com o agradecimento por tudo quanto Yahweh fizera por Israel, até aquele ponto, especialmente através de seu pai, Davi (vs. 8).

1.6

Salomão ofereceu ali sacrifícios perante o Senhor. Salomão subiu ao tabernáculo que tinha sido erguido em um lugar alto, em Gibeom (vs. 3), e terminou defronte do altar de bronze, o local dos sacrifícios. Ver as notas em Êxo. 27.1 sobre o *Altar de Bronze.* O zelo de Salomão levou-o a oferecer o tremendo número de mil animais. Os sacrifícios, naturalmente, foram realizados por sacerdotes devidamente constituídos. Cf. o paralelo em I Reis 3.4. Por seu *muito sacrificar,* Salomão esperava atrair a atenção e a ajuda de Yahweh. Essas ele recebeu, mas provavelmente não porque tivesse exagerado em seus sacrifícios rituais. Cf. os exageros de Salomão quanto aos muitos animais sacrificados, e as repetitivas orações dos pagãos, que, segundo Jesus declarou, eram ineficazes para os propósitos tencionados (Mat. 6.7).

O Sonho-Visão de Salomão (1.7-12)

1.7-12

Esta parte da história é diretamente paralela a I Reis 3.5-13, onde são oferecidas notas detalhadas. Adiciono aqui algumas observações:

1. O trecho paralelo chama esta experiência de *sonho,* mas o presente relato não se mostra assim tão específico. Alguns sonhos especiais são, na realidade, como visões. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sonho e Visão (Visões).* Existem sonhos espirituais que são diferentes dos sonhos ordinários. Cf. Atos 2.17. O vs. 7 (II Crônicas) é paralelo a I Reis 3.5, com pequenas variações.
2. *Vs. 8* (II Crônicas). Este versículo é paralelo a I Reis 3.6, com pequenas variações. O relato do capítulo terceiro de I Reis geralmente é mais detalhado do que a versão do presente capítulo. A bênção de Elohim sobre Davi foi tão significativa que Salomão pediu que esse *tipo* de ajuda divina continuasse em seu reinado.
3. O *vs. 9* (II Crônicas) é um tanto diferente do seu paralelo em I Reis 3.8. Aqui Salomão orou pela continuação da dinastia davídica que tinha caído sobre os seus ombros. Isso estaria em acordo com a promessa feita a Davi, de continuação da dinastia davídica. Cf. I Crô. 17.23, onde são dadas notas sobre o conceito envolvido. Aqui, o grande número de pessoas é ilustrado com o *pó* da terra. No paralelo, a simples palavra *multidão* é usada sem essa metáfora.
4. O *vs. 10* (II Crônicas) é, essencialmente, paralelo de I Reis 3.9. A palavra usada aqui para *conhecimento* (no hebraico, *madda'*) é uma palavra recente, ocorrendo somente neste versículo, em Dan. 1.4,17 e Ecl. 10.20. Isso poderia

indicar para os livros de Crônicas uma origem posterior à dos livros de Reis. Em lugar da palavra *governar* (usada no trecho paralelo), temos aqui a imagem de um *pastor,* que entra e sai para cuidar de suas ovelhas. Cf. I Reis 3.7; Núm. 27.17 e Deu. 31.2.

5. O *vs. 11* (II Crônicas) é, essencialmente, igual ao seu paralelo, I Reis 3.10. As palavras "bens ou honras" foram adicionadas pelo cronistas. Ver, em Ecl. 6.2, as palavras "riquezas, bens e honra".
6. O *vs. 12* (II Crônicas) é, essencialmente, igual ao seu paralelo, I Reis 3.12,13. Além da *mente discernidora* que Yahweh (Elohim) haveria de conferir a Salomão, ele receberia também "riquezas, bens e honras", e isso em tal quantidade que Salomão faria sombra a qualquer outro rei de Israel, antes ou depois dele. Salomão, pois, deveria receber mais do que buscara, algo típico da maneira como a graça e a misericórdia divina operam. Salomão pediu o *essencial,* e obteve todos os *benefícios paralelos* de ser um rei orientado por Deus. Cf. as palavras de Jesus, em Mat. 6.33: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas". Portanto, pedimos e recebemos com maior abundância do que tudo quanto pedimos ou pensamos (ver Efé. 3.20). O trecho paralelo, no vs. 14, adiciona graficamente a promessa de uma longa vida para Salomão. Ele teria tempo de completar a sua missão.

1.13

Voltou Salomão para Jerusalém. Ele saiu do lugar alto onde estava localizado o tabernáculo, e continuou seu reinado sobre o reino unido de Israel. O texto hebraico diz que ele subiu "para o lugar alto", após ter oferecido sacrifícios; mas isso foi corrigido para "do lugar alto", pela Septuaginta e pelas versões latinas, e essa correção é seguida pela maior parte das traduções modernas. A versão portuguesa também diz "da" e não "para o".

O cronista omite a questão de outros sacrifícios feitos por Salomão em Jerusalém, quando ele chegou ali (ver I Reis 3.15), e ele não registrou o caso do primeiro notável uso de sua sabedoria especial (ver I Reis 3.16-28). "Que ele não depreciava o santuário no monte Sião, como lugar de sacrifício, evidencia-se através de I Crô. 21.18-22.1" (Ellicott, *in loc.*).

1.14-17

O trecho paralelo destes quatro versículos é I Reis 10.26-29, onde são oferecidas notas expositivas detalhadas. Acrescento aqui algumas poucas observações:

1. Salomão tinha paixão por cavalos e carros de combate. Isso pôs o exército israelita em igualdade com os de outros monarcas orientais. Ordinariamente, o exército de Israel compunha-se de infantaria, e isso por ordem expressa de Yahweh. *Desse modo,* se Israel obtivesse alguma vitória, então Yahweh, e não as armas superiores ou um superior equipamento de guerra, ganharia o crédito pelo triunfo.
2. Os breves comentários do autor sagrado ilustram a força e as riquezas de Salomão. Sua força militar foi possibilitada por suas riquezas materiais grandemente multiplicadas. Embora Davi tivesse promovido paz ao derrotar oito nações inimigas de Israel, era um fato de que elas sempre tinham uma maneira de voltar, para servir, uma vez mais, de praga para Israel. Mas Salomão fez-se tão forte que se tornou imune aos ataques estrangeiros por toda a sua vida.
3. Deu. 17.16,17 proibira a multiplicação de cavalos, principalmente por aquilo declarado no primeiro ponto, acima. Salomão desconsiderou as regras aplicadas a reis secundários. Ele se tornou uma lei para si mesmo. Uma de minhas fontes informativas fala da "fidelidade de Deus, por trás do aumento de riquezas e da força militar de Salomão"; e isso, em princípio, diz a verdade. Mas Salomão *exagerou.*
4. Salomão, tendo violado a *lei sobre os cavalos,* em breve violaria a *lei sobre o casamento,* desposando muitas mulheres estrangeiras. Isso o desviaria para as veredas da idolatria e do paganismo. Assim sendo, aquilo que um exército não conseguira fazer contra ele e contra Israel, mediante a invasão e a destruição, Salomão fez contra si mesmo, por meio de maus casamentos. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento encontra muitas maneiras de exprimir-se. Salomão obteve carros de combate no Egito, mas também obteve como esposa uma filha de Faraó. Ela seria tão destrutiva para Salomão e para a nação de Israel quanto um exército. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria,* e cf. o capítulo 11 de I Reis.

Capítulo Dois

Construção do Templo (2.1 – 7.22)

Davi não teve permissão para construir o templo de Jerusalém. Ver as razões para isso nas notas expositivas sobre I Crô. 17.1. Ele, entretanto, fez grandes contribuições para o projeto, o que é longamente ilustrado no capítulo 22 de I Crônicas. Davi também recebeu instruções detalhadas sobre como o projeto deveria ser realizado. Ele comprou o local para a construção e reuniu operários e materiais (ver I Crô. 21.18-22.19; 28.29). Mas foi deixado a cargo de seu filho, Salomão, realizar o trabalho de construção. Este segundo capítulo de II Crônicas fornece-nos descrições dos preparativos de Salomão para a tarefa de construção do templo.

Os *vss. 1-10* deste segundo capítulo parecem ser uma versão reescrita de I Reis 5.1-6, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

"Salomão, tencionando edificar um templo para Deus e um palácio para si mesmo, apelou para Hirão, rei de Tiro, para fornecer-lhe materiais e operários especializados (vss. 1-10). E recebeu uma resposta favorável (vss. 11-16). Para essa tarefa, Salomão numerou todos os estrangeiros que havia em Israel (vss. 17 e 18)" (John Gill, *in loc.*).

2.1

Resolveu Salomão edificar a casa ao nome do Senhor. Davi tinha sido divinamente conduzido em seus preparativos. Foram-lhe dados os planos para o templo, incluindo *instruções* específicas para a edificação. Supõe-se que Salomão também tenha sido apanhado pela inspiração divina que circundava o projeto. Tudo deveria ser feito "ao nome do Senhor", pelo que também Yahweh deu-lhe instruções específicas sobre o templo divino. Em outras palavras, a construção do templo foi um empreendimento divinamente inspirado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Jerusalém.*

Um *palácio real* também fazia parte do projeto de construções. Salomão foi um grande monarca oriental, e sua habitação real teria de ser equivalente à sua grandeza. Cf. o caso de Davi, em I Crô. 14 e 17.1 ss.

A residência real de Salomão é mencionada novamente no vs. 12 e também em 7.11 e 8.1; mas a construção dessa residência não foi registrada em II Crônicas. Quanto a essa questão, ver I Reis 7.1-12.

2.2

Designou Salomão. Cf. I Reis 5.15,16. Os números são parcialmente conflitantes. A maioria dos homens aqui mencionados, os *estrangeiros,* constituía uma equipe de labor forçado, podemos ter certeza. Isso estava em harmonia com os projetos de construção da época. Um labor barato fazia-se necessário, e os reis não hesitavam em escravizar pessoas para obter a conclusão de seus projetos. Dei detalhes na passagem acima mencionada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo, Escravidão.*

O Tratado com Hirão, Rei de Tiro (2.3-16)

2.3

Hirão (cujo nome é grafado como Hurão em algumas versões, mas não em nossa versão portuguesa) era um antigo amigo de Israel. Davi tinha empregado a ajuda dele para construir seu próprio palácio e ajudá-lo a recolher materiais para o templo (ver I Crô. 14 e 22). Quanto a detalhes sobre esse rei, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hirão* e cf. I Reis 5.1. A passagem paralela é I Reis 5.2-18, onde há notas expositivas mais abundantes. O trecho paralelo informa-nos que Hirão primeiramente enviou uma carta a Salomão, congratulando-o por sua subida ao trono de Israel. Portanto, houve boa vontade da parte de Hirão, de forma que Salomão tirou vantagem da situação para fomentar o seu projeto. Lembremo-nos de que Israel não tinha conhecimento suficiente sobre as ciências (incluindo a matemática) para poder efetuar um grande projeto arquitetural, assim precisava depender de operários habilitados. Como resultado, o templo de Jerusalém foi bastante similar a outros templos fenícios, embora, sem dúvida, mais rico em sua decoração interior.

2.4

Eis que estou para edificar a casa ao nome do Senhor. O *templo* haveria de centralizar a adoração de Israel em Jerusalém. Incorporaria os elementos essenciais do culto divino no tabernáculo, conforme ilustra este versículo. Teria também um Santo Lugar e um Santo dos Santos, e teria idênticos móveis, porém em maior número. A *idéia* do tabernáculo seria transferida para o templo. Os santuários dos lugares santos, em Betei e Gibeom, não seriam fechados, embora esse fosse, provavelmente, o ideal. A importância desses santuários, contudo, diminuiria drasticamente. Jeroboão, na época de Roboão, filho de Salomão, fortificou a adoração em Betel, a fim de fortalecer sua própria causa cismática.

O autor sacro *numerou* os processos rituais do tabernáculo, certificando-se de que compreenderíamos que esses mesmos processos seriam incorporados ao culto do templo.

Ao nome do Senhor meu Deus. A construção do templo seria um projeto divino, com vistas a promover a causa do yahwismo. Yahweh seria exaltado entre as nações. Haveria dedicação e consagração especial do local (ver Lev. 27.14; I Reis 9.3,7). Fariam parte do culto os pães da proposição e os holocaustos (ver Lev. 24.5,8; Núm. 28.4), bem como os sábados e as festividades solenes (I Crô. 23.31). A coisa toda repousaria sobre a ordenança do Senhor (cf. Êxo. 12.14; 29.9 e I Crô. 23.31).

2.5

A casa que edificarei há de ser grande. O templo de Jerusalém seria uma grande casa para um Grande Deus, a saber, o Deus que está acima de todos os deuses. Este versículo tenciona ensinar o *monoteísmo,* embora sua de*claração* pareça fazer-nos compreender o *henoteísmo*. Ver no *Dicionário* sobre ambos os termos.

O templo não era muito grande, a exemplo de outras grandes estruturas, mas deveria ser ricamente decorado com metais preciosos. Seria o mais *rico* templo na Palestina, se não o maior.

Hirão, homem politeísta, seria um ajudante e, de fato, o homem que supriria grande parte dos materiais de construção e dos arquitetos e operários especializados. A *ele* e a todos os outros que veriam o lugar, seria dada uma grande lição: a grandeza de Yahweh. Talvez isso tenha constituído um esforço "evangelístico" da parte de Salomão. No entanto, dentro de pouco tempo, Salomão cairia na idolatria, sob a influência de suas mulheres pagãs. Cf. o presente versículo com Êxo. 18.11; Deu. 10.7; Sal. 77.13 e 95.3.

2.6

O *conceito de Deus* tinha avançado a ponto de Salomão reconhecer que uma casa material não poderia contê-Lo. O templo era apenas o escabelo dos pés da presença de Deus. Ninguém pode erigir um edifício comparável a Deus e Sua glória (ver Isa. 66.1,2). Deus é transcendental e, no entanto, condescende conosco quando nos dá vestígios de Sua presença entre nós. "O templo perfeito não é edificado com mãos. Pode-se nele entrar em qualquer lugar, em qualquer tempo, por aqueles que buscam honestamente a Deus. Ver João 4.21-23" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Em Cristo, no tempo do Novo Testamento, o próprio crente torna-se templo de Deus (I Co. 3.16). A Igreja, coletivamente considerada, é o templo espiritual de Deus (ver Efé. 2.20-22).

Quanto à natureza ímpar e incomparável do Deus de Israel, ver Isa. 40.18-26; 46.3-7. Os próprios céus não contêm Deus, portanto é claro que um edifício terrestre só pode ser um lugar de manifestação, e não de residência. A mesma idéia está contida em I Reis 8.27 e II Crô. 6.18, onde ofereço notas expositivas mais completas.

2.7

Manda-me, pois, agora um homem. Ver I Crô. 22.15 quanto a um trecho paralelo. Davi tinha feito preparativos acerca daqueles operários, e Salomão deveria utilizar-se daqueles homens, fazer adições e prosseguir no trabalho. "Pedreiros e carpinteiros não foram solicitados. Aqueles que Davi havia conseguido (ver I Crô. 14.1) provavelmente continuavam em Jerusalém e tinham ensinado a outros as suas artes. Mas eles precisavam de um *mestre de obras,* uma pessoa habilidosa, como Bezalel (ver Êxo. 25.31). As *coisas especificadas* nas quais os operários precisavam ser habilidosos relacionavam-se não ao próprio templo, mas a seus móveis e utensílios: o *ferro,* que não podia ser obtido no deserto, mas agora, devido ao intercurso com a planície costeira, era abundante e muito usado. Os *tecidos* que seriam utilizados nas cortinas foram preparados nas cores púrpura, carmesim e azul; havia também *obras de entalhe*, nas quais muitos judeus eram habilidosos; e havia, finalmente, necessidade de operários capazes de trabalhar em *madeira*, na manufatura de vários objetos e na tintura, que tinha tornado os tírios famosos. As obras de entalhe provavelmente referem-se a figuras ornamentais, como os querubins, ou a trabalhos com agulha, bem como o entalhe, em madeira, de romãs e outros ornamentos" (Jamieson, *in ioc.*).

Púrpura (Êxo. 25.4)... **carmesim** (que ocorre aqui e no vs. 13 e 3.14)... **azul** (Êxo. 25.4). Portanto, detalhes típicos do tabernáculo foram duplicados no templo. Acreditava-se que Moisés havia recebido instruções divinas quanto a todos os detalhes. Dessa forma, tais detalhes não podiam ser ignorados.

Mas Salomão precisava de um *mestre de obras* que supervisionasse os vários aspectos da decoração. Essa é a questão abordada, especificamente, neste versículo.

2.8

Manda-me também madeira. Salomão também precisava de madeiras nobres, os cedros, os ciprestes e o sândalo do Líbano. Salomão teria de enviar seus próprios homens a Tiro para ajudar a cortá-las e transportá-las até Jerusalém. Salomão possuía muito dinheiro. Era um homem fabulosamente rico. Grande parte de suas riquezas resultara dos despojos que Davi adquirira de seus oito inimigos, aos quais ele havia derrotado (ver II Sam. 10.19 quanto às notas expositivas). Mas ao rei Salomão faltavam homens e materiais de construção. Portanto, ele pagaria por gente habilitada, e Hirão haveria de supri-los. E cada homem faria o que pudesse, visando a vantagem da obra. Todos os grandes projetos são esforços de cooperação, em que cada um contribui com a sua especialidade.

2.9

Muita madeira... grande e maravilhosa. A palavra-chave era *abundância.* Salomão necessitava de grande quantidade de madeira, porquanto tinha idéias grandiosas. Seu templo seria uma edificação "grande e maravilhosa", e todos se maravilhariam e dariam glórias a Yahweh, de quem era o templo de Jerusalém.

"Salomão precisava de grande quantidade de madeira para esteios, tetos, paredes e assoalhos, visto que a casa que estava prestes a ser construída seria grande e maravilhosa, tanto em sua estrutura como em sua ornamentação" (John Gill, *in loc.*). A Septuaginta diz aqui "grande e glória". A versão siríaca fala em "um espanto".

2.10

Aos teus servos... darei. A troca de serviços por mercadorias. Salomão daria dinheiro pelos materiais de construção e pelos homens. Ele também supriria alimentos para a corte real de Tiro, como parte do pagamento pelos materiais recebidos e pelos serviços prestados.

As Medidas Envolvidas. O coro valia cerca de 189 litros; o bato era dez vezes menos, ou seja, 18,9 litros. Ver Luc. 16.6,7. Ver o verbete *Pesos e Medidas,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* III, pág. 259. Presumimos que esses produtos alimentícios tenham sido supridos anualmente, enquanto o templo estivesse sendo construído. As medidas, entre os hebreus, foram variando com a passagem dos anos, e só podemos tentar adivinhar quanto a seus valores relativos. O verbete citado anteriormente fornece detalhes. John Gill (*in loc.*) fala sobre a escassez do trigo em Tiro; e isso significa que o oferecimento de Salomão pareceria atrativo.

A Resposta de Hirão (2.11-15)

Esta seção deve ser comparada a I Reis 5.7-9.

2.11

Hirão, rei de Tiro, respondeu por uma carta. Este versículo é essencialmente paralelo a I Reis 5.7. Mas temos aqui uma demonstração do amor de Yahweh por Seu povo, enfatizado como a razão pela qual Salomão ungido seu rei. O trecho paralelo enfatiza a sabedoria de Salomão, que lhe havia sido conferida por Deus. Cf. também I Reis 10.9 e II Crô. 9.8, versículos quase idênticos. Hirão reconheceu Yahweh, mas talvez apenas como mera cortesia, por causa de Salomão.

2.12

Bendito seja o Senhor Deus de Israel. Essa é a *típica linguagem da piedade* e pode dar a entender que Hirão tomara Yahweh em seu panteão. Ou então são palavras que o autor sagrado pôs na boca de Hirão, tendo ele *idealizado* a situação de um ponto de vista espiritual. Cf. a expressão mais simples do trecho paralelo de I Reis 5.7. Arqueólogos encontraram uma inscrição bastante similar a este versículo, mas dirigida ao deus Ahuramazda.

2.13,14

Agora, pois, envio um homem sábio. O sétimo versículo deste capítulo mostra-nos que Salomão havia solicitado que Hirão enviasse um *mestre de obras* para encabeçar a obra da feitura de móveis e utensílios do templo de Jerusalém. O rei de Tiro atendeu, pois, ao pedido e enviou *Hirão-Abi,* um meio-israelita que tinha conexões com a tribo de Dã pelo lado materno. De fato, a mãe dele era danita, portanto Hirão-Abi representava o elemento ideal para encabeçar o trabalho. Tais relações familiares naturalmente davam ao homem um *interesse pessoal* no trabalho. I Reis 7.14 informa-nos que sua mãe era viúva da tribo de Naftali. Talvez Dã tenha sido a tribo do nascimento dela, porém ela viveu mais tarde em Naftali, ou vice-versa.

O vs. 14 atribui a Hirão-Abi uma larga variedade de habilidades: em metais, em pedras, em madeira e em tecidos. Em outras palavras, ele podia realizar e dirigir qualquer tarefa que fosse requerida pela construção do templo e sua decoração interior. Ver a plena prestação de contas do trabalho de Hirão-Abi, em I Reis 7.13-51, que o cronista não se incomodou em copiar. Hirão-Abi foi, realmente, um mestre artífice e realizou serviços memoráveis na construção do templo. O livro de I Reis descreve seus feitos e suas obras admiráveis. Ele era capaz de resolver qualquer problema de construção ou decoração, inventando toda forma de objetos artísticos. As palavras nos relembram os trechos de Êxo. 35.32, que alguns eruditos pensam que o autor sagrado copiou para o presente texto, visto que estava tratando com um trabalho similar ao que fora feito no tabernáculo.

Em nossos dias de produção de artigos em massa, o artesão habilidoso quase desapareceu. W. A. L. Elmslie, *in loc.,* vê uma lição nessa circunstância: "Na fé religiosa há grande perda quando as crenças que afirmamos sustentar são aceitas em forma de produção em massa. Faz um mundo de diferença se aplicar-

mos nossa própria individualidade. Então as crenças tornam-se (por assim dizer), 'feitas à mão', o trabalho de nosso próprio espírito" (cf. Fil. 2.12,13)".

2.15

Agora, pois, mande o meu senhor. *Hirão aceitou alegremente* as condições do acordo, pedindo para Salomão enviar imediatamente aqueles cobiçados produtos agrícolas (ver o vs. 11). Ele muito se alegraria em receber suas porções anuais, enquanto o templo estivesse em construção.

Para os seus servos. O rei de Tiro falava sobre si mesmo e sobre sua corte real, que estaria recebendo os produtos alimentares. Humildemente, chamou a si mesmo de *servo* de Salomão, não porque estivesse sujeito a tributo (conforme alguns estudiosos supõem), mas meramente por demonstração de cortesia oriental e respeito.

2.16

E nós cortaremos tanta madeira no Líbano. *Hirão* era homem de ação, já tendo baixado ordens para cortar as madeiras nobres e mandá-las por via marítima até Jope. Dali, a madeira seria transportada por via terrestre até Jerusalém. Hirão, homem do mar, cuidaria do transporte marítimo; e Salomão, homem da terra, cuidaria do transporte terrestre. Cf. I Reis 5.9. E I Reis 5.8 menciona especificamente as madeiras nobres a serem derrubadas: cedro e cipreste.

2.17

Salomão levantou o censo de todos os homens estrangeiros. Salomão mandou fazer um recenseamento imediato dos *estrangeiros* que residiam em Israel, muitos dos quais, sem dúvida, eram ex-prisioneiros de guerra. Esses seriam reduzidos à posição de trabalhadores em regime de escravidão (cf. o décimo versículo deste capítulo). Alguns daqueles escravos também eram povos indígenas que, em vez de serem mortos, passaram a trabalhar como escravos, prática comum nas guerras antigas. Cf. Gên. 23.4; Êxo. 22.21; Lev. 17.8. Davi tinha feito um recenseamento anterior dessa mesma gente (ver I Crô. 22.2. Cf. II Sam. 20.24). "... essa população sujeitada estava no risco de ser empregada no labor forçado, sob Davi. Cf. também I Reis 4.6; 5.14 e 12.4-18" (Ellicott, *in loc.*). O número deles, nos dias de Salomão, foi de 153.600, que é a soma das cifras de 70.000 + 80.000 + 3.600, conforme se lê no próximo versículo. I Reis 5.13 parece indicar que até elementos israelitas foram incluídos no recenseamento, embora isso fosse contrário à legislação mosaica, que proibia a escravização de qualquer hebreu, exceto por motivo de dívida.

2.18

Designou deles. *Designação de Tarefas.* Para transportar cargas foram designados 70.000, enquanto 80.000 tinham de talhar pedras nas montanhas. E 3.600 serviriam como supervisores dos outros trabalhadores. O total é o dado no versículo anterior, 153.600. O que não fica claro neste versículo é quantos homens de Tiro estavam envolvidos. Seriam somente os supervisores enviados de Tiro, enquanto os operários comuns teriam sido enviados por Salomão para fazer o trabalho duro? O vs. 17 parece identificar esse número total com homens de Israel, incluindo os supervisores. Sem dúvida, os operários especializados de Tiro eram bem pagos, mas aqueles pobres escravos recebiam somente trabalho e mais trabalho. As coisas pouco mudaram hoje em dia, nos países do terceiro mundo, onde encontramos uma escravidão oficializada, por causa de *salários baixos.*

Tipologia. John Gill (*in loc.*) encontra neste vs. 18 um tipo e uma lição espiritual. Os operários estrangeiros falam dos "*gentios* empregados na construção do templo espiritual (ver Zac. 6.15)". Ver também Efé. 2.20-22.

W. A. L. Elmslie, *in loc.*, vê outra lição para a Igreja no presente versículo: "Nosso perigo é errar em duas direções. Inclinamo-nos por pensar que alguma outra gente deveria fazer o trabalho necessário para a Igreja ou, então, insistimos demais em que ninguém pode fazer devidamente o trabalho, senão nós mesmos".

Capítulo Três

A *construção do templo* é descrita em II Crô. 2.1-5.1. Os capítulos 2 e 3 falam sobre os preparativos e o começo do trabalho de construção do templo propriamente dito. Os capítulos 3 e 4 de II Crônicas são iguais, em todos os pontos essenciais, a I Reis 6 e 7. A exposição é oferecida nesses capítulos de I Reis. A seguir acrescentei algum material.

3.1

Começou Salomão a edificar a casa do Senhor. *A narrativa* da construção do templo, no trecho paralelo de I Reis 6 e 7, não nos fornece esse tanto de informação, isto é, que o templo foi construído sobre o monte *Moriá* (a respeito do qual há um artigo detalhado no *Dicionário*). Não repito aqui essa informação. O local ficava imediatamente ao norte da antiga cidade jebuséia de Ofel, no local marcado pela eira de Araúna (no hebraico, *Ornã*). Davi comprou o local como um lugar de sacrifício (ver o capítulo 21 de I Crônicas). Foi um lugar santo para Abraão e os patriarcas, como o lugar onde Abraão pretendeu oferecer Isaque (ver o capítulo 22 do livro de Gênesis). Atualmente, o local é assinalado pela muçulmana Mesquita de Omar, mas escavações recentes sugerem que o local do templo ficava ligeiramente mais ao norte que a Mesquita de Omar.

Somente no presente versículo é dito que Sião é idêntico ao monte Moriá.

Devemo-nos lembrar de que a grandiosidade do templo não consistia tanto em seu tamanho e estrutura eterna, antes em sua decoração interior, com aquela imensa quantidade de metais e pedras preciosas. Além disso, vastos átrios e edifícios acompanhavam o próprio templo, adicionando maiores dimensões ao projeto todo.

3.2

Começou a edificar. Este versículo é paralelo (porém menos detalhado) a I Reis 6.1, onde são dadas notas expositivas completas. O ano que corria era cerca de 966 A. C. I Reis diz-nos que isso se passou 480 anos após o êxodo do Egito, o que, portanto, poderia ser datado em cerca de 1446 A. C.

3.3

Foram estas as medidas dos alicerces que Salomão lançou. Este versículo é paralelo a I Reis 6.2, mas aqui o cronista certifica-se de que compreendemos que Salomão *fora instruído* para a tarefa, e que isso foi feito de acordo com as informações dadas por Yahweh a Davi, e também ao próprio Salomão. Tudo consistia num projeto divino, e não numa invenção humana. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Templo de Jerusalém,* quanto a uma ilustração sobre o plano do templo. Ver I Crô. 28.11,12 e I Reis 6.11 quanto às instruções divinas dadas acerca da construção. O tabernáculo foi construído dessa maneira, e depois o templo, conforme demonstram minhas notas expositivas.

3.4

O pórtico diante da casa media. O paralelo deste versículo é I Reis 6.3. Com a adição do pórtico, o edifício inteiro ficou com 32 metros de comprimento por 9,15 metros de largura. A altura do templo era de 9,15 metros (ver I Reis 6.2), mas o pórtico tinha somente 6,10 metros de altura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas.*

Uma *cobertura de ouro* decorava todo o interior do pórtico. Ofereço a exposição maior no trecho paralelo, no que diz respeito a todos esses versículos.

3.5

Também fez forrar de madeira de cipreste a casa grande. Este versículo fala sobre a "casa grande", ou seja, o Lugar Santo. Cf. I Crô. 28.11. Ver Êxo. 26.33. Todo o interior do Lugar Santo era forrado com madeira de cipreste (ou pinho, conforme alguns eruditos supõem), recoberta com ornamentos de ouro. Os ornamentos consistiam em desenhos gravados de palmeiras e cadeias. Talvez, simbolicamente, a continuação da vida tenha sido ali retratada, pois a figura seria semelhante à da árvore da vida (ver Gên. 2.9; 3.20; Apo. 2.7 e 22.2,19). Ver o paralelo em I Reis 6.15.

3.6,7

Também adornou a casa de pedras preciosas. Pedras preciosas foram incrustadas aqui e ali, para obter um efeito decorativo. Quanto ao que se sabe e é conjecturado sobre o lugar, ver o artigo a respeito no *Dicionário.* Os artesãos forraram toda a superfície interior do templo com ouro precioso (vs. 7) e então gravaram querubins nas paredes. Aquelas criaturas celestes simbolizavam a tremenda presença de Deus, com glória e majestade acompanhantes. Elas eram chamadas "cobertores", visto que tinham as asas estendidas e retratavam a carruagem do Senhor em vôo. O Senhor (Yahweh) declaradamente habitava entre os querubins (ver Núm. 7.38; II Reis 19.5; Sal. 80.1 e 99.1). Ver I Reis 6.21-23,29 quanto a mais detalhes sobre os ornamentos.

3.8

Fez mais o Santo dos Santos. Ver o trecho paralelo em I Reis 6.5,10,20. O vs. 20 é quase idêntico ao presente versículo. I Reis diz-nos que a altura do Santo dos Santo era também de 6,10 metros, de maneira que formava um cubo. O trecho paralelo não nos dá o custo (o peso) do ouro usado para forrar o interior do santuário, a saber, 600 talentos, isto é, cerca de 23 toneladas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas,* IV A. Os críticos vêem nessa maciça quantidade de ouro uma "impossibilidade" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*) ou uma declaração

SIGNIFICADOS ESPIRITUAIS DO TEMPLO

O Templo tinha seus *limites*, espiritualmente falando. De fato, sua própria estrutura falava de limites impostos ao acesso à Presença de Deus. Somente o sumo sacerdote, uma vez por ano, tinha o direito de entrar no Santo dos Santos. O sumo sacerdote, obrigatoriamente, tinha de ser descendente de Arão. O povo comum não podia entrar no Templo, tendo acesso somente à corte fora.

A Presença de Yahweh estava lá, mas era mediada pela casta sacerdotal. O chefe daquela casta, o sumo sacerdote, era pecador, portanto homem severamente limitado. Ele oferecia sacrifícios para si mesmo e, depois, para o povo.

> *O Templo era uma sombra de coisas melhores por vir. Existiria um Novo Templo e um novo Sumo Sacerdote. Existiria um novo povo escolhido.*

OS LIMITES ABOLIDOS

Em Cristo, todos os limites de acesso à presença de Deus foram abolidos. O próprio crente torna-se o templo de Deus (I Cor. 6.19; Efé. 2.22). Coletivamente, a igreja é o Novo Templo. O Espírito Santo habita no crente e na igreja. Esta habitação divina garante acesso à Presença de Deus.

Veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos... tendo obtido eterna redenção.

Hebreus 9.11,12

Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Hebreus 4.16

própria das hipérboles orientais. Seja como for, a *realeza divina* é simbolizada por esse metal precioso. O ouro também pode simbolizar, simplesmente, a *divindade.* A presença divina manifesta-se no Santo dos Santos e no culto do templo como um todo. O ouro que recobria o interior do Santo dos Santos tinha o formato de painéis, conforme vemos no versículo nono.

3.9

O peso dos pregos era de cinqüenta siclos de ouro. A versão da Septuaginta fazia o peso de *cada prego* ser de cinqüenta ciclos, em lugar de indicar o peso total dos pregos, e pode estar correta. Isso significaria que cada prego pesava cerca de 570 gramas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pesos e Medidas,* IV.C. Os pregos foram usados para prender os painéis de ouro à madeira com que as paredes eram recobertas. Isso significa que os painéis de ouro formavam a superfície mais externa do interior do templo. Assim, os painéis, e não as paredes, eram recobertos com ouro dissolvido.

Um Problema. Quinhentos e setenta gramas parece ser um peso fantástico para cada prego. Mas talvez não houvesse muitos pregos usados para segurar os painéis de ouro. Por outra parte, fazer o peso total dos pregos ser de apenas 570 gramas também parece impossível.

3.10-13

No Santo dos Santos fez dois querubins de madeira. O paralelo deste versículo é I Reis 6.23-28, trecho que, em essência, é igual ao presente texto. O paralelo é um pouco mais detalhado e a ordem das declarações é um pouco diferente. Ver no *Dicionário* sobre *Querubins,* na sua quinta seção, quanto a descrições completas com referências bíblicas.

3.14

Também fez o véu. Este versículo não tem paralelo nas narrativas do capítulo sexto de I Reis. Provavelmente representa a inserção do cronista, com base em Êxo. 36.31 ss. (ver as notas expositivas). Mas I Reis 6.21 menciona as cadeias de ouro mediante as quais o véu estava suspenso. O Lugar Santo e o Santo dos Santos estavam separados um do outro mediante esse véu ou cortina. O Lugar Santo era exatamente o dobro do tamanho do Santo dos Santos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Véu (no Tabernáculo e no Templo),* quanto a descrições completas a respeito.

3.15

Fez também diante da casa duas colunas. O trecho paralelo é I Reis 7.15. Há aqui certa confusão de números. O texto presente dá trinta e cinco côvados como a altura das colunas, mas os paralelos em II Reis 25.17 e Jer. 52.21 dão dezoito côvados, o que é provavelmente correto. A Septuaginta e a Vulgata retêm aqui os trinta e cinco côvados do texto hebraico, mas o siríaco dá dezoito, o que é uma correção. Aqueles que tentam harmonizar tudo supõem que o número trinta e cinco signifique o comprimento combinado das *duas* colunas, mas 18 + 18 = 36, e não 35. Além disso, a explicação é ridícula. Talvez o erro tenha decorrido do equívoco entre os números trinta e cinco e dezoito, que no hebraico são similares. Nesse caso, o erro entrou bem cedo no texto, e assim alterou o original que certamente deve ter sido de dezoito côvados. Não é importante harmonizar tais discrepâncias, que, na verdade, ocorrem aqui e acolá, mas nada têm que ver com a fé religiosa.

3.16

Também fez cadeias. O trecho paralelo é I Reis 7.17-19, embora os detalhes sejam levemente diferentes. As cadeias foram feitas de intrincado trabalho "entretecido". Note-se que o texto de I Reis é mais minucioso. De fato, o trabalho nos capitéis era muito mais decorativo e detalhado do que o texto presente nos dá a entender. Assim sendo, ou o autor sagrado contou com uma fonte informativa separada, para nela basear o que escreveu, ou abreviou-a grandemente.

3.17

Levantou as colunas diante do templo. O trecho paralelo é I Reis 7.21 que, em todos os pontos essenciais, é igual à narrativa do cronista. Ver o paralelo quanto à exposição. A passagem de I Reis 7.15-22 descreve os pilares e seus ornamentos com riqueza de detalhes, muitos dos quais foram ignorados aqui pelo cronista. Em certos lugares, é difícil saber exatamente o que o autor dos livros de Reis está tentando dizer. Somente se víssemos os objetos, poderíamos esclarecer o que significam todas as descrições. A narrativa mais breve do cronista pode ter-se devido exatamente a isso: ele não compreendeu o que estava sendo dito a respeito dos detalhes.

Os Nomes das Colunas. "O nome da coluna direita era Jaquim, porque o reino da casa de Davi fora estabelecido. E o nome da coluna esquerda era Boaz, do nome Boaz, o patriarca da família de Judá, de quem todos os reis da casa de Judá descendiam" (assim diz o Targum sobre a passagem à nossa frente). Quanto a outros comentários sobre os nomes das duas colunas, ver I Reis 7.21.

Capítulo Quatro

A Construção do Templo é descrita em II Crô. 2.1-5.1. Os capítulos 2 e 3 falam sobre as preparações para o trabalho e o começo da obra de construção propriamente dita. Os capítulos 3 e 4 de II Crônicas, em todos os pontos essenciais, são iguais a I Reis, capítulos 6 e 7. A exposição é oferecida no trecho paralelo. Em seguida, acrescento algum material. A ordem dos versículos algumas vezes difere, quando comparamos II Crônicas com seu paralelo, I Reis. Algumas vezes, as diferenças são bastante radicais e sugerem que o cronista teve fontes informativas separadas para seus materiais. Mas, em geral, ele oferece um relato abreviado das mesmas fontes.

Os Móveis do Templo (4.1 – 5.1)

O Altar de Bronze (4.1)

4.1

Também fez um altar de bronze. "Juntamente com, ou depois da construção do templo, Salomão comissionou a manufatura dos móveis do templo e seus recintos. O primeiro artigo listado é o grande altar de bronze, que media, aproximadamente, 9,2 metros de comprimento, 9,2 metros de largura e 4,6 metros de altura. Embora não sejam mencionados aqui degraus, deve ter havido alguns que levavam ao topo do altar. O altar de bronze ficava no átrio diretamente defronte do templo (cf. Êxo. 40.6 e I Reis 16.14)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver também II Crô. 8.12.

Ver os artigos *Templo de Jerusalém,* no *Dicionário,* e *Altar de Bronze,* nas notas expositivas sobre Êxo. 27.1. O trecho paralelo de I Reis 6 e 7 não menciona a construção do altar de bronze. Mas ele é incidentalmente citado em I Reis 9.25 e fica implícito em II Crô. 8.22,64. Talvez a omissão no paralelo tenha sido puramente acidental.

O Mar de Fundição (Bronze) (4.2-6,10)

4.2-6

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar de Fundição (Bronze),* quanto a detalhes completos e referências bíblicas relativas a esse objeto. O trecho paralelo é I Reis 7.23-36, com algumas pequenas variações. Ambos os autores descrevem como o mar de fundição repousava sobre as imagens de bois, embora certos detalhes sejam diferentes. Logo abaixo da beirada do mar de fundição havia um friso constituído por duas fileiras de bois gravados (segundo o cronista), que o autor dos livros de Reis transformou em figuras de bois. A informação do sexto versículo do cronista é omitida pelo autor dos livros de Reis, embora este último descreva longamente a manufatura das dez bacias menores (I Reis 7.25 ss.).

Os dois autores dão capacidades diferentes para o mar de fundição. O cronista (vs. 5) diz 3.000 batos, enquanto o autor dos livros de Reis (7.26) diz 2.000 batos. Talvez a verdadeira capacidade do objeto fosse de 3.000 batos, ao passo que, em geral, continha 2.000 batos. Mais provavelmente ainda, porém, encontramos aqui um simples erro, pois os números (no hebraico, representados por letras) eram similares, por isso facilmente pode ter havido um erro na cópia. A maioria dos eruditos pensa que o número correto seja de 2.000 batos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas,* III.A.

Vs. 6. O cronista abreviou suas fontes informativas, deixando de fora as descrições dos dez lavatórios (contidos em I Reis 7.27-29). A tendência do cronista era abreviar.

"A bacia de bronze era posta a leste do templo, ao *sul* do altar de bronze (II Crô. 4.10), e servia de bacia de lavar para quando os sacerdotes terminavam suas purificações cerimoniais (vs. 6). Também havia dez bacias de lavar... cinco de cada lado do templo, onde os itens usados como ofertas queimadas eram lavados (vs. 6). Cf. I Reis 7.38" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Dez Castiçais de Ouro (4.7)

4.7

Fez também dez candeeiros de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Candeeiro de Ouro.* Cf. Êxo. 25.31-39. O tabernáculo contava somente com um

candeeiro de ouro, mas o templo de Salomão contava com dez. Entretanto, em função e simbolismos, não havia nenhuma diferença. O templo tinha, pois, dez candeeiros, cinco postos na parede sul e cinco na parede norte, na mesma localização das dez mesas (presumivelmente para os pães da proposição). Além disso, havia cem bacias de ouro espalhadas ao redor, sem lugares especificados. Em todos os casos, o paralelo contém as notas mais completas, ao passo que no caso de II Crônicas fiz algumas poucas informações.

As Dez Mesas (4.8)

4.8

O tabernáculo contava somente com uma mesa para os pães da proposição, ao passo que o templo de Salomão tinha *dez* mesas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pães da Proposição*. Ver o paralelo, em I Reis 7.48. Note o leitor que o trecho paralelo fala em somente uma mesa, ao passo que o cronista dá *dez mesas*. Não há como explicar essa diferença. Dez é certamente o número historicamente correto. O autor dos livros de Reis sem dúvida mostrou-se descuidado nesse ponto. O templo era um lugar de adoração muito mais elaborado e servia a um número muito maior de pessoas, o que explica seu equipamento mais numeroso. A exposição principal aparece no trecho paralelo.

O Átrio dos Sacerdotes (4.9-10)

4.9-10

Note o leitor, em primeiro lugar, que o vs. 10 tem paralelo em I Reis 7.39, onde são dadas as notas expositivas. O cronista pôs esse versículo fora de ordem, visto que pertence às descrições de II Crô. 4.2-6.

Os paralelos dos vss. 9 e 11a são I Reis 6.36 e 7.12, onde ofereci a exposição. Aqui estamos tratando do átrio interno dos sacerdotes. O *pátio grande* é o mesmo *grande átrio* de I Reis 7.12. O primeiro desses átrios era, sem dúvida, a área imediatamente ao redor do templo; o outro átrio ficava nas vizinhanças do complexo. As *portas* recobertas de bronze serviam de portões para as muralhas que rodeavam toda a área do templo.

As Caldeiras, Pás e Bacias (4.11a)

4.11a

Hirão, conforme lemos em nossa versão portuguesa (é o mesmo *Hirão-Abi* de II Crô. 2.13), exerceu suas habilidades de diferentes maneiras, tendo atuado como um mestre de obras de escol. Ver II Crô. 3.3-11 e 4.11-16. Cf. o paralelo de I Reis 7.40, que fala em lavatórios, mas a leitura do texto presente, as "panelas", parece ser a correta. Um simples til na palavra hebraica fez a diferença, e equívocos facilmente podiam ser cometidos. As *panelas* eram usadas para retirar as cinzas do altar. As *pás* serviam para recolher essas cinzas. Além disso, havia as *bacias* para recolher o sangue dos animais sacrificados. Ver a exposição principal em I Reis 7.40.

Sumário da Obra de Hirão-Abi (4.11b-18)

4.11b-18

O autor sagrado estava ansioso para assegurar-nos que Hirão, o *mestre de obras* enviado pelo rei de Tiro para ajudar Salomão (ver II Crô. 2.7,13,14), cumpriu todas as expectativas a respeito de suas habilidades. Ele as aplicou a uma série de empreendimentos diferentes, sempre com sucesso. O trecho paralelo é I Reis 7.45-50, onde é oferecida uma exposição. "O trabalho de Hirão, descrito com detalhes em II Crô. 3.3-4.11a, é então sumariado em II Crô. 4.11b-16a. Como sumário, o autor sacro adicionou a informação de que os objetos de bronze (vs. 16) foram fundidos mediante o uso de moldes de barro, no vale do Jordão, entre Sucote e Zeredá (vs. 17). Explorações recentes revelaram a provável localização dessas fundições, cerca de cinqüenta e seis quilômetros ao norte do mar Morto, e a leste do rio Jordão, imediatamente ao norte do rio Jaboque. Tão abundante foi o bronze usado que nem ao menos foi pesado (vs. 18). Grande parte, se não mesmo a totalidade do bronze, veio da vitória de Davi sobre os arameus (ver I Crô. 18.3-8)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Catálogo de Objetos Feitos de Ouro; Conclusão (4.19-22)

4.19-22

Cf. o paralelo de I Reis 7.48-50, que diz essencialmente a mesma coisa, embora contenha algumas poucas diferenças notáveis. O autor dos livros de Reis continua falando sobre uma única mesa recoberta de ouro (em lugar das dez mesas do cronista; ver II Crô. 4.19; 7.48). A ênfase de ambos os autores é que o metal precioso, o ouro, foi aplicado até em manufaturas. I Reis 7.50 diz que os *gonzos* das portas eram feitos desses metal. As portas eram recobertas de ouro, e a espessura dos painéis de ouro que recobriam essas portas não é declarada. No vs. 20, o cronista não dá a informação de que os candeeiros estavam situados em *cinco* mesas no lado sul, e em *cinco* mesas localizadas no lado norte (I Reis 7.49). O cronista diz que o ouro era "puro", a fim de enfatizar a pureza do metal empregado, um toque que o livro de I Reis não contém.

Tipologia. Podemos acreditar prontamente que tudo quanto havia no tabernáculo e no templo era típico e representativo de alguma excelência da dispensação do evangelho, sem que entremos nas pronunciações detalhadas de certos autores piedosos. Detalhes demais são algo realmente tolo, uma futilidade religiosa. No artigo chamado *Templo de Salomão,* no *Dicionário,* discuto essa questão de tipos. Ver também o artigo *Templo de Deus, Igreja Como.* Ver *Templo (Átrios),* sobre como eles falaram de vários níveis de acesso a Deus. Em Cristo, as barreiras caíram (ver Heb. 10.19,20). Ver também o artigo denominado *Templo, Símbolo de Graus de Acesso Espiritual.*

Capítulo Cinco

A Consagração do Templo (5.1 – 7.10)

O quinto capítulo de II Crônicas é, essencialmente, a mesma coisa que o seu paralelo, o capítulo oitavo de I Reis. Aquele capítulo apresenta os materiais que há nos capítulos 5 e 6 de II Crônicas, e é ali que ofereço a exposição. Aqui adiciono apenas algumas informações extras.

"Este capítulo (o quinto) é uma duplicata quase literal do texto paralelo" (Ellicott, *in loc.*).

5.1

Este versículo atua tanto como conclusão do capítulo anterior como introdução ao capítulo 5, no qual vemos Salomão trazendo a arca da aliança do abrigo provisório no tabernáculo que Davi havia construído em Jerusalém e dedicando-a ao templo.

A consagração do templo tomou *sete anos* (ver I Reis 6.38). Quando a construção foi terminada, Salomão ordenou que os móveis e utensílios fossem introduzidos no edifício, e as ofertas de Davi (coisas valiosas) fossem postas no tesouro do templo. Davi fizera uma imensa contribuição sob a forma de metais preciosos e outras coisas valiosas para a decoração do templo (ver I Crô. 22.14-16 e 28.14-18) que Salomão não pôde usar totalmente na construção do templo de Jerusalém. Portanto, sobraram riquezas, as quais foram guardadas e usadas posteriormente com outros propósitos. Os estudiosos calculam que Davi doou 41.250 toneladas de metais preciosos. Salomão executou a construção, mas a contribuição de Davi foi imensa. Salomão realizou a obra, mas foi Davi quem a tornou possível. Assim sendo, em todos os grandes empreendimentos, um esforço de equipe se faz necessário. Cf. este versículo com I Crô. 18.11; 22.14; 26.26-28 e 29.1-9.

O paralelo direto deste versículo é I Reis 7.51, onde ofereço notas expositivas adicionais. Ilustrei a questão, no paralelo, com significativas citações. O dinheiro fala alto! Davi contribuiu, e Salomão construiu.

5.2

Congregou Salomão os anciãos de Israel. O trecho paralelo é I Reis 8.1, virtualmente igual e onde a exposição é oferecida. O único objeto que não tinha sido posto no templo e a ele pertencia era a arca da aliança, e assim Salomão trouxe-a do tabernáculo provisório que Davi havia edificado em Jerusalém. Quanto ao tabernáculo, ver II Sam. 6.17. Ver também I Crô. 15.1.

5.3

Todos os homens de Israel se congregaram junto ao rei. O trecho paralelo é I Reis 8.2, virtualmente igual e onde a exposição é oferecida. O cronista omitiu o nome do mês, *etanim.* O ano era 959 A. C. A festa dos tabernáculos estava sendo celebrada em setembro-outubro. Ver Lev. 23.33-36.

5.4

Vieram todos os anciãos de Israel. Ver a exposição em I Reis 8.3, o trecho paralelo. Os reis tinham *sacerdotes,* enquanto o cronista tinha *levitas.* Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Era a família de Arão, com exclusividade, que supria os sacerdotes. Os aaronitas eram um ramo da família de Levi. O vs. 7 diz-nos que foram os *sacerdotes* que transportaram a arca de onde estava para seu lugar permanente, no templo de Jerusalém.

5.5

Os levitas sacerdotes é que os fizeram subir. Ver o trecho paralelo em I Reis 8.4. Este versículo é essencialmente igual a seu paralelo, onde também a exposição é oferecida. Os vasos do tabernáculo em Gibeom haviam sido deixados ali, embora Davi tivesse trazido a arca da aliança para Jerusalém, para o tabernáculo provisório que ele havia erigido. Salomão, pois, recolheu os vasos sagrados que estavam em Gibeom, e a arca que estava no tabernáculo provisório em Jerusalém. O cronista parece dizer que a própria tenda foi trazida. Provavelmente, ela se tornou uma relíquia em Jerusalém; mas não tinha mais utilidade, visto que o templo a havia substituído. Uma vez que novos vasos tinham sido fabricados para o templo, os vasos antigos, que estavam no tabernáculo, também foram guardados como relíquias. Mas talvez eles tenham sido destruídos para evitar que fossem transformados em objetos da idolatria. A *arca da aliança,* de qualquer modo, foi instalada no templo e continuou a ser usada. Dou mais detalhes nas notas expositivas sobre o trecho paralelo.

5.6

O rei Salomão, e toda a congregação de Israel. O paralelo deste versículo é I Reis 8.5. Efetuaram-se sacrifícios grandiosos, nos quais muitos animais foram abatidos. Foram tantos animais que o autor sagrado nem tentou saber o número total. Ver detalhes no trecho paralelo.

5.7

Puseram os sacerdotes a arca da aliança do Senhor. A exposição é oferecida no trecho paralelo de I Reis 8.6. Os dois versículos são idênticos.

5.8

Pois os querubins estendiam as asas. O trecho paralelo é I Reis 8.7, onde a exposição foi oferecida.

5.9

Os varais sobressaíam tanto, que suas pontas eram vistas. Ver a exposição no trecho paralelo, em I Reis 8.8. Essa parte da unidade de I e II Crônicas foi escrita antes do cativeiro babilônico, mas o todo não foi terminado senão após esse evento, conforme mostro no trecho paralelo.

5.10

Aí estão até ao dia de hoje. O trecho paralelo é I Reis 8.9, onde a exposição foi oferecida.

5.11-13

Quando saíram os sacerdotes do santuário. O cronista está seguindo de perto o trecho paralelo de I Reis 8.10,11, embora se tenha demorado na descrição da nuvem de glória que tomou conta do templo. Em primeiro lugar, ele adicionou a participação dos músicos, que I Reis não tem. Naquela ocasião, todos os *vinte e quatro turnos* dos levitas se fizeram presentes (vs. 11). Não foi seguida a ordem normal do ministério (cf. I Crô. 24.1-19). Cento e vinte trombetas soaram, e os címbalos e outros instrumentos foram tocados com vigor. Foi um dia de ocasião especial, que requereu uma celebração extraordinária. Eles entoaram a bondade e o amor de Yahweh (cf. II Crô. 6.14; 7.3,6 e 20.21). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Música, Instrumentos Musicais* quanto a uma descrição dos instrumentos mencionados nestes versículos. Ver as descrições sobre as guildas musicais, em I Crô. 15.16 ss. e 25.1-7. Quanto aos *louvores* que empregavam uma fórmula litúrgica comum, ver I Crô. 16.41,43.

5.14

De maneira que os sacerdotes não podiam estar ali. Após a música por meio de instrumentos musicais e os cânticos, veio a nuvem de glória que encheu o templo e, sem dúvida, assustou todos os que participavam da festa de dedicação. O trecho paralelo é I Reis 8.10,11. Os ministros não podiam ficar em pé diante da glória divina, e caíam prostrados. Dessa maneira, a celebração foi interrompida por alguns momentos. Cf. Êxo. 40.34,35 e Eze. 10.3,4. Compare-se esse entusiasmo com a adoração apática da Igreja Cristã moderna: *"Adoradores apáticos* na Igreja são como um cobertor de nebulosidade, uma tristonha nuvem em meio à qual adoradores voluntários anelam por algo mais, por algo mais vital... A verdade bem que poderia *rir-se,* porque a verdade é alegre, desejando *brincar* com suas rivais, porquanto ela é livre de temor". "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos" (Fil. 4.4). Sabemos da história de um evangelista escocês que não gostava da maneira tristonha como sua audiência estava entoando os hinos (salmos) de Davi. E disse ele: "Se Davi vos ouvisse a cantar seus salmos dessa maneira, ele os tiraria de vocês".

Capítulo Seis

Oração de Salomão e Hino de Dedicação (6.1-42)

O autor sagrado registrou longamente a bênção e a oração de Salomão, recorrendo aos mesmos materiais que foram usados pelo trecho paralelo de I Reis 8.12-53. Ofereço a exposição no paralelo, e aqui apenas acrescentei algum material informativo. "Esta seção está em concordância verbal com seu relato paralelo, com algumas leves exceções" (Ellicott, *in loc.*). "O cronista transcreveu a oração de Salomão de I Reis 8.22-50, mas deu-lhe uma conclusão melhor" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

6.1

Então disse Salomão. Este versículo é paralelo a I Reis 8.12, mas não menciona que foi Yahweh quem pôs o *sol* no céu, e assim perdeu de vista o contraste entre a luz e as trevas. Entretanto, a Septuaginta, neste versículo, retém um texto quase igual ao paralelo, mas isso, muito provavelmente, representa uma *harmonia* com o trecho paralelo. Cf. Êxo. 40.34,35. "A aparição da glória de Deus na nuvem (II Crô. 5.13,14) relembrou Salomão de que Deus tornara Sua presença conhecida a Moisés da mesma maneira, embora em uma tenda ou tabernáculo muito mais modestos. Agora, entretanto, o Senhor... manifestar-se-ia em uma magnificência permanente (vss. 1 e 2)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver minha exposição mais completa e poética no trecho paralelo, I Reis 8.12,13.

6.2

Edifiquei uma casa para tua morada. Este versículo tem paralelo em I Reis 8.12, excetuando-se o fato de que a casa (templo) que Salomão edificou é chamada de "exaltada", isto é, esplendorosa, conforme somente um monarca oriental seria capaz de fazer. O magnífico templo seria uma habitação eterna para Yahweh, e não um ponto de apoio, como tinha sido o tabernáculo no deserto. Cf. Êxo. 15.17 e Sal. 61.5. A exposição é dada no trecho paralelo.

6.3

Voltou então o rei o seu rosto. O trecho paralelo é I Reis 8.14, que é idêntico, palavra por palavra, e onde a exposição foi oferecida.

6.4

E disse: Bendito seja o Senhor. O trecho paralelo é I Reis 8.15, que é igual a este trecho, exceto pelo fato de que o cronista fala em *mãos* (no original hebraico), em lugar de *mão.* As notas são dadas no trecho paralelo. Ver I Crô. 11.2 e 17.4-14 quanto ao trato de Yahweh com Davi.

6.5

Desde o dia em que eu tirei o meu povo da terra do Egito. O trecho paralelo é I Reis 8.16, excetuando-se o fato de que o cronista usou a frase mais simples "o meu povo", em lugar de "o meu povo de Israel". Cf. II Crô. 5.10.

6.6

Mas escolhi Jerusalém. O trecho paralelo é I Reis 8.16, que não menciona especificamente a cidade de *Jerusalém,* escolhida para ser a capital onde o templo seria construído, embora compreendamos isso o tempo todo. Alguns manuscritos omitem este sexto versículo inteiramente.

6.7

Também Davi, meu pai, propusera em seu coração. O trecho paralelo é I Reis 8.17, que é igual a este trecho e onde foram oferecidas notas expositivas.

6.8

Porém o Senhor disse a Davi, meu pai. O trecho paralelo é I Reis 8.18, que é igual ao atual versículo.

Uma casa ao meu nome. A palavra "nome" aparece por catorze vezes no presente capítulo, e outras catorze vezes no restante do livro de II Crônicas. Isso denota a pessoa, os atributos e a presença manifesta de Deus entre os homens. Cf. I Crô. 13.6.

MÚSICA

Os levitas, que eram cantores, isto é, Asafe, Hemã, Jedutum e os filhos e irmãos deles, vestidos de linho fino, estavam de pé, para o oriente do altar, com címbalos, alaúdes e harpas, e com eles até cento e vinte sacerdotes, que tocavam as trombetas.

II Crônicas 5.12

O PODER DA MÚSICA

Música, o maior bem que os mortais conhecem,
E de tudo quanto temos abaixo dos céus.

John Addison

A música tem encantos que aplacam o peito selvagem,
Que amolecem as rochas e dobram o carvalho nodoso.

William Congreve

Um homem com um sonho, a seu bel-prazer
Poderá sair e conquistar uma coroa;
E três, com uma nova canção,
Podem derrubar toda uma nação.

Arthur Willian O'Shaughnesse

6.9

Todavia tu não edificarás a casa. O trecho paralelo é I Reis 8.19, onde as notas expositivas foram dadas. Quanto às *razões* pelas quais Davi não teve permissão de edificar o templo de Jerusalém, ver I Crô. 17.1. Quanto às contribuições de Davi à construção do templo, ver o capítulo 22 de I Crônicas.

6.10

Assim cumpriu o Senhor a sua palavra. O trecho paralelo é I Reis 8.20, virtualmente idêntico. Ver ali a exposição. Ver também II Crô. 6.7-11.

6.11

Nela pus a arca. Este versículo é igual ao seu paralelo, I Reis 8.21, com exceção de que o autor sacro adicionou outra referência ao fato de que Yahweh tirara Israel do Egito. Quanto ao muito repetido tema de que Yahweh retirou Israel do Egito, ver as notas em Deu. 24.20. O livro de Deuteronômio refere-se a esse acontecimento por mais de vinte vezes.

6.12

Pôs-se Salomão diante do altar do Senhor. Este versículo é igual ao seu paralelo, I Reis 8.22. Cf. I Sam. 17.51 com a presente declaração do vs. 3 deste capítulo.

6.13

Porque Salomão tinha feito uma tribuna de bronze. Este versículo é uma *adição* ao texto do capítulo oitavo de I Reis. Uma previsão das observações feitas em II Crô. 7.7 foi posta aqui. Alguns eruditos supõem que este versículo tenha seguido, em algum tempo, I Reis 8.22, mas isso não passa de uma conjectura, sem nenhuma evidência textual. Salomão estava prestes a oferecer uma oração notável e, presumivelmente, para essa oração, que foi um incidente histórico, pensou ser necessário preparar uma plataforma especial de bronze, sobre a qual pudesse colocar-se de pé, para ser visto por todos e também para que suas palavras pudessem ser ouvidas por toda a audiência à sua frente. Ele começou a oração de pé sobre a plataforma, mas depois ajoelhou-se (vs. 16). Ver Nee. 9.4 quanto a uma estrutura análoga.

Oração Dedicatória de Salomão (6.14-42)

"O cronista citou, quase palavra por palavra, I Reis 8.22-42. Existem outras súplicas comoventes registradas no Antigo Testamento. Como exemplos, ver Êxo. 33.12-16 e Jer. 15.15-18. Mas nenhuma outra oração assemelha-se a esta em magnitude e qualidade sustentada. A declaração inteira tem um lugar de destaque na literatura mais sublime" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

"Depois de haver abençoado o povo, Salomão ofereceu uma oração de dedicação (vss. 14-42). Ajoelhado em uma plataforma de bronze, construída a propósito, no centro do átrio exterior (vss. 12 e 13), ele exaltou o Senhor pela fidelidade em guardar o Seu pacto (vss. 14 e 15)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

6.14

E disse: Ó Senhor Deus de Israel. O paralelo é I Reis 8.23, que é virtualmente verbatim e onde a exposição é oferecida. Cf. Isa. 55.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*.

6.15

Que cumpriste para com teu servo Davi, meu pai. O trecho paralelo é I Reis 8.24, que é virtualmente idêntico, e onde a exposição é oferecida.

6.16

Agora, pois, ó Senhor Deus de Israel. O trecho paralelo é I Reis 8.25, que é virtualmente idêntico e onde a exposição é oferecida.

6.17

Agora, também, ó Senhor Deus de Israel. O trecho paralelo é I Reis 8.26, onde foram dadas as notas expositivas. A versão siriaca adiciona aqui as palavras "eu oro", tanto aqui quanto em I Reis.

6.18

Mas, de fato habitaria Deus com os homens na terra? O trecho paralelo é I Reis 8.27. Os versículos são virtualmente idênticos. "Com os homens" são palavras adicionadas pelo cronista. A versão siríaca diz "com seu povo, Israel" e a versão árabe diz "com seu povo". Cf. Apo. 21.3.

6.19

Atenta, pois, para a oração de teu servo. O trecho paralelo é I Reis 8.29, que é virtualmente idêntico. No livro de I Reis temos as palavras "diante de ti", que é o que dizem também as versões da Septuaginta, a siríaca e o árabe.

6.20

Para que os teus olhos estejam abertos dia e noite. Este versículo é, em sua essência, o mesmo que I Reis 8.29. O cronista diz também "dia e noite" (conforme se lê em Isa. 27.3).

6.21

Ouve, pois, a súplica do teu servo. O trecho paralelo é I Reis 8.30, virtualmente idêntico e onde as notas expositivas são dadas. O livro de II Crônicas encerra uma palavra rara no hebraico para "súplica", isto é, *tahanunim*, um vocábulo posterior e ao gosto poético. O livros de I Reis traz um sinônimo, *tehinnah*. A palavra usada pelo cronista não aparece no livro de Reis, e figura somente aqui no livro de Crônicas.

6.22

Quando alguém pecar contra o seu próximo. O trecho paralelo é I Reis 8.31, virtualmente igual. Cf. Êxo. 22.11. Quanto à questão do juramento perante o altar, ver Êxo. 17.13.

6.23

Ouve tu dos céus, age, e julga a teus servos. Ver o trecho paralelo quase idêntico em I Reis 8.32, onde foram dadas notas expositivas.

6.24,25

Quando o teu povo Israel. Estes dois versículos têm como paralelo I Reis 8.33,34, onde ofereço notas expositivas detalhadas.

6.26,27

Quando os céus se cerrarem. Estes dois versículos têm como paralelo I Reis 8.35,36, onde ofereci notas expositivas detalhadas. Moisés conduziu Israel para fora do Egito, sem que Israel o merecesse. Israel, por repetidas vezes, buscou o perdão e a restauração desmerecida, o contrário dos resultados provocados pela síndrome do pecado-calamidade-julgamento.

6.28

Quando houver fome na terra ou peste. Ver o trecho paralelo em I Reis 8.37, onde foram oferecidas notas expositivas.

O *Livro da Oração Comum*, a *Litania*, confere-nos algo similar a este versículo. Antes do advento da medicina moderna, que tem feito tanto para aliviar os sofrimentos humanos, os homens estavam à mercê de toda espécie de doenças que, hoje em dia, não representam mais tanta ameaça, mas, nos dias antigos, destruíam milhares de vidas. Além disso, os desastres naturais, então como atualmente, colhiam uma horrenda morte e destruição: "Dos coriscos e das tempestades; dos terremotos, dos incêndios e das inundações; da praga, da pestilência e da fome; das batalhas, dos assassinatos e da morte súbita, livra-nos".

6.29,30

Toda oração e súplica. Estes versículos têm como paralelo quase idêntico I Reis 8.38,39, onde provi completas notas expositivas e ilustrações.

6.31

Para que te temam. O cronista adiciona algo ao trecho paralelo de I Reis 8.40, quando menciona, especificamente, o *andar espiritual*, que resultaria do temor apropriado a Yahweh.

6.32

Também ao estrangeiro. Este versículo é paralelo a I Reis 8.41,42, que, no entanto, encerra mais detalhes, falando sobre como os *estrangeiros* ouviriam falar

a respeito da grandeza e das obras poderosas de Yahweh, e então iriam ao templo de Jerusalém investigar pessoalmente a questão. Devemos compreender aqui os atos de prosélitos, e não as peregrinações feitas por indivíduos curiosos.

6.33

Ouve tu dos céus. Este versículo tem como paralelo I Reis 8.43. Esta porção da oração de Salomão antecipou a *universalidade* da mensagem do evangelho, mas não como os gentios haveriam de igualar-se e depois ultrapassar Israel, formando uma nova comunidade, a Igreja. O templo tinha em sua própria estrutura *limitações* ao acesso, que o evangelho removeu. Não obstante, com o templo *começou* uma universalidade que haveria de florescer conforme os séculos rolassem um depois do outro.

6.34,35

Quanto o teu povo sair à guerra. Estes versículos são quase idênticos ao trecho paralelo, de I Reis 8.44,45, onde ofereço as notas expositivas.

6.36,37

Quando pecarem contra ti. Estes dois versículos são quase idênticos ao trecho paralelo de I Reis 8.46,47, onde ofereço a exposição. Salomão antecipou o cativeiro babilônico e então a sua reversão (vss. 38 e 39), ou então a substância desses acontecimentos foi posta na boca do monarca hebreu. Seja como for, o próprio texto, quanto à sua forma final, foi editado *após* o cativeiro, por alguém que tinha conhecimento dele e também de sua reversão.

6.38,39

Na terra do seu cativeiro. A *reversão* do cativeiro babilônico (ver a respeito no *Dicionário*) foi um acontecimento conhecido por parte do autor-editor dessa oração preservada em II Crônicas e em I Reis. Ver o paralelo dos presentes versículos em I Reis 8.48,49. O arrependimento seria a chave para a reversão da maré do cativeiro. Perdão e restauração seguem-se ao arrependimento, e o *crescimento espiritual* está envolvido em todo o processo. I Reis 8.50,51 nos dá adições a essa oração de Salomão, ou então o cronista, neste ponto, abreviou aquela oração.

6.40

Agora, pois, ó meu Deus, estejam os teus olhos abertos. Este versículo é essencialmente igual ao seu trecho paralelo, I Reis 8.52, onde foram dadas as notas expositivas.

6.41,42

Levanta-te, pois, Senhor Deus. Estes versículos substituem o final do trecho paralelo, isto é, I Reis 8.53. "Esse término muito superior substitui a passagem paralela de I Reis 8.50,51 e deve ser creditado ao cronista" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Nesse caso, o cronista propositadamente substituiu I Reis 8.50,51, que chamei de "adições" (acima, sobre os vss. 38 e 39), a fim de dar a sua própria versão sobre o encerramento da oração dedicatória de Salomão.

Yahweh-Elohim. Esta combinação dos nomes divinos ocorre por três vezes nos vss. 41 e 42. O cronista usou-a *oito vezes* em sua unidade literária de I e II Crônicas, mas tal combinação nunca se encontra em I Reis. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Yahweh-Elohim é retratado como quem *repousava* em seu novo lugar de manifestação, no Santo dos Santos, na arca da aliança. Mas Ele veio repousar ali porque Salomão O conclamou a *levantar-se* de Sua habitação nos céus, condescendendo diante dos homens. Naturalmente, temos aí uma excelente expressão teísta. O Deus Altíssimo, em Sua Habitação Celestial, condescendeu diante dos homens e os agraciou com a Sua presença. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* Deus não somente criou; Ele também interveio na história humana, e até visita indivíduos e grupos de pessoas. Ele julga e recompensa. Ele perdoa os pecados e ajuda as pessoas em suas lutas.

Os sacerdotes e o povo de Israel revestiam-se de salvação; o povo e os sacerdotes de Israel regozijavam-se. Yahweh-Elohim não repeliu o rei recentemente ungido, Salomão, e mostrou-se atento para com as suas orações. Houve aquele *amor constante* que tinha sido estendido para Davi de forma tão abundante, e, conforme Salomão orou, deveria continuar com ele, por amor a Israel.

"É dificílimo melhorar uma obra-prima, mas o cronista melhorou a versão do livro de I Reis. Aqui 'o apelo soa com maior exultação, diante da idéia de que o templo era o lugar de descanso de Yahweh, a habitação de Sua arca e de Seus sacerdotes, relembrando Davi, ou melhor, o acordo divino firmado com ele'" (W. A. L. Elmslie, com uma citação extraída de Edward L. Curtis e Albert A. Madsen).

Ver as notas completas sobre o *Pacto Davídico,* em II Sam. 7.4. Cf. Isa. 45.3 e Sal. 89.49. Ver também Sal. 132.8-11. Ver II Crô. 5.13; 6.14; 7.3,6; 20.21 quanto ao amor de Yahweh e a bondade especial com a qual Ele favoreceu a dinastia davídica. O autor dos livros de Crônicas jamais cessou de exaltar essa dinastia.

"Eis que os mais elevados céus, os céus intermediários e os céus inferiores não podem suportar a glória da Tua Majestade, pois Tu és o Deus que sustentas todos os céus e a terra, e o abismo e tudo quanto há neles, e nem esta casa, que construí, poderá conter-Te" (*Targum,* comentando sobre a passagem).

Capítulo Sete

Sacrifícios de Salomão (7.1-10)

Yahweh Mostra que Aprovava a Oração de Salomão (7.1-3)

O templo foi construído e enfeitado (ver II Crô. 2.1-4.22); o templo foi dedicado (II Crô. 5.2-7.10); e Salomão ofereceu sua especial e eloqüente ação de graças (capítulo 6). Então houve um período de oferta dos sacrifícios apropriados (ver II Crô. 7.1-10). As bênçãos e as maldições de Deus foram proferidas no tocante à questão inteira e sua aplicação futura (ver II Crô. 7.11-22).

"Como que para dramatizar a Sua resposta à oração de Salomão, de maneira *visual,* o Senhor enviou fogo do céu para consumir os sacrifícios que tinham sido preparados (cf. Lev. 9.24; I Crô. 21.26), e a nuvem de Sua glória (cf. II Crô. 5.1-14) encheu o templo de Jerusalém. Tão avassalado ficou o povo pela teofania, que caiu de rosto em terra e aclamou a fidelidade ao pacto (*amor,* no hebraico, *hesed,* o *amor leal* de Deus; cf. II Crô. 5.13; 6.14; 7.6; 20.21)" (Eugene H. Merrill, *in loc.).*

7.1

Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu. Os vss. 1-3 são comentários do cronista, material que não se encontra no trecho paralelo de I Reis. E, naturalmente, os críticos supõem que sejam ornamentos imaginários do autor sagrado, que se afastou de sua fonte informativa a fim de destacar o drama da narrativa. Cf. Lev. 9.23,24 quanto a um relato similar a respeito dos sacrifícios oferecidos por Arão.

Orar. Aqui a referência é à oração eloqüente de Salomão (II Crô. 6.12-21). Salomão orou para que o templo cumprisse o propósito para o qual fora construído ser um lugar de adoração e justiça para todos os povos. O caráter *distintivo* da nação de Israel seria provado desse modo. Ver Deu. 4.4-8 sobre essa distinção. Mas Israel também seria a fonte de uma *bênção universal,* em antecipação à era do evangelho (II Crô. 6.33).

"Todo ato de adoração era acompanhado por sacrifícios. A língua preternatural de fogo acendeu a massa de carne e foi um sinal da aceitação, por parte do Ser divino, da oração de Salomão (ver Lev. 9.24 e I Reis 18.38). A glória do Senhor encheu a casa com o que era símbolo da presença e da majestade de Deus (ver Êxo. 40.35)" (Jamieson, *in loc.*). Era a glória da Shekinah do Senhor, conforme explica o Targum. Cf. I Reis 8.10,19 e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Shekinah.*

7.2

Os sacerdotes não podiam entrar na casa do Senhor. A *glória de Yahweh* fechou temporariamente o acesso ao templo. Nem os próprios sacerdotes que tinham autorização para ministrar ali podiam entrar. O templo abriria uma nova avenida de acesso, mas, pelo momento, o povo deveria ficar boquiaberto diante da majestosa presença de Deus. Naturalmente, a própria estrutura do templo falava sobre a limitação do acesso. Mas quando o crente se tornou o templo do Espírito (I Co. 3.16) e a Igreja se tornou, coletivamente falando, o lugar da manifestação da presença de Deus, o Seu templo (ver Efé. 2.20-22), então essas limitações foram eliminadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.*

Quando passou o momento de terror, então os sacerdotes procederam com seus sacrifícios necessários, a fim de santificar a ocasião (vss. 5 ss.).

Cf. o vs. 2 com II Crô. 5.14 e I Reis 8.11. O autor sagrado queria que reconhecêssemos a presença manifestada nas ocasiões próprias e que houve contatos com o Ser divino. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário).* O toque místico é parte necessária de nossa espiritualidade e um agente poderoso que facilita nosso crescimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo.* Ver também *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

7.3

Todos os filhos de Israel, vendo. *A Reação Popular.* A presença de Yahweh deu ao povo uma fé intensa e um poderoso senso de gratidão. Isso os levou a *adorar* ao Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adoração.* A *prostração* (ajoelhar-se com a testa tocando no solo) era uma maneira de os orientais expres-

sarem extrema dedicação ao Ser divino, bem como humildade diante da presença divina. Era nessa postura que eles expressavam os mais profundos sentimentos de reverência e respeito. Os israelitas foram levados a assumir de súbito, e sem premeditação, a posição prostrada.

Porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre. A *bondade* e a *misericórdia* de Deus foram as qualidades divinas mais louvadas na oportunidade. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. A justiça de Deus sempre será administrada com *amor*, que é Seu atributo mais conspícuo, na substância do qual todos os Seus outros atributos operam. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Atributos de Deus*. Cf. declarações similares em I Crô. 16.34-41; 23.30; II Crô. 5.13; 20.21. Envolvido estava o seu *amor leal* (no hebraico, *hesed*, conforme também se vê em II Crô. 5.13; 6.14; 6.14; 7.3; 20.21).

Os Sacrifícios e a Festividade (7.4-10)

Esta seção é essencialmente igual ao seu trecho paralelo de I Reis 8.62-66, com exceção do seu sexto versículo.

7.4,5

Então o rei e todo o povo ofereceram sacrifícios. Estes versículos são diretamente paralelos a I Reis 8.62,63, onde são oferecidas as principais notas expositivas. O livro de I Reis fala especificamente das *oferendas pacíficas* envolvidas. Os sacrifícios eram uma maneira de *dedicar-se*. Todas as coisas, no mundo religioso de Israel, eram feitas através do sangue, do aplacamento, da expiação e das ações de graças, sendo esses os elementos básicos do sistema sacrificial dos hebreus. Os sacrifícios continuavam por todos os *sete dias* da festividade. Ver uma exposição detalhada a respeito dos sacrifícios e de seus propósitos no trecho paralelo.

7.6

Assim o rei e todo o povo consagraram a casa de Deus. O *cronista* fez uma adição a este versículo, ao destacar os aspectos coral e musical do culto divino, pelos quais ele parece ter tido um interesse todo especial. Cf. II Crô. 5.11-13, onde temos outra dessas adições. Quanto à música sacra e os instrumentos musicais envolvidos, ver I Crô. 16.42. Davi nomeou ministros para esse aspecto do ritual divino (ver I Crô. 16.4-7). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais*.

E todo o Israel se mantinha em pé. "Todos se mantinham em pé, enquanto esse culto sagrado e deleitoso estava sendo efetuado; o povo levantou-se, e os sacerdotes e os levitas também se levantaram, juntando-se nos louvores ao Senhor" (John Gill, *in loc.*). "Os levitas eram os ministros de louvores de Davi" (Ellicott, *in loc.*).

7.7

Os vss. 7-10 são o equivalente essencial de I Reis 8.64-66, onde ofereço as notas expositivas principais. O nono versículo menciona a dedicação do *altar*, como se fosse algo distinto da dedicação do templo propriamente dito, um detalhe que falta no trecho paralelo. Cf. Núm. 7.10.

Salomão consagrou também o meio do átrio. "Tão numerosos foram os sacrifícios, que Salomão instruiu que eles fossem efetuados em uma área especialmente construída e consagrada no átrio que havia defronte do templo" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver notas expositivas completas em I Reis 8.64.

7.8

Assim celebrou Salomão a festa por sete dias. O trecho paralelo é I Reis 8.65, essencialmente idêntico ao que o cronista disse, embora haja uma versão levemente modificada da fonte informativa, ou, se ele copiou o livro de I Reis, então fez algumas poucas modificações.

7.9,10

Ao oitavo dia começaram a celebrar a festa do tabernáculo. O cronista acrescentou a consagração do *altar*, como se fosse algo separado da consagração do templo propriamente dito, sendo este um pequeno detalhe que difere do trecho paralelo, de I Reis 8.66. Cf. Núm. 7.10. Ao todo, as celebrações (estando envolvida a festa dos tabernáculos) perduraram por quinze dias, tendo começado no sétimo mês (ver II Crô. 5.3), provavelmente no décimo quinto dia (ver Lev. 23.39). A festa dos tabernáculos estendeu-se até os vinte e dois dias daquele mês.

O vigésimo terceiro dia do sétimo mês foi o *nono* dia da dedicação do templo. Mas o trecho paralelo fala no oitavo dia. É provável que o povo se tenha despedido no oitavo dia, e que alguns tenham partido. Mas outros, dentre o povo, demoraram-se até o nono dia, de maneira que a festa continuou naquela data.

Conclusão da Questão (7.11)

7.11

Todos os propósitos se cumpriram; a tarefa árdua se completou; Salomão havia realizado o seu dever e o seu privilégio. Ele tinha terminado sua obra monumental visando a glória de Yahweh. Cf. Isa. 21.4 e II Crô. 8.6. Ver o paralelo em I Reis 9.1, onde foi oferecida a exposição principal. Apresento ali ilustrações e citações. Ver também a introdução ao capítulo nono, que oferece outras idéias.

Ó Capitão, meu Capitão, nossa temível viagem terminou.
O navio atravessou cada escolho,
O prêmio que buscávamos foi conquistado,
O porto está próximo, já ouço os sinos,
E todo o povo exulta.

(Walt Whitman)

A Visão de Salomão (7.12-22)

"O cronista pode ter transcrito sua peça de I Reis 9.1-19, mas a visão falava de modo que chegou a ser tal anticlímax que indagamos se isso não foi acrescentado por algum escriba tristonho que não pôde deixar de fazer o acréscimo" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Temos aqui uma demonstração da severa misericórdia de Deus. A misericórdia divina e a retribuição divina manifestam-se conjuntamente. Essas palavras podem ter sido escritas por uma testemunha ocular do cativeiro babilônico, e conseqüente destruição e saque de Jerusalém. Aquela antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento estava, de novo, em operação.

A passagem à nossa frente é essencialmente idêntica ao seu trecho paralelo, I Reis 9.2-9, exceto pelo fato de que os vss. 13 a 15 contêm uma resposta às petições feitas por Salomão acerca da fome e da pestilência. Quando o povo se arrependesse de seus pecados, essas calamidades seriam aliviadas. Cf. II Crô. 6.26-30.

7.12

De noite apareceu o Senhor a Salomão. O cronista parece ter manuseado livremente os materiais do trecho paralelo de I Reis 9.2,3, que é passagem mais elaborada e onde as notas expositivas principais são oferecidas. O cronista disse que a visão ocorreu "de noite"; e o trecho paralelo diz que a visão ocorreu em Gibeom, o que não é mencionado neste versículo.

7.13-15

Se eu cerrar os céus de modo que não haja chuva. Em seu livre manuseio da fonte informativa que havia à disposição, o cronista omitiu alguns poucos detalhes, mas também adicionou outros por sua própria vontade. Estes três versículos representam seus acréscimos à seção diante de nós. Talvez o cronista tenha inserido alguma antiga tradição. Nesse caso, não inventou estes versículos, mas simplesmente incluiu dados de alguma fonte informativa que o autor dos livros de Reis não tinha ou não quis usar.

Entre as armas que havia à disposição de Yahweh para punir um povo pecaminoso estavam as desordens da natureza. Um povo agrícola que vivia em uma terra circundada por desertos dependia, de modo absoluto, da chuva. Os tempos modernos não mudaram muito essa dependência. Até nossos extensos sistemas de irrigação dependem das precipitações, ainda que dêem às águas da chuva uma distribuição mais ampla. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Chuva*. Quanto ao fato de que Yahweh "fecharia os céus", ver Deu. 11.17 e II Crô. 6.26. Visto que se pensava que Yahweh controlava as condições atmosféricas, mediante intervenção direta, também se acreditava que o *pecado* poderia levar o Senhor a reter as chuvas necessárias. Por igual modo, o *arrependimento* poderia reverter esse curso. A *pestilência* era outra arma divina contra o pecado, e a antiga e familiar praga dos gafanhotos representava outra temível ameaça. Ver o detalhado artigo do *Dicionário* com o título *Praga de Gafanhotos*. Esse artigo apresenta fatos surpreendentes sobre a questão.

Vss. 14 e 15. A oração de arrependimento, feita com humildade, pode curar qualquer praga e fazer cair as chuvas. Foi Yahweh quem disse isso. Ele atenta para o *Seu povo* (ver II Crô. 6.33; Amós 8.12 e Jer. 14.9). Mas o povo de Israel precisava pôr-se em movimento, inspirado pelo arrependimento. Eles

tinham de buscar o rosto de Deus (cf. Sal. 24.6; 27.8). Tinham de *abandonar* seus caminhos ímpios, o que serve de evidência de um verdadeiro arrependimento. A questão não pode ficar sob a forma de palavras e promessas. A conduta precisa ser modificada. Ver Osé. 6.1; Isa. 6.10; Jer. 25.5. Os olhos de Yahweh (ver o vs. 15) estão pesando a situação. Ele está olhando em busca de evidências de modificação; e imediatamente responderá a qualquer mudança para melhor. Cf. II Crô. 6.40. E então o Senhor *curará* a terra e o povo (ver Sal. 60.4). Há menção a coisas similares em II Crô. 6.21-31, onde encontramos elementos da oração de Salomão, quando ele antecipou tais retrocessos. As calamidades podem ser curadas *se* Yahweh ficar satisfeito diante do que vir e ouvir. A *conduta* é muito importante, muito mais que meras orações e promessas.

7.16

O restante do capítulo segue de perto, em todos os essenciais, o trecho paralelo de I Reis 9.3-9. Variações menores são anotadas ali. A exposição é dada no paralelo.

Porque escolhi e santifiquei esta casa. Quanto aos elementos deste versículo, ver II Crô. 6.6 e o vs. 12 do presente capítulo, bem como o trecho paralelo de I Reis 9.3. O *nome* e os *olhos* de Yahweh estariam sempre postos sobre o templo. Além disso, *Seu coração* estaria ali. Ele comungaria com os homens e faria o bem deles. Tudo, porém, estava condicionado à obediência à lei, o fator que *distinguia* a nação de Israel das demais nações da terra (ver as notas expositivas a esse respeito em Deu. 4.4-8).

7.17

Quanto a ti, se andares diante de mim. O trecho paralelo é I Reis 9.4, que é quase verbatim, exceto pelo fato de que o autor dos livros de Reis diz "com integridade de coração e com sinceridade". As versões siríaca e árabe adicionam aqui estas palavras, a fim de obter harmonia.

7.18

Também confirmarei o trono de teu reino. O trecho paralelo é I Reis 9.5, que é virtualmente idêntico. A síndrome do pecado-calamidade-julgamento derrubou o trono de Davi, mas no Rei-Messias esse trono prossegue, em um sentido espiritual. Não obstante, é verdade que as expectativas do autor sacro não se cumpriram. Os israelitas se olvidaram de Deus, que os cortou fora, e ao trono também" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.19,20

Porém se vós vos desviardes. O trecho paralelo é quase idêntico, mas diz "vós e vossos filhos" (I Reis 9.6). As versões siríaca e árabe retêm essas palavras sobre os "filhos", por motivo de harmonia. E as palavras "vos arrancarei da minha terra que vos dei" (II Crô. 7. 20) são substituídas pela palavra "eliminarei", em I Reis 9.6,7. Cf. Deu. 29.27. Deus "desarraiga" nações e também as "implanta" (Jer. 24.6). A *metáfora agrícola* seria bem compreendida em Israel, que sempre foi essencialmente uma cultura agrícola. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Agricultura, Metáfora da.*

7.21

Desta casa, agora tão exaltada. O trecho paralelo é I Reis 9.8, essencialmente igual, embora exclua as palavras "agora tão exaltada" que figuram no texto presente. A casa, tão "exaltada", seria abandonada e desolada se os israelitas permitissem a invasão da idolatria. Esse nivelamento certamente ocorreu deu por efeito do cativeiro babilônico, conforme se compreende no texto sagrado. Talvez a palavra "exaltada" quisesse dizer "lançarei longe da minha presença", conforme se lê em I Reis. O Targum combina ambas as idéias e diz "casa exaltada será deixada desolada". O equívoco é antigo, e a Septuaginta preservou a palavra "exaltada".

A versão siríaca tem uma tradução bastante gráfica aqui: "Todo aquele que passar parará e sacudirá a cabeça e sacudirá a mão, e dirá...".

7.22

Responder-se-lhe-á. Este versículo é virtualmente idêntico a I Reis 9.9, onde a exposição principal foi apresentada. "Não foi por valor pessoal, heroísmo genuíno ou táticas militares eminentes que os judeus puderam resistir e vencer seus adversários. Quem lhes deu essas vitórias foi somente o poder divino. Destituídos desse poder, eles eram piores do que outros homens" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Oito

Sua Obra e Sua Morte (8.1 – 9.31)

Construções e Sacrifícios de Salomão (8.1-18)

O trecho paralelo desta passagem é I Reis 9.10-28, mas há algumas poucas e notáveis diferenças, sobretudo no vs. 2, que é diametralmente diferente. Seja como for, a maior parte das notas expositivas aparece no trecho paralelo, com algumas poucas adições aqui. Foi Salomão quem levou Israel à sua época áurea, e o capítulo à nossa frente dá-nos algumas das atividades que constituíram parte desse feito.

"Capítulo 8: Obras públicas de Salomão. Trabalho forçado. Comércio marítimo" (Ellicott, *in loc.*).

8.1

Ao fim de vinte anos. O trecho paralelo é I Reis 9.10. Salomão, no começo de sua glória, construiu o templo e seu próprio magnificente palácio, durante um período de vinte anos. Isso já aprendemos em I Reis 6.38 e 7.1. O autor sagrado introduziu esses fatos a fim de podermos acompanhar a descrição de *outras glórias* de Salomão. Somos relembrados de que Hirão, rei de Tiro, ajudou na construção, conforme vimos em I Reis 9.11. Grande parte do material de construção e dos operários especializados foi fornecida por esse homem. Portanto, Salomão teve de dar algo em troca. II Crô. 2.7 conta parte do pagamento feito por Salomão a Hirão, por sua contribuição; e esta seção também se refere às vinte cidades que ele deu a Hirão como parte dos negócios. Foi assim que Salomão pagou a sua dívida, embora o paralelo nos mostre que as cidades que ele deu a Hirão eram virtualmente inúteis, de forma que a negociação foi uma *vergonha*, que dificilmente estava à altura da barganha que foi contratada.

8.2

Edificou as cidades que Hirão lhe tinha dado. Este versículo é uma contradição com seu paralelo de I Reis 9.11-14, e os intérpretes apressam-se por reconciliar as duas narrativas. Alguns, como W. A. L. Elmslie (*in loc.*), não tentam reconciliação alguma. Disse esse autor moderno: "Que audácia teve o cronista! Ele virou de cabeça para baixo o que lemos em I Reis 9.11-14, onde é dito que Salomão vendeu ao rei fenício 20 cidades dos hebreus por 120 talentos de ouro. Talvez ele não pudesse acreditar que Salomão estaria em necessidade de dinheiro, ou pudesse meter-se em tão ignominioso negócio. Seja como for, eis aqui uma excelente instância da *liberdade* que o cronista exerceu para pintar seu quadro dos negócios, conforme eles *deveriam ter sido feitos*".

Seja como for, de acordo com as informações dadas em I Reis, Hirão fez um mau negócio que nunca foi corrigido pelo homem mais sábio e rico da terra! Josefo, general e historiador judeu de uma geração depois da de Cristo, solucionou a contradição entre essas duas passagens, ou então cortou o nó górdio, informando-nos que Hirão não gostou das cidades, e assim as devolveu a Salomão. Em face disso, Salomão reedificou-as e fortificou-as (ver *Antiq.* viii.5, par. 3). Quanto a "cortar o nó górdio", ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nó*, em seu último parágrafo. A maioria dos intérpretes modernos segue a explicação de Josefo, mas muitos críticos supõem que essa duas histórias sejam simplesmente contraditórias. Nada acrescenta nem detrata coisa alguma da fé religiosa tentarmos explicar "contradições" como essas, e nem importa se elas são mesmo contradições ou não.

Conquista de Nações Estrangeiras (8.3-6)

Davi tinha deixado Salomão em uma situação vantajosa. Ele havia derrotado os *oito* inimigos "internos" de Israel. Quanto a isso, ver a exposição de II Sam. 10.19. Mas Salomão, não satisfeito com a paz no território tradicional de Israel, estendeu a mão e lutou e derrotou vizinhos ainda mais distantes. Com isso, ampliou a fronteira nortista de Israel para onde o Pacto Abraâmico dizia que chegaria. Entretanto, ele não estendeu sua fronteira noroeste até o rio Nilo, que também fazia parte das promessas do pacto. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18.

8.3

Depois foi Salomão a Hamate-Zobá, e a tomou. Este versículo é o único registro de qualquer atividade guerreira da parte de Salomão. Sua conquista de Hamate-Zobá, que estivera em termos amigáveis com Davi, é registrada somente aqui em todo o Antigo Testamento. Alguns intérpretes tentam poupar Salomão de qualquer atividade de guerra e supõem uma anexação amigável de territórios do norte, mas isso dificilmente concorda com o texto à nossa frente. *Hamate-Zobá* (ver a respeito no *Dicionário*) ficava cerca de 480 quilômetros ao norte de Jerusa-

lém. Após ter conquistado esse lugar, Salomão fortificou algumas cidades na área (vs. 4) e edificou outras (vss. 5,6). Podemos supor com razão que a conquista militar tenha estado por trás de toda essa atividade. Coele-Síria foi posta sob o controle de Davi, e podemos supor que alguma espécie de rebelião tenha seguido, que Salomão precisou abafar. "Hamate estava às margens do rio Orontes, em Coele-Síria. Seu rei, Toi, fora aliado de Davi. Mas, pela combinação de nomes, *Hamate-Zobá,* houve alguma espécie de revolução que uniu os dois pequenos reinos sírios em um único. Por quais razões foi provocado o ressentimento de Salomão contra tal união, é algo sobre o que não sabemos" (Jamieson, *in loc.*).

8.4

Também edificou a Tadmor. *Outra Contradição?* A *Tadmor* referida neste texto pode realmente ser um erro do cronista, em lugar da *Tamar* que aparece no trecho paralelo de I Reis 9.17. Nesse caso, está em foco não a parte norte de Israel, mas a área do sul de Judá. Outras cidades, que estariam no sul de Judá, também foram mencionadas. Ver II Crô. 8.14 e I Reis 9.17. Aqueles que precisam ter harmonia a qualquer preço, até ao preço da honestidade, preservam ambos os textos. Com isso pretendem ensinar que Salomão conquistou Tadmor no norte, algo que fez parte da campanha militar do norte, e também construiu novas cidades no sul, incluindo a parte sul do território de Judá. Ver meu artigo detalhado sobre *Tadmor,* no *Dicionário,* onde discuti as conquistas militares de Salomão no norte de Israel. Talvez a mudança feita pelo cronista, de Tamar para Tadmor, tenha sido propositada, embora não histórica. Dessa maneira, ele teria feito a glória e as conquistas militares de Salomão se tornarem mais extravagantes do que realmente foram. Seu propósito foi o de exaltar a dinastia davídica. É desnecessário dizer que essas questões são disputadas pelos eruditos, embora sem resultados definitivos.

8.5

Edificou também a Bete-Horom, a de cima e a de baixo. Os lugares mencionados aqui definitivamente ficam na região sul do país. Ver o nome no *Dicionário,* quanto a detalhes. Quanto à controvérsia sobre o norte ou o sul, ver as notas expositivas sobre o versículo anterior. Bete-Horom ficava cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Jerusalém, na fronteira entre Judá e as tribos do norte (ver Jos. 18.13). Dois lugares tinham esse nome nos dias do Antigo Testamento, a "Bete-Horom de cima" e a "Bete-Horom de baixo" (Jos. 16.3,4; I Crô. 7.14.). Ambas ficavam no território de Efraim, separadas por uma caminhada de apenas meia hora.

8.6

Como também a Baalate, e a todas as cidades-armazéns. Ver I Reis 9.18,19 quanto ao trecho paralelo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baalate.* Ficava na parte sul do país e a oeste de Jerusalém, no território de Dã. Foi um fortim contra os filisteus. Ver Jos. 19.44. O trecho paralelo tem a exposição. Notemos que tanto aqui quanto no paralelo de I Reis o *Líbano* é mencionado. Isso nos faz voltar ao norte e quer dizer que o autor sagrado estava descrevendo a amplitude de território do norte ao sul, cobrindo uma extensa área.

O texto presente não faz menção Às fortificações de Jerusalém e às construções que tiveram lugar em Hazor, Megido e Gezer. Ver I Reis 9.15,16 quanto a essa história. O cronista abreviou a sua narrativa, dando-nos a essência, mas não os detalhes de sua fonte informativa.

A Escravidão dos Povos Cananeus (8.7-11)

Os *vss. 7-11* formam um paralelo direto com I Reis 9.19-24, onde são oferecidas as notas expositivas. Os povos que tinham sobrevivido às matanças impostas por Davi foram reduzidos à condição de escravos, uma prática comum entre os povos antigos. Ver II Sam. 10.19 quanto às vitórias de Davi sobre os oito inimigos de Israel. Ele destruiu, confinou ou escravizou, e assim fez Salomão dono de toda a Palestina, com influência para o extremo norte, conforme demonstra o versículo anterior.

8.7,8

Quanto a todo o povo, que restou. Ver I Reis 9.20,21, o trecho paralelo, que menciona exclusivamente a escravidão desses cinco povos, reduzidos que foram ao *labor forçado.* O cronista não os chama especificamente de escravos. Antes, diz que eles foram forçados a pagar tributo. Mas o nono versículo, fazendo um contraste com os hebreus, os quais *não* foram sujeitados a trabalhos forçados, diz-nos que o cronista sabia disso no tocante a esses estrangeiros, embora tenha abrandado a declaração. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escravo, Escravidão.*

8.9

Porém dos filhos de Israel não fez Salomão escravo algum. Ver o paralelo de I Reis 8.22 quanto às notas expositivas. Estão em pauta cortesãos e oficiais do exército. Um hebreu podia ser sujeitado a uma escravidão "suave", por causa de uma dívida, mas potencialmente era sempre um homem livre. Mas os hebreus não eram escravizados, conforme acontecia com os estrangeiros que estivessem em Israel. A maior parte das nações da área não escravizava seus próprios povos. Temos a declaração de Diodoro Sículo (I.56), sobre Sesostris (Ramsés II): "Nenhum nativo trabalhou aqui", ao referir-se à construção de templos egípcios. O trabalho escravo fazia as tarefas pesadas e sujas.

8.10

Duzentos e cinqüenta, que presidiam sobre o povo. O trecho paralelo é I Reis 9.23. Há uma aparente discrepância nos números que figuram nos dois textos. Os 250 referidos pelo cronista eram, ao que tudo indica, supervisores, ao passo que os 550 mencionados em I Reis presumivelmente incluíam subcapatazes, alguns dos quais foram escolhidos dentre os cananeus para supervisionar sua própria gente. Muitos eruditos, entretanto, sentem-se insatisfeitos com esse tipo de reconciliação. "Esse número forma aqui um erro de transcrição" (Ellicott, *in loc.*), ilustrando como os números eram similares no original hebraico, e como um número podia ser facilmente substituído por outro na cópia. No trecho paralelo dou outros modos de harmonização, nenhum dos quais, contudo, satisfaz aos eruditos.

8.11

Salomão fez subir a filha de Faraó. O *cronista* nos dá um relato mais completo sobre a fonte informativa, ou adicionou esta informação com base no conhecimento que tinha da situação. Ver o paralelo de I Reis 9.24. Levo em conta ali todas as coisas, portanto não repito aqui os detalhes. I Reis 3.1 diz-nos que Salomão trouxe a rainha egípcia à cidade de Davi, mas agora o vemos a removê-la para outro lugar. Como é óbvio, a princesa egípcia não se converteu à fé dos hebreus, mas mostrou ser boa nas relações exteriores. Além disso, sem dúvida ela era muito bonita. Não lhe era permitido tocar nas coisas sagradas da religião dos hebreus, mas ela seria excelente para barganhar com os egípcios sobre qualquer coisa que surgisse em cena.

Regulamentos sobre a Adoração no Templo (8.12-16)

Conforme uma expressão idiomática inglesa que explora o mundo do boxe, o cronista *conteve seus golpes,* ou seja, ele lançou seus murros parcialmente, com cautela, e não com entusiasmo. Aqui o cronista refere-se à devoção extraordinária de Salomão ao yahwismo, porquanto ele estava, afinal de contas, exaltando a dinastia davídica em todas as oportunidades que se lhe apresentassem. No entanto, não menciona, de forma terminante, a vergonhosa *idolatria* de Salomão, o que é registrado em I Reis 11.1-13. Salomão desenvolveu a fé sincretista que odiava Yahweh. É verdade que, de acordo com esse sincretismo, Yahweh era honrado, mas também eram honradas inúmeras outras divindades estrangeiras. Assim sendo, o cronista contou a verdade, mas não toda a verdade, o que é um truque comum entre os *diplomatas.*

Outro propósito desta seção é informar-nos que foi *Salomão,* e não Davi, quem levantou o altar de Yahweh. Isto é, Salomão levantou outro altar para ser usado no templo. Desse modo demonstrou sua devoção singular. Ele promoveu o culto a Yahweh com seu dinheiro, esforço e tempo.

O trecho paralelo é I Reis 9.25, um único versículo. O cronista parafraseou esse versículo (nos vss. 12 e 13) e ainda acrescentou outros detalhes (nos vss. 14 e 15).

8.12

Então Salomão ofereceu holocaustos ao Senhor. Ver o trecho paralelo de I Reis 9.25, que, em sua essência, é idêntico a este. Ali vemos Salomão celebrando os sacrifícios, três vezes por ano, o que o cronista não mencionou. Aqui temos o altar "diante do pórtico" que o autor dos livros de Reis tinha deixado de fora. Está em pauta o novo altar de bronze que foi levantado por Salomão. Ver as notas em Êxo. 27.1, quanto ao *Altar de Bronze.* Ver II Crô. 4.1 quanto ao novo altar de Salomão.

As oferendas de Salomão eram habituais e piedosas. Ele obedecia a todas as injunções da legislação mosaica, mas em outras ocasiões, estava praticando a sua idolatria, uma estupidez além de qualquer crença para um homem dotado de tão profunda sabedoria.

8.13

E isto segundo o dever de cada dia. Este versículo lista, laboriosamente, todas as ocasiões nas quais Salomão oferecia seus sacrifícios. O cronista estava ansioso por assegurar-nos que Salomão estava presente em cada ocasião, cumprindo o seu dever como promotor do yahwismo. Ele também teve o cuidado de não mencionar a idolatria de Salomão (ver I Reis 11.1-13).

Os Sacrifícios:
1. Diariamente, pela manhã e à noitinha (Êxo. 29.38,39).
2. Aos sábados e nos dias de lua nova (Núm. 28.9).
3. As festas anuais solenes, que eram em número de três e requeriam cerimonial e rituais especiais (I Reis 9.25).

8.14

Também, segundo a ordem de Davi seu pai. *Salomão obedecia criteriosamente* às ordenanças e práticas de seu pai, Davi, cuidando para que os vinte e quatro turnos de sacerdotes cumprissem seus deveres nos tempos certos, em sua rotação de serviços. Os músicos também cumpriam seus deveres; os porteiros mantinham a ordem e evitavam que se roubassem objetos sagrados. O cronista está dizendo que Salomão não negligenciava coisa alguma, nem deixava por fazer algum dever ou serviço. O serviço prestado por ele era perfeito. Mas não disse que Salomão também servia cuidadosamente a outros deuses, por causa da má influência de suas muitas mulheres estrangeiras.

Quanto aos vinte e quatro turnos de sacerdotes, ver I Crônicas 24; quanto ao ministério da música, ver I Crônicas 25; e quanto aos porteiros, ver I Crônicas 26.

8.15

Não se desviaram do que ordenara o rei. O *cronista* adiciona aqui mais uma evidência da piedade de Salomão. Ele fazia tudo quanto Moisés havia determinado; e também fazia tudo quanto Davi havia ordenado. Tudo quanto os sacerdotes e levitas supostamente deveriam fazer, eles faziam, porquanto Salomão não tinha suportava incompetência. Salomão também cuidava dos tesouros do templo. Nenhum ladrão ou vândalo se aproximava. A questão do tesouro é discutida em I Crô. 26.20-28, onde ofereço muitos detalhes que não aparecem aqui. "Os vss. 14 e 15 asseguram-nos que os arranjos feitos por Davi, conforme descrito nos capítulos 24-26 de I Crônicas, foram fielmente observados por seu sucessor" (Ellicott, *in loc.*).

8.16

Assim se executou toda a obra de Salomão. *A maior evidência* da admirável piedade de Salomão foi a construção do templo. Esse foi o memorial de sua vida. Todo aquele que se avizinhasse do sistema hebreu de adoração ouviria falar do "templo de Salomão". Esse foi a seu *magnum opus*, aquilo pelo qual Salomão sempre será relembrado. Infelizmente, porém, o cronista não relata como Salomão também edificou *templos idólatras*, para agradar a todas as suas belas e estrangeiras mulheres, com as quais havia estocado o seu harém. Foi assim que Salomão demonstrou ter o maior respeito pelo yahwismo, mas, em outro sentido, ele não tinha o menor respeito pelo local sagrado. Seja como for, vamos dar crédito ao homem: "Finalmente, Salomão havia começado e havia terminado o *templo*, seu mais exaltado empreendimento religioso" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver I Reis 6.38 quanto a detalhes e fatores cronológicos. Ver também I Reis 9.25, trecho mais ou menos paralelo.

Sucesso Econômico (8.17 – 9.31)

Empreendimentos Marítimos (8.17,18)

Salomão foi o único rei dos hebreus que lançou mão, em grande escala, dos empreendimentos marítimos. Israel era um povo terrestre, e o mar era visto como algo estrangeiro e ameaçador. Mas Salomão, com ajuda dos fenícios (eles foram os grandes navegadores do passado), desenvolveu sua própria frota de navios e entrou no comércio marítimo com países estrangeiros. Salomão, que já era extraordinariamente rico, tornou-se mais rico ainda.

8.17

Então foi Salomão a Eziom-Geber e a Elote, à praia do mar. "Estava agora Salomão com tempo suficiente para cuidar de sua marinha, para ocupar-se no comércio marítimo; e quanto a este e ao versículo seguinte (vs. 18), e à reconciliação deles com I Reis 9.26-28, ver as notas ali (em I Reis)" (John Gill, *in loc.*).

Este versículo é paralelo a I Reis 9.26, onde as notas expositivas foram apresentadas.

À praia do mar. Ou seja, ao mar Vermelho. *Salomão* construiu uma frota (ver I Reis), mas essa frota lhe foi enviada por Hirão, rei de Tiro, segundo ficamos sabendo pelo cronista. Devemos entender que os navios foram construídos pelo labor e pela tecnologia estrangeira, mas Salomão deu a ordem para supri-los.

8.18

Enviou-lhe Hirão, por intermédio de seus servos, navios. Salomão não tinha o conhecimento necessário para a construção de navios, nem mesmo para a navegação. Ele teve de depender de Hirão quanto a *ambas* as coisas. Mas Salomão sabia como negociar, e em breve enriqueceria mais ainda com seu comércio marítimo. Ver I Reis 9.27,28 quanto a maiores detalhes oferecidos pelo cronista. Minhas notas dão toda a informação sobre a questão que sobreviveu até nós.

Quatrocentos e cinqüenta talentos de ouro. I Reis 9.28 diz 420 talentos, em lugar dos 450 que são referidos aqui. Isso, provavelmente representa um erro de transcrição, cometido ou pelo autor dos livros de Reis, ou pelo cronista. A experiência tem ensinado que, quando surgem discrepâncias como essa, usualmente os livros de Reis mostram-se mais exatos. Seja como for, porém, o fato é que Salomão alcançou lucros enormes, até mesmo em uma única viagem. Provavelmente, Elote (Elate) era seu porto de entrada em Israel.

Capítulo Nove

A Visita da Rainha de Sabá (9.1-31)

Este capítulo inteiro foi copiado cuidadosamente de I Reis 10.1-29, onde apresentei a exposição. Adiciono aqui somente alguns comentários. O vs. 26, em vez de concordar com qualquer material do capítulo 10 de I Reis, é paralelo a I Reis 4.21. Os vss. 29-31 são paralelos a I Reis 11.31,32. O cronista adicionou algum detalhe no vs. 29.

"Outra fonte de renda veio a Salomão por parte da rainha de Sabá (provavelmente a terra dos sageus; ver Jó 1.15; Eze. 23.42 e Joel 3.8), na parte sul-ocidental da Arábia" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Portanto, se este capítulo diz respeito à sabedoria de Salomão, também narra como ele foi ficando cada vez mais rico. Ellicott, quanto à seção geral, dá-nos o seguinte título: Sabedoria, Riqueza, Glória e Morte de Salomão, ou seja, a essência dos materiais que ele tinha para apresentar a fim de terminar a história do rei que trouxe a época áurea à Israel. No capítulo 10 de II Crônicas começa a história de Roboão, filho e sucessor de Salomão.

9.1

Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão. *Este versículo* é paralelo a I Reis 10.1,2, onde a exposição foi apresentada. O ricaço Salomão estava ficando cada vez mais rico. Ver o vs. 9 deste capítulo quanto a detalhes. Sua sabedoria tinha aplicação a tudo quanto ele era e fazia, e ele a utilizava para ganhar ainda mais dinheiro. O cronista, como é óbvio, usou a questão da sabedoria, das riquezas e do esplendor de Salomão para exaltar a dinastia davídica, um de seus temas mais constantes. Ele dependeu da autoridade da dinastia davídica, *depois* do cativeiro babilônico, a fim de emprestar *legitimidade política* a Israel, embora a nação tivesse continuado mediante a única tribo do sul, Judá. Poderia Israel continuar mediante uma única tribo, e ainda assim ser a Israel do Pacto Abraâmico (anota em Gên. 15.18)? A resposta do cronista foi "Sim!". Quanto à *legitimidade espiritual*, o cronista dependeu de alguns poucos sobreviventes entre os levitas, que foram capazes de dar continuidade ao culto em harmonia com a legislação mosaica.

9.2

Salomão lhe deu resposta a todas as perguntas. O trecho paralelo, onde a exposição foi dada, fica em I Reis 10.3.

9.3,4

Vendo, pois, a rainha de Sabá a sabedoria de Salomão. Ver a exposição destes dois versículos em I Reis 10.4,5. O paralelo em I Reis menciona os sacrifícios abundantes de Salomão, a evidência de sua devoção, como coisas diante das quais a rainha de Sabá se maravilhou. As versões da Septuaginta, do siríaco e da Vulgata Latina adicionam o que no texto de II Crônicas pode ter sido aumentado como harmonia. A versão árabe diz que a mulher se maravilhou diante do altar dos sacrifícios.

9.5,6

E disse ao rei. Ver a exposição destes dois versículos em I Reis 10.6,7.

Experiência Pessoal. "Alguém ouve um crente dizer coisas extraordinárias sobre Jesus. E pensa que tudo não passa de um estranho exagero; nem se preocupa. Mas se examinasse a questão por si mesmo, então diria, juntamente com a rainha de Sabá: 'Eis que não me contaram a metade da grandeza da tua sabedoria'" (E. A. L. Elmslie, *in loc.*). O cronista acrescentou aqui a palavra "grandeza". I Reis diz tão-somente: "Não me contaram a metade da tua sabedoria".

9.7,8

Felizes os teus homens, felizes estes teus servos. A exposição destes dois versículos foi dada em I Reis 10.8,9. Em lugar de "felizes os teus homens", lemos em algumas passagem de I Reis "felizes as tuas esposas". Na Septuaginta e no siríaco houve a mudança para "felizes os teus homens", a fim de que houvesse harmonia com o que disse o cronista. Provavelmente, entretanto, "tuas esposas" era o texto original, que foi mudado para a forma que se acomoda mais facilmente de "teus homens". Talvez para o cronista estivesse fora de lugar pensar na felicidade das esposas de Salomão, que o desviaram para a idolatria. Portanto, o texto *difícil* foi mudado para um texto mais *fácil,* um ato comum entre os escribas.

Para te colocar no seu trono como rei. Ou seja, no "trono de Yahweh" (vs. 8). I Reis diz "no trono de Israel" (vs. 9).

Era melhor ser *uma* das muitas esposas de Salomão do que ser a única esposa de algum agricultor que ganhava a vida com o trabalho duro. Além disso, as mulheres antigas não tinham nenhuma dificuldade com a poligamia, excetuando-se a competição de qual delas produziria mais filhos.

9.9

Deu ela ao rei cento e vinte talentos de ouro. Ver a exposição deste versículo em I Reis 10.10. A troca de presentes era comum quando um monarca ou outro homem importante, de qualquer classe, fazia uma visita. A rainha de Sabá era uma dama de meios independentes e podia dar-se ao luxo de oferecer abundantes presentes. Além disso, ela estava promovendo o comércio e seria bem paga por meio dos negócios que seriam concretizados. O primeiro versículo fala, de modo geral, sobre os presentes abundantes, e neste versículo temos um relato detalhado desses presentes.

9.10

Os servos de Hirão e os servos de Salomão. A exposição aparece no trecho paralelo de I Reis 10.11. Salomão deu o melhor (vs. 12) e recebeu o melhor (vs. 9). Ele não tinha dificuldade alguma em *dar,* pois era incrivelmente rico. A história é interrompida por um instante para explicar-nos algumas fontes das riquezas de Salomão, as quais eram tão grandes que até os indivíduos mais ricos, como era o caso da rainha de Sabá, ficavam estupefatos. Hirão, ao ajudar a estabelecer Salomão nos negócios marítimos, foi uma das fontes de suas riquezas.

9.11

Desta madeira de sândalo fez o rei. Ver a exposição em I Reis 10.12, o trecho paralelo. Salomão mostrou-se realmente generoso como sua real visitante. A Vulgata latina afirma que Salomão deu a ela "muito mais" do que ela lhe havia dado.

Balaústres. No hebraico, *m'silloth,* que pode significar caminhos ou *passagens elevadas.* Algumas versões dizem *terraços* aqui em II Crônicas. A interpretação do autor sagrado sobre a palavra *mis'ad,* em I Reis 10.12, foi traduzida pela Revised Standard Version como *suportes* da casa. A versão árabe diz *colunas.* Nossa versão portuguesa em I Reis diz *balaústres.*

9.12

O rei Salomão deu à rainha de Sabá. Ver a exposição em I Reis 10.13. Este versículo pode significar que Salomão deu de volta à rainha tudo quanto ela havia trazido, além de muito mais. Mas isso teria sido uma gafe quase imperdoável no costume das trocas de presentes, de modo que este versículo não pode Ter esse significado, a despeito do que dizem algumas traduções. A versão portuguesa acerta no alvo (ainda que não o hebraico literal) com sua tradução de "além do equivalente ao que ela lhe trouxera, mais tudo o que ela desejou e pediu". Salomão "devolveu à rainha o que ela lhe dera", no sentido de que deu a ela "outras coisas — de igual valor". E, além disso, ele a sobrecarregou com ainda mais presentes, de forma que ela acabou recebendo muito mais do que havia presenteado. A verdade é que Salomão tinha posses materiais suficientes para fazer isso, e deixou a rainha de Sabá muito feliz, a ponto de ela cantar por todo o caminho de volta à Arábia.

As versões siríaca e árabe apresentam Salomão dando mais do que palavras sábias e conselhos, e terminam o versículo com estas palavras: "Ele lhe revelou tudo quanto estava no coração dela".

As Incríveis Riquezas de Salomão (9.13-28)

9.13

O peso do ouro, que se trazia a Salomão cada ano. Ver o paralelo em I Reis 10.14. O autor sacro exaltou a dinastia davídica. As imensas riquezas de Salomão, como é natural, eram tidas como dádivas de Yahweh por ser ele um bom rei, um rei de vida abundante. Por conseguinte, suas riquezas eram um sinal de *aprovação divina.* Minha exposição no trecho paralelo é bastante completa, portanto não acrescento detalhes aqui.

9.14

Afora o que entrava dos vendedores e dos negociantes. Ver a exposição em I Reis 10.15, o trecho paralelo. Salomão possuía toda espécie de riquezas, mesmo porque desenvolvia toda espécie de comércio. Era um homem de negócios *por excelência.* Salomão (e Israel) não sabia muito sobre a ciência e a arte da construção, assim teve de apelar para a ajuda estrangeira quanto a essa atividade, mas nenhum homem no mundo podia vencer Salomão na questão dos negócios. Ele era um mestre na multiplicação do dinheiro.

9.15

Fez o rei Salomão duzentos paveses de ouro batido. Ver a exposição no trecho paralelo, em I Reis 10.16. Salomão era tão rico que até suas tropas de elite carregavam grandes escudos de ouro, de imenso valor. Naturalmente, esses paveses eram usados como ostentação nas paradas militares, e não nas batalhas reais.

O rico estilo de vida de Salomão haveria, afinal, de macular seu tesouro. Ele precisou taxar pesadamente seu próprio povo, a fim de manter o espetáculo. Precisou oprimir seu próprio povo, especialmente na região norte. Quando seu filho, Roboão, não foi sábio o bastante para reduzir os impostos, Jeroboão, representante do norte, revoltou-se, e a nação de Israel, até ali unida, dividiu-se em duas nações: a do norte (Israel) e a do sul (Judá).

9.16

Fez também trezentos escudos de ouro batido. O trecho paralelo é I Reis 10.17, onde a exposição foi oferecida.

Trezentos siclos de ouro. De acordo com o cronista, essa quantidade de ouro foi usada em cada escudo. Mas I Reis diz "três arráteis", o que é um peso diferente. Isso vem a ser o equivalente a 1.700 gramas. Mas o cronista elevou o peso mais ou menos ao dobro. O *arrátel* era 1/60 de um talento, e o equivalente a 50 a 60 siclos. Quanto ao arrátel ou mina, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Pesos e Medidas,* IV.B. As versões siríaca e árabe dão aqui a mesma quantidade de ouro que aparece no livro de I Reis, com uma correção. O autor de II Crônicas deveria ter escrito *dracma,* em lugar de *arrátel,* e então os pesos seriam os mesmos. Cem dracmas equivaliam a um arrátel ou mina. Discrepâncias como essa nada têm que ver com a validade da fé religiosa.

9.17

Fez mais o rei um grande trono de marfim. O trecho paralelo é I Reis 10.18, onde foi oferecida a exposição. Os versículos são idênticos, exceto pelo fato de que a palavra traduzida aqui por "puro" é *muphas* em I Reis, e *tahor* em II Crônicas. Essas palavras hebraicas, entretanto, são sinônimos essenciais.

9.18

O trono tinha seis degraus. Ver a exposição deste versículo em I Reis 10.19. As descrições variam levemente. Os livros de Reis têm a representação de uma cabeça de novilha como parte da decoração, o que o cronista não mencionou. Em lugar de cabeça de novilha, o cronista diz "estrado de ouro". É muito difícil explicar tal diferença na descrição do trono. A versão siríaca retém aqui o texto que figura em I Reis, e Ellicott *(in loc.)* pensa que o texto do cronista está corrompido. Temos observado que, quando há diferenças assim entre os livros de Reis e os livros de Crônicas, o autor de Reis usualmente está correto. Naturalmente, *algumas* das corrupções que aparecem no texto de Crônicas podem ser atribuídas a escribas posteriores que nos transmitiram o texto.

9.19

Também doze leões estavam ali. O trecho paralelo é I Reis 10.20, onde a exposição foi oferecida.

9.20

Todas as taças. Ver o trecho paralelo em I Reis 10.21, onde a exposição também foi oferecida. O cronista esqueceu-se da palavra "não" na frase referente à prata, por puro acidente, e os tradutores têm suprido esse "não". A prata *não* era considerada metal de grande valor, havendo tanto ouro em Israel!

9.21

Porque o rei tinha navios. O trecho paralelo é I Reis 10.22, onde a exposição foi dada. Cf. o vs. 10.

9.22

Assim o rei Salomão excedeu a todos os reis do mundo. O paralelo é I Reis 10.23, onde a exposição foi oferecida.

9.23

Todos os reis do mundo. O trecho paralelo é I Reis 10.24, onde a exposição foi oferecida. O livro de Reis diz aqui "todo o mundo", ao passo que o cronista escreveu "todos os reis do mundo", como se fosse uma glosa explicativa. "Todo o mundo" é uma hipérbole. Ver o vs. 26, onde a extensão do reino glorioso de Salomão *foi elucidada*. Os *vizinhos* do rei Salomão eram justamente os que se admiravam dele. Tão grande era Salomão que podia ser considerado um "fenômeno divino".

9.24

Cada um trazia o seu presente. O trecho paralelo é I Reis 10.25. Estão aqui em vista, principalmente, os vasos de Salomão. Além disso, o ouro continuava a fluir como o rio Amazonas. Havia outros monarcas independentes que, a exemplo da rainha de Sabá, também aumentavam as riquezas de Salomão. A maioria dos reis construía armazéns para guardar seu trigo. Salomão construía armazéns para guardar seu ouro!

9.25

Tinha Salomão quatro mil cavalos em estrebarias. O trecho paralelo é I Reis 10.26. Sem dúvida I Reis 4.6 labora em erro com suas estrebarias para 40.000 cavalos, o que o cronista reduziu para somente 4.000; ou então temos aqui alguma espécie de erro de transcrição. O cronista omitiu o número dos carros de combate, que o autor dos livros de Reis diz ser 1.400.

9.26

Dominava Salomão sobre todos os reis. Este versículo não tem não nenhum paralelo no capítulo 10 de I Reis. Antes, seu paralelo fica em I Reis 4.21, onde foram oferecidas notas expositivas detalhadas. Como parte da época áurea, Salomão levou Israel a ter suas maiores possessões sob a forma de territórios. No entanto, ele não ampliou os territórios de seu reino até as margens do rio Nilo, que era uma provisão do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

9.27

Fez o rei que em Jerusalém houvesse prata como pedras. Este versículo tem paralelo em I Reis 10.27, onde as notas expositivas foram oferecidas.

9.28

Importavam-se cavalos para Salomão. Este versículo sumaria I Reis 10.28,29 e é semelhante a II Crô. 1.16,17. Ver as notas expositivas no texto paralelo. Salomão fez estacionar sua grande multidão de cavalariços em várias cidades estratégicas. Escavações revelaram que em Megido havia 400 cavalos estacionados.

9.29

Quanto aos mais atos de Salomão. Vários livros não-canônicos, atualmente perdidos, continham histórias da grandeza de Salomão e atuaram como fontes informativas do cronista. Quanto aos livros perdidos da Bíblia, do período do Antigo Testamento, alguns dos quais atuaram como fontes informativas, ver as notas expositivas em I Reis 14.19. O cronista omitiu muito material a ele disponível, limitando-se às histórias dos reis de Judá, mas não da parte norte da nação, Israel, pois o reino se havia dividido em duas facções, norte e sul. Os livros de Reis, bem ao contrário, tentaram narrar a história de todos os reinos, do norte (Israel) e do sul (Judá). Cerca de metade dos livros de Crônicas repete materiais que já tinham aparecido em II Samuel e I e II Reis, e isso através da cópia, do sumário e, ocasionalmente, do acréscimo de algum detalhe. E quando surgem discrepâncias entre os livros de Reis e os livros de Crônicas, Reis quase sempre se revela correto.

As Obras-fontes da Unidade de I e II Crônicas:

1. *História de Natã.* Ver I Reis 1.11-13 e o artigo do *Dicionário* intitulado *Natã.* Ver II Crô. 29.29 quanto a única outra referência ao livro em pauta. O uso desse livro como fonte informativa demonstra a importância que a tradição profética atingira no tempo dos reis de Israel e de Judá.
2. *Profecia de Aías.* Ver I Reis 11.29-39 e 14.2-18. Este versículo é a única referência a um livro compilado por aquele profeta.
3. *Visões de Ido.* Esse vidente não é mencionado nos livros de Reis. Ver II Crô. 12.15 e 13.22 quanto a outras referências a essa obra profética.
   O último desses profetas manteve-se ativo denunciando Jeroboão, o qual, juntamente com Roboão, foi agente da divisão do reino unido de Israel. *Jeroboão* promoveu um contraculto no qual combinou várias formas de idolatria, na tentativa de impedir o povo do norte de subir a Jerusalém para praticar o culto a Yahweh. Como é natural, pois, Jeroboão foi objeto de denúncia por parte dos profetas. Ele pecou e ainda ensinou outros a pecar, um crime grave.

9.30

Quarenta anos reinou Salomão em Jerusalém. *Esta observação de conclusão* escrita pelo cronista tem equivalente em I Reis 11.42, onde apresento as notas expositivas e ilustrações que embelezam o texto.

9.31

Descansou com seus pais, e foi sepultado. Este versículo é paralelo a I Reis 11.43, onde as notas expositivas foram oferecidas. I Reis diz, de forma impessoal, "foi sepultado", ao passo que, em outras versões, embora não na nossa portuguesa, lemos em II Crônicas "sepultaram-no". Em outros sentidos, os textos são idênticos. Não somos informados sobre quão idoso estaria Salomão quando morreu, e incluo especulações sobre esse detalhe em minha exposição de I Reis.

Capítulo Dez

Os Reis de Judá (10.1 – 36.23)

De Roboão a Zedequias (10.1 – 36.21)

Roboão (10.1 – 12.16)

A *seção de II Crô. 10.1-11.14* muito provavelmente é uma transcrição do trecho paralelo de I Reis 12.1-24. As diferenças que porventura aparecem são destituídas de importância, consistindo, principalmente, em modificações verbais e omissões que em nada alteram o significado das passagens. As notas expositivas a seguir são meramente suplementares, e o leitor é convidado a examinar I Reis e comentários quanto a maiores detalhes.

A Grande Omissão. O cronista não contou a história das dez tribos do norte, chamadas Israel, depois de haver contado a história da divisão de Israel unificada em norte e sul. Seu propósito foi exaltar a dinastia davídica, de maneira que não tinha mesmo motivos para relatar a história dos reis da porção norte do antigo país, conforme o fez o autor dos livros de Reis.

Por que a Dinastia Davídica Foi Exaltada? O cronista escreveu após o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele precisava explicar como uma única tribo, Judá, pôde legitimamente representar toda a antiga nação de Israel e, de fato, *tornar-se* Israel. Quanto à autoridade política, houve a continuação da dinastia davídica. Quanto à autoridade espiritual, houve número suficiente de levitas que retornou do cativeiro, para levar avante o ministério mosaico. Era esse ministério, regulamentado pela legislação mosaica, que fazia Israel tornar-se um povo distintivo (ver as notas expositivas em Deu. 4.4-8).

"O cronista prossegue a fim de traçar a história diversificada do reino davídico de Judá, até que ocorreu a sua destruição, em 586 A. C. E ele fez isso selecionando e adaptando dentre os livros de Reis somente o que fomentava sua intenção religiosa. E também acrescentou alguns poucos detalhes, com base em suas fontes informativas" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Ilustração de Lancashire. "Um operário subiu nas escalas sociais e tornou-se o proprietário do moinho. Seu filho fez grande fortuna nos negócios. Seus netos dilapidaram toda a riqueza assim acumulada. Assim sucedeu a Davi, Salomão e Roboão. O pastorzinho tornou-se rei. Seu neto jogou fora a herança" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

A Opressão e Seus Resultados. Salomão manteve um estilo de vida fantasticamente elevado. O cronista deu a Yahweh o crédito por isso (capítulos 8 e 9). Salomão impôs elevados impostos e oprimiu sua própria gente a

fim de conservar o seu esplendor. Ele tinha a sabedoria e o poder para manter essa situação. Mas quando Roboão, seu filho, subiu ao trono, carente da sabedoria e do poder de Salomão, não demorou a cair em graves dificuldades. Jeroboão queria justiça para as tribos do norte, e quando Roboão não aliviou a pesada carga de deveres, Jeroboão liderou a revolta. A divisão que se seguiu nunca mais foi emendada. Finalmente Judá tornou-se a nação de Israel, e as tribos do norte perderam-se para a Assíria. Quanto a *detalhes,* ver os artigos do *Dicionário* denominados *Roboão* e *Reino de Judá.* Ver também o verbete intitulado *Rei, Realeza,* que fornece uma visão panorâmica dos reis de Israel e Judá.

10.1

Foi Roboão a Siquém. Este versículo tem como paralelo I Reis 12.1, onde as notas expositivas foram dadas. A passagem de II Crô. 10.1-11.4 foi essencialmente transcrita de I Reis 12.1-24. As poucas diferenças entre os dois livros são comentadas nas notas expositivas a seguir.

As Omissões:

1. O cronista registrou somente as histórias dos reis de Judá, visto que o seu propósito era exaltar a dinastia davídica e mostrar que ela deu continuidade a Israel, terminado o cativeiro babilônico. Ver a introdução ao presente capítulo quanto a detalhes.
2. A exaltação da dinastia davídica não permitiu ao cronistas muitos comentários negativos. Por conseguinte, neste ponto, ele ignorou a história do envolvimento de Salomão na idolatria (ver o capítulo 11 de I Reis). Salomão teve vários adversários, também mencionados em I Reis 11, sobre os quais o cronista nada disse. O autor de I e II Crônicas usualmente revelava apenas o lado positivo da dinastia davídica.
   Naturalmente, a narrativa sobre Roboão foi um incidente lamentável que não poderia ser ignorado. Mas o cronista isentou Davi e Salomão de qualquer censura.

10.2

Tendo Jeroboão, filho de Nebate. O paralelo é I Reis 12.2, onde foram dadas notas expositivas. O cronista nada tinha contado sobre Jeroboão, sua revolta e fuga para o Egito, que aparecem em I Reis 11.26-40. Ele apanhou o fio no ar, meramente falando sobre sua volta do exílio para causar tribulações e provocar a divisão do reino unido em dois: o norte (Israel) e o sul (Judá).

10.3

Mandaram chamá-lo. Este versículo é virtualmente idêntico ao seu paralelo, I Reis 12.3, onde aparecem as notas expositivas. "Todo o Israel" veio. O cronista deixou de fora as palavras "com toda a congregação", que são vistas em I Reis. O representante das tribos do norte, Jeroboão, queria justiça, o fim da opressão econômica que Salomão tinha iniciado e Roboão parecia querer aumentar. Ver a introdução ao presente capítulo sob o título *A Opressão e Seus Resultados.*

10.4

Teu pai fez pesado o nosso jugo. Este versículo tem paralelo em I Reis 12.4, onde as notas expositivas foram dadas.

10.5

Ele lhes respondeu. Este versículo é paralelo e virtualmente idêntico a I Reis 12.5, onde são dadas as notas expositivas. Algumas mudanças verbais sem importância foram feitas pelo cronista, quando ele copiou de I Reis.

10.6

Tomou o rei Roboão conselho com os homens idosos. O trecho paralelo deste versículo é I Reis 12.6, onde foram dadas notas expositivas. Leves alterações verbais se evidenciam, sem nenhuma importância quanto ao significado.

10.7

Eles lhe disseram. O paralelo é I Reis 12.7, onde foram dadas notas expositivas. O cronista oferece uma paráfrase, mas transmite a mesma mensagem. As palavras de I Reis, "se hoje te tornares servo deste povo, e o servires" transformaram-se em "se te fizeres benigno para com este povo e lhes agradares", conforme vemos no presente versículo.

10.8

Porém ele desprezou o conselho que os anciãos lhe tinham dado. O trecho paralelo é I Reis 12.8, virtualmente igual a este versículo.

10.9

E disse-lhes. O paralelo é I Reis 12.9, que é idêntico. Dei as notas expositivas naquela passagem.

10.10

E os jovens que haviam crescido com ele lhe disseram. O trecho paralelo é I Reis 12.10, onde as notas expositivas foram apresentadas.

10.11

Assim que, se meu pai vos impôs jugo pesado. Este versículo é quase idêntico ao trecho paralelo de I Reis 12.11.

10.12

Veio, pois, Jeroboão e todo o povo. Este versículo é idêntico ao trecho paralelo de I Reis 12.12, onde apresentei as notas expositivas.

10.13

Dura resposta lhes deu o rei. Este versículo é quase idêntico ao trecho paralelo de I Reis 12.13. Leves alterações verbais aparecem, como "lhes" em II Crônicas, em lugar de "ao povo" em I Reis. A referência pessoal ao rei, *por nome,* é omitida em I Reis. O cronista estava copiando do livro de Reis, mas não deu atenção à duplicação verbal.

10.14

E lhes falou segundo o conselho dos jovens. Este versículo quase duplica o seu trecho paralelo de I Reis 12.14.

10.15

O rei, pois, não deu ouvidos ao povo. Ver as notas expositivas no trecho paralelo de I Reis 12.15. O cronista não havia ainda mencionado a profecia de Aías. Mas cf. II Crô. 9.29, onde esse profeta foi mencionado. Ver I Reis 11.11,12 quanto à profecia contra Salomão e seu descendente, Roboão. *Isso* tinha de cumprir-se, e aqui está o antigo problema de como a predestinação divina interage com o livre-arbítrio humano. No trecho paralelo discuto a questão detalhadamente. Era destino de Jeroboão governar as tribos do norte (ver I Reis 11.29-39). Esse destino, naturalmente, dependia de uma *má* decisão da parte de Roboão.

10.16

Vendo, pois, todo o Israel, que o rei não lhe dava ouvidos. Este versículo é paralelo a I Reis 12.16, exceto por algum leve desvio verbal que em nada lhe altera o sentido.

10.17

Quanto aos filhos de Israel. Este versículo é essencialmente igual a I Reis 12.17. O norte foi efetivamente alienado, e a estupidez de Roboão pôs fim à época áurea de Israel.

10.18

Então o rei Roboão enviou a Adorão. Este versículo é quase idêntico ao seu paralelo de I Reis 12.18.

10.19

Assim Israel se mantém rebelado contra a casa de Davi. O trecho paralelo é I Reis 12.19, onde as notas expositivas foram dadas. Quando este texto foi escrito, o cativeiro assírio (722 A. C.) ainda não havia posto fim ao reino do norte. Naturalmente, a compilação final do livro ocorreu depois do cativeiro babilônico (596 A. C.). Os autores dos livros de Reis e Crônicas não se importaram em alterar a expressão que não mais se aplicava a seu tempo (posterior).

Capítulo Onze

Conteúdo:

1. O *desejo de Roboão* fazer as dez tribos do norte voltar ao reino unido (tendo a ele mesmo como rei) foi proibido pelo profeta (ver II Crô. 11.1-4). Dessa maneira foi evitada a guerra civil.
2. *Roboão fortaleceu as defesas do seu reino* (vss. 5-12). Esta seção não tem paralelo em I Reis, e é a contribuição do cronista à narrativa. Provavelmente ele se valeu de alguma fonte separada que tinha à disposição.
3. *Os sacerdotes e muitos levitas* desertaram o norte e fugiram para Judá, para manterem a legítima adoração a Yahweh (vss. 13-17). Esta seção é dada somente pelo cronista, embora existam notícias em I Reis que lhe são similares. Ver I Reis 12.31 e 13.33.
4. *Informações sobre a família de Roboão.* O autor dos livros de Reis não incluiu estas informações. É provável que seja a obra mencionada em II Crô. 12.15, no livro de histórias de Semaías, o profeta. Cf. II Crô. 9.29 e I Reis 14.19 quanto aos *livros perdidos* do período do Antigo Testamento, que adicionam algo aos livros canônicos e foram usados como fontes informativas.

11.1

Vindo, pois, Roboão a Jerusalém, reuniu a casa de Judá e de Benjamim. Os vss. 1-4 seguem bem de perto o trecho paralelo de I Reis 12.21-24, onde as notas expositivas foram oferecidas. Adiciono algumas poucas observações. O cronista *expandiu* a lógica da situação nos vss. 5-23, que falam da recompensa dada a Roboão por haver obedecido à palavra do profeta, não atacando as tribos do norte nem se envolvendo em uma guerra civil.

Este primeiro versículo é um paralelo direto com I Reis 12.21, onde foram dadas notas expositivas. Corria o ano de 926 A. C. Por razões desconhecidas, o cronista omitiu I Reis 12.20, que relata a chamada de Jeroboão ao trono de Israel. Talvez ele acreditasse que seus leitores deveriam estar bem familiarizados com a história.

11.2

Porém veio a palavra do Senhor a Semaías, homem de Deus. Ver a exposição sobre I Reis 12.21, virtualmente igual a este versículo. O cronista usa o nome divino *Yahweh*, ao passo que I Reis 12.21 usa *Elohim*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

11.3,4

Fala a Roboão, filho de Salomão. Estes dois versículos são quase idênticos a I Reis 12.22,23, onde as notas expositivas foram dadas. Trazer à baila Salomão, o filho de Davi, era um toque que expressava *autoridade*. Quem era aquele inovador, Jeroboão, em comparação com a casa de Davi? O autor sagrado deixou entendido que as tribos do norte estavam em situação de apostasia, e somente a intervenção divina mediante um profeta salvou-as do castigo. Por outra parte, a apostasia e os altos impostos cobrados por Salomão provocaram a divisão. E Roboão, que ameaçou dar continuidade às normas políticas de seu pai, também merecia castigo. Assim sendo, a casa de Davi estava sendo punida por sua apostasia, pelo cisma das tribos do norte. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento estava em operação tanto no norte quanto no sul, para detrimento de todos. Ver I Reis 11.11,12,30 ss. quanto à divisão do reino unido de Israel como castigo imposto a Salomão.

11.5

Não há nos livros de Reis paralelo completo ou direito dos vss. 5-23. Roboão foi *premiado* por haver obedecido à vontade do Espírito, manifestado através de um profeta verdadeiro. Algumas vezes é sinal de sabedoria aplacar a própria ira e estabelecer a paz, mesmo quando estamos genuinamente ofendidos e injuriados. Roboão foi capaz de edificar e prosperar (sua recompensa), mas não escapou do merecido castigo por sua idolatria e arrogância (ver II Crô. 12.1-8).

Em vez de atirar-se à guerra contra o norte, somente para sofrer uma perda intolerável, Roboão orientou os seus esforços para edificar parte do que eram as fortificações de Jerusalém, a capital do sul (Judá e Benjamim). Também fortaleceu o território de Benjamim (vs. 10), que até ali ainda não havia sido totalmente absorvido por Judá, embora Simão já o tivesse sido. O fato de Roboão Ter fortificado o sul impediu qualquer tentativa de "unificação" por parte de Jeroboão, levando o norte a absorver o sul e assim criar um reino unido conforme os termos das tribos do norte. Em outras palavras, Roboão cuidou do que tinha sido deixado, uma vez que ele "forçara" a divisão com o norte, por causa de sua arrogância.

11.6-12

Fortificou, pois. Todas as cidades mencionadas (vss. 6-12) estavam em Judá, mas a citação de Benjamim, no vs. 10, parece indicar que algumas cidades benjamitas também foram fortalecidas. Ou então o autor estava falando do sul unido, e as cidades fortificadas em Judá significavam, *ipso facto,* que a tribo de Benjamim também havia sido fortificada. *Quinze* cidades ao todo foram enumeradas.

Ver os nomes próprios, no *Dicionário,* quanto a informações que não repito aqui. Todas as cidades mencionadas foram fortificadas com muralhas e equipamento militar, a fim de que as tribos do norte, ou qualquer outro adversário de Judá, não ousassem atacá-las.

Gate. Talvez essa não fosse a principal cidade filistéia que tinha esse nome. Possivelmente era uma cidade em Judá, embora não haja menção a ela em nenhum outro lugar da Bíblia. Alguns intérpretes, entretanto, pensam que esteja em vista a Gate dos filisteus, estando implícito que o lugar era uma cidade vassala de Roboão, e que, na realidade, se tratava de uma cidade judaica, embora não estivesse no território de Judá. Cf. I Reis 2.39 e I Crô. 18.1, o que parece indicar que Salomão sujeitou a localidade. Talvez ela fosse administrada por um governador nomeado pelo governo de Israel.

Adoraim. Esse lugar é mencionado somente aqui em todo o Antigo Testamento. Nos livros apócrifos aparece sob a forma *Adora.* Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome.

Cidades fortificadas. O termo hebraico correspondente indica "cidades com rampas", ou "fortins", usado exclusivamente pelo cronista. Visto que várias cidades fortificadas ficavam ao sul, e não ao norte, parece que Roboão temia um ataque por parte do Egito. Essa potência poderia tirar vantagem do cisma entre Israel e Judá para terminar o sul completamente, sujeitando-o à escravidão e ao pagamento de tributos.

Assim as tornou em fortalezas. Além de ter feito as fortificações, o rei Roboão nomeou capitães dignos (governadores) para cuidar de seus interesses naqueles lugares e garantir sua eficácia e suas defesas.

Benjamim. Esta tribo estava sendo lentamente absorvida por Judá, mas no tempo de Roboão ainda mantinha certa medida de independência. Pôs-se ao lado de Judá no cisma, o que constituiu pequena consolação. Ver a história da tribo de *Benjamim,* em I Crô. 8.1-40, e o artigo com esse nome no *Dicionário.* O autor sagrado definiu aqui o território de Roboão: Judá-Benjamim. Mas confronte II Crô. 10.17, que menciona somente Judá.

O gráfico que ilustra as fortificações das quinze cidades mostra-nos um círculo malfeito no território de Judá. Talvez as cidades tenham sido escolhidas com esse propósito em mente: um *círculo* de fortificações.

11.13-17

Esta seção não tem paralelo direto com I Reis; mas note que os trechos de I Reis 12.31 e 13.33 concordam com a essência da mensagem. O cronista, em sua usual exaltação à dinastia davídica, forneceu detalhes sobre esta questão, a fim de mostrar-nos claramente que os "verdadeiros sacerdotes" de Israel não podiam tolerar a apostasia de Jeroboão, o qual tinha estabelecido uma contracultura nas tribos do norte para competir com o yahwismo.

"O propósito destes versículos é salientar que foram somente os *leigos* entre os israelitas que se rebelaram. Os *levitas israelitas,* pelo contrário, mostraram-se tão leais que sofreram perseguição por parte de Jeroboão, razão pela qual abandonaram suas possessões mundanas e vieram a Jerusalém para servir no templo de Jerusalém... (a história) foi a maneira de o cronista salientar que os levitas de famílias israelitas recebessem plenos direitos para servirem como sacerdotes, músicos e encarregados, no *segundo templo.* Note-se o ponto em que, em Israel, eles teriam funcionado como sacerdotes (vs. 14)" (W. A. L. Elmslie, *In loc.*), supondo que a história teria um *uso polêmico,* terminado o cativeiro babilônico.

I Reis 12-25-14.16 relata com detalhes que os levitas foram removidos de seu ofício e função, sendo substituídos por sacerdotes ilegítimos, de acordo com as extravagâncias de Jeroboão. O culto de Jeroboão, pois, era fraudulento, e verdadeiros sacerdotes e levitas abandonaram o norte. Mas sem dúvida houve algumas poucas exceções que o cronista não se deu ao trabalho de mencionar.

Levitas. Ver informações completas sobre eles no *Dicionário.* A tribo de Levi transformou-se na casta sacerdotal, e o seu propósito era preservar e defender o yahwismo, as antigas tradições religiosas de Israel expressas através da legislação mosaica. Jeroboão havia apostatado, e assim os levitas, sofrendo perseguições, tiveram de abandonar seus lares e lugares de serviço.

"... a manutenção da verdadeira religião é o melhor apoio e salvaguarda de qualquer nação. Tal lealdade foi a grande origem da força e prosperidade da monarquia dos hebreus" (Jamieson, *in loc.*).

Deixaram os arredores das suas cidades. Os levitas não formavam uma tribo com terras, mas possuíam territórios adjacentes às suas cidades, ou terras de pastagem. Os levitas, confiando em Yahweh, abandonaram seu modo de sustento e foram para Jerusalém esperando o melhor. Eles tinham quarenta e oito cidades e áreas contíguas suficientes para sobreviver, mas dificilmente isso continuaria se todos eles corressem para Judá. Ver Jos. 21.1-41 quanto a essas quarenta e oito cidades, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas, Cidades dos.* O desejo interior, encorajado pela perseguição de Jeroboão, inspirou a mudança. Um falso sacerdócio agora governava a nação do norte, Israel. Cf. I Reis 12.26-31, que dá detalhes a respeito dessa questão. O culto rival criado por Jerusalém tinha dois centros principais: Betei e Dã. Temos aqui o famoso "pecado de Jeroboão", uma forma especial de idolatria que apoiava o cisma do norte contra o sul. Ver as notas expositivas em I Reis 12.28 ss. quanto a esse pecado, e em I Reis 15.26 e 16.2 sobre como Jeroboão fez Israel pecar.

Jeroboão constituiu os seus próprios sacerdotes. A *apostasia de Jeroboão* foi descrita brevemente pelo cronista. Jeroboão criou uma espécie de ecletismo que anulou o yahwismo. Ele dispunha de um sacerdócio falso que não descendia da tribo de Levi, algo contrário à legislação mosaica. Ver I Reis 12.31 quanto a explicações. Ele nomeou para o sacerdócio homens indignos, leais ao seu espírito apostatado (ver I Reis 12.31 e 13.33).

Para os altos. Isto é, os chamados "lugares altos" (ver a respeito no *Dicionário),* localidades escolhidas como centros da idolatria (ver no *Dicionário*). Ver I Reis 12.31 ss. Esses santuários locais existiam em Dã e Betei, mas também em outras pontos. A centralização da adoração no templo de Jerusalém, nem mesmo na época de Salomão, foi capaz de eliminar os santuários locais. Esses lugares altos sempre tenderam por ser apóstatas, e Jeroboão garantiu que os lugares altos sob o seu controle seriam apostatados, em oposição ao yahwismo e ao seu santuário em Jerusalém. Cf. II Reis 17.9.

Os sátiros. Conforme diz a Revised Standard Version, os "peludos", provavelmente bodes deificados. Bezerros também eram assim adorados, em imitação aos egípcios e à sua adoração ao boi. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ápis.* O vocábulo hebraico envolvia, algumas vezes, o uso de ídolos (ver Lev. 17.7), porém o mais provável é que tenhamos aqui divindades tipo bode (ver Lev. 4.24; 16.9; Isa. 13.21; 34.14). Quanto à adoração ao bezerro, ver I Reis 12.28,29. O autor sagrado, pois, estava enfatizando a natureza ridícula e *hedionda* da idolatria de Jeroboão.

Além destes também de todas as tribos de Israel. *Virtualmente a tribo inteira de Levi* abandonou as tribos nortistas, e este versículo provavelmente significa que outros (não-levitas) também juntaram-se ao êxodo em massa. Muita gente simples não podia tolerar a apostasia radical de Jeroboão e suas normas políticas. Jeroboão havia arruinado as tribos do norte. "Houve migrações semelhantes dos fiéis adoradores de Yahweh, registradas nos reinados de Asa e Ezequias (II Crô. 15.9; 30.11)" (Ellicott, *in loc.*). Os *sacrifícios* eram a atividade principal do yahwismo, e isso podia ser legitimamente realizado no templo de Jerusalém. Portanto, o povo deixava dinheiro e propriedades para reter uma sã fé espiritual. Além dos residentes permanentes, os peregrinos iam a Jerusalém observar as festividades anuais.

Assim fortaleceram o reino de Judá e corroboraram a Roboão. A *migração* para o sul fortaleceu a Roboão, pois a nação de Israel nada era não fora o culto nacional a Yahweh. O autor está narrando que o "verdadeiro Israel" migrou para o sul. E muitos daqueles que não migrarão pelo menos observavam as festividades anuais.

Por três anos. Por esse período de tempo, o yahwismo prosperou, e assim também Roboão. Mas o capítulo 12 diz-nos que tudo acabou arruinando-se. O próprio Roboão caiu na idolatria e foi punido por uma invasão do Egito, além de ter enfrentado outras perdas e tribulações. "Durante três anos, ele prosperou, mas depois, por *catorze anos,* ele e o povo de Judá foram infiéis ao Senhor, de modo que a mão julgadora de Deus estava sobre eles" (Adam Clarke, *in loc.*).

O vs. 16 diz-nos que os piedosos das tribos do norte iam ao sul com o propósito de oferecer sacrifícios. Finalmente, Jeroboão refreou toda essa atividade. Além disso, o próprio Roboão apostatou e poluiu a adoração em Jerusalém.

Porque três anos andaram no caminho de Davi e Salomão. Davi, apesar de alguns pecados horrendos, nunca caiu na idolatria. Mas Salomão, depois de uma boa carreira inicial, terminou em um flagrante paganismo. Contudo o autor sacro não se importou em contar-nos isso, porquanto o seu propósito foi exaltar a dinastia davídica. Ver o capítulo 11 de I Reis quanto ao fracasso de Salomão.

Particularidades da Família de Roboão (11.18-23)

Esta *breve seção* não tem paralelo nos livros de Reis. Pode ter sido derivada de uma fonte informativa mencionada em II Crô. 12.15, que também cita outros livros não-canônicos que serviram como base para os livros canônicos. Ver sobre *Livros Perdidos da Bíblia,* em I Reis 14.19; II Crô. 9.29 e 12.15. Ver também sobre *Livro (Livros)* no *Dicionário.* Até mesmo esta breve seção serviu ao desejo do cronista de exaltar a dinastia davídica, conforme comentado no vs. 18, a seguir. Ele exaltou a dinastia davídica porque a autoridade política de Israel *após* o cativeiro babilônico se deveu a ela, a despeito do fato de que somente a tribo de Judá tivesse sobrevivido. A autoridade espiritual veio através dos levitas que retornaram do cativeiro. Para ser uma nação legítima e distinta, Israel tinha de cumprir os requisitos mosaicos, e o autor sacro assegura-nos que esse era o caso: havia circunstâncias que garantiam isso.

11.18

Roboão tomou por esposa a Maalate. Quanto aos nomes próprios e pessoais dos vss. 18-22, há artigos no *Dicionário.*

"Em consonância com o propósito do cronista de magnificar a dinastia davídica, diferenciando-se do autor de I e II Reis, relatou que a esposa de Roboão era descendente de Davi pelos *dois lados* (vss. 18 e 19). Seu pai, *Jerimote,* é desconhecido como tal em outras fontes informativas, mas é aqui identificado como filho de Davi. Sua mãe era *Abiail,* filha do irmão de Davi, *Eliabe.* Portanto, Jerimote casou-se com sua *prima,* Abiail" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* sobre *Maalate* e outros nomes próprios que figuram nestes versículos.

O nome de Jerimote não aparece na lista dos filhos de Davi, em I Crô. 3.1-8. Provavelmente ele era filho de alguma concubina de Davi. Davi teve muitos filhos cujos nomes nunca foram dados, filhos de suas concubinas, isto é, esposas secundárias. Ver I Crô. 3.9.

11.19

A qual lhe deu filhos. Ver no *Dicionário* os nomes próprios que figuram neste versículo. Os filhos de Roboão aqui mencionados não são citados em nenhuma outra parte do Antigo Testamento. Foi o primogênito de outra esposa que sucedeu a Roboão no trono de Judá.

11.20

Depois dela tomou a Maaca, filha de Absalão. Cf. I Reis 15.10 e II Crô. 13.2, onde encontramos o nome *Micaía,* uma forma alternativa desse nome. O Targum deixa a identificação bem clara. Maaca, provavelmente, era neta de Absalão (ver II Sam. 14.27). *Tamar* é a única filha de Absalão a ser chamada pelo nome. Josefo diz-nos que Maaca era filha de Tamar (*Antiq.* viii.10.1). *Abias* foi o sucessor de Roboão no trono de Judá. Nada sabemos sobre as outras três pessoas mencionadas aqui.

11.21

Amava Roboão mais a Maaca, filha de Absalão. *Roboão tinha muitas esposas* (ver os vss. 21 e 23) e muitos filhos (vinte e oito) e filhas (sessenta). Mas havia uma esposa favorita, o que geralmente ocorria nas situações poligamas. Brigham Young tinha trinta e duas esposas. A maioria delas era mantida em uma espécie de república de mulheres, um hotel de um andar que ainda pode ser visto em Salt Lake City, Estados Unidos. Mas havia uma esposa favorita, à qual ela amava muito. As dezoito esposas e as sessenta concubinas de Roboão eram bem mais do que as trinta e duas esposas de Brigham Young, mas significavam praticamente nada ao lado do harém de mil esposas de Salomão! Esperava-se que os monarcas orientais tivessem haréns numerosos. Isso servia como sinal da *grandeza.* Paul Getty disse que, se um homem tem somente uma esposa, isso mostra que é um fracassado nos negócios. Se um monarca oriental tivesse apenas uma esposa, isso seria ridículo. Isso não lhe teria sido permitido. Por conseguinte, é ridículo dizer que Roboão era "culpado de poligamia". Essa declaração é anacrônica, para dizer o mínimo. O rei ideal não deveria multiplicar nem esposas nem cavalos (ver Deu. 17.16,17), mas com quantas esposas e com quantos cavalos ele estaria começando a multiplicação? A lei mosaica não proibia a poligamia, mas proibia os exageros. A maioria dos reis orientais, contudo, não se preocupava com os exageros.

11.22

Roboão designou a Abias, filho de Maaca. Havia muito tempo, *Abias* vinha sendo preparado para suceder o pai no trono de Judá, estando à frente dos irmãos quanto às habilidades naturais, devido à nomeação feita por seu pai. Estritamente falando, Abias não era o primogênito de Roboão, mas o primogênito

da esposa favorita. Essas eram qualificações necessárias, mas sem dúvida Abias possuía outras. O primogênito absoluto tinha direito a dupla porção de propriedades na herança, mas nada havia nas leis que governavam a primogenitura que proibisse um primogênito de ser rei, quando seu pai era o rei e assim ordenasse. Salomão também não foi o filho primogênito de Davi. Cf. I Reis 1.35. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Harém.*

11.23

Procedeu prudentemente, e distribuiu todos os seus filhos. Roboão foi um pai decente e sábio. Destacou Abias para ser o futuro rei, mas os demais filhos receberam postos políticos importantes por todo o território de Judá. Eles tinham abundância de dinheiro e muita coisa para fazer, de modo que nenhum era infeliz. "Os monarcas orientais garantiam a paz e a tranqüilidade em seus reinos distribuindo ofícios governamentais a filhos e netos. Esses filhos e netos recebiam meios independentes de vida e eram mantidos separadamente, para que não se envolvessem em conspirações contra o pai... Seus ofícios conservavam-nos perto de seus respectivos lugares de governo" (Jamieson, *in loc.*). Entrementes, Roboão continuava "viciado" em mulheres, conforme Adam Clarke comentou, *in loc.* Ademais, "um harém numeroso era uma das marcas da realeza" (Ellicott, *in loc.*), e Roboão ansiava por mostrar a sua posição real. O Targum adiciona a informação de que Roboão *construía cidades,* o que significa que tinha um extenso programa de construções, a exemplo de seu pai, e precisava de seus muitos filhos para administrar tantos negócios.

Capítulo Doze

Ataque do Egito contra Jerusalém (12.1-16)

O autor sacro continuou sua descrição do reino de Judá. Ele não nos falou sobre os reis de Israel, conforme fez o autor dos livros de Reis. Roboão não era rei por muito tempo quando foi atacado por seu adversário do sul, o Egito. O rei Sisaque governou por volta de 935-914 A. C. Ver sobre ele no *Dicionário* quanto a detalhes. Anteriormente, ele havia dado asilo a Jeroboão (I Reis 11.40) e aparentemente tornou-se um inimigo de Judá por causa de sua amizade com Jeroboão, das tribos do norte. Sisaque foi fundador da XXII^{a} dinastia do Egito. Nas paredes de um templo dedicado a Amom, em Carnaque, ele gravou os nomes das cidades de Israel que havia conquistado. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo que tem o nome dele, no *Dicionário.* O ataque desse Faraó egípcio foi uma punição, da parte de Yahweh, porque Roboão caíra na idolatria e nos excessos. Ver I Reis 14.22-24.

O Paralelo. II Crô. 12.1-12 é o trecho paralelo de I Reis 14.25-28, mas essa passagem é mais breve do que o presente relato. Portanto, adiciono aqui alguns detalhes.

12.1

Tendo Roboão confirmado o reino. *A Apostasia de Roboão.* Tal como no caso de seu pai, Salomão, Roboão começou bem. Mas a vida fácil, cheia de prazeres, vinho, mulheres e canções, prejudicou seu espírito resoluto. Logo ele caiu na idolatria, levando consigo toda a tribo de Judá. Cf. a experiência de Salomão, no capítulo 11 de I Reis. Ver o relato mais longo dessa apostasia em I Reis 14.22 ss.

Havendo-se fortalecido. Roboão tinha dinheiro, mulheres, muitos prazeres, fronteiras seguras (segundo ele pensava), tudo quanto um homem poderia querer. Assim sendo, a mente dele desviou-se para áreas proibidas. Ele foi "fortalecido", tornando-se aparentemente invencível por inimigos de dentro e de fora das fronteiras de seu país. Yahweh então preparou para Roboão uma surpresa que logo o derrubou, pois ele se tornara um homem arrogante.

A distinção de Israel dependia da observação da legislação mosaica, conforme anoto em Deu. 4.4-8. Quando Roboão abandonou essa distinção, Yahweh o deixou.

E com ele todo o Israel. O autor sagrado dá a entender a nação do sul, Judá, e não todo o Israel.

12.2

No ano quinto do rei Roboão, Sisaque. Este versículo é quase idêntico a seu paralelo, I Reis 14.25, onde apresento as notas expositivas. As palavras entre parêntesis — "porque tinham transgredido contra o Senhor" — foram acrescentadas para entendermos que a invasão, por parte dos egípcios, não se deveu ao caos. Yahweh estava castigando Roboão e o povo de Judá por sua apostasia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Idolatria.*

12.3

Com mil e duzentos carros e sessenta mil cavaleiros. A narrativa mais breve de I Reis não se refere ao detalhe dado neste versículo. O rei do Egito tinha muitos equipamentos de guerra e vários aliados que garantiriam o seu sucesso na invasão contra Judá. "Com 1.200 carros de combate e 60.000 cavaleiros, e com a ajuda de seus mercenários estrangeiros líbios, suquitas e etíopes, além de seus aliados cuxitas, o rei egípcio não teve dificuldades em vencer as fortalezas de Judá e estava prestes a atacar a própria cidade de Jerusalém" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário,* e ver detalhes da questão na exposição sobre I Reis 14.25,26. Josefo, o general e historiador judeu, informa-nos que o Egito veio com uma força de 400.000 homens (*Antiq.* 1.8, cap. 10), mas isso parece um pouco de exagero. Seja como for, o poder egípcio foi suficiente para nivelar a Judá. Cf. II Crô. 13.3. Talvez o número mencionado por Josefo tenha sido tomado por empréstimo deste trecho.

12.4

Tomou as cidades fortificadas, que pertenciam a Judá. Essas quinze cidades fortificadas (ver II Crô. 11.6-12), nas quais Roboão tanto confiava, foram facilmente derrotadas, e as forças egípcias chegaram diante de Jerusalém, a capital, fazendo o que bem entendessem. Roboão, antes *fortalecido,* agora estava *fraco.* Ver o versículo primeiro deste capítulo. *Sisaque* respeitara Salomão, mas Roboão era lixo para ele. Josefo *(Contr. Apion,* 1.1, cap. 15) informa-nos que Judá não foi a única vítima do exército egípcio. O Egito inflamou a área inteira.

12.5

Então veio Semaías, o profeta. *Uma Intervenção Divina Parcial.* Roboão e Judá precisavam ser castigados. Mas quando eles ouviram a mensagem do profeta Semaías (ver no *Dicionário*), Jerusalém foi saqueada, mas não destruída nem sujeitada a tributo de forma permanente. Dessa maneira, Judá ainda pôde lutar por mais um dia. Ver II Crô. 11.2 e 12.15, onde o profeta Semaías também é referido. O trecho paralelo de I Reis 14 deixa de fora toda a intervenção do profeta. O cronista lançou mão desse incidente para fazer-nos compreender que Yahweh era a verdadeira causa por trás das dificuldades de Roboão, e também a causa que o livrou do pior. Nenhum rei de Israel ou Judá poderia abandonar a legislação mosaica e o culto de Yahweh e, ainda assim, escapar impunemente. A lei moral governava as duas nações. Ver no *Dicionário* os verbetes *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Providência de Deus.*

12.6

Então se humilharam os príncipes de Israel, e o rei. Roboão, tão orgulhoso em seu esplendor real, e aqueles *príncipes* (muitos dos quais eram filhos do rei, II Crô. 11.23), sabiam que estavam enfrentando a extinção. Isso posto, foram inspirados a humilhar-se e a seguir a injunção do profeta Semaías. A maioria dos homens negocia para alcançar a sobrevivência, e os que não o fazem são considerados insensatos.

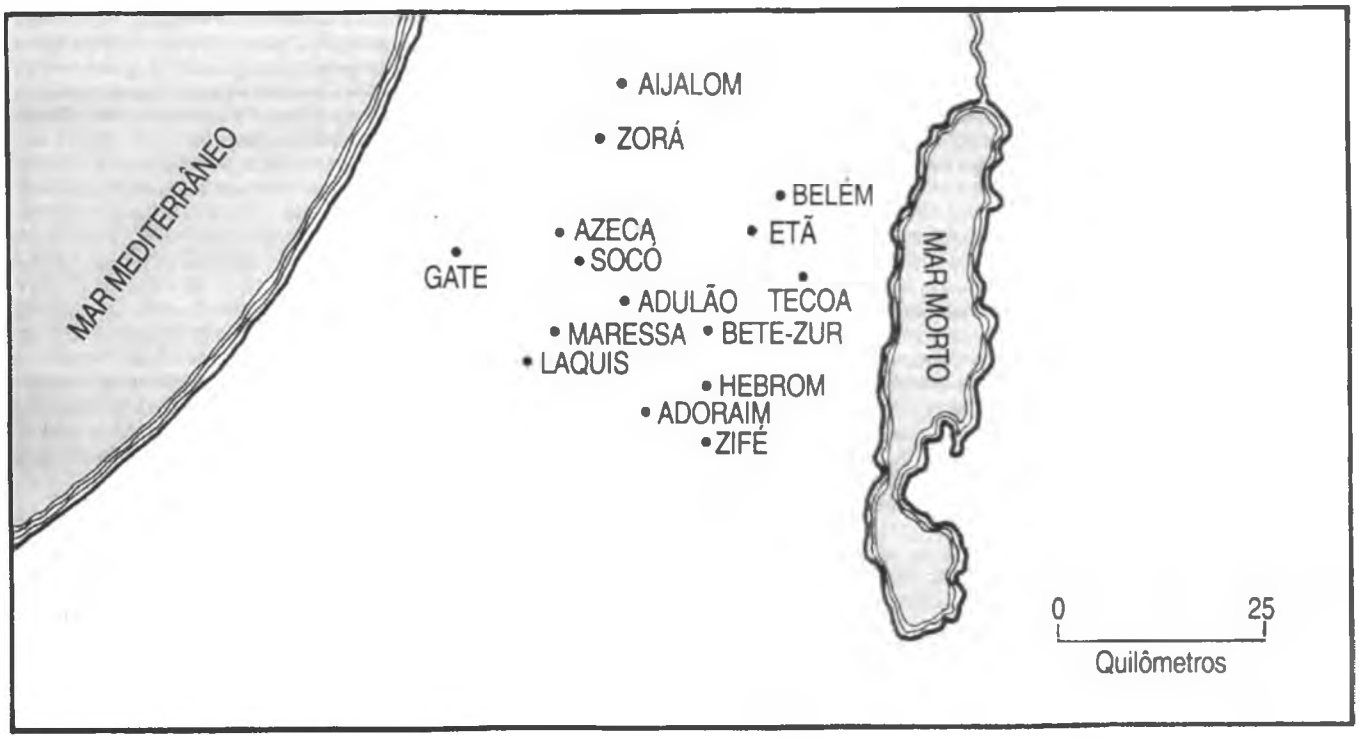
Cf. este texto com Jon. 3.4. Algumas vezes o *desespero* gera a espiritualidade, que pode ser genuína, mas, em outras, funciona apenas para o momento da crise. A humilhação referida no presente caso significou uma reversão da idolatria e a volta ao yahwismo, podemos estar certos. De outra maneira, o Egito teria liquidado a cidade de Jerusalém.

12.7

Vendo, pois, o Senhor que se humilharam. *Yahweh Observava a Cena.* Ele viu Seu profeta entregar fielmente a mensagem. Viu o arrependimento que se seguiu por parte dos judaítas, e compreendeu que esse arrependimento era genuíno. Portanto, o Senhor concedeu um *livramento parcial.* Deus daria à acossada nação de Judá *algum socorro.* O saque seria permitido aos egípcios, muitos seriam mortos, mas Jerusalém *sobreviveria* ao ataque e continuaria. Juda precisava aprender ainda que a espiritualidade é uma proteção maior do que cidades fortificadas. Contudo Judá ainda seria derrubada. O cativeiro babilônico (de 596 A. C.) cuidaria disso. Porém não seria o Egito o agente da queda. Assim, o sucesso de Sisaque foi divinamente *limitado* para ajustar-se ao plano divino. Entretanto, quando Nabucodonosor viesse contra Jerusalém, não haveria livramento algum.

Para que o meu furor não se derrame sobre Jerusalém. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus.* A ira divina, pois, seria restauradora, não meramente punitiva e destruidora; e é assim que a ira de Deus sempre funciona. De fato, os castigos divinos são os dedos da mão amorosa de Deus. Isso é verdade até no caso dos que se perdem para sempre. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos,* e ver o *Novo Testamento Interpretado,* em I Pedro 4.6.

QUINZE CIDADES DE JUDÁ FORTIFICADAS POR REOBOÃO



O rei Davi eliminou ou confinou os inimigos de Israel e ajuntou materiais para a construção do templo.

O rei Salomão estendeu as fronteiras do país, construiu o templo e trouxe a época áurea de Israel.

O seu filho, Reboão, fortificou cidades, mas esqueceu o Espírito. Ele não tinha a sabedoria de seu pai, mas praticava os seus vícios. Abandonou a lei do Senhor (I Reis 14.22-24) e rasgou o reino de Israel em duas partes: norte (Israel) e sul (Judá). O seu rival, Jeroboão, fez Israel pecar com uma idolatria institucionalizada (I Reis 15.26; 16.2).

O cronista registra em II Crô. 11.17 e 12.1 que, após três anos, ao sentir-se firmado no trono, Reoboão abandonou o Senhor. O rei e seus cortesãos aceitaram a reprimenda do profeta Semaías, mas com meio arrependimento apenas. Talvez Reoboão não tivesse a força de caráter suficiente para reverter a maré de desobediência ao Senhor, além do fato de que Salomão abrira precedentes para a introdução das práticas estrangeiras pecaminosas.

12.8

Porém serão seus servos. *Os judaítas pagariam tributo ao Egito* por algum tempo, tornando-se assim *servos* dos estrangeiros. *Sisaque* ficaria mais feliz se pudesse enriquecer do que se destruísse Jerusalém só pelo prazer de destruir. Seu jugo seria pesado, mas não duraria para sempre. Judá, finalmente, haveria de emancipar-se do domínio egípcio. Uma contínua tirania egípcia contra Jerusalém serviria de lembrete da necessidade de os judaítas cumprirem a vontade de Yahweh, conforme exigido pela legislação mosaica. "Uma vida pecaminosa é, ao mesmo tempo, cara e dolorosa" (Adam Clarke, *in loc.*). Salomão e Roboão tinham cobrado pesados encargos do reino unido, especialmente das tribos do norte, a fim de sustentarem seus luxuosos estilos de vida e seus projetos de edificações suntuosas. Agora, cada vez que enviasse seus tributos anuais a Sisaque, Roboão sentiria a ferroada desse tipo de tratamento.

12.9

E tomou os tesouros da casa do Senhor e os tesouros da casa do rei. *Sisaque cobrou* sua "primeira prestação" dos tributos levando para o Egito os tesouros tanto do templo quanto do próprio palácio do rei. Entre esses tesouros estavam os paveses de ouro que Salomão e Roboão tinham usado para efeito de ostentação nas paradas militares. Ver II Crô. 9.15,16 quanto a maiores informações sobre os itens de luxo.

Cf. I Reis 14.26, o paralelo deste versículo e onde foram acrescidos detalhes às notas expositivas. A época áurea de Salomão definitivamente era coisa do passado.

"Aqueles paveses eram a marca do elegante corpo de guarda-costas. Foi em imitação a essa magnificência oriental que Alexandre constituiu seus *argyraspides* e os adornou com despojos que ele tomara de Dario. Ver *Quintus Curtius,* lib. viii. cap. 5" (Adam Clarke, *in loc.*). A referência de Clarke, *argyraspides*, combina duas palavra gregas, *arguros*, "prata", e *aspis,* "escudo". A referência é à guarda de elite que transportava escudos de prata.

12.10

Em lugar destes fez o rei Roboão escudos de bronze. Tendo-se humilhado espiritualmente, Roboão também precisou humilhar-se militarmente. Infelizmente, ele precisou substituir os escudos de ouro, ostentosos como eram, por escudos comuns de bronze. De fato, escudos de bronze eram melhores para a guerra, mas não tão bons para uma parada militar. O trecho paralelo de I Reis 14.27 é virtualmente idêntico a este versículo. Ver ali as notas expositivas, quanto a detalhes. O *fluxo de ouro* tinha cessado em Judá. Ver I Reis 10.14 quanto à sua extensão anterior. Sisaque tornou-se o novo palhaço internacional, a exibir seus escudos de ouro no Egito.

12.11

Toda vez que o rei entrava na casa do Senhor. Os judaítas responsáveis aplicaram aos escudos de bronze restante o mesmo cuidado que deram aos escudos de ouro. O trecho paralelo é I Reis 14.28, e ali foram oferecidas notas expositivas. A declaração refere-se às cerimônias com escudos, cada vez que Roboão ia ao templo de Jerusalém. Os guardas conservavam esses escudos de bronze nos lugares apropriados, cuidando para que eles não fossem furtados ou postos fora de lugar.

Uma Lição Moral. "Escudos de bronze. Artigos de imitação em lugar da coisa real (cf. II Crô. 9.15)! Há um aspecto muito humano nesse incidente. Quão rapidamente a bolha do orgulho de Roboão foi espetada, e a glória do reinado de Salomão desapareceu. Lá veio o rei do Egito e, no piscar de um olho, Jerusalém perdeu o padrão do ouro... Mas teria alguma coisa, realmente, sido perdida? Qual era o uso do ouro, afinal? Não punha as rodas do comércio em movimento" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Anos Finais de Roboão (12.12-16)

Agora o cronista, com algumas poucas palavras, despede-se da história de Roboão. Ele perdera terreno. A época áurea de Salomão tinha passado. Roboão, sem a sabedoria e a força de Salomão, foi capaz tão-somente de imitar os erros de Salomão, e com resultados desastrosos. Roboão sempre será lembrado como o rei que, em sua insensatez, permitiu e até provocou a divisão do reino unido de Israel, produzindo o cisma entre o norte e o sul.

12.12

Tendo-se ele humilhado, apartou-se dele a ira do Senhor. Este versículo reitera as idéias do vs. 7, onde a exposição foi oferecida. As coisas *melhoraram* quando Roboão reconheceu os erros de sua conduta e fez algumas tentativas para corrigir seus equívocos. Assim sendo, o cronista foi capaz de dizer: "Porque em Judá ainda havia boas cousas". Por outra parte, a *grandeza* desaparecera no reino unido, e a própria nação de Judá não era mais a mesma, depois que Davi e Salomão se foram deste mundo. O cronista ansiava por comentar as *razões* morais e espirituais do fracasso, bem como do melhoramento posterior, de que o autor dos livros de Reis não tratam. A invasão dirigida por Sisaque não foi um mero acontecimento político e social: foi um evento espiritual ordenado pelo próprio Yahweh. E assim, conforme pensamos, todas as vidas são conduzidas. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus criou e continua presente em Sua criação, intervindo, recompensando e castigando. Os homens são moralmente responsáveis por seus atos. A *Providência de Deus* (ver no *Dicionário)*, contudo, preservou a dinastia davídica, a despeito dos erros clamorosos de Roboão.

Sumário do Reino de Roboão; Sua Morte (12.13-16)

O cronista oferece algumas poucas declarações de conclusão divididas em quatro versículos. O autor de Reis ofereceu uma narrativa mais breve (I Reis 14.29-31).

"Nos seus últimos anos, Roboão readquiriu, pelo menos em parte, seu poder e suas riquezas. Morreu com a idade de cinqüenta e oito anos e foi sepultado em Jerusalém, a cidade de Davi, com seus ancestrais reais. Seu governo, caracterizado como foi por um mau coração para com o Senhor e por uma guerra incessante com Jeroboão, foi historiado, conforme disse o historiador, nos anais dos profetas Semaías e Ido" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

12.13

Fortificou-se, pois, o rei Roboão em Jerusalém. Este versículo indica uma *recuperação* depois da invasão dos egípcios. Talvez Roboão tivesse retornado aonde estivera, antes desse acontecimento. Nesse caso, o cronista quis que soubéssemos que seu arrependimento tivera os efeitos esperados. Ver os vss. 7 a 12 deste capítulo.

Cronologia. O reinado de Roboão começou quando ele estava com quarenta anos de idade; ele reinou por dezessete anos, tendo morrido perto dos cinqüenta e oito anos. A capital do reino era Jerusalém, e devemos compreender que quase todo o seu governo foi somente sobre Judá, visto que ele e Jeroboão dividiram o reino unido em duas partes: norte (Israel) e sul (Judá).

O cronista relembra-nos a santidade de Jerusalém e de seu templo. Yahweh "pusera Seu nome ali". Ao dizer isso, o cronista exaltou a dinastia davídica e deixou entendida a ilegitimidade do reino de Jeroboão, tão repleto de apostasia como foi. Roboão governava onde a presença de Deus resolveu manifestar-se.

O trecho paralelo é I Reis 14.21, e é ali que ofereço a exposição mais detalhada.

12.14

Fez ele o que era mal. *Em seu sumário,* o cronista não poderia omitir o *mal* que foi praticado por Roboão. Ele deu prosseguimento à política de impostos excessivos cobrados por seu pai, especialmente das tribos do norte, e, assim sendo, foi um dos principais contribuidores para divisão de Israel em norte e sul. Mas o pior de tudo foi que ele se envolveu em uma estúpida idolatria que resultou na apostasia. O Faraó, rei do Egito, por ordem de Yahweh, puniu-o por causa disso. Mas no tempo de Roboão, e em parte (senão exclusivamente) devido a ele, terminou a época áurea de Israel que Salomão havia inaugurado. O breve *sumário* do trecho paralelo, I Reis 14.29-31, não se refere ao julgamento moral do cronista neste versículo. Ver também II Crô. 14.22.

"Ele fez o que era mau. Por causa de sua mãe, uma estrangeira pagã, ele recebeu em sua juventude uma infeliz influência para a idolatria (ver sobre I Reis 14.21-24)" (Jamieson, *in loc.*). Isso é verdade, mas Roboão conseguiu ser corrupto inteiramente à parte da influência materna.

A versão siríaca acrescenta as palavras "perante Yahweh", e com isso devemos compreender que ele profanou o sagrado e foi considerado responsável por isso. Roboão cultuava externamente a Yahweh, mas seu coração estava repleto de paganismo.

12.15

Quanto aos mais atos de Roboão. O cronista listou aqui algumas das obras informativas que, como é óbvio, também foram usadas em suas outras narrativas. Ver sobre *Livros Perdidos da Bíblia* em I Reis 14.19; II Crô. 9.29 e 12.15. Sem dúvida, havia muitos outros livros que serviram de fonte informativa e não foram chamados por seus nomes pelos autores do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Livro (Livros)* quanto a detalhes.

12.16

Descansou Roboão com seus pais. O trecho paralelo é I Reis 14.31, que é idêntico, exceto pelo fato de adicionar o nome da mãe de Roboão. Ver a exposição ali.

Capítulo Treze

Abias (13.1-22)

O cronista distancia-se ainda mais da época áurea que Salomão inaugurou quando era rei de Israel unido. Roboão, filho de Salomão, e Jeroboão, seu rival, dividiram eficazmente o reino em duas metades: a do norte (Israel) e a do sul (Judá). Em contraste com o autor de Reis (que registrou a história de ambos os reis, após o cisma), o cronista trata somente dos reis de Judá. Ele exaltou a dinastia davídica. Escreveu *após* o cativeiro babilônico e queria que soubéssemos que aquela dinastia emprestava legitimidade política à continuação de Israel através somente de Judá, a única tribo sobrevivente dos dois cativeiros. Ver no *Dicionário* os artigos *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*.

Quanto a *detalhes*, ver no Dicionário os artigos do *Abias* e *Reino de Judá*, que tem uma lista e breves descrições dos reis daquele reino. Ver também sobre *Rei, Realeza*, quanto a uma visão panorâmica dos reis tanto de Israel quanto de Judá.

"Tendo sido castigado Roboão, era tempo em que Israel deveria sofrer uma retribuição comensurável com a sua apostasia e sua adoração pagã (cf. II Crô. 11.15). Mas não era o filho de Roboão, Abias, quem deveria infligir o castigo, pois I Reis 15.1,2 e 6,7 nada de bom dizem sobre ele. O cronista, entretanto, encontrou uma solução para a sua dificuldade quando leu, nos livros de Reis, que Deus, por causa dos méritos de Davi, permitiu que Abias firmasse Jerusalém e fosse sucedido no trono por seu filho, e que a guerra contra Israel fosse uma constante durante todo o seu governo" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Abias governou somente por três anos, de 913 a 911 A. C.

O trecho paralelo do presente capítulo é I Reis 15.1-8, a narrativa mais breve.

13.1

No décimo-oitavo ano do rei Jeroboão. Este versículo é idêntico ao seu paralelo, I Reis 15.1, onde dou notas expositivas. Abias foi posto no trono em 913 A. C. e governou até 911 A. C.

13.2

Era o nome de sua mãe Micaía. Este versículo é essencialmente idêntico ao seu trecho paralelo, I Reis 15.2, exceto pelo fato de que o cronista deu o nome da mãe de Abias como Micaía, ao passo que o autor dos livros de Reis fala em *Maaca*. Em minha exposição, no trecho paralelo, ofereci "explicações" para a discrepância. É provável que o cronista simplesmente nos tenha transmitido um nome errado, por um equívoco na cópia, e não há solução aceita para o problema, nem é importante que a encontremos. Note-se, igualmente, que a mãe de Abias seria filha de uma mulher diferente, nas duas narrativas. Ver no *Dicionário* sobre *Abias*, 6, segundo parágrafo, quanto a tentativas de reconciliação.

13.3

Abias ordenou a peleja com um exército de valentes guerreiros. A guerra civil afligiu tanto Israel quanto Judá. Abias saiu à guerra contra Jeroboão à testa de 400.000 homens; e seu rival tinha 800.000 homens, exércitos bastante numerosos para os tempos antigos, mas não incríveis. O trecho paralelo *sumaria* as guerras do norte e do sul no tempo de Abias, com um único versículo generalizado, a saber, I Reis 15.6, onde ofereço alguma exposição relativa à questão. Abias triunfou nessa peleja, e o registro do incidente está de acordo com o plano do cronista de sempre exaltar a dinastia davídica. O autor dos livros de Reis, por outra parte, provavelmente sabia dessas questões, mas poupou-nos dos relatos sangrentos e detalhados. Ver também I Reis 14.30 quanto a uma observação similar sobre as guerras civis.

Descrições da Guerra Civil (13.4-20)

O trecho paralelo do capítulo 15 de I Reis deixa de lado as descrições sobre a presente questão. Mas o cronista, sempre disposto a exaltar a dinastia davídica como *reino autorizado por Yahweh*, registrou longamente a questão e mostrou quão superior foi a autoridade moral e espiritual resultante de uma derrota contundente para o apóstata Jeroboão. Assim sucedeu que Abias foi o agente de Yahweh para infligir castigo sobre o ímpio Jeroboão, que levou a nação de Israel ao pecado. Ver a descrição do pecado de Jeroboão em I Reis 12.28 ss. Sobre como ele levou Israel a pecar, ver I Reis 15.26 e 16.2. Em contraste, o autor dos livros de Reis nada têm que dizer de bom sobre Abias, muito pelo contrário. Ver I Reis 6.7; 15.1,2.

13.4

Pôs-se Abias em pé, no alto do monte Zemaraim. *A Reprimenda de Abias.* Esse homem ímpio (de acordo com I Reis) administrou uma severa repreensão contra Jeroboão por causa de *sua* apostasia (de acordo com o cronista)! Os críticos vêem nisso uma invenção do cronista para explicar como Abias obteve tão grande vitória sobre Jeroboão, embora este último tivesse forças superiores, pelo menos quanto aos números.

Quanto aos nomes próprios que aparecem neste versículo, ver os artigos que figuram no *Dicionário*. *Zemaraim* situava-se na fronteira entre os dois reinos. Talvez esse monte ficasse perto de Betel, conforme sugere meu artigo.

13.5

Não vos convém saber que o Senhor Deus de Israel deu para sempre a Davi a soberania de Israel...? *O ímpio Abias* reconheceu o direito de Judá à vitória sobre o *ímpio Jeroboão* uma vez que fora Yahweh quem escolhera a dinastia davídica como agente de exaltação, ao passo que o apóstata Jeroboão havia arrogantemente dividido o reino unido de Israel e então transformado a parte que lhe coubera (as tribos do norte) em um sistema pagão, que promovia vários tipos de idolatria.

Uma aliança de sal? Ver Núm. 18.19. O sal era usado nas refeições que ratificavam os acordos, e assim assumia uma espécie de natureza sagrada por causa do Deus (ou dos deuses) que eram testemunhas e partícipes da questão. O pacto de sal era um pacto inalterável. O sal também fazia parte dos sacrifícios de animais (ver Lev. 2.13 e Eze. 43.24). Yahweh foi retratado como quem tinha um pacto de sal com Judá que autenticou seus poderes espirituais e políticos, enquanto o réprobo Jeroboão estava em liga com poderes pagãos sinistros.

"Assim como as águas do mar nunca ficarão doces, o domínio se afastará da casa de Davi" (o Targum, comentando sobre o presente versículo). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pacto de Sal*.

13.6

Contudo se levantou Jeroboão. *Um Ato de Traição.* Os muitos pecados de Jeroboão complicaram-se diante do fato de ele *ter iniciado sua carreira* mediante uma traição. Ele tinha sido um servo (oficial respeitável) de Salomão, mas permitiu que o espírito do cisma o desviasse da vereda apropriada. Sua corrupção interior logo contaminou todo o país. Ver I Reis 11.26 quanto à posição de Jeroboão diante de Salomão. Jeroboão, um jovem industrioso e esforçado, tornou-se o chefe das equipes de labor forçado de Salomão, ou seja, os escravos que o rei usara em seus projetos de construção. Ver I Reis 11.28.

13.7

Ajuntou-se a ele gente vadia. O *réprobo Jeroboão* atraiu outros réprobos, para serem seus aliados e agentes do mal e do cisma. Seus *companheiros* o desqualificavam, para nada dizer sobre a sua própria perversidade.

Homens malignos. No hebraico temos a expressão "filhos de Belial", ou seja, homens perversos e inúteis, cheios de corrupção interior. A Revised Standard Version diz aqui "tratantes inúteis". Muitos eruditos supõem que, quando essas palavras foram escritas, Israel ainda não havia desenvolvido a doutrina de um diabo pessoal, que conta com seus muitos agentes demoníacos para operar através dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Belial*, que fornece amplas explicações. A palavra hebraica significa "indignidade" ou "iniqüidade". Na teologia posterior, o termo veio a tornar-se um dos nomes de Satanás, e ser um agente de Belial significou tornar-se servo do Príncipe de Toda a Maldade.

O *jovem Roboão* (na verdade, ele tinha mais de quarenta anos quando começou a reinar) deixou-se influenciar por homens perversos, de modo que seus erros são aqui atribuídos, pelo cronista, a "más influências" e não tanto à sua perversidade interior. Seja como for, ele era um homem relativamente jovem e ingênuo, facilmente influenciável por maus conselheiros. Mas a narrativa do próprio cronista, no décimo capítulo, descreve-o como um jovem arrogante e temerário, influenciado por jovens dotados de idêntica natureza. Ele não era nada tímido nem possuía coração mole, embora talvez o próprio Roboão se apresentasse dessa maneira.

O cronista retratou o melhor quadro possível sobre a dinastia davídica, a fim de contrastá-la com o reino depravado de Jeroboão. Uma representação mais realista teria sido do *mau* em contraste com o *realmente mau*.

13.8

Agora pensais que podeis resistir ao reino do Senhor. Dando prosseguimento à sua diatribe, o "justo" Abias salientou que o "ímpio" Jeroboão, até mesmo naquele momento, representava forças sinistras, tendo colocado à frente da batalha aqueles ridículos bezerros de ouro, os seus "deuses", para que o protegessem na batalha e lhe conferissem a vitória. Tal estofo contrastava com o reino de Yahweh, mantido nas mãos dos filhos de Davi, o verdadeiro *ungido* do Senhor. O ímpio Abias refletia glória da parte de Davi, com quem Yahweh estabelecera Sua

aliança. Ver sobre o *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. O cronista, pois, justificou a vitória que o ímpio Abias obteve sobre Jeroboão, fazendo com que o primeiro deles refletisse a glória de Davi, homem que era segundo o coração de Deus. Ver I Sam. 13.14 sobre isso, e ver I Reis 15.3 quanto a Davi como *rei ideal* de Israel. Para comentários sobre um rei ideal, ver as notas em Deu. 17.14 ss. A obediência à legislação mosaica formava o lado espiritual da questão. Jeroboão, em conseqüência, não tinha qualificações para ser rei. Era apenas um usurpador.

Visto que todos os requisitos espirituais estavam com Abias, e não com Jeroboão, Abias estava certo de que obteria a vitória sobre as forças superiores de Israel. Como é óbvio, ele esperava uma intervenção divina.

13.9

Não lançastes fora os sacerdotes do Senhor, os filhos de Arão, e os levitas...? *A Violação do Sacerdócio.* Entre os muitos pecados de Jeroboão que o levaram a perder a batalha prestes a começar, houve a violação do sacerdócio hebreu, que estava nas mãos dos filhos de Arão. Em sua arrogância, Jeroboão ignorou os requisitos mosaicos para os sacerdotes e também o *lugar* apropriado de adoração (Jerusalém). Ele estabeleceu seu próprio sacerdócio e seus próprios santuários (em Dã e Betel). Em outras palavras, era um *apóstata* definitivo. Yahweh cuidaria para que Jeroboão fosse punido, e Abias seria o agente dessa punição. O autor sacro "... traçou um quadro negro das ímpias inovações e da grosseira idolatria introduzida por Jeroboão" (Jamieson, *in loc.*). Jeroboão tinha instituído um não-sacerdócio, para sacrificar *não-sacrifícios* a *não-deuses*. Ver a ordenação dos sacerdotes no capítulo 29 de Êxodo e no capítulo 8 de Levítico. Somente os descendentes diretos de Arão podiam ser sacerdotes. Jeroboão, pois, ignorou completamente o requisito mosaico. Para ele, qualquer um podia ser sacerdote e oferecer sacrifícios. Ver Êxo. 6.18,20 e 28.1 quanto à seleção de sacerdotes dentre os descendentes de Arão. Nem Mesmo um levita comum podia ser sacerdote. Somente um levita descendente direto de Arão estava qualificado para o sacerdócio em Israel. Por isso, nem todos os levitas eram sacerdotes, mas todos os sacerdotes eram levitas (através de Arão). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas.*

13.10

Porém, quanto a nós, o Senhor é nosso Deus. Fazendo *contraste* com a apostasia de Jeroboão, Abias teve a coragem de dizer que Yahweh era o Deus de Judá, e que eles não O haviam abandonado. No entanto, em II Crô. 12.14, o mesmo autor afirma a apostasia de Abias! É verdade que Judá não estabelecera altares rivais, conforme tinha feito Jeroboão, mas a idolatria fora trazida para o coração de Jerusalém. Talvez devamos compreender, pela época em que ocorreu essa guerra civil, que Abias já havia limpado as coisas, por causa da invasão egípcia que aleijara a Judá e diminuíra Jerusalém. O templo de Jerusalém continuava contando com sacerdotes descendentes de Arão, e com levitas que faziam os trabalhos mais manuais. Quanto aos pecados de Abias ver I Reis 15.3 e II Crô. 13.21.

13.11

Cada dia, de manhã e à tarde. *Todas as particularidades* do ritual de Yahweh estavam sendo observadas, de acordo com a estimativa de Abias. O presente versículo lista o ritual essencial do templo de Jerusalém. W. A. L. Elmslie chama nossa atenção para algumas indicações de que os vss. 9, 10 e 11 sugerem uma inserção feita posteriormente: "Clara instância de uma inserção tardia. Reveste-se de interesse especial a referência à queima regular do *incenso* (no hebraico, 'especiarias'), com o que cf. Êxo. 30.7 (atribuído à fonte informativa *P*)... Eze. 8.11 tem uma alusão mais antiga a isso". Ver o artigo do *Dicionário* chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das múltiplas fontes informativas do Pentateuco.

Incenso aromático. "Ele é mencionado também em Jer. 6.20. Seu uso nos ritos sagrados foi-se tornando cada vez mais importante durante o período *pós-exílico"* (em cuja época, naturalmente, o cronista escreveu).

Referências:

1. Os sacrifícios matinais e vespertinos (Êxo. 29.38-42).
2. O incenso (Êxo. 30.7).
3. Os pães da proposição (Êxo. 25.30).
4. As lâmpadas. A do tabernáculo foi substituída por *dez* candeeiros, no templo de Salomão (ver II Crô. 4.7,8,19 e suas anotações). Fazer tudo quanto era requerido empregando os modos de adoração oferecidos no templo, era chamado de "observar as prescrições do Senhor" (Lev. 8.35). Mas negligenciar esses mesmos ritos era chamado de "nunca O deixar" (ver o v. 10 do presente capítulo). No *Dicionário* há artigos sobre cada peça do mobiliário e sobre cada rito religioso. Ver também o verbete intitulado *Templo de Jerusalém.*

13.12

Eis que Deus está conosco. Visto que Judá estava "observando as prescrições do Senhor" e não O estava "deixando", Abias tinha certeza de que *Elohim* os acompanhava e derrotaria o ímpio Jeroboão. *Elohim*, pois, tornar-se-ia o capitão de Judá na batalha e dar-lhes-ia a vitória. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Mediante o uso da palavra *Elohim*, Abias lembrou-nos do *poder* de Deus (*El*), que era exatamente aquilo de que Judá necessitaria para derrotar as forças superiores (o dobro) de Israel, a parte norte da antiga nação unificada.

> *Nós, por nosso lado, oramos a Ele para dar-nos a vitória, porquanto cremos ter razão. Mas aqueles que estão do lado oposto também oram, pedindo-Lhe a vitória, acreditando ter razão. O que Ele deve estar pensando de nós?*
>
> (Abraham Lincoln, em referência à Guerra de Secessão Americana, o norte contra o sul)

Tocando com as trombetas, para rebate contra vós outros. Ver Núm. 10.9; 31.6. "As trombetas eram lembretes divinamente nomeados de que Deus se lembraria dos israelitas na guerra" (Ellicott, *in loc.*). Um dos *usos* das trombetas era invocar Yahweh para ajudar na guerra. Quanto a notas sobre as trombetas e seu uso, ver *Música, Instrumentos Musicais*, IV.2.e no *Dicionário.*

Abias, pleno de confiança, vislumbrou a derrota de Jeroboão com resultado indiscutível da batalha, e apelou para que ele desistisse de sua causa má. *Yahweh-Elohim* seria seu oponente, conforme diz o versículo. Mas Jeroboão não estava interessado em retórica. Planejava uma emboscada para fechar a boca de Abias.

13.13

Mas Jeroboão ordenou aos que estavam de emboscada. Jeroboão enviou um destacamento de tropas para ir por trás dos homens de Abias, enquanto Abias avisava Israel eloqüentemente acerca do julgamento divino. Entrementes, a parte mais grossa dos homens de Jeroboão permanecia na frente de batalha, defronte de Abias. Portanto, Israel postou seu exército na frente e atrás de Judá. Era um simples estratagema de guerra, que estava destinado ao fracasso. Jeroboão esperava que Judá entrasse em pânico, mas, clamando a Yahweh, eles mantiveram sua coragem. O *pânico*, por muitas vezes, era o fator que decidia uma batalha, de tal maneira que os gregos inventaram o deus Pânico, que se mostrava ativo nos campos de batalha, assustando um ou outro exército, para causar sua derrota. Yahweh, porém, interpôs-se no caso que estava sendo descrito, e fez o deus Pânico assustar as tropas de Israel. Cf. este texto com a passagem sobre a emboscada mediante a qual Ai foi tomada por Josué (Jos. 8) e a outra passagem que relata a vitória sobre Gibeá (Juí. 20).

13.14,15

Olhou Judá e viu que a peleja estava por diante e por detrás. O Pânico poderia ter ganhado aquela batalha, e os clamores dos judaítas, quando viram que estavam cercados, poderiam ter sido gritos de desespero. Mas, em disso, foram clamores a Yahweh solicitando a vitória, e logo se tornaram gritos de triunfo. Os sacerdotes tocaram suas trombetas e invocaram o Senhor, pedindo ajuda, e imediatamente o espírito corajoso de Judá tornou-se invencível. Logo as fileiras de Israel foram partidas. Mas o verdadeiro vitorioso, assim o autor sagrado quis que entendêssemos, foi *Elohim* (vs. 15). Sem o poder divino no campo de batalha, as coisas teriam sido diferentes. Houve muita ameaça de parte a parte, mas os soldados de Israel foram dizimados. Cf. Juí. 7.18-20. O deus Pânico, por assim dizer, esteve ali, causando a fuga de Israel, e agindo apenas como servo de Yahweh-Elohim.

13.16,17

Os filhos de Israel fugiram de diante de Judá. As *fileiras* de Israel foram rompidas, e sua coragem desmanchou-se. A fuga que se seguiu permitiu que houvesse grande matança. Foi um notável dia de sangue, um dos maiores que Judá já vira. Do total de 800.000 de Israel (vs. 3), 500.000 foram totalmente obliterados. *Massacre* seria a palavra certa para descrever o que aconteceu naquele dia. O cronista reafirmou a sua fé: foi *Elohim* quem obteve o extraordinária triunfo. A *vitória* foi a prova da superioridade espiritual de Judá, e a *derrota* foi um julgamento contra Jeroboão, por causa de sua apostasia (vss. 5-12). O autor diz-nos que a dinastia davídica, que havia retido o yahwismo, foi recompensada, em contraste com Israel, derrotado em sua apostasia.

O número 500.000 parece excessivo. Os críticos acusam o cronista, portando, de um típico "exagero evangélico", que sempre fala em números grandes demais para seus triunfos. Josefo, general e historiador judeu, também lançou dúvidas sobre esse número (ver *Antiq.* 1.8, cap. 11, sec. 3). Algumas cópias da Vulgata Latina reduziram esse número para 50.000, e alguns intérpretes judeus supõem que esse seja o total correto de vítimas da parte de Israel (Bem Gorion e Abarbinel). Alguns eruditos tentam aliviar o problema desse número muito grande

supondo que a batalha se tenha estendido por diversos dias, embora nos pareça, pelo texto sagrado, que está sendo descrita uma batalha de um único dia. A versão siríaca demonstra bem pequena fé, dando o número como somente 5.000. O cronista não nos diz quantos homens Judá perdeu, mas podemos supor que o número de seus mortos tenha sido *muito menor* que os de Israel.

13.18

Assim foram humilhados os filhos de Israel. O norte foi subjugado perante Judá, e Jeroboão nunca mais obteve de novo o mesmo poder. As guerras civis, pelo menos durante algum tempo, cessaram. A razão disso não foi a superioridade militar do sul. Antes, a graça de Yahweh patrocinou a causa de Judá. O Deus dos antepassados da nação cuidou para que seus filhos obedientes fossem libertados do assédio dos apóstatas. Cf. Isa. 10.20. "Eles dependeram da Palavra do Deus de seus pais" (o Targum, comentando sobre este versículo).

13.19

Abias perseguiu a Jeroboão, e lhe tomou cidades. *A Campanha Militar que se Seguiu.* Abias tirou vantagem da grande derrota em Efraim (vs. 4) e perseguiu seu exército em fuga. Ato contínuo, Abias invadiu certo número de cidades das tribos do norte e consolidou sua vitória. O cronista menciona três lugares específicos que foram conquistados, Betei, Jesana e Efrom, e suas áreas circundantes. Ver no *Dicionário* os artigos sobre essas três cidades. A versão árabe adiciona Zagar como uma cidade conquistada, mas não sabemos julgar a correção história dessa informação.

13.20

Jeroboão não restaurou mais o seu poder no tempo de Abias. Além não ser mais capaz de recuperar-se de suas perdas, Jeroboão morreu devido a algum "golpe divino" não definido no texto sagrado. O cronista apenas diz que Jeroboão não teve uma morte natural. Algum acidente, enfermidade ou calamidade fatal deve tê-lo surpreendido, ceifando sua vida. Isso naturalmente foi um julgamento divino, conforme deixa claro o texto bíblico. I Reis 15.8,9 informa-nos que a morte de Jeroboão ocorreu dois anos *após* a morte de Abias, mas não especifica o *modus operandi.*

13.21

Abias, porém, se fortificou. Livre da guerra civil, Abias foi enriquecendo e divertindo-se mais e mais. Casou-se com quatorze mulheres, algumas provavelmente de reinos circunvizinhos, para consolidar seu poder. Teve tempo para gerar vinte e dois filhos e dezesseis filhas". Para a mente do cronista, todo esse dinheiro e todas essas esposas testificavam sua retidão espiritual. Bênçãos materiais eram consideradas bênçãos de Deus, porquanto representavam *prosperidade* de várias espécies. Seu harém era pequeno em comparação com os haréns de outros monarcas orientais, mas mesmo assim grande o bastante para mostrar que ele estava agindo bem e precisava ser respeitado. O homem que tinha apenas uma esposa era o pobre agricultor que não havia prosperado. O rei, que prosperava, tinha muitas terras, dinheiro, animais domesticados *e* esposas. Lamentar a poligamia dos antigos hebreus é cristianizar o texto e, para dizer o mínimo, é *anacrônico.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Poligamia.*

Note o leitor o *contraste* feito pelo autor sacro. Jeroboão foi *julgado*, caiu em desgraça, perdeu sua autoridade e, então, finalmente, perdeu sua vida devido a algum golpe divino.

13.22

Quanto aos mais atos de Abias. *A notícia do obituário de Abias* foi simples e sem embelezamentos. Na verdade, parece que o autor sacro usou como fonte informativa de sua narrativa os escritos do profeta Ido. Cf. II Crô. 9.29 e 12.15, onde são mencionadas outras obras que o autor sagrado empregou e mencionou. II Crô. 14.1 adiciona a informação típica sobre como Abias, tal como outros reis de Judá, foi sepultado com seus pais em Jerusalém, capital de Judá. Quanto aos livros perdidos do Antigo Testamento, ver I Reis 14.19; II Crô. 9.29 e 12.15. Quanto a *notícias funerais* sobre os reis, ver I Reis 1.21; 16.5,6. Cf. o presente versículo ao trecho paralelo de I Reis 15.8, onde acrescentei alguns detalhes.

Capítulo Catorze

Asa (14.1 – 16.14)

O *cronista,* neste capítulo, continuou em sua prática de exaltar a dinastia davídica. Por trás dessa exaltação, estava o propósito de mostrar como uma tribo isolada, Judá, terminado o cativeiro babilônico, pôde continuar de modo legítimo o reino de Israel. A continuação do antigo reino unido de Israel deu-se através da tribo isolada de Judá, tudo quanto sobreviveu do cativeiro assírio (de 722 A. C.) e do cativeiro babilônico (de 596 A. C.). A *autoridade política* foi preservada pela tribo de Judá, porquanto continuou a dinastia davídica, nomeada por Deus. E a *autoridade espiritual* foi preservada nos levitas remanescentes, que voltaram do cativeiro babilônico.

Em consonância com seu plano de exaltar a dinastia davídica, o cronista não narrou as histórias dos reis de Israel, as tribos do norte. Essa parte do império unido tinha-se dividido por causa da *rivalidade* de Roboão (rei de Judá) e Jeroboão (rei de Israel). Os reis do norte só são mencionados nos livros de Crônicas quando entram em relação direta com os reis do sul, como no relato anterior de Abias, que enfrentou dificuldades com *Jeroboão.* Mas o sucessor de Jeroboão nem ao menos foi mencionado, ao passo que o sucessor de Abias, *Asa,* passa agora a ser descrito longamente.

14.1

Abias descansou com seus pais, e o sepultaram. I Reis 14.2-7 e 15.8-15 têm materiais paralelos neste capítulo, mas a os vss. 9-15 não encontram paralelo em I Reis.

II Crô. 14.1 é um paralelo direto e verbatim de I Reis 15.8, onde as notas expositivas foram oferecidas. Ver II Crô. 13.22 quanto à primeira porção da notícia da morte de Abias. Ver as *notícias fúnebres* sobre os reis, em I Reis 1.21 e 16.5,6.

Asa. Ele foi filho de Abias. Ocupou o trono de Davi por *quarenta e um anos!* Seu governo foi de 911 a 870 A. C. Teve dez anos de paz antes de sofrer o ataque de Zerá, o etíope (vss. 9-15). Asa foi um reformador e atacou vigorosamente várias formas de idolatria. Ofereci um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* Ver também o verbete chamado *Reino de Judá,* que contém uma lista e um estudo dos reis desse reino. Quanto a uma visão panorâmica dos reis de Israel e Judá, ver *Rei, Realeza.* Esse verbete oferece um gráfico dos reis e também de potências estrangeiras.

14.2

Asa fez o que era bom e reto. A *qualidade espiritual* de um rei determinava, para o cronista, seu sucesso ou fracasso como rei. O cronista tinha interesse secundário em seu dinheiro, propriedades, sucesso político e harém, sinais de sua prosperidade. Esse julgamento nitidamente espiritual está de acordo com a distinção de Israel (ver as notas em Deu. 4.4-8) e o rei ideal de Israel (anotado em Deu. 17.14 ss.). O trecho paralelo de I Reis 15.11 menciona especificamente o exemplo deixado por Davi (anotado em I Reis 15.3), que Asa seguia. Os comentários sobre I Reis 15.10,11 encerram detalhes que omiti aqui. Em última análise, Davi demonstrou pecados e falhas (I Reis 15.14).

14.3

Aboliu os altares dos deuses estranhos. A descrição das reformas providenciadas por Asa é mais completa no trecho paralelo de I Reis 15.12 ss. Ao que parece, este versículo está em contradição com I Reis 15.14, onde somos informados de que Asa não destruiu o culto dos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Para tentar uma reconciliação, podemos supor que, no começo, ele tenha destruído os lugares altos, mas depois permitiu que fossem levantados de novo, mas essa é apenas uma tentativa de harmonização, talvez às expensas da verdade. Ver I Reis 11.7,8 sobre como Salomão havia construído lugares altos para satisfazer às práticas idólatras de suas mulheres estrangeiras.

Cortou as colunas. Ou seja, os postes em honra a *Aserah.* Cultos de fertilidade dos cananeus faziam parte da idolatria geral. Ver sobre *Aserins,* em I Reis 14.15, onde dou informações detalhadas.

14.4

Ordenou a Judá que buscasse o Senhor Deus de seus pais. *A Reforma Religiosa.* Em lugar das inovações idólatras que tinham invadido Judá desde os dias de Salomão, Asa fez o povo voltar-se "de novo para a Bíblia", isto é, a legislação mosaica e o culto a Yahweh, o verdadeiro Deus de Judá. Assim sendo, Asa teve seu aspecto *negativo:* destruiu a idolatria. Mas também teve o seu aspecto *positivo:* tornou-se ativo promotor do yahwismo como a chave para o sucesso, a felicidade e a prosperidade, para nada dizer sobre a vida longa na terra (ver Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15). Ver a sinceridade dos atos de Asa, comentados nas notas expositivas sobre II Crô. 15.12.

14.5

Também aboliu de todas as cidades de Judá o culto nos altos. A *reforma* de Asa não ocorreu somente na capital do país, Jerusalém, mas se estendeu a

todas as cidades de Judá, seguindo sempre o mesmo padrão, de atos negativos e positivos, comentado no versículo anterior. A adoração unificada em Jerusalém nunca foi capaz de eliminar os santuários locais, como o de Betel. Mas Asa fez o que pôde para controlar a questão. I Reis 15.14 diz-nos, especificamente, que Asa não destruiu os lugares altos, o que não adivinharíamos se tivéssemos somente a narrativa de II Crônicas. Como parte de seu propósito constante de exaltar a dinastia davídica, o cronista fez de Asa um homem melhor do que ele realmente era.

Entrementes, graças aos sucessos militares de seu pai (capítulo 13), Asa teve *paz* e foi capaz de efetuar suas reformas sem distrações externas.

14.6

Edificou cidades fortificadas em Judá. *Além de suas reformas religiosas,* Asa aproveitou-se do período de paz para fortalecer Judá ainda mais do que seu pai havia feito. Precisamos lembrar que aqueles dias eram tempos de desassossego constante, de matar e de ser morto, e essa prática prevalecia de tal modo que era uma espécie de esporte. Portanto, nenhum rei sábio recolhia-se ao leito, à noite, sem procurar em ambas as direções se algum inimigo estaria preparando um ataque. Toda essa matança nos deixa estonteados, e demasiadas cenas como essas nas páginas do Antigo Testamento! Mas isso constituía os primeiros passos da vida, naqueles tempos de tremenda violência. Na verdade, o Novo Testamento vai muito mais adiante como um documento espiritual, porém nunca podemos esquecer as significativas contribuições do Antigo Testamento.

Veja o leitor como Roboão, avô de Asa, tinha fortificado o reino (ver II Crô. 11.5-12). Sisaque, Faraó do Egito, desfez muito do que havia sido feito, mas a recuperação finalmente aconteceu. Ver II Crô. 12.2-4 quanto às dificuldades provocadas por Sisaque. As circunstâncias eram estranhas: quando vinha um período de *descanso,* em vez de descansar e desfrutar dessa paz, os reis tinham de preparar-se militarmente para novos e inevitáveis tempos de tribulação. Zerá, o etíope, em breve perturbaria a paz (vss. 9 e ss.).

14.7

Disse, pois, a Judá: Edifiquemos estas cidades. *Detalhes das Fortificações.* Foi um grande projeto de construções. E Asa não quis isentar ninguém de sua contribuição. Visto que Judá estava prosperando, Asa tinha de construir fortificações, antes que retomassem os inevitáveis dias maus. No entanto, não nos foi dada nenhuma lista das cidades fortalecidas. Ele fortificou Geba e Mispa, mas após a guerra contra Baasa (ver I Reis 15.33). Roboão, seu avô, fortificou *quinze* cidades (ver II Crô. 11.6 ss.), e é provável que Asa acabou fazendo algo semelhante. Muralhas elevadas e portões de bronze fortalecidos com barras eram itens comuns nessas fortificações. De fato, essas coisas quase entravam um inimigo, mas não conseguiam deter uma invasão séria. As guerras terrestre tinham vantagens e desvantagens. Não havia ataques aéreos que ajudassem as tropas terrestres. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Guerra,* quanto a informações que não foram incluídas aqui.

> *Eu gostaria que fosse combinado que os homens que começassem uma guerra fossem forçados a terminá-la eles mesmos.*
>
> (Finley Peter Dunne, em War and War Makers)

14.8

Edificaram e prosperaram. *Asa,* além de suas fortificações, tinha um numeroso exército para a defesa de Judá. A tribo de Judá contribuía com 300.000 homens, e a tribo de Benjamim (que ainda não tinha sido absorvida por Judá) contribuía com 280.000 mil. O autor enfatizou o fato de que o exército de Judá era bem equipado e tinha guerreiros habilidosos. O exército de Judá, ao que tudo indica, era composto essencialmente por infantaria, visto que coisa alguma é dita sobre cavalos e carros de combate. Isso pode ter sido uma omissão descuidada por parte do cronista. Que teria acontecido aos cavalos que Salomão havia reunido (II Crô. 9.25)?

Os números são grandes demais para pensarmos em um *exército permanente,* sustentado pelo governo real. Antes, esses homens aptos para a guerra existiam nas duas tribos e poderiam ser imediatamente convocados para servir nas forças armadas, sempre que necessário. Embora a proporção que cabia a Benjamim pareça alta demais, devemos lembrar que essa tribo sempre foi conhecida por sua habilidade na terra e por sua ansiedade de lutar. Ver Gên. 49.27 e I Crô. 7.6-11. II Crô. 13.3 mostra-nos que Abias empregara 400.000 homens contra Israel.

História de Zerá e Suas Hordas (14.9-15)

14.9

Finalmente, os dias maus retomaram como uma explosão. Zerá, o etíope, batia nas portas de Judá com seu fantástico exército de um milhão de homens, equipados com 300 carros de combate. Até mesmo os eruditos conservadores tremem quando lêem sobre esse número: *um milhão.* Certos estudiosos supõem que tenha ocorrido algum erro de transcrição, e os críticos falam em termos de invenção por parte do autor sacro, para aumentar o drama. Eugene H. Merrill (*in loc.*), que usualmente se mostra ansioso por explicar dificuldades, por mais desesperadas que sejam, refere-se à margem da *New International Version* (NIV), que fala sobre um *imenso exército,* e não um exército de um milhão de homens literais. Josefo, entretanto, manteve de pé esse número, ao falar em 900.000 infantes e 100.000 cavaleiros (*Antiq.* 1.8, cap. 12). Mas Ellicott (*in loc.*) muito provavelmente está correto quando interpreta isso como *miríades,* e não insiste em um número literal. É um tanto ridículo dizer que "a grande horda se *parecia* com um milhão", sem que tenha havido uma contagem exata cabeça após cabeça.

Ver no *Dicionário* acerca do que se conhece e se calcula sobre *Zerá.*

14.10

Então Asa saiu contra ele. *Asa estava militarmente fortalecido,* mas o adversário era extraordinariamente grande. Não havia escolha, porém: Asa precisou entrar na batalha e esperar o melhor, confiando na intervenção de Yahweh. A batalha teve lugar em *Maressa* (ver a respeito no *Dicionário*), que ficava apenas quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Cf. II Crô. 11.18 e Miq. 1.15. O *vale de Zefatá* é mencionado somente aqui em toda a Bíblia. A Septuaginta traduz essa palavra como "vale do norte". Está em foco um vale próximo de Maressa. Ver o verbete no *Dicionário* quanto a detalhes. Havia líbios incluídos no exército de Zerá (II Crô. 16.8). O Faraó do Egito não fora bem-sucedido na invasão de Judá, mas sujeitara Jerusalém a tributo. Zerá, contudo, não repetiria esse feito. Ver II Crô. 11.21 e 12.1,2. Yahweh interveio e concedeu a Asa grande vitória, por motivo de sua espiritualidade superior (ver o vs. 2 e o restante do capítulo).

14.11

Clamou Asa ao Senhor seu Deus, e disse. Zerá e seu imenso exército estavam bem próximos de Jerusalém, e muito pouco separava o reino de Judá do desastre total. Por conseguinte, Asa invocou Yahweh para que fizesse intervenção. Quando chegamos ao desespero, entregamos os fatos aos cuidados de Deus, em oração. Asa orou com *veemência,* conforme diz o Targum dos judeus sobre este versículo. Somente Yahweh poderia ajudar os *fracos* que estavam diante de tão *poderoso* exército, conforme disse o cronista. Asa apresentou-se como o rei temporário de Judá, mas Yahweh era o Capitão dos Exércitos do Senhor. No Senhor, e não no pequeno exército de Asa (comparado com o de Zerá), havia poder. O palco estava armado para um "maravilhoso sinal da satisfação de Deus com Asa. Ele confiava não em seu exército de meio milhão de homens, mas lançou todo o cuidado sobre o Senhor (vs. 11)" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Yahweh era o Poder diante do qual nenhum homem pode prevalecer. Não é luta quando seres mortais se vêem em conflito com seres imortais. Cf. as experiências de Jônatas (ver I Sam. 14.6), quando ele atacou uma guarnição dos filisteus.

14.12

O Senhor feriu os etíopes diante de Asa. *O cronista* poupou-nos de uma sangrenta descrição da batalha, e não disse quantos, dentre o milhão de homens de Zerá, foram mortos. Mas garantiu-nos que Yahweh deu a Judá uma vitória decisiva, a qual eliminou a Etiópia como uma ameaça. A descrição é similar à que diz respeito a Abias e a derrota de Jeroboão (II Crô. 13.13 ss.). Ver também II Crô. 15.15,16.

14.13

Asa e o povo que estava com ele os perseguiram até Gerar. A *campanha militar que se seguiu* mandou Zerá e o que restou de suas hordas fugir; eles foram destruídos ao longo do caminho, e muito despojo foi tomado por Judá. A fuga levou os exércitos combatentes até Gerar (ver a respeito no *Dicionário*) cerca de trinta e seis quilômetros a sudoeste de Maressa. Portanto, a matança final ocorreu cerca de setenta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Na época, essa área muito provavelmente estava nas mãos dos egípcios, mas isso não impediu que Judá cumprisse seu propósito. Muitos despojos foram tomados, incluindo animais e outros bens materiais. E Judá nunca mais teve dificuldade com um inimigo do sul, incluindo o Egito, até que Neco se encontrou com Josias, em batalha, no ano de 609 A. C. (ver II Crô. 35.20-24). As versões siríaca e árabe dizem-nos que "o anjo do Senhor" deu a vitória e feriu as hordas do inimigo.

Sem restar nenhum sequer. Certamente há algum exagero nesta declaração. Devemos compreender uma imensa matança, com poucos sobreviventes. Yahweh "destroçou" os etíopes natural e sobrenaturalmente.

14.14

Feriram todas as cidades ao redor de Gerar. *Várias cidades* foram arrasadas na campanha militar que se seguiu, a fim de que se conseguissem resultados duradouros da vitória. O "temor do Senhor" ou *pânico divino* foi um dos agentes da extraordinária vitória, dando à questão um aspecto de intervenção divina. Cf. I Sam. 11.7; II Crô. 13.14,15 e 17.10, cujas notas também se aplicam aqui. Naturalmente, as cidades assim destruídas serviram de rica fonte de despojos, como *salário* dos soldados de Judá. Não foi o Estado quem os pagou. Eles saíram e obtiveram suas próprias riquezas através da conquista, da vitória e dos despojos. É provável que várias daquelas cidades atuassem como armazéns das forças de Zerá, de modo que Judá se abasteceu dos suprimentos ali guardados, e assim houve um grande "dia de pagamento".

14.15

Também feriram as tendas dos donos do gado. No hebraico, "tendas de gado" não faz sentido, de maneira que a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa dizem aqui "tendas dos que tinham gado". Judá não feriu os animais literalmente, como diz o hebraico, mas os que cuidavam dos animais. Tendo matado a todos eles, facilmente seria possível levar os animais como parte dos despojos. Estão em pauta populações que habitavam em tendas no deserto, nômades que viviam em lugares virtualmente desabitados. Todos os seus animais e bens materiais foram tomados pelos exércitos vencedores de Judá. Além do gado vacum e das ovelhas, também conseguiram um grande número de camelos, ou cavalos do deserto, excelentes animais de carga para a região desértica, porque dificilmente precisam beber água. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Camelo*. As *riquezas* do deserto eram constituídas pelos animais ali criados. Judá, pois, levou de volta para casa essas riquezas.

Capítulo Quinze

A história de Asa continua neste capítulo. Ver a introdução a essa história no início do capítulo 14. Nos livros de Reis não há paralelo de II Crô. 15.1-15.

Reforma Religiosa de Asa (15.1-15)

Discurso do Profeta Azarias Ben Obede (1-7)

"No tempo devido, Azarias, filho de Obede, profeta do Senhor mencionado somente no texto presente, foi até Asa e desafiou-o a *permanecer fiel* ao Senhor, a fim de que Ele lhe permitisse continuar desfrutando as bênçãos divinas. Asa foi advertido a não desviar o povo para o desregramento. As palavras 'esteve o verdadeiro Deus' significam sem contar com a presença e a bênção de Deus, e as palavras 'sem lei' significam sem o conhecimento e sem a obediência à lei. De outra sorte, a anarquia ('muitas perturbações', vs. 5, e 'os conturbou', vs. 6), como a que tinham experimentado no passado, provavelmente na época dos Juízes, já lhe teria sobrevindo" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

15.1

Veio o Espírito de Deus sobre Azarias. Azarias foi tomado pelo Espírito de Deus, para que pudesse transmitir uma mensagem especial, inspirada. Ver sobre *Azarias* no *Dicionário*. Azarias é mencionado somente aqui em toda a Bíblia. Ver também o artigo chamado *Inspiração*.

Fazia parte dos privilégios dos profetas ter experiências místicas que os tornavam guias do povo quanto a questões espirituais. Ver no *Dicionário* os verbetes *Misticismo* e *Espírito de Deus*. O nome Azarias significa "aquele a quem Yahweh ajuda".

Hillerus equiparou Azarias com o profeta Ido, mas isso é uma conjectura improvável. Tal tradição é repetida em Hieron. Trad. Heb. em *Paralipom.* fol. 84. L e 85 A. O nome de seu pai, *Obede*, compreende as mesmas letras radicais que o nome Ido (ver II Crô. 9.29 e 12.15). Mas parece não haver razão pela qual a identidade do profeta estaria oculta se, porventura, ele fosse o mesmo homem que o profeta muito menciona.

15.2

Ouvi-me Asa, e todo o Judá e Benjamim. Temos aqui a relação recíproca de Yahweh com Judá e Benjamim:

1. Yahweh está com os que permanecem a Seu lado. Ou seja, os que obedecem às Suas leis e observam o Seu culto.
2. Os que buscam por Ele, em verdade e humildade, são por Ele encontrados. Buscar a Yahweh significa praticar o yahwismo em concordância com a legislação mosaica. Cf. Luc. 11.9,10 e 12.31. "Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus". Aquele que busca, acha. Para que um homem seja espiritual e espiritualmente abençoado, ele deve fazer o esforço apropriado, despender a energia certa e praticar a santidade.
3. O homem que esquece Yahweh é também esquecido por Ele. O profeta tem aqui em mente a *idolatria* como a forma mais grave que Israel (ou Judá) era capaz de cometer. Os idólatras eram os israelitas que esqueciam o culto a Yahweh e negligenciavam a lei. Mas os que aderiam constantemente a Yahweh e à Sua lei também aderiam permanentemente à presença e às bênçãos divinas. O Targum sobre esse versículo fala da presença auxiliadora de Deus ao homem que preenche essas condições. Esse homem nada terá que temer. Ele nunca será abandonado. Cf. Heb. 13.5.
   Cf. o presente versículo com I Crô. 28.9 e Jer. 29.13,14. Ver também II Crô. 12.5 e 24.20.

15.3

Israel esteve por muito tempo sem o verdadeiro Deus. *Várias referências temporais* têm sido dadas para explicar este versículo. Quando Israel esteve sem o verdadeiro Deus, privado de Seus ensinamentos, de Seus profetas, de Sua lei e de Suas bênçãos?

1. Alguns falam sobre o *tempo dos juízes*, quando Israel esteve em baixo nível espiritual, e cada qual fazia o que melhor lhe parecia, não havendo nenhuma autoridade central de governo, nem um lugar centralizado de adoração.
2. O Targum prefere apontar para a época em que o norte se separou do sul, um dia muito escuro para a nação do norte, Israel (embora não tão devastador para o sul).
3. Ou então a referência pode ser geral: em qualquer época de apostasia (das quais houve diversas), Israel entrava em um período obscuro. Asa, pois, foi advertido a não repetir os enganos do passado, e a dar prosseguimento às reformas, especialmente no tocante a livrar o país da idolatria e estabelecer firmemente o yahwismo.
4. Alguns fazem dessa advertência uma profecia, especialmente em uma época que antecedia o cativeiro babilônico. Por sua obediência, Asa adiaria o inevitável evento. Mas é evidente que está em foco nessas palavras algum tempo passado.

15.4,5

Mas quando na sua angústia eles voltaram ao Senhor. *Asa* tinha em suas mãos o poder de evitar repetir os erros que haviam sido cometidos no passado. Eles não tinham encontrado a paz; os vexames era grandes; o país inteiro desconjuntava-se porquanto Yahweh estava distante e aquela antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento operava fora de controle. No entanto, a história demonstrava que, *cada vez* que Israel se voltava para Yahweh, em busca de cura, Ele estava presente. Muitas apostasias eram revertidas, uma vez que havia arrependimento de pecados. Portanto, insistia o profeta, *era melhor* evitar a apostasia e a necessidade de arrepender-se, e assim *evitar a dor*.

Cf. Mat. 24.6,7,9,13. Alguns estudiosos supõem que Jesus tenha tomado por empréstimo o fraseado dos presentes versículos, quando projetou um futuro negro para um mundo apostatado.

Ver Juí. 3.9,15; 4.3,15; 16.6 ss. e Sal. 106.44; 107.6, que falam especificamente sobre a reversão dos resultados da apostasia e sobre a normalidade restaurada.

15.6

Porque nação contra nação, e cidade contra cidade se despedaçavam. Grandes guerras seguiam a degradação espiritual: nações destruíam nações; cidades destruíam cidades. *Elohim* estava por trás desses vexames, inspirando nações e cidades a certificar-se de que o pecado fosse devidamente castigado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

É provável que estivesse em pauta aqui a luta de uma das tribos de Israel contra outra, ou seja, guerras civis. Ver Juí. 9.45; 12.6; 20.21,24,44-48. Mas também havia inimigos estrangeiros que sempre encontravam tempo para atacar novamente o povo de Israel. Foi uma época de matar e ser morto, um tema que enche as páginas do Antigo Testamento.

Cf. Isa. 9.18-21, uma passagem vívida de conflito interno dentro de uma nação. Ver também Isa. 19.2. Ver também Zac. 14.13 quanto à *grande confusão* que Yahweh lança no meio dos pecadores.

Na guerra não há vencedores.

(Neville Chamberlain)

Enquanto a humanidade continuar a louvar
mais os seus destruidores do que os seus benfeitores,
a guerra permanecerá sendo o alvo principal das
mentes ambiciosas.

(Edward Gibbon, em The Decline and Fall of the Roman Empire)

15.7

Mas sede fortes, e não desfaleçam as vossas mãos. Uma obra precisava ser feita. Uma obra precisava ser recompensada. Seria necessária grande força para tanto. Seriam necessárias mãos fortes. Asa encontraria muitos adversários. Suas reformas religiosas sofreriam oposição amarga e constante. "Enche-te de coragem; enche-te de disposição; sê vigoroso; não sejas lânguido; não sejas remisso ao reformar a adoração a Deus_ tua obra será recompensada; haverá paz e prosperidade interior, e haverá sucesso contra as potências inimigas" (John Gill, *in loc.*). Cf. Jer. 31.16. "*A conclusão.* Não fiques atrás de teus antepassados. Que a tua lealdade a Yahweh seja decisiva e sincera. Teu trabalho desarraigará a idolatria" (Ellicott, *in loc.*). "Seriam requeridas grande resolução e uma invencível energia" (Jamieson, *in loc.*).

Reação de Asa à Mensagem do Profeta (15.8-15)

"Asa reagiu diante da mensagem do profeta ao intensificar a destruição dos ídolos (cf. II Crô. 14.3-5) e ao reparar o grande altar de bronze do templo do Senhor, o qual, por alguma razão não especificada, precisava urgentemente de consertos. Então ele reuniu o povo de seu reino, incluindo fugitivos de Efraim, Manassés e Simeão, no terceiro mês (maio-junho) de seu décimo quinto ano de governo (896 A. C.). Ao que tudo indica, alguns simeonitas, que não haviam sido assimilados à tribo de Judá, tinham migrado para o norte. O propósito de Asa foi renovar o *pacto* estabelecido entre o Senhor e seus antepassados, feitos pela mediação de Moisés (II Crô. 15.12)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

15.8

Ouvindo, pois, Asa estas palavras e a profecia do profeta. As *reformas religiosas continuaram* com um renovado vigor. II Crô. 14.3 ss. já nos havia informado sobre extensas reformas. Asa declarou guerra contra a idolatria, e em seguida novamente declarou guerra, quando o profeta o encorajou a continuar a luta. Ele removeu a idolatria das cidades que havia conquistado da tribo de Efraim. Ver II Crô. 13.19 e 17.2. A idolatria é chamada de *abominação*, uma designação veterotestamentária comum. Ver no *Dicionário* os artigos *Idolatria* e *Abominação*, quanto a detalhes. Abias, seu pai, havia conquistado as cidades que, talvez, tivessem obtido liberdade de Judá desde aquele tempo. Ele as recapturou e as purificou de suas poluções religiosas.

E renovou o altar do Senhor. O texto não dá a entender que o altar tenha sido *destruído*, como que mediante algum culto idólatra em Judá. Antes, a idéia é que o altar precisava urgentemente de reparos. Talvez ele tenha dado ao altar uma nova camada de bronze, que já se havia perdido em vários pontos desde que começara a ser usado, nos dias de Salomão. Jamieson fala dos *reparos esplêndidos ou embelezamentos* que faziam o altar parecer novo, como quando foi dedicado no princípio. O ato mostrou seu sério intuito de promover o yahwismo nos termos da legislação mosaica. É provável que outros reparos, de menor envergadura, também tivessem sido feitos no templo. O altar, ao que tudo indica, foi *dedicado novamente.*

15.9,10

Congregou todo o Judá e Benjamim. As duas tribos de Judá e Benjamim, juntamente com muitos que tinham chegado do norte, pertencentes às tribos de Efraim, Manassés e Simeão, foram reunidas formando uma nação composta e, juntas, observaram os ritos do yahwismo, em Jerusalém, tirando vantagem do templo que Salomão havia provido para uma adoração centralizada. As reformas religiosas, dirigidas por Asa, foram assinaladas e celebradas por meio de sacrifícios especiais, como se o templo estivesse sendo dedicado de novo.

O evento foi tão significativo que o autor sagrado nos fornece o tempo exato das celebrações. Foi um *evento memorável*, cuja data precisava ser relembrada. Ocorreu no terceiro mês, sivan (correspondente a nosso maio-junho). Naquele mês havia a festa de Pentecoste, a celebração da outorga da lei. Isso posto, Asa levou a lei de volta a uma posição de proeminência, por seus muitos atos de reforma. O ano foi o décimo quinto do reinado de Asa, que também pode ter sido o ano em que ele obteve tremenda vitória sobre os etíopes. Ele estava celebrando *outra* grande vitória: sobre a idolatria. Talvez a celebração tenha acontecido, coincidindo com a festa do Pentecoste. Nesse caso, esse Pentecoste particular recebeu um sentido especial naquele ano.

15.11

Naquele dia ofereceram em sacrifício ao Senhor. *Sacrifícios regulares* foram realizados, os quais o autor não se importou em descrever. Além disso, todo o despojo (que Asa conseguiu adquirir de Zerá e suas hordas, e de certo número de cidades subseqüentemente conquistadas por ele; ver II Crô. 14.9 ss.) foi trazido ao templo como oferta especial para aumentar os cofres e suas "reservas em forma de ouro".

O Targum diz especificamente sobre essa passagem que a *festa das semanas*, ou Pentecoste, era a festa que estava sendo celebrada, tendo recebido um novo significado pela *rededicação* do altar por parte de Asa. Os despojos incluíam muitos animais que seriam úteis para os sacrifícios, e isso fez parte das *oferendas.* Ver II Crô. 14.15. Assim, 7.000 bois e 7.000 ovelhas foram sacrificados durante a festa, como se o templo estivesse sendo rededicado. Ofertas queimadas e ofertas pacíficas sem dúvida foram incluídas. As ofertas pacíficas eram formas de prestar graças, portanto fizeram parte do culto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas.*

Quanto aos oferecimentos *muito maiores* de Salomão (como por ocasião da dedicação do templo), ver I Reis 8.62 ss. O número estupendo de 22.000 bois e 120.000 ovelhas foi sacrificado! É difícil imaginar tão grande quantidade de animais sacrificados.

15.12

Entraram em aliança de buscarem o Senhor. Outro pacto ainda. Em relação de aliança com Deus, o povo fez novo pacto a fim de relembrar e renovar a aliança estabelecida com Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* As reformas de Asa, pois, requereram uma nova aliança. Esse novo pacto era de uma renovada determinação de que buscariam a Yahweh; aprenderiam e obedeceriam à Sua lei; perpetuariam o Seu culto; dariam a Judá um novo começo com a eliminação de sistemas pagãos e suas abominações. Talvez a cerimônia tenha incluído a passagem pelo meio das metades de um boi dividido, prática que criou a expressão "cortar um pacto". Ver Jer. 34.8. Cf. Êxo. 20-24 e Deu. 29 quanto aos pactos anteriores e as boas intenções de observá-los. O povo comprometeu-se com os juramentos apropriados (vs. 14). Eles buscariam a Yahweh de todo o coração. Cf. Deu. 4.29, que contém idêntica declaração. Ver a natureza *distintiva* de Israel como o povo da lei, em Deu. 4.4-8. Judá prometeu mostrar-se distinto das nações pagãs e fez juramentos com essa finalidade. A história se repete, e as apostasias de Israel eram seguidas por períodos de arrependimento e renovação. A idolatria não poderia ser tolerada. Os que discordassem seriam executados (vs. 13).

15.13

E de que todo aquele que não buscasse ao Senhor. É provável que ninguém se tenha apresentado a dizer: "Discordo do que você está fazendo, e continuarei em minhas práticas pagãs". Mas as autoridades estariam observando. Se algum homem ou mulher se envolvesse em qualquer forma de idolatria, seria executado, provavelmente por *apedrejamento* (ver a respeito no *Dicionário*). A *idolatria* seria punida legalmente, em conformidade com a legislação mosaica, sem considerar sexo, idade, posição social ou dignidade pessoal. Ver Deu. 17.2-6.

15.14

Juraram ao Senhor, em alta voz. *Juramentos Confirmatórios.* A renovação do pacto foi feita mediante pronunciação de juramentos solenes. Muita alegria, acompanhada por gritos de júbilo, mostrava que esses juramentos tinham sido feitos voluntariamente. Tudo ocorreu na atmosfera de uma celebração. "As aclamações do povo acompanhavam os fortes sonidos da trombeta e do clarim, que, naturalmente, aumentavam a solenidade do juramento" (Ellicott, *in loc.*). Cf. I Crô. 15.28 e 23.13.

15.15

Todo o Judá se alegrou por motivo deste juramento. *A alegria* ou confirmação da lealdade a Yahweh, por meio de juramentos, não foi mera tentativa de escapar à síndrome do pecado-calamidade-julgamento. Antes, houve uma espécie de espiritualidade diferente, por meio da qual Judá, como nação, foi apanhada no reavivamento. O maior mandamento da lei é o amor, conforme se vê em Deu. 6.5. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* Judá obteve, pelo menos durante certo período, o tipo de amor divino que, naturalmente, resulta na alegria e no bem-estar.

Descanso. Em vez de sofrer calamidades, a reavivada nação de Judá gozou de *descanso.* Todos os inimigos foram olvidados, pois, por algum tempo, foi esquecido o jogo da guerra. Cf. II Crô. 14.6,7. Mas em breve esse descanso seria interrompido (ver II Crô. 16).

Acerca da Ímpia Maaca (15.16-18)

15.16-18

Estes três versículos são duplicações de I Reis 15.13-15, onde as notas expositivas foram dadas. Há algumas poucas palavras sem importância. Note o leitor como o vs. 17 contradiz II Crô. 14.3. Ao copiar o texto de I Reis, o cronista não se deu ao trabalho de *harmonizar* a declaração com o que já havia sido dito. Os *lugares altos* tinham permanecido. Ou seja, as reformas de Asa foram incompletas. Contudo, foi um grande movimento que fez grande bem a Judá. Os santu-

ários locais resistiram até o fim, a despeito de oposições periódicas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lugares Altos.*

15.19

Não houve guerra até ao ano. *Houve descanso em relação à guerra* até o trigésimo quinto ano do reinado de Asa. Isso significa que o período de tranqüilidade durou até cerca de 876 A. C. II Crô. 16.1 dá o trigésimo sexto ano como o tempo em que Baasa, rei de Israel, atacou Judá. Por isso o autor sacro falou em termos inexatos. Baasa tinha morrido antes dessa data. Ver I Reis 15.33. Não há como resolver todos os problemas de números e de cronologias no Antigo Testamento, visto que, ocasionalmente, aparecem discrepâncias. "Trata-se de uma tarefa das mais difíceis resolver essas cronologias, em todos os aspectos. E a dificuldade não pertence aos *livros sagrados* tão-somente. Todas as outras tabelas cronológicas das nações do mundo estão na mesma situação. No caso das tabelas cronológicas da história inglesa, tenho ficado, por várias vezes, perplexo, mesmo quando tenho acesso a todos os arquivos da nação. Provavelmente deveríamos ler aqui o vigésimo quinto ano" (Adam Clarke, *in loc.).* Quanto a outras notas sobre o problema, ver II Crô. 16.1. Sabemos, através de outras fontes informativas, que Baasa *morreu* no ano vigésimo sexto do governo de Asa, e assim seria impossível que eles tivessem guerreado dez anos mais tarde. Os críticos estão felizes por ver discrepâncias, e os eruditos ultraconservadores desmaiam e tentam de todos os modos (até os desonestos) tentar explicar casos como esse. Mas toda essa atividade nada tem que ver com a espiritualidade.

Capítulo Dezesseis

Prossegue o reinado de Asa. Ver a introdução ao capítulo 14 de II Crônicas.

Guerra Civil. O Tratado de Asa com Arão (16.1-14)

Paralelo. Ver os comentários em I Reis 15.17-22 quanto ao mesmo material.

16.1

Cf. os vss. 1-6 com I Reis 15.17-22.

Uma Discrepância. A declaração deste primeiro versículo tem causado um insolúvel problema cronológico. Eugene H. Merrill, que heroicamente tenta solucionar tais problemas bíblicos, ofereceu estas sugestões: "No ano 36 do governo de Asa, ele foi confrontado por Baasa, rei de Israel, que erigiu uma fortaleza na fronteira entre Israel e Judá, em Ramá, cerca de dez quilômetros ao norte de Jerusalém. O propósito de Baasa era impedir outros movimentos dos israelitas para o sul na direção de Judá. Surge aqui um problema: as datas de Baasa (909-886 A. C. — cf. I Reis 15.33) requerem que sua *morte* tenha ocorrido dez anos *antes* do ano 36 do governo de Asa. Isso tem levado alguns eruditos a concluir que o ano 35 (II Crô. 15.19) se refere ao ano 35 do reino de Judá de sua divisão de Israel, em 931 A. C. Isso resultaria em 896 A. C, o que é improvável, pois o trigésimo quinto ano do reino dificilmente seria chamado de 'o ano 35 do reinado de Asa'. Mais provável é que esses números estejam baseados no equívoco de algum copista, em que as cifras hebraicas referentes ao ano 35 (15.19) e 36 (16.1), podem ter sido, na realidade, os anos décimo quinto e décimo sexto. Isso empurraria a data dos eventos do capítulo 16 para 895 A. C., dentro do reinado de Baasa". O sr. Merrill, caros leitores, não pode ter suposto que o autor original, o *cronista,* fosse aquele que produziu, primeiramente, esse erro. Mas ao passarmos dos livros de Reis para os livros de Crônicas, notamos que, quando há alguma discrepância, esta é sempre do cronista, pois o autor de Reis sempre se mostrou mais exato nas notas cronológicas. Erros como esses, porém, não têm nenhuma importância para com a espiritualidade, nem para com uma teoria sã da inspiração das Escrituras. Ver meus comentários sobre II Crô. 15.19. Entretanto, W. A. L. Elmslie, *in loc.*, fala de uma inscrição gravada em uma estela, que parece apoiar a informação do cronista em contraposição à informação dada em I Reis. Essa inscrição foi feita por Ben-Hadade, em cerca de 850 A. C. Se isso realmente está correto, então a discrepância permanece de pé; mas, nesse caso, o autor dos livros de Reis incorreu em erro.

Ver as notas expositivas sobre o trecho paralelo de I Reis 15.17. O autor dos livros de Reis prefixou suas observações lembrando-nos da contínua guerra civil que houve entre Israel e Judá no tempo de Baasa (ver I Reis 15.16).

16.2

Então Asa tomou prata e ouro dos tesouros da casa do Senhor. O trecho paralelo é I Reis 15.18, onde foram oferecidas as notas expositivas. O cronista considerou supérflua à sua história a notícia genealógica referente a *Ben-Hadade.* O livro de Reis diz que *todo* o ouro e prata foi tirado do tesouro do templo. O cronista não usou a palavra *todo,* julgando-a forte demais.

16.3

Haja aliança entre mim e ti, como houve entre meu pai e teu pai. Ver o trecho paralelo de I Reis 15.19, que é essencialmente igual, exceto por algumas diferenças verbais sem importância. Ben-Hadade (ver sobre ele no *Dicionário*) gostava tanto de guerra quanto de dinheiro e por isso aceitou suborno de Asa e atacou Baasa.

16.4

Ben-Hadade deu ouvidos ao rei Asa. Ver I Reis 15.20, o trecho paralelo, quanto à exposição. Os versículos são os mesmos, exceto pelo fato de que o cronista dá o nome de uma das cidades que Ben-Hadade atacou como Bete-Main, em vez de Abel-Bete-Maaca. Não há como explicar a diferença, a qual Ellicott supor ser um "antigo equívoco", seja da parte do cronista, seja de algum copista subseqüente. Além disso, os livros de Reis dizem *Quinerete,* que o cronista omite. Ver Jos. 19.35. Era uma cidade de Naftali. O mar da Galiléia era chamado de mar de Quinerete (Jos. 12.3), devido à proximidade daquele lugar. O cronista parafraseou os livros de Reis, em vez de copiá-los precisamente.

16.5

Ouvindo isso Baasa deixou de edificar a Ramá. O trecho paralelo é I Reis 15.21, exatamente igual e onde foram fornecidas as notas expositivas. O cronista não mencionou a cidade de *Tirza,* o lugar para onde Baasa foi quando interrompeu seu programa de construções em Ramá.

16.6

Então o rei Asa tomou todo o Judá. O paralelo é I Reis 15.22, onde são dadas as notas expositivas. Conforme era típico em seu estilo, o cronista abreviou seus escritos, omitindo a *proclamação* feita por Asa que convocava operários para carregar materiais de construção até Geba. Trabalho forçado foi utilizado nesse projeto. Diante de uma convocação do rei, todos tinham de ir.

Asa Repreendido por Hanani (16.7-10)

Esta breve seção não tem paralelo em I Reis. No capítulo 15 do trecho paralelo, o autor concluíra a história de Asa sem tardança (vss. 23 e 24). Mas o cronista precisou incluir a história da repreensão de Hanani, porquanto viu nisso alguma significação espiritual. Embora fosse um excelente rei, em um momento de crise Asa buscou a ajuda do monarca sírio para solucionar seu problema com Baasa, rei de Israel. Ele deveria, porém, ter clamado a Yahweh, que teria provido um meio diferente de manter Baasa afastado. Conforme diz um ditado popular: "Grandes homens, grandes erros". Talvez a enfermidade nos pés, da qual ele morreu (I Reis 15.23; I Crô. 16.2) tenha sido uma punição por seu alinhamento apressado com o paganismo. Além disso, ele procurou a ajuda de médicos (um ato herege, de acordo com a antiga cultura hebréia), e não a ajuda de Yahweh: "Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades" (Sal. 103.3). O cronista, pois, quis dizer-nos que Asa, em seus anos posteriores, sofreu alguns reveses espirituais. Daí por diante, não foi nem metade do homem que era antes.

16.7

Naquele tempo veio Hanani a Asa. Quanto ao que se sabe sobre Hanani, ver o *Dicionário.* Ele repreendeu a Asa no estilo dos antigos profetas. Cf. Isa. 30.7,15 ss.; 31.1,3; Jer. 17.5; Osé. 5.13; 7.11; 8.9 e 12.1.

A Vitória Perdida. Se Asa tivesse corajosamente enfrentado Baasa e Ben-Hadade, teria alcançado estrondoso triunfo sobre aquela aliança profana. Assim sendo, se ele escapou dos assédios de Baasa, também perdeu uma vitória que lhe teria sido mais benéfica do que evitar uma guerra civil. Asa esqueceu, pelo menos momentaneamente, que Yahweh, e não os soldados, era quem concedia vitórias militares. Ele esqueceu que Yahweh, e não as alianças firmadas com reis pagãos, era quem determinava os destinos. Ele havia obtido uma vitória significativa sobre o exército avassalador de um milhão de etíopes comandados por Zerá (ver II Crô. 14.12), mas esqueceu-se disso. Asa estava ficando velho e cansado, debilitado física e espiritualmente. Seu antigo fogo se apagara. O autor de Reis omitiu os fracassos de Asa, exceto os referentes aos lugares altos, que ele não removeu (II Crô. 15.14).

16.8

Acaso não foram os etíopes e os líbios grande exército...? *Um Lembrete.* O poder de Yahweh fora suficiente para a crise passada e seria suficiente para qualquer outra ocasião.

Cá meu "Ebenézer" ergo,
Pois Jesus me socorreu;
E por sua graça, espero
Transportar-me para o céu.

(Robert Robinson)

A *combinação* de Ben-Hadade (rei da Síria) com Baasa (rei de Israel), este último um homem violento, era temível. Mas o ataque desfechado por Zerá, o etíope, foi mais temível ainda, e, no entanto, Asa conseguiu vencê-lo. Ver II Crô. 14.9 ss. quanto à narrativa. Asa tinha obtido uma vitória *extraordinária*, mas o passado não era suficiente para fortalecê-lo. Seus anos finais de vida foram maculados por atos de fraqueza, tão comuns à experiência humana. Justamente quando, em razão da experiência, deveríamos ser mais fortes, a idade avançada vem e estraga as coisas. O homem que era um leão aos 30 anos de idade transforma-se em um cordeiro aos 65. Há algumas poucas coisas que os seres mortais conhecem que os imortais desconhecem. Uma delas é quão terrível coisa é envelhecermos e perdermos os nossos poderes.

"Os cuxitas e os líbios faziam parte das tropas do exército de Sisaque (II Crô. 13.3). Como é claro, pois, Zerá se tornara senhor do Egito" (Ellicott, *in loc.*).

16.9

Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra. Este é um dos mais excelentes e conhecidos versículos dos livros de Crônicas. Reflete o *teísmo*, e não o *deísmo* (ver ambos no *Dicionário*). O *Criador* não abandonou a Sua criação nem a deixou à mercê das leis naturais (deísmo). Antes, mostra-se ativo, intervindo na história humana, recompensando e punindo. Este versículo, portanto, oferece um *teísmo ativo*. Os olhos de Deus percorrem toda a terra. O que é bom é abençoado; o que é mau é punido. As causas dos homens são tomadas e defendidas quando coincidem com a vontade divina. Os olhos divinos vêem tudo e nunca se equivocam quanto ao que percebem.

"Os olhos da onisciência divina estão em *toda parte*, e os olhos de Sua misericórdia e bondade, de Seu cuidado e providência, estão aqui e acolá, em todos os lugares do mundo inteiro, ao mesmo tempo. Ver Zac. 4.10" (John Gill, *in loc.*).

Cf. Jó 1.7 e 2.2. Ver também Jer. 5.1. "Não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel (Sal. 121.3b,4)" (Ellicott, *in loc.*).

Procedeste loucamente. Asa fez o que não deveria ter feito, e perdeu o que estava destinado a ganhar. Cf. II Sam. 24.10 e I Crô. 21.8. Teve uma fraqueza nervosa justamente quando deveria mostrar-se forte, por amor a Judá. Era uma tolice confiar em Ben-Hadade, e não em Yahweh.

Aquele que se apega ao momento exato
É o homem certo.

(Goethe)

Um homem sábio faz mais oportunidades
do que as encontra.

(Francis Bacon)

Guerra, e Não Paz. Asa fez uma aliança profana na tentativa de obter paz. Mas nada obteve senão conflito até o fim de seus dias. Nem o autor de Reis nem o cronista descrevem esses conflitos, mas I Reis 15.32 assegura-nos sua ocorrência.

16.10

Porém Asa se indignou contra o vidente. Em sua ira sem justificação (pois fora Yahweh quem o repreendera), o porta-voz da profecia e reprimenda, Hanani, foi colocado na prisão e seus pés foram amarrados a um tronco. Em seguida, outros foram maltratados, provavelmente por terem feito objeção ao tratamento que Asa concedera ao profeta, ou por terem, de alguma maneira, ofendido o rei. É provável que Asa tenha aplicado multas, prisão e desemprego. O grande homem de Deus, Asa, tornou-se um pigmeu. "Seu coração foi endurecido pelo engano do pecado" (Adam Clarke, *in loc.*). Estava agora praticando a lei do ódio, e não a lei do amor.

Conclusão do Reinado de Asa (16.11-14)

O paralelo é I Reis 15.23,24.

16.11

Eis que os mais atos de Asa. Este versículo é idêntico a seu paralelo, I Reis 15.23, exceto pelo fato de que o cronista adiciona o pequeno comentário "assim os primeiros como os últimos" para descrever o assunto concernente à vida de Asa, que estava em uma de suas fontes informativas, o *livro dos reis de Judá e Israel*. Ver I Reis 14.19 quanto a esse livro. Quanto aos livros perdidos do período do Antigo Testamento, alguns dos quais foram usados como fontes informativas para vários livros canônicos, ver tanto a referência dada como os trechos de II Crô. 9.29 e 12.15.

16.12

No trigésimo-nono ano do seu reinado caiu Asa doente dos pés. O trecho paralelo é I Reis 15.23, que diz somente que Asa adoeceu dos pés. O cronista faz uma nota cronológica. A doença atingiu Asa no trigésimo nono ano de seu governo, isto é, somente dois anos antes de sua morte. "... sua enfermidade é geralmente pensada como a gota em seus pés, uma justa retaliação por ter posto os pés do profeta no tronco... as dores foram aumentando até se tornarem muito severas e intoleráveis, com ataques freqüentes e cada vez mais agudos... Segundo um médico muito erudito (Scheuchzer, *Physic. Sacr.* vol. 4, pág. 645), a doença não era a gota, mas o que ele chamou de *aedematous*, um inchaço dos pés que chega até os intestinos e é acompanhado por maiores inconveniências, como tensão no abdome e dificuldade para respirar... " (John Gill, *in loc.*). Seja como for, Asa ficou aparentemente incapacitado, e seu filho, Josafá, foi co-regente no trono. O ano de sua enfermidade foi 872 A. C.

Contudo na sua enfermidade não recorreu ao Senhor. O cronista por certo estava chocado quando escreveu essas palavras. O rei Asa tinha desintegrado a tal ponto, em sua idade avançada, após um longo reinado, que nem mesmo uma grande enfermidade o levou a buscar Yahweh. Nem ouvimos que ele tenha libertado o profeta Hanani da prisão. Em sua indignação, o cronista informa-nos que o rei buscou os *médicos*. Isso pode parecer-nos apenas natural, mas devemos lembrar que, para os antigos hebreus, era uma heresia buscar cuidados médicos, pois, afinal de contas, era Yahweh o especialista em curar enfermidades (ver Sal. 103.3). Foi somente bem mais tarde no judaísmo que essa atitude mudou. E nos dias modernos tal atitude prossegue em certas denominações. Mas sabemos que todo conhecimento é dado por Deus, e a cura por meio de medicamentos é a cura de Deus, um presente Seus aos homens.

Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de dúvida.

(Tiago 1.17)

Tomei meu primeiro antibiótico aos 18 anos de idade. Eu estava com a garganta muito infeccionada, e orei muito pedindo a cura. Em seguida, fui consultar o médico, porque minhas orações não estavam sendo eficazes. Ele me deu uma única injeção de penicilina, e em um dia tive minha cura "miraculosa". Até hoje oro por mim e por outras pessoas pedindo curas, mas não hesito em usar medicamentos. Deus faz intervenção sobrenatural quando esse é Seu desejo. Portanto, louvemos a Deus pelos *medicamentos* e pelos *milagres!* Ver no *Dicionário* os verbetes *Cura* e *Milagres*.

É possível que os curadores que Asa conheciam não fossem como os médicos que conhecemos hoje em dia e, sim, mágicos, exorcistas e praticantes de artes ocultas, que também trabalhavam com a medicina de ervas. As antigas práticas médicas misturavam o uso de encantamentos, amuletos, exorcismos e aplicações mágicas. Foi esse *tipo* de medicina que Asa buscou, portanto não nos admiremos que o cronista o tenha criticado. Sabemos, porém, que os antigos hebreus eram contrários a qualquer tipo de *medicina natural*, e não meramente aos atos de médicos-mágicos.

16.13

Descansou Asa com seus pais. O trecho paralelo é I Reis 15.24, exceto pela informação do cronista de Asa morreu no quadragésimo primeiro ano de seu reinado. Ver sobre *Notícias Fúnebres* dos reis de Israel e de Judá, em I Reis 1.21 e 16.5,6.

16.14

Sepultaram-no no seu sepulcro. O trecho paralelo é I Reis 15.24, mas o cronista adiciona detalhes: 1. Asa tinha preparado de antemão seu próprio sepulcro, que pode ter sido um jogo de túmulos da família, em distinção a outros túmulos reais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepulcro dos Reis*. 2. Os restos mortais de Asa foram depositados em um rico jardim de aromas suaves e vários tipos de especiarias. John Gill, *in loc.*, referiu-se a flores de doce odor e ervas de especiarias como mirra, cássia e cinamomo. Essas ervas eram espalhadas no local onde se colocava o morto, e provavelmente também por cima do corpo. 3. Houve então *grande queima*, não do corpo, pois os hebreus antigos não praticavam a cremação, mas das especiarias e dos materiais usados para sepultá-lo. Foi uma espécie de holocausto em honra ao rei morto. Pois, embora ele tivesse desintegrado no fim, considerando a totalidade de sua vida, foi um dos melhores monarcas de Judá.

Embora esses atos sejam similares aos ritos de sepultamento no Egito, com paralelos até nas práticas gregas e romanas, não há razão para supor que a Asa tenha sido dado um sepultamento tipicamente pagão. Os hebreus simplesmente esforçaram-se por honrar a um grande rei. Encontramos algo similar nos escritos de Virgílio, *Aen.* vi. 214.

O ano da morte de Asa foi 870 A. C.

Capítulo Dezessete

Josafá e Seu Reinado Poderoso (17.1 – 20.37)

Em consonância com seu propósito, o cronista continuou a contar a história dos reis de Judá, exaltando a dinastia davídica, mas ignorando completamente as histórias dos reis de Israel. Estes últimos só foram mencionados quando algum incidente os envolveu com os reis de Judá. Em contraste, os livros de Reis relataram as histórias tanto dos reis de Israel como dos reis de Judá, alternando entre eles e seguindo uma ordem cronológica aproximada.

As datas de Josafá foram 873-848 A. C. Ele foi co-regente quando seu pai, Asa, por três anos, esteve incapaz devido à enfermidade que lhe atingiu os pés (ver II Crô. 16.12). O cronista, de modo geral, fala favoravelmente a respeito de Josafá. Quanto a detalhes completos, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Ver também *Reino de Judá*, que dá uma lista e descrições de todos os reis desse reino. Além disso, ver o artigo chamado *Rei, Realeza*, que apresenta gráficos comparativos dos reis de Israel e Judá, juntamente os reis de potências estrangeiras.

O autor de Reis falou bem especialmente sobre *três* reis de Judá: Josafá, Ezequias e Josias. O cronista usou os materiais, por vezes condensando-os e ocasionalmente adicionando algo de sua própria pena. Provavelmente, *novos* materiais foram incluídos de fontes que o autor de Reis não dispunha ou preferiu não usar. Ver sobre *Livros Perdidos da Bíblia*, em I Reis 14.19; II Crô. 9.29 e 12.15. Esses eram livros não-canônicos que serviram como obras de consulta quanto a certos livros canônicos do Antigo Testamento. No tocante a Josafá, além dos materiais disponíveis em Reis, o cronista adicionou duas histórias importantes: os arranjos para ensinar o povo nos caminhos de Yahweh e um novo sistema judicial.

17.1

Em lugar de Asa reinou seu filho Josafá. O trecho paralelo de I Reis 15.32 informa-nos que Judá e Israel estiveram em guerra constante nos dias de Asa (pai de Josafá). Portanto, foi apenas lógico que o novo rei fortalecesse Judá como uma medida preventiva. Ele não podia confiar na nação do norte, Israel. A paz seria preservada mediante preparativos para a guerra, e não por belas palavras da diplomacia. "Os reinos de Israel e Judá foram *rivais* desde o começo, e às vezes um, às vezes outro prevalecia. Asa e Baasa eram rivais à altura, mas, após a morte de Baasa, Israel ficou grandemente debilitado por contenções civis, e Josafá obteve a ascendência. Ver I Reis 16.16-23" (Adam Clarke, *in loc.*).

O capítulo 17 de II Crônicas não tem paralelo nos livros de Reis.

17.2

Ele pôs tropas em todas as cidades fortificadas. *Os meios de fortificação* são listados neste versículo. Eram as fortificações usuais de cidades colocadas estrategicamente para proteger as fronteiras não-marcadas de Judá e para resistir a ataques, sem importar de que direção viessem. Cf. as *quinze* cidades fortificadas por Roboão, em II Crô. 11, onde apresentei um gráfico que mostra as cidades formando um círculo irregular para proteger todas as fronteiras a norte, sul, leste e oeste. Além de fortificar cidades que pertenciam ao território de Judá, Josafá também fortaleceu as cidades que seu pai havia conquistado no território de *Efraim*. Isso dava segurança adicional à fronteira norte de Judá, onde ela se fazia mais necessária. Ver II Crô. 15.8 quanto às cidades tomadas por Asa em Efraim. Ver também II Crô. 14.6,7.

17.3

O Senhor foi com Josafá. Josafá andou nos caminhos de seu pai, Asa, e imitou o exemplo do rei ideal, Davi. Quanto a Davi como *rei ideal*, ver I Reis 15.3. Embora Davi tenha cometido pecados horrendos, nunca foi idólatra, e era isso que o cronista mais apreciava. Ver como o autor falou bem de Asa, pela mesma razão (II Crô. 14.2 ss.). Quanto à filosofia do *rei ideal*, ver Deu. 17.14 ss. Para o cronista, a principal qualificação era a *espiritualidade*, julgada por quão bem cada rei seguia e promovia a legislação mosaica. Essa lei tornava Israel um povo distintivo (ver Deu. 4.4-8).

Nos primeiros caminhos de Davi. O cronista alude aqui, indiretamente, aos grandes pecados de adultério com Bate-Seba e o assassinado do marido dela, Urias (II Sam. 11-24). Esses erros pertenceram aos últimos anos de vida de Davi, e dificilmente deveriam ser seguidos.

Não procurou a Baalins. Ou seja, imagens de escultura, cultos e práticas associadas a Baal (ver a respeito no *Dicionário*), que o cronista mencionou como exemplo dos tipos de idolatria que serviram de praga tanto para Israel quanto para Judá. Ver no *Dicionário* o artigo *Idolatria*.

17.4

Antes procurou ao Deus de seu pai. A *fidelidade* às questões espirituais era julgada por quão de perto um homem seguia a lei mosaica, o que ilustrei nos comentários sobre o versículo anterior. Davi foi um campeão nessa questão, se pudermos esquecer, por um momento, os seus estúpidos erros e lapsos. Em seus anos de juventude, Asa também foi um campeão de espiritualidade. Josafá seguiu a boa tradição paterna. Note-se como o cronista, em suas tendências para com Judá, contrastou tal boa conduta com o que acontecia nas tribos do norte, Israel, onde a idolatria chegou a tomar conta de tudo. Jeroboão havia estabelecido em Dã e Betel a adoração ao bezerro e outras formas de idolatria, que havia firmado como uma contrafé, em rivalidade pagã com Jerusalém e seu templo, onde o yahwismo era promovido. Quanto ao *pecado de Jeroboão*, ver I Reis 12.28 ss. Quanto a como ele levou Israel a pecar, ver I Reis 15.26 e 16.2. O cronista ignora aqui as coisas que a maioria dos homens considera motivos de grandeza — dinheiro, riquezas materiais, poder militar — e pôs todos os ovos na cesta da *espiritualidade*. Ver no *Dicionário* os vários artigos sobre *Lei*.

17.5

O Senhor confirmou o reino na sua mão. Como no caso de *Salomão*, visto que Josafá dava valor supremo à espiritualidade e buscava em primeiro lugar o reino de Deus (ver Mat. 6.33), todas as outras coisas lhes foram acrescentadas, ou seja, poder, fama e bem-estar material. Seu reino foi forte. Seus inimigos não ousaram atacá-lo. "A piedade é o melhor apoio do governo. O trono é mais bem sustentado pela verdade, pela justiça e pela misericórdia. Mediante essas práticas, Josafá estabeleceu-se em seu reino e ocupou um lugar no coração do povo" (John Gill, *in loc.*).

As Riquezas Materiais Multiplicaram-se. O povo trazia voluntariamente riquezas para o tesouro do templo e para os labores de Josafá, parte dos quais, sem dúvida, foram as fortificações citadas nos vss. 1-2. Em termos secundários, o rei tornava-se (materialmente) um pequeno Salomão, embora o ultrapassasse em termos espirituais.

Presentes. "Essa palavra com freqüência significa *tributo*, conforme se vê no vs. 11, mas aqui, como é óbvio, denota os dons voluntários de súditos leais, usuais no começo de um reinado (ver I Sam. 10.28)" (Ellicott, *in loc.*).

17.6

Tornou-se-lhe ousado o coração. O rei Josafá teve o coração encorajado por seus sucessos e pela aprovação tanto de Deus como dos homens. Fortaleceu-se de tal modo que, na verdade, foi capaz de demolir os *lugares altos*, como nem mesmo Asa teve poder de fazer (ver I Reis 15.14). Ver sobre *Lugares Altos* no *Dicionário*. Naturalmente, seus triunfos foram temporários, porquanto era impossível desvencilhar-se dos santuários locais, que sempre tendiam para a idolatria ou se tornavam abertamente idólatras. Notemos como II Crô. 20.33 contradiz o presente versículo ao afirmar que os lugares altos não tinham sido tirados. Presumimos que isso se refere a um tempo posterior, quando esses lugares altos voltaram a ser uma praga em Judá. Os críticos, entretanto, pensam que temos aqui uma simples contradição, pois este versículo representaria mais anseios do que realidade. Ou talvez o versículo se refira a uma sucesso *parcial*. John Gill supunha que os lugares altos deixados foram os dedicados a Yahweh, mas essa opinião dificilmente está correta. A referência a II Crô. 20.33 certamente é negativa. Por outra parte, o templo de Jerusalém visava *centralizar* a adoração e eliminar santuários locais, bons ou maus. Talvez deixar lugares altos de boa qualidade tenha sido referido negativamente, pois anulava o esforço de centralização. Novamente, isso não me convence.

17.7

No terceiro ano do seu reinado. *Ensinando a lei.* A história que o cronista contou sobre Josafá adicionou *dois* itens importantes aos citados pelo autor dos livros de Reis: 1. arranjos para ensinar o povo nos caminhos de Yahweh; 2. um novo sistema judicial.

A presente passagem dá-nos o primeiro desse itens. Os vss. 7-9 descrevem o empreendimento e como o rei o realizou. Ele não estava satisfeito com as festividades anuais em Jerusalém como meio de educar o povo de Israel. Deve-

mos lembrar que o povo não possuía cópias da Bíblia. Os levitas tinham de aceitar essa incumbência. O ensino era oral. Poucas pessoas podiam ler e escrever.

Agentes do Ensino. O rei dependia de grandes figuras do governo para encabeçar o programa de ensino, homens de respeito que atraíssem a atenção das massas. Em primeiro lugar, havia os *príncipes,* cujos nomes são listados no vs. 7. Eram homens leigos, mas notórios. Em seguida, o rei levou os levitas, que seriam os responsáveis pelo ensino propriamente dito. Ver no *Dicionário* sobre os nomes que figuram somente aqui em todo o Antigo Testamento. A presença das autoridades civis deu poder para os levitas efetuarem seu ministério. Agentes do rei não permitiriam que houvesse nenhum desvio do propósito que o rei tinha em mente.

"Nesses versículos encontramos um notável relato de um *ministério itinerante* estabelecido por Josafá. Para o trabalho, ele empregou *três* classes de homens: 1. os príncipes; 2. os levitas; e 3. os sacerdotes" (Adam Clarke, *in loc.*).

O ministério pode ter sido amplo o bastante para incluir instruções sobre leis civis, deveres e direitos dos cidadãos. Seriam os príncipes que tomariam conta desse aspecto. O ensino espiritual foi deixado a cargo dos levitas e sacerdotes.

17.8

E com eles os levitas... os sacerdotes. Nove levitas e dois sacerdotes encabeçavam o ministério de ensino espiritual. Ofereço o que se sabe sobre eles em artigos no *Dicionário.* Por conseguinte, "a comissão compunha-se de um misto de pessoas civis e eclesiásticas. Cf. I Crô. 13.13; 23.2 e 24.6" (Ellicott, *in loc.*). A delegação era composta de dezesseis membros (cinco civis e onze religiosos). Não há outras informações sobre essas pessoas além do que se lê no presente capítulo. Mas eram pessoas conhecidas do rei, capazes de realizar a tarefa por ele idealizada e em quem ele confiava explicitamente.

17.9

Tendo consigo o livro da lei do Senhor. *O Manual do Ensino.* Os eruditos conservadores vêem aqui *todos* os livros do Pentateuco. Os críticos vêem apenas porções dos cinco livros, além de algum material que, finalmente, não entrou nos livros canônicos. É correto dizer que a *legislação mosaica* era o livro básico do ensino, e talvez já houvesse uma coleção completa do Pentateuco àquela época, cerca de 850 A. C.

A Educação Religiosa. Essa educação é ordenada no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 6.7-9; 11.18-20. O rei estava levando a sério a injunção bíblica. Veja também o leitor como a Grande Comissão, ordenada por Jesus, demandava o *ensino,* e não meramente o evangelismo (ver Mat. 28.20). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Ensino.*

Percorriam todas as cidades de Judá. Naturalmente, a menção primária é às cidades levíticas, mas também a um bom número de outras cidades. Foi uma autêntica campanha *nacional.*

"Suas leis eram as leis de Deus, e o povo sentia a *obrigação,* e sua consciência sentia-se *presa* ao dever" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.10

Veio o terror do Senhor sobre todos os reinos. *Além* de desfrutarem de toda a instrução espiritual que aprimorou a população de Judá, também houve a *proteção divina,* de modo que nenhum inimigo ousava invadir Judá. O temor sobreveio às "dez tribos de Israel e às nações estrangeiras ao derredor, como os moabitas, edomitas, sírios, egípcios, árabes e filisteus" (John Gill, *in loc.*). Assim, os tradicionais inimigos de Judá mantinham-se quietos, ao mesmo tempo que Josafá fortalecia e ensinava Judá. A piedade do rei mereceu de Yahweh várias recompensas, entre elas a paz. Cf. I Crô. 22.9 e Pro. 16.7. Quando os caminhos de um homem agradam ao Senhor, até os seus inimigos estão em paz com ele.

17.11

Alguns dos filisteus traziam presentes a Josafá. *Josafá* era o novo rei de Judá; e Yahweh estava com ele de maneira toda especial. Até inimigos tradicionais como os filisteus e os árabes traziam-lhe presentes para celebrar o seu ofício. E também pagavam *tributo,* o que significa que nem todos os presentes eram voluntários. Josafá exercia certa soberania sobre eles. Parte desse tributo compunha-se de animais domesticados que serviam como sacrifícios: 7.000 carneiros e 7.700 bodes. Ver sobre os *cinco* animais que serviam para propósitos de sacrifício, em Lev. 1.14-16. Doando *alguns* animais, aqueles povos esperavam que o rei de Judá não os atacasse nem tomasse deles todos os animais domesticados, o que representava uma elevada porcentagem de riquezas nas culturas agrícolas. Nem todas as cidades filistéias estavam sujeitas ao rei Josafá (ver II Sam. 8.1), mas talvez os habitantes de todas elas trouxessem presentes para mantê-lo feliz e com propósitos pacíficos. "Os árabes compravam a paz" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.12,13

Josafá se engrandeceu em extremo, continuamente. *O Poder e a Prosperidade de Josafá.* Josafá já se achava em posição superior, mas resolveu ser ainda mais forte. E seguiu o costume de fortalecer cidades-chaves para proteger as fronteiras. Cf. o mesmo ato e atitude de *Roboão* em II Crô. 11; ver também os atos de Asa em II Crô. 15.8 e comparar II Crô. 14.6,7. Em seus dias havia abundância de colheitas, de modo que o rei precisou construir armazéns. Ele dispunha de um extenso comércio (vs. 13), o que significa que se tornou um pequeno Salomão. Além de sua força óbvia e de seu sucesso nos negócios, ele também tinha um exército numeroso que lhe garantiria longo tempo em posição vantajosa. Josafá era próspero e orgulhoso, mas em breve o vento que sopraria do deserto faria Judá ressecar-se de novo.

Não são muitos os homens que têm
boa sorte e bom senso.

(Lívio)

A roda gira e gira
Alguns sobem e outros descem,
Mas a roda continua girando e girando.

(Josefina Pollard)

A fortuna é um deus que governa
A vida dos homens.

(Ésquilo)

"Josafá mantinha o povo constantemente empregado; eles tinham salários como paga de seu trabalho, e, pelo labor deles, o império era tanto enriquecido quanto fortalecido" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Imenso Exército de Josafá (17.14-19)

17.14-18

O rei de Judá era o *generalíssimo* de um poderoso exército, distribuído em cinco divisões, cada qual com seu próprio general, que representavam (segundo todas as aparências) as cinco divisões territoriais do reino do sul. Todos os clãs de Judá eram chamados para fornecer soldados, assim o exército representava todas as famílias de Judá. Os *totais* são os maiores números jamais atribuídos às duas tribos do sul no Antigo Testamento: Judá, 780.000; Benjamim, 380.000. Isso totaliza notáveis 1.160.000 soldados! Mas o exército de Asa consistira em 300.000 homens de Judá e 280.000 homens de Benjamim. Ellicott diz que tal aumento é claramente *inexplicável,* e os críticos chamam esses números de "exageros simbólicos". Cf. II Crô. 11.1; 13.3; 14.8 e I Crô. 12.23 ss.

Explicando os Grandes Números:

1. Não sabemos dizer como, mas temos fé para acreditar que, de alguma maneira, os números fornecidos acima estão corretos, não envolvendo erros nem do autor original nem de um escriba posterior. Assim pensam alguns estudiosos ultraconservadores.
2. *Para efeito de obter um resultado espetacular,* Josafá relaxou as regras de limites de idade e aptidão física, e incluiu no exército muitos homens que nunca, na realidade, iriam à guerra. Esse exército, afinal, não era um exército permanente. Era antes como um *exército de reserva,* que poderia ser chamado ao serviço, quando necessário, mas que não era sustentado financeiramente pelo governo central. Os *despojos* eram os salários dos exércitos antigos.
3. O rei de Judá contava com um grande *exército mercenário* que foi incluído nesses cálculos. Mas o texto sagrado não deixa subentender tal coisa.
4. *Exagero.* O colossal exército de Josafá tinha um 1.160.000 soldados, não incluindo tropas de guarnição nas cidades de Judá. Quanto a *exageros* similares, ver II Crô. 11.1; 13.3; 14.8 e I Crô. 12.23 ss.
5. Talvez a palavra hebraica aqui traduzida por *mil* indique uma unidade de número não-especificado. Tal unidade poderia ser de cem, o que reduziria consideravelmente o número. Talvez Judá tivesse 780 dessas *unidades,* e não 780.000 homens. Mas essa parece ser uma explicação *ad hoc,* ou seja, uma explicação sem evidência, inventada com "o propósito precípuo" de explicar a dificuldade.
6. *Comparações.* Visto que nos dias de Davi, mais de cem anos antes, havia 500.000 soldados judaítas (ver II Sam. 24.9), não é impossível um aumento potencial para 780.000 nos dias de Josafá.

As Divisões e Seus Generais:

	De Judá	
1.	Vs. 14: Adna, general sobre	300.000 homens
2.	Vs. 15: Joanã, general sobre	280.000 homens
3.	Vs. 16: Amasias, general sobre	200.000 homens
	De Benjamim	
4.	Vs. 17: Eliada, general sobre	200.000 homens
5.	Vs. 18: Jozadabe, general sobre	180.000 homens
	Total:	1.160.000 homens

Quanto aos nomes próprios, ver os artigos a respeito deles no *Dicionário*.

17.19

Estavam estes no serviço do rei. Esse imenso exército estava à disposição do rei Josafá, de prontidão para qualquer emergência nacional que surgisse. Além disso, mediante *turnos*, eles proviam tropas de elite para atender o rei continuamente. Cf. I Crô. 27.1-15, quanto à mesma coisa no tocante a Davi e seu exército. Cada um dos turnos criados por Davi consistia em 24.000 homens. Além dos homens que serviam a Josafá, a cada mês, e além do grande exército *lá fora*, que poderia ser convocado a qualquer momento, o rei também dispunha de tropas estacionadas em suas cidades fortificadas. Talvez esses homens também servissem à base de rotação. O autor sacro realmente nos impressionou com o caráter *formidável* do exército do rei Josafá. Pelo menos no momento, Judá era invencível. E devemos compreender que esse era um benefício conferido por Yahweh, por causa da notável espiritualidade do rei de Judá.

Capítulo Dezoito

Aliança Infortunada de Josafá com Acabe (18.1-34)

Paralelo. Excetuando os versículos primeiro e segundo, este capítulo foi copiado quase palavra por palavra de I Reis 22.1-35. "Até este ponto, constitui o maior conjunto de materiais extraído das histórias do reino do norte, usado pelo cronista. Provavelmente foi inserido aqui porque reflete Acabe e prepara-nos para a reprimenda sofrida por Josafá, no capítulo seguinte" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo 18).

Este capítulo nos surpreende, porque, tendo acabado de ler sobre a grande espiritualidade de Josafá, suas riquezas materiais e seu vasto exército, é difícil compreender como ele pôde Ter alguma coisa que ver com Acabe, do reino de Israel. Além do mais, há claras indicações no relato de I Reis de que Josafá dependia de Acabe, e até mesmo sujeitava-se a ele. Se isso é verdade, então Acabe (com o apoio de sua horrenda esposa, Jezabel) era um poder maior do que poderíamos imaginar. Naturalmente, Acabe e Josafá uniram-se mediante casamentos mistos em suas famílias. O filho de Josafá, Jeorão, casou-se com a temível Atalia, filha de Acabe e Jezabel (I Reis 21.6; 22.2). Talvez laços familiares muito tivessem que ver com a questão. "Já no fim da vida de Acabe (em 853 A. C.), ele esteve ocupado em amargas hostilidades contra os arameus, na Transjordânia (cf. I Reis 22.1-4). Josafá foi a Samaria, capital de Israel, a fim de ver Acabe. Após ter lisonjeado o rei de Judá com um elaborado banquete, Acabe exortou-o a acompanhá-lo a Ramote-Gileade unindo-se a ele em sua guerra contra os arameus" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Então Josafá, que gozava de excelente posição financeira e política, cansou-se da paz e decidiu envolver-se em algo mais excitante. Uma nova guerra foi a oportunidade.

"Somente aqui, uma narrativa *longa,* primariamente ocupada com o reino de Israel, foi incorporada aos livros de Crônicas... O cronista precisava dessa narrativa visto que esta o levou a relatar o ato subseqüente — a temível corrupção da dinastia de Judá através do casamento do filho de Josafá, Jorão (I Reis 21.5,6) com Atalia, filha de Acabe e Jezabel, adoradora de Baal. O cronista, pois, narrou a história do ponto de vista judaíta. Na digna atitude de Josafá para com o profeta Micaías (vss. 6-8), diminuiu o seu pecado ao firmar aliança com o ímpio Acabe" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

A Grande Omissão do Cronista. O cronista tinha por propósito exaltar a dinastia davídica, assim escreveu sobre os reis de Judá, e apenas ocasionalmente algo sobre os reis de Israel, quando algum incidente os envolvia diretamente com a tribo de Judá. Ele queria mostrar que, na tribo isolada de Judá, após o cativeiro babilônico, Israel teria continuação. Essa nova nação, agora composta por uma única tribo, precisava ter *autoridade* política, ou seja, um rei aprovado por Yahweh, que levasse avante os requisitos de uma nação distinta. Judá, pois, recebeu *autoridade política* mediante a continuação da dinastia davídica, terminado o cativeiro babilónico. E recebeu *autoridade religiosa* através do retorno de alguns levitas que chegaram da Babilônia.

18.1

Tinha Josafá riquezas e glória em abundância. O *cronista* proveu sua própria introdução à história da aliança entre Josafá e Acabe, nos vss. 1-2. O restante do capítulo foi copiado quase palavra por palavra de I Reis 22.1-35. Ali apresento a exposição, e faço aqui alguns poucos comentários adicionais.

Embora Josafá fosse praticamente um pequeno Salomão, em toda a sua autoridade, honra e riquezas (descritas no capítulo 17), e a despeito de sua espiritualidade superior, ele caiu na armadilha de misturar-se por casamento com a família do ímpio rei Acabe, monarca de Israel, a nação do norte. Sem dúvida, essa relação matrimonial foi um dos fatores que levaram Josafá a envolver-se em uma aliança de guerra com Acabe, resultando na infeliz campanha militar contra os arameus ou sírios. Acabe perderia a vida nessa batalha. Ver II Reis 21.5,6 quanto ao casamento indevido do filho de Josafá com a filha do horrendo casal, Acabe e Jezabel.

18.2

Ao cabo de alguns anos foi ter com Acabe em Samaria. *Uma Festa, uma Armadilha.* Acabe atraiu a Josafá com um banquete notável. Foi essa festa a abertura para uma aliança de guerra. O banquete lisonjeou o rei do sul, e logo ele estava envolvido na guerra contra os sírios. Tanto Acabe quanto Josafá foram ao campo de batalha para supervisionar. Mas o destino de Acabe era voltar como um cadáver. "A hospitalidade real é aqui apresentada como parte de um plano deliberado para obter a cooperação de Josafá na campanha militar projetada" (Ellicott, *in loc.*).

Alguns anos. Tanto a versão siríaca com a árabe dizem *dois anos.* Depois de se passarem dois anos do casamento entre as famílias reais do norte, ou Israel, e do sul, ou Judá, Josafá fez sua visita, sem dúvida a convite de Acabe. Mas talvez essa indicação de tempo se refira à trégua entre o norte e o sul, que trouxe a paz. Algum tempo depois que a paz começou, o rei do sul fez a sua visita. Quanto à trégua, ver I Reis 22.1.

18.3-34

Acabe, rei de Israel, perguntou a Josafá. II Crô. 18.3-34 é paralelo de I Reis 22.1-35 com algumas pequenas variações. Ofereço um gráfico de paralelos e alguns comentários adicionais sobre a *exposição* que figura no trecho paralelo.

Paralelos entre II Crô. 18.3-34 e I Reis 22.1-35:

II Crônicas	*I Reis*
18.3	22.4
18.4	22.5
18.5	22.6
18.6	22.7
18.7	22.8
18.8	22.9
18.9	22.10
18.10	22.11
18.11	22.12
18.12	22.13
18.13	22.14
18.14	22.15
18.15	22.16
18.16	22.17
18.17	22.18
18.18	22.19
18.19	22.20
18.20	22.21
18.21	22.22
18.22	22.23
18.23	22.24
18.24	22.25
18.25	22.26
18.26	22.27
18.27	22.28
18.28	22.29
18.29	22.30
18.30	22.31
18.31	22.32
18.32	22.33
18.33	22.34
18.34	22.35

Faço aqui alguns *comentários adicionais* à exposição geral de I Reis.

Vss. 4-27. "*Cuidado com os falsos profetas.* Esta passagem intensamente interessante ilustra uma questão que se levanta constantemente nos círculos religiosos. Duas pessoas, dois partidos, cada qual sincero, exortam sobre pontos de vista diferentes. Como outras pessoas devem julgar qual é a opinião certa? O problema era peculiarmente difícil para os hebreus, os quais acreditavam que, quando homens falavam *como profetas,* declaravam não suas próprias idéias, mas, sim, alguma mensagem de um Ser sobrenatural, recebida em transe ou êxtase. Aqui, *400* profetas prometem a vitória, mas isso não era suficiente para Acabe. Note o leitor o instinto inquieto do rei de que algo estava sendo negado... A religião hebraica, com o tempo, tentou encontrar um princípio mediante o qual se pudesse julgar se um profeta tinha falado erroneamente. O livro de Deuteronômio estabeleceu esta regra: se um profeta falasse em nome de Yahweh, qualquer coisa contrária aos requisitos fundamentais, religiosos e morais revelados no *Pacto Mosaico* não deveria ser crida. Ver Deu. 13.1-5 e cf. João 4.1-3... Jeremias (mais profundamente ainda) viu que (os falsos profetas) ignoravam os vícios e as crueldades comuns na cidade, e não percebiam que seu próprio caráter estava infectado por tais males. Esses homens, segundo Jeremias, não tinham coração puro _para transmitir o conselho de Deus. Ver Jer. 23" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Como Testar as Experiências Místicas (incluindo visões e profecias). Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Misticismo, VII, Misticismo Falso e Misticismo Verdadeiro,* onde ofereço uma discussão com detalhes que não repito aqui.

Consideremos: A parte norte da nação era essencialmente apóstata. Dificilmente poder-se-ia esperar que profetas daquele lugar trouxessem uma verdadeira mensagem da parte de Yahweh. Além disso, Acabe era um grande réprobo e pervertido. *Seus profetas* dificilmente poderiam falar por Yahweh. O *teste moral* era negativo; o *teste espiritual* também era negativo. *Conclusão:* Falsos profetas tinham dito mentiras.

Vs. 7. Micaías era *odiado* por Acabe. Bastaria essa circunstância para indicar que Micaías *era* o homem que poderia trazer a verdadeira mensagem de Yahweh. "Todos os seus dias" (Reis), ele se tinha oposto conscientemente a Acabe, o que certamente era uma virtude.

Vs. 11. Os falsos profetas *profetizavam* (no hebraico, *nebuah,* palavra que indica fanfarronice e delírio). Muito barulho estava sendo feito. Foi um *espetáculo* impressionante. Cf. Jer. 29.26.

Vs. 12. Os profetas de Baal tinham uma só boca, isto é, concordavam absolutamente que a batalha terminaria bem e, assim, exortaram Acabe a seguir para a morte. Isso, de maneira indireta, era obra de Yahweh, pois o fim de Acabe chegara.

Vss. 20 e 21. Yahweh, autor do ludíbrio. Nada existe que possamos dizer para suavizar as declarações do texto. Yahweh enviou um espírito que enganasse a Acabe e assim o derrubasse. A teologia dos hebreus não tinha dificuldades com tais coisas vinculadas ao conceito de Deus. O cristianismo, porém, tem um padrão diferente e recua diante dessa implicações. Ofereço uma discussão completa em I Reis 22.22. É um anacronismo tentar corrigir este texto e fazê-lo concordar com a teologia cristã. Alguns eruditos supõem que Yahweh *tenha permitido* que se fizesse a obra que Ele queria que fosse feita, e então lançam tudo sobre a vontade permissiva de Deus. Mas o texto está falando sobre um anjo do Senhor, e não sobre um demônio. A vontade de Yahweh não somente permitiu, mas foi arranjada, para que houvesse o equívoco. A fé dos hebreus mostrava-se fraca quanto a causas secundárias. Existem poderes que operam neste mundo, para além da vontade divina, e esses poderes praticam o mal. No texto presente, entretanto, nem ao menos esse fator esteve em operação. Culpar a soberania de Deus (conforme fez Eugene H. Merrill, *in loc.*) não é uma explicação muito estética.

Vs. 28. A marca do meio do caminho. II Crô. 18.28 leva-nos à marca da metade do Antigo Testamento. Essa coletânea de documentos contém 23.148 versículos, e até agora fiz comentários sobre metade deles. Faço aqui uma pausa pela vida, energias e força de vontade que me têm sido providas para levar o trabalho a este ponto. E quanto ao resto do caminho, peço do Senhor poder espiritual, mental e físico para terminar a tarefa, talvez em 1998. Hoje é 10 de outubro de 1995.

Vs. 29. O *disfarce* de Acabe a ninguém enganou, senão a ele mesmo. Ele foi enganado por pensar que poderia escapar ao destino, que haveria de cumprir-se naquele dia, por meio de uma farsa. Seus adversários não confundiram Josafá com Acabe. E aquela flecha atirada ao acaso não se deixou enganar pelo disfarce de Acabe. Atingiu o alvo certeiro, conforme tencionava a vontade de Yahweh.

Vs. 30. O cronista não mencionou o *número* dos capitães do rei da Síria, os quais aparecem como *trinta e dois* em I Reis 22.31. As versões siríaca e árabe, para efeito de harmonia, adicionam esse número ao texto de II Crônicas.

Vs. 31. Josafá, em contraste com Acabe, ainda tinha certo número de anos para viver. Ele não haveria de morrer naquele dia, como se daria com Acabe. Portanto, quando esteve em perigo mortal, seus clamores a Yahweh mostraram-se eficazes. Quando ele gritou, seus inimigos mortais o deixaram em paz. Essa é uma excelente lição. Quando Deus está próximo, quando estamos trilhando em Seu caminho, então contamos com a *Sua proteção.* Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Um importante aspecto da lição aqui é que o rei de Judá nem ao menos deveria estar ali, naquele dia. O profeta advertira-o a não ir. Mas ele foi de qualquer maneira, atendendo à aliança profana com Acabe. Porém, mesmo debaixo dessa circunstância, Josafá foi protegido. Assim sendo, a graça e o amor de Deus fluem quando dele precisamos, mesmo quando não o merecemos.

Vs. 33. A chance matou Acabe. Ou foi mesmo apenas a chance? Haverá algo a que possamos chamar de chance? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Chance.* Ver a exposição sobre I Reis 22.34. Ali incluí poesia ilustrativa.

Vs. 34. O cronista encerrou a sua história copiando I Reis 22.35. Ele ignorou o resto da história: como Acabe morreu; como foi levado a Samaria e ali sepultado; como seu carro de combate maculado de sangue foi lavado perto de um poço em Samaria; como chegaram cães para lamber o sangue e cumprir assim uma profecia; observações de conclusão típicas das notícias de óbito, relativas aos reis de Israel e Judá. Ver I Reis 22.36. Esses detalhes não interessavam ao cronista, que somente apresentou material histórico relativo a Israel, quando isso estava intimamente relacionado a alguma história sobre Judá.

Capítulo Dezenove

Seqüela da Batalha de Ramote-Gileade. Josafá é Repreendido por Causa de Sua Aliança com Acabe (19.1-3)

Os *vss. 1-3* deste capítulo 19 não têm paralelo em Reis e constituem o comentário do próprio cronista quanto ao que aconteceu na batalha em que Acabe, rei de Israel, perdeu a vida (capítulo 18). Para apresentar sua avaliação, o cronista usou um oráculo (de reprimenda), proferido por Jeú, filho de Hanani. Quanto a este último homem, ver II Crô. 16.7. Alguns intérpretes, entretanto, não pensam estar em pauta o mesmo indivíduo. Ver os artigos sobre ambos os homens, no *Dicionário,* para esclarecimento e informação.

O capítulo 19 de II Crônicas, em sua inteireza, não tem paralelo em I Reis.

19.1

Josafá... voltou para sua casa em paz. *Acabe Estava Morto* (capítulo 18). Josafá, rei de Judá, escapou da morte pela misericórdia de Yahweh. Quão doce era voltar para casa, a salvo, deixando todo aquele terror para trás. O rei de Judá havia desconsiderado a mensagem do profeta (ver II Crô. 18.10 ss.), mas mesmo assim sua vida fora poupada. Contudo, não muito distante dali, vários soldados mortos jaziam no campo de batalha, muitos deles de Judá, porquanto o rei se havia aliado tolamente a Acabe, rei de Israel, em batalha contra os sírios.

Nisso temos a amarga lição de que ninguém peca sozinho. Cada qual arrasta outros para as conseqüências de seus atos, mesmo quando esses são inocentes quanto a qualquer malfeito: um pensamento deveras solene!

Josafá, pois, voltou em segurança e em paz, a despeito de Ter sido exposto a tão grande perigo. Mas desse perigo ele foi salvo, mediante a misericórdia especial de Deus, o único que poderia salvá-lo. Mas vemos aqui, igualmente, um contraste. Aquele homem ímpio e insensato, Acabe, não gozou de idêntica proteção. Ele estava morto, e seu carro de combate, manchado de sangue, estava sendo lavado em Samaria (ver I Reis 22.38).

19.2

O vidente Jeú, filho de Hanani, saiu ao encontro do rei Josafá e lhe disse. *A ira de Yahweh* tinha sobrevindo àquela aliança profana feita entre Josafá e Acabe. Houve grande calamidade, tal como o profeta Micaías profetizara (ver II Crô. 18.14 ss.). Jeú, filho de Hanani, foi comissionado pelo Senhor para repreender o rei de Judá por sua estupidez. Ele era culpado de haver amado aos que odiavam Yahweh. Uma vez mais, a antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento entrara em ação. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Providência de Deus.* Ver a história de Hanani em II Crô. 16.7-10. Alguns intérpretes, entretanto, supõem que ele não fosse o pai de Jeú. Ver os artigos sobre esses nomes no *Dicionário,* para maiores esclarecimentos e informações.

Acabe era idólatra, matador de profetas, perturbador de Israel, perseguidor de tudo quanto é bom, e instrumento da ímpia e horrenda Jezabel, sua esposa

infame, cruel e desprezível. Embora fosse um hebreu mediante a linhagem de sangue, Acabe era um verdadeiro pagão em toda a sua conduta. Por conseguinte, foi bastante ridículo que Josafá, um bom rei (em quase todos os aspectos) se tivesse misturado com ele. Naturalmente, havia laços familiares (seu filho se casara com a filha de Acabe e Jezabel; ver II Crô. 18.1). Sem dúvida, essa foi uma influência que o levou a fazer tudo quanto fez. Não obstante, agradar ao Pai celeste era mais importante que qualquer laço de família.

19.3

Boas cousas contudo se acharam em ti. Este versículo revisa os atos bons de Josafá, listados detalhadamente em II Crô. 17.3 ss. O profeta louvou-o por ter ele removido o paganismo de Judá, mas não se importou em lembrar que as reformas de Josafá tinham sido *incompletas*, porquanto ele não tratou devidamente dos *lugares altos* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver as declarações contraditórias sobre essa questão em II Crô. 17.6 e 20.33. O presente versículo enfatiza que, para o rei Josafá, essa era uma questão de seu *coração*. Ele tinha uma espiritualidade genuína que o fazia buscar *Elohim*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Contraste o leitor o que se lê aqui com o que se diz sobre Roboão (ver II Crô. 12.14).

Tribunais Locais (19.4-9)

19.4

O sistema consistia em tribunais locais de justiça estabelecidos nas cidades provinciais. Em Jerusalém, por sua vez, havia um tribunal superior de apelos. Alguns intérpretes pensam que, somente após o cativeiro babilônico, o sistema foi estabelecido. Mas não há nenhuma razão para duvidarmos de que Josafá foi capaz de estabelecer tal sistema em Judá.

Desde Berseba até à região montanhosa de Efraim. Ou seja, em toda a extensão do território, considerando-o do norte para o sul. Não nos são dadas as fronteiras a leste nem a oeste. O autor sacro queria que entendêssemos que o sistema judicial foi estabelecido em locais estratégicos, por todo o território de Judá.

O sistema, naturalmente, estava baseado sobre a legislação mosaica, de tal modo que obedecer às suas múltiplas leis era obedecer a Yahweh, um exercício espiritual. Era estranho para a mente dos hebreus separar o secular do religioso. Embora Israel fosse então uma monarquia, os conceitos da teocracia estavam sempre presentes. A *idolatria* deveria ser eliminada pelos juízes, que cuidariam das coisas e imporiam os ditames da lei mosaica. Disputas pessoais e injustiças seriam corrigidas em consonância com as injunções de Moisés. Josafá estava interessado na justiça, não meramente dentro do culto religioso e de elevados ideais impraticáveis. "Parte do programa de reformas de Josafá era viajar pessoalmente por todo o território de Judá, para encorajar o povo a voltar-se para o Senhor. Ele também nomeou juízes piedosos, por toda a terra, árbitros cuja tarefa era julgar sem parcialidade e sem subornos (ver Deu. 16.18-20)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Ver II Crô. 17.7 ss. quanto ao extenso *ministério de ensino* do rei Josafá. Agora ele voltava a sua atenção para a lei e a justiça. Era um verdadeiro pastor das ovelhas, em contraste com tantos outros reis renegados.

19.5

Estabeleceu juízes no país, em todas as cidades fortificadas. Esses juízes do foram cuidadosamente colocados nas cidades fortificadas. Eles serviriam de defesa e de justiça. Essas cidades, como é óbvio, eram as maiores e mais importantes, localizadas estrategicamente, lugares bons para atividades especiais. As vilas menores, que não dispunham de juízes locais, apelavam para as cidades maiores onde houvesse juízes, e assim a justiça seria feita. Os casos difíceis que os juízes locais não pudessem solucionar eram transferidos para a capital, Jerusalém, onde uma palavra final seria proferida. Ver o oitavo versículo deste capítulo, quanto ao tribunal superior de Jerusalém. "Esse tribunal central fora nomeado por Davi, mas havia sido negligenciado. Agora, porém, era restaurado. Ver I Crô. 26.29,32" (John Gill, *in loc.*). Ver Deu. 16.18-20 quanto à mesma questão, em um tempo anterior.

"Os juízes eram levitas e, como é provável, também sacerdotes e chefes de família, como no caso de Jerusalém (versículo oitavo)" (Ellicott, *in loc.*).

19.6,7

Disse aos juízes: Vede o que fazeis. *Justiça estrita era a palavra de ordem.* Yahweh era o Juiz Supremo que observaria os juízes delegados. Assim sendo, embora os homens fossem responsáveis diante da lei administrada pelos juízes humanos, esses juízes, por sua vez, eram responsáveis diante do divino *Legislador*. Era parte da crença dos hebreus que a lei mosaica fora dada divinamente, tornando Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8). Todos os oficiais, a começar pelo próprio rei (ver Deu. 17.14 ss.), estavam sujeitos à mesma lei e ao mesmo poder divino. O verdadeiro Juiz não favoreceria uma pessoa em detrimento de outra por causa de poder, dinheiro e posição social. Como é óbvio, o supremo Juiz não aceitaria subornos. O Targum diz: "Não julgarás defronte dos homens, mas defronte da Palavra de Deus, cuja *shechinah* habita contigo nas questões de julgamento". Ver Deu. 16.19 quanto a um paralelo ao vs. 7 deste capítulo. Um juiz não podia deixar-se impressionar pela *fisionomia* de alguém. A face divina estaria observando.

Não há no Senhor... injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno. A primeira dessas três palavras, "injustiça", no original hebraico é *'avlah,* que significa falta de eqüidade; as outras palavras mostram que a parcialidade, encorajada pela aceitação de suborno, termina em atos distorcidos.

19.8

Para julgarem da parte do Senhor, e decidirem as sentenças contestadas. *O Tribunal de Apelo.* A Corte Suprema foi estabelecida na capital, e levitas, sacerdotes e cabeças de clãs seriam os juízes que julgariam os casos difíceis, não resolvidos nas cidades fortificadas. A legislação mosaica ditaria todos os termos da justiça.

"Devemos reconhecer que a lei tem seu assento no seio de Deus" (Richard Hooker, *Ecciesistical Polity,* livro 1, seção 3).

Cf. este versículo com Êxo. 18.21-26; Deu. 1.15-17, onde vemos que as funções judiciais eram efetuadas por chefes de clãs nomeados por Moisés, uma extensão do sistema original. Conhecedores profissionais na lei, dotados de autoridade especial, poderiam resolver problemas difíceis. "Josafá reorganizou a administração da justiça por todo o país e estabeleceu um tribunal superior, ou Tribunal Superior de Apelos, na capital, conforme se vê em Deu. 17.8-12" (Ellicott, *in loc.*).

Três classes constituíam a Corte Suprema, conferindo-lhe certa variedade de opiniões, conhecimentos e experiências. Casos religiosos, fiscais e criminais seriam tratados por especialistas.

19.9

Assim andai no temor do Senhor com fidelidade e inteireza de coração. Os juízes da Corte Suprema receberam instrução idêntica à dos juízes das cidades fortificadas, como já vimos nos vss. 6 e 7. A justiça, dessa maneira, prevaleceria tanto no interior do país quanto na capital. "O temor do Senhor", e não o temor ou o favor dos homens, deveria governar os atos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor;* ver a primeira seção sobre o "temor de Deus". Quanto à *integridade* que os juízes deveriam manifestar, isso significa que eles deveriam agir com bondade e justiça (ver II Crô. 15.18 e 16.9). A espiritualidade deveria controlar os juízes, os julgados e a natureza e disposição inteira da *nação distinta*.

19.10

Toda vez que vier a vós outros sentença contestada. *Autoridade Absoluta.* A linguagem deste versículo está relacionada à legislação mosaica, com seus mandamentos, estatutos e juízos. Quanto à tríplice designação da lei e as distinções feitas entre os termos empregados, ver Deu. 6.1. A autoridade por trás da lei era a sua divina inspiração. Yahweh era a verdadeira autoridade em Israel. A lei de Moisés refletia a mente de Yahweh. "Tudo quanto dizia respeito a preceitos morais, ritos, cerimônias da lei, ou o que quer que pertencesse a questões civis ou religiosas de qualquer espécie" (Adam Clarke, *in loc.*).

Entre sangue e sangue. Ver Deu. 17.8. Ou seja, questões e problemas criados por homicídio, deliberado ou acidental. As aldeias, no interior, nem sempre teriam as respostas exatas para os problemas judiciais. Nesse caso, as autoridades maiores na capital, Jerusalém, resolveriam todos os problemas de justiça.

O homem que desse os julgamentos apropriados, a despeito de possíveis pressões da parte dos homens, no sentido de os casos serem pervertidos, tinha a promessa da bênção e sabedoria de Yahweh. Ele era, afinal, o verdadeiro tribunal superior de apelos. Ver o vs. 11.

19.11

Sede fortes no cumprimento disso, e o Senhor será com os bons. Essas eram as *autoridades* nas quais os cidadãos de Judá podiam confiar. Os *representantes* de Yahweh, no tempo de Josafá, eram Amarias, o sumo sacerdote, e Zebadias, o príncipe da casa de Judá. Esse homem era o *nagid,* o príncipe da tribo nomeado pelo presidente do tribunal nos casos civis, aquele que cuidava de todos os negócios do rei. Entre eles elevava-se Yahweh, que garantiria que eles seriam honrados e abençoados quando fizessem o que era direito. Ver sobre ambos os nomes no *Dicionário,* para maiores detalhes. Todos os juízes deveriam ser incorruptos e destemidos. Cf. os vss. 6 e 7. Yahweh estaria com homens corajosos, que julgassem devidamente, mas Ele julgaria os perversos.

Cf. este versículo com Eze. 8.1; Esd. 4.23 e 8.1-15.

Capítulo Vinte

Josafá Derrota uma Aliança Estrangeira. Vitória de Josafá Sobre Moabe e Amom (20.1-30)

Esta seção não tem paralelo no livro de I Reis. O cronista preservou a narrativa histórica de grande vitória e livramento de uma fonte informativa da qual o autor dos livros de Reis não dispunha, ou de uma fonte que esse autor ignorou, por razões desconhecidas. Talvez alguns dos Salmos comemorem essa vitória. O conteúdo dos Salmos 46 a 48 parece fazer alusão ao caso. São salmos atribuídos aos "filhos de Coré". Ver o vs. 19 e ss. O Salmo 83 é uma oração contra a hostil confederação formada por Edom, Amom e Moabe, além de outros grupos étnicos, e é um salmo de *Asafe*. Talvez esse profeta, cujo nome ficou registrado somente no presente capítulo e no título de alguns salmos, tenha composto esses salmos, em co-autoria com outras personagens.

"Surpreendido pela ira do Senhor (II Crô. 19.2), devido à sua aliança com Acabe (II Crô. 18 e 19.1,2), Josafá é declarado como quem enfrentou suas provas de maneira tão admirável que o cronista julgou apropriado adicionar algum comentário expositivo" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Ao enfrentar um grande exército, o rei de Judá reagiu mediante jejum e oração, e assim buscou o auxílio de Yahweh, que faria toda a diferença na batalha. A questão resultou em alegria e ação de graças, quando veio a resposta que livrou Judá de um grande mal.

20.1

Depois disto, os filhos de Moabe e os filhos de Amom. "O cronista, tendo firmado o caráter de Josafá como um rei justo, atribuiu a ele uma vitória de fé maior ainda que a de Abias (capítulo 13) e a de Asa (capítulo 14). Por muitas vezes essa narrativa tem sido chamada de parábola. Há somente um pálido paralelo em II Reis 3.4-27" (*Oxford Annotated Bible,* introdução ao capítulo 20).

Ver os *nomes próprios* deste versículo no *Dicionário,* para detalhes e melhor compreensão.

"Pouco depois da desastrosa aventura de Ramote-Gileade (capítulo 18), os moabitas, os amonitas e os meunitas lançaram um ataque contra Josafá, tendo partido do outro lado do rio Jordão. Os meunitas (cf. I Crô. 4.41; II Crô. 26.7) eram uma tribo árabe que vivia em Edom e além, a leste e ao sul do mar Morto" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Josefo chamou o exército em pauta de "uma multidão de árabes" (*Antiq.* ix.1.2).

Com alguns dos amonitas. Em lugar de *meunitas*. Nossa versão portuguesa reflete o texto hebraico, o qual, sem dúvida, está corrupto. A Septuaginta corrigiu o texto e foi seguida, subseqüentemente, por muitas traduções modernas para outros idiomas. A versão siríaca diz "homens de guerra", e a versão árabe diz "homens corajosos". Mas essas são apenas tentativas de adivinhar o que o texto hebraico queria dizer.

20.2

Grande multidão vem contra ti dalém do mar e da Síria. O exército inimigo, que avançava rapidamente, foi detectado por guardas avançados nos postos de vigilância de Judá, e um relatório foi levado imediatamente ao rei de Judá, para que ele pudesse fazer os preparativos necessários. O exército invasor vinha do monte Edom (monte Seir), conforme se vê nos vss. 10, 22 e 23, e não da Síria (no hebraico, *Arã*). As hostes adversárias já haviam chegado a *Hazazom-Tamar*, também chamada *En-Gedi*. Ver no *Dicionário* quanto aos nomes próprios. Essa localidade ficava nas praias ocidentais do mar Morto. Os territórios de Amom e Moabe jaziam a leste do mar Morto, mas o exército já os havia ultrapassado. *Maon* não ficava distante de Petra, mas um tanto mais para o sul.

E da Síria. No hebraico, temos a palavra *Arã*, conforme se dá também com a Septuaginta e a Vulgata, mas o verdadeiro texto é *Edom*, um locativo freqüentemente confundido com Arã, por causa da semelhança entre os dois nomes. Assim diz o texto da Revised Standard Version e as versões portuguesas mais modernas. "A horda confederada compunha-se de diferentes tribos que habitavam as regiões distantes que faziam fronteira com as costas norte e oriental do mar Vermelho. O avanço da horda, ao que tudo indica, foi para o ponto do extremo sul do mar Morto, tão longe como En-Gedi, cujo nome mais antigo era Hazazom-Tamar (Gên. 14.7)" (Jamieson, *in loc.*).

20.3

Então Josafá teve medo. *Buscando a Ajuda Divina.* Josafá, sendo homem espiritual, procurou primeiramente recursos e ajuda espiritual. E assim proclamou um jejum a fim de preparar Judá para o ataque, clamando pela *ajuda de Yahweh*. Cf. I Sam. 7.6. "... um ato de humilhação nacional, implicando a admissão de culpa e a intenção de invocar a misericórdia e o socorro divino. Cf. Juí. 20.26; Joel 2.12-17; I Sam. 7.6; Esd. 8.21" (Ellicott, *in loc.*).

20.4

Judá se congregou para pedir socorro ao Senhor. Uma congregação que representava a nação reuniu-se para buscar a ajuda divina. Muitas cidades fizeram-se representar e, antes de ver seus adversários, os judaítas enviaram orações a Yahweh. É provável que a assembléia se tenha reunido no templo para buscar a presença de Deus, e que o sumo sacerdote tenha consultado o oráculo para orientação.

20.5

Pôs-se Josafá em pé, na congregação de Judá. Temos aqui a oração de Josafá (vss. 5-12). Um *grande perigo* havia inspirado a sinceridade de coração e de intenções, de modo que a oração foi pura e poderosa. Note também o equívoco do autor sagrado. Ele fala sobre o "pátio novo", que reflete sua posição *após* o cativeiro babilônico, quando já estava de pé o segundo templo. Seja como for, a reunião ocorreu no átrio do templo de Salomão, onde o rei Josafá ofereceu sua oração comovente. Alguns estudiosos supõem que o átrio tenha sido ampliado ou embelezado, e assim poderia ser chamado de "novo"; mas isso é apenas uma interpretação *ad hoc,* ou seja, inventada com o propósito de explicar o vocábulo "novo".

20.6

Ah! Senhor, Deus de nossos pais. Josafá envolveu o solene nome divino de *Yahweh-Elohim*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. O que se deve entender é *Deus Eterno e Todo-poderoso* como sentido do nome divino que foi usado.

De nossos pais. O rei relembrou ao Senhor o fato de que Israel, como nação, sempre fora dependente da ajuda vinda do alto, e aqueles que agora estavam em urgente necessidade eram descendentes dos patriarcas honrados por Deus. Israel era filho de Deus (ver Êxo. 3.6,15,16 e 4.5,22,23). E o Deus era o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Yahweh-Elohim era o Senhor dos Exércitos (ver I Reis 181.15), dando a entender os poderes celestiais. Ele também tinha poder absoluto sobre todas as nações, incluindo as que estavam lançando o seu ataque contra Judá. Portanto, tudo quanto se fazia mister era Deus exercer a Sua autoridade e repreender os atacantes. Um dos atributos dos seres humanos é a *dependência*. Somente Deus é *independente*. Josafá reconheceu sua dependência e requereu que a fraqueza humana não derrotasse a ele e à nação de Judá. O *poder* de Deus, e não algum poder humano, traria salvação naquela situação crítica.

Cf. este versículo com os sentimentos expressos em Sal. 21.2 e 94.16. Ver também a oração de Asa, em II Crô. 14.11.

20.7

Porventura, ó nosso Deus. A *terra* foi dada a Israel por causa do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Haveria Yahweh-Elohim de permitir que os árabes anulassem esse propósito? O povo do pacto pediu ajuda ao Criador e Estabelecedor do pacto. Deus fizera promessas permanentes (ver Gên. 17.8), e aquele território pertenceria para sempre a Israel. Abraão era amigo de Deus, e isso significava que seus descendentes não poderiam ser *derrotados* por seus inimigos. Abraão também é chamado "amigo de Deus" em Isa. 41.8 e Tia. 2.23, e essa terminologia passou para a teologia dos hebreus e tornou-se conceito de uso comum. Hebrom, o lugar de sepultamento dos patriarcas de Israel, é, até hoje, conhecido no mundo islâmico como *el-Khalil*, "o Amigo". O poder divino havia dado aquelas terras a um amigo, e o poder divino haveria de preservá-las para os descendentes de Seu amigo, igualmente filhos e amigos de Deus.

20.8

Habitaram nela e nela edificaram um santuário. O território dado ao povo de Israel vinha sendo habitado há muito tempo (desde cerca de 500 anos antes), e um *templo* havia sido construído por Salomão, tornando-se o lugar da presença divina. Isso dava dignidade e poder a Israel, o povo da lei mosaica, e um povo distintivo por causa dessa legislação (Deu. 4.4-8). Deus havia feito *promessas* ao povo do templo (II Crô. 20.9; cf. II Crô. 6.28-31). O templo tornara-se uma espécie de monumento da segurança e das bênçãos divinas. Consolidava, em um único lugar, a adoração a Yahweh, fazendo de Israel um povo distinto dos demais. Nenhuma potência estrangeira conseguiria anular tudo quanto o templo simbolizava. Cf. este versículo com II Crô. 6.5,7,8. O *nome* habitava no templo, isto é, a *presença* de Deus. O lugar tornara-se conhecido como habitação de Yahweh-Elohim.

20.9

Se algum mal nos sobrevier. A promessa divina era que *qualquer tipo* de mal poderia ser cancelado, *caso* fosse requerido do templo. Essa é uma referência direta à informação dada em II Crô. 6.24-30. Um *grande sinal*, uma exibição celestial de poder fora dada para confirmar as promessas feitas. Ver II Crô. 7.1 ss. Ver o conteúdo do Salmo 91, o "Salmo de proteção", que concorda em espírito com este presente.

Espada por castigo, peste ou fome. A Vulgata Latina diz aqui "espada de juízo". A aliança profana de Josafá com Acabe (II Crô. 18 e 19.1,2) tinha provocado o juízo divino que estava prestes a afligir Judá. A espada estava pronta a ferir, mas não aniquilaria Judá. O rei Josafá, pois, requereu que a ira de Deus se modificasse de tal modo que se harmonizasse com as promessas feitas. Cf. I Reis 8.33,37 e 9.3, cujas notas também se aplicam aqui.

20.10

Agora, pois, eis que os filhos de Amom, e de Moabe, e os do monte Seir. "A oração foi encerrada referindo-se à *necessidade imediata.* Judá estava sendo atacado pelas *mesmas nações* que tinham sido poupadas quando Israel estava na rota do Egito para Canaã. Agora, eles precisavam da ajuda do Senhor, porque não tinham forças para enfrentar tão numeroso exército. Precisavam ser livrados de seus *ingratos* atacantes (II Crô. 20.10-12)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). A proibição para esses povos serem atacados por Israel acha-se em Deu. 2.4,9,19 e Núm. 20.14-21. Ver a recusa do rei de Edom em permitir que eles atravessassem o território edomita (Juí. 11.15 ss.). Essas tribos eram reconhecidas como aparentadas de Israel, visto que descendiam de Esaú e de Ló.

20.11

Eis que nos dão o pago. *Aqueles povos escandalosos e ingratos* estavam recompensando Israel com ataques, com a intenção de deslocá-los das terras que Deus lhes havia dado. Portanto, os judaítas necessitavam que algum tipo de repreensão especial fosse administrado, através de uma intervenção divina, em favor deles.

Judá solicitou *justiça* da parte de Yahweh, embora essa nação estivesse sendo julgada por causa de um lapso de Josafá (capítulo 18). A justiça tinha de ser *maior* do que o julgamento. Devemos lembrar que não existe coisa como *justiça nua.* A justiça divina é sempre temperada com o amor e a graça, por ser a justiça de Deus, e Deus é Amor. É errônea equiparar o julgamento com a justiça. A justiça é maior do que o julgamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos,* que ilustra esse princípio.

Além disso, o oposto da injustiça não é a justiça. O oposto da injustiça é o *amor.* Não existe justiça divina que se manifeste sem amor, que faz parte integral dessa qualidade. Por isso o rei Josafá clamou por uma justiça que ultrapassaria o julgamento da hora.

20.12

Ah! nosso Deus. O ponto final de um homem é a oportunidade de Deus. Judá, reduzido a nada, avassalado por uma força armada muito superior, precisou invocar a *El,* o poder celestial, ou seja, *Elohim,* cujo nome nos fala sobre *poder.* E o poder divino julgaria os opressores, porque em Judá havia inocência.

Os nossos olhos estão postos em ti. Esta é uma expressão que denota expectativa e esperança. Judá não tinha plano de resistência que prometesse defesa. Somente uma intervenção divina os salvaria. Cf. Sal. 123.2; 141.8 sobre o idioma dos *olhos.*

20.13

Todo o Judá estava em pé diante do Senhor. A comunidade inteira estava presente, ouvindo a oração do rei Josafá que olhava para Yahweh-Elohim em busca de livramento. Até as crianças, tão inofensivas, foram levadas a participar da assembléia. "Esperavam que o Senhor tivesse piedade deles, tivesse compaixão deles e os salvasse" (John Gill, *in loc.*).

20.14

Então veio o Espírito do Senhor no meio da congregação, sobre Jaaziel. *Um súbito sinal* de esperança foi dado. O Espírito de Deus veio sobre o levita *Jaaziel,* que recebe um artigo separado no *Dicionário.* O cronista *autenticou* o fenômeno, dando-nos uma completa genealogia do homem, para que compreendêssemos que ele realmente existiu, e que sua experiência mística era verdadeira. Jaaziel recebeu inspiração e prometeu proteção a Judá. A genealogia de Jaaziel recua cinco gerações e volta a Asafe, contemporâneo de Davi. O homem não é mais mencionado em parte alguma da Bíblia, de maneira que só o conhecemos pela ajuda dada a Judá naquela ocasião. *Triunfo* foi prometido por poderes que ultrapassavam os poderes humanos. Yahweh não permitiria que o inimigo consumisse Judá, embora um julgamento contra o rei Josafá estivesse sendo administrado por causa de seu lapso na má aliança com Acabe (ver o capítulo 18).

20.15

A peleja não é vossa, mas de Deus. Esta é uma lição que todos nós, crentes, precisamos aprender. Espera-se que o homem faça tudo quanto estiver ao seu alcance; mas, a menos que o Senhor edifique a casa, os homens edificarão em vão (ver Sal. 127.1). Os homens conduzem suas próprias batalhas, ganhando umas e perdendo outras, e quase todas as vitórias e derrotas estão alicerçadas sobre fatores triviais, independentemente de os homens o reconhecerem ou não. Mas existem batalhas que pertencem ao Senhor, pois algo vital está em jogo. Cf. I Sam. 17.47, onde a mesma coisa foi declarada quando Davi enfrentou Golias. Note-se os dois *nomes divinos* que figuram no presente versículo, *Yahweh e Elohim,* embora esses nomes geralmente não apareçam desligados um dos outro, como aqui. Ver no *Dicionário* o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de.*

20.16

Amanhã descereis contra eles. Quanto às localizações geográficas mencionadas neste versículo, ver os artigos a respeito no *Dicionário. Ziz* era um passo nas montanhas, em algum ponto no deserto de Judá, a sudeste de Jerusalém. Nenhuma batalha entre seres humanos precisaria ocorrer ali. Judá simplesmente teria de parar e observar um fenômeno inesperado, causado pelo poder divino, que poria fim, de modo eficaz, à horda que avançara contra Jerusalém.

Jeruel. Uma porção do deserto da Judéia localizada entre Tecoa e En-Gedi, um tanto para oeste do mar Morto. Sua localização exata é desconhecida.

20.17

Neste encontro não tereis de pelejar. Foi uma batalha na qual Judá não precisou lutar. O exército de Judá far-se-ia presente, mas não teria de lutar. Eles apenas cantariam louvores a Deus e fariam ruídos de alegria. A presença deles seria sentida, mas suas armas de guerra não seriam usadas. Haveria uma intervenção divina no passo de Ziz, tal como houvera no mar Vermelho, embora não nos seja dito exatamente como aconteceu. O fato é que haveria *salvação* para Judá, o livramento de um adversário esmagador. Ocorreria algo *divino* que confundiria os céticos. Ocasionalmente, em nossa própria experiência, observamos, admirados, alguma intervenção divina. E então dizemos: "O Senhor fez aquilo!". Mas então deslizamos de novo para a dúvida. E, algum tempo mais tarde, vem outra intervenção divina, que novamente nos *surpreende.* Nunca temos muita fé, mas grande coisa é observar o poder de Deus em operação. Cf. este versículo com Êxo. 14.13.

Quando Israel saiu da servidão,
Estendia-se um mar perante eles;
Meu Senhor estendeu Sua poderosa mão,
E fez o mar rolar para trás.

(H. J. Zelley)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

20.18

Então Josafá se prostrou com o rosto em terra. O rei e todo o povo de Judá tomaram-se crentes naquele momento. Eles sabiam que o que o profeta dissera exprimia a verdade. E assim, em humilde adoração, prostraram-se perante Yahweh para agradecer a vitória que sabiam estar a caminho. Este versículo contém um excelente exemplo de algo que acontece, ocasionalmente, na experiência humana. Algumas vezes nos é dado um *saber divino,* uma fé que vai além de nossa qualidade espiritual normal. E então podemos fazer qualquer coisa, não porque sejamos alguma coisa, mas porque fomos feitos alguma coisa.

Sentimos que nada somos, pois tu és Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de ti.
Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome — Aleluia!

(Alfred Lord Tennyson, The Human Cry)

Cf. este versículo com Lev. 9.24; Jos. 5.14; I Crô. 21.16 e Êxo. 34.8.

20.19

Dispuseram-se os levitas, dos filhos dos coatitas e dos coreítas. *Os levitas* de dois clãs distintos lideraram os louvores em altas exclamações. Eles levantaram-se e, de pé, gritaram de exultação. Cada um deles, naquele dia, sabia que o profeta Jaaziel (vs. 14) tinha sido inspirado pelo Espírito de Deus. E ao menos por uma vez não houve duvidosos no acampamento dos judaítas.

> *Diz ao Senhor: Meu refúgio meu baluarte, Deus meu,*
> *em quem confio. Pois ele te livrará do laço do passarinheiro,*
> *e da peste perniciosa. Cobrir-te-á com as suas penas, sob as*
> *suas asas estarás seguro.*
>
> (Salmo 91.2-4)

Os levitas que entoavam louvores foram mencionados, em distinção a outros, porque estavam agindo por seu turno, no serviço divino, naquele tempo particular. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Coate, Coatitas, Coré (Corá)* e *Levitas.*

20.20

Pela manhã cedo se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa. Tecoa (ver no *Dicionário)* era uma região ou porção do deserto da Judéia (ver o vs. 16), cerca de dezesseis quilômetros ao sul de Jerusalém. Domina uma visão sobre o tabuleiro de *Husasah.* Josafá, inspirado pela ocasião, conclamou o exército de Judá a continuar acreditando em Yahweh. O dia era de Yahweh, e não dos árabes.

Do ponto de vista natural, foi um dia terrível. Lá fora estava uma força humana selvagem, irresistível, que poderia arrasar Judá. Mas havia uma surpresa esperando por eles, cuja natureza exata era desconhecida. Para Judá, a surpresa traria salvação. Os profetas deveriam ser ouvidos não somente naquele dia, mas sempre, pois então a nação de Judá prosperaria. Quanto àquele dia particular, o profeta Jaaziel (vs. 14) era o homem em quem os judaítas deveriam acreditar. Cf. Isa. 7.9, onde vemos que a dúvida é destruidora das expectações. Cf. a questão da prosperidade com II Crô. 18.11, na batalha, obedecendo à palavra profética.

> *Oh, mundo, não escolheste a melhor parte;*
> *Não é sábio ser apenas sábio*
> *E fechar os olhos para a visão interior.*
> *Mas é sabedoria acreditar no coração.*
> *Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,*
> *Salvo o da fé, decifrado nas estrelas.*
>
> (George Santayana)

20.21

Aconselhou-se com o povo, e ordenou cantores. *Entoar cânticos* era tudo quanto Judá deveria fazer, e os levitas musicais cuidariam da tarefa, cantando "a beleza da santidade", alguma espécie de hino ou salmo que falava sobre a santidade de Yahweh. A santidade é a essência da legislação mosaica, dada aos homens por inspiração divina. Em outras palavras, falava da natureza *distintiva* de Israel, porque esse povo era da "lei de Moisés". Ver Deu. 4.4-8.

"... louvado seja Deus, o qual é glorioso em santidade e santo em todos os Seus caminhos e Suas obras... cânticos de louvor, a exemplo dos de Davi" (John Gill, *in loc.*).

Outra interpretação ainda é a de Ellicott, *in loc.*: "... homens louvando em santas vestes, ou seja, nas vestes dos levitas (I Crô. 16.29; Sal. 29.2)". A Revised Standard Version dá essa interpretação ao traduzir o versículo conforme nossa versão portuguesa, onde se lê: "vestidos de ornamentos sagrados".

20.22,23

Pôs o Senhor emboscadas. Yahweh causou alguma espécie de *confusão irracional* e *pânico* que levou os soldados inimigos a voltar-se contra si mesmos, efetuando um massacre mútuo, enquanto, o tempo todo, os levitas, entoando seus cânticos de louvor, presumivelmente eram uma causa parcial do efeito. "Os amonitas e os moabitas lutaram contra os meunitas, até que estes últimos foram aniquilados; e, *depois,* os amonitas lutaram contra os moabitas" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"... em sua confusão mental, eles se tomaram uns aos outros como se fossem... judeus" (John Gill, *in loc.*). "A autodestruição dos poderes aliados sem dúvida foi providencial" (Ellicott, *in loc.*). Alguns intérpretes vêem a intervenção divina sob a forma de seres angelicais que irradiaram um pânico incontrolável. Uma explicação *natural* foi que a própria variedade das forças aliadas contribuiu para ataques de inveja que rebentaram sob a forma de guerra generalizada, cada qual puxando da espada contra o outro. Mas o autor sagrado sem dúvida pensou em algo divino e *sobrenatural,* como verdadeira explicação.

20.24

Tendo Judá chegado ao alto que olha para o deserto. Em lugar de olhar, temeroso, para um exército que avançava, Judá olhou de cima para baixo, de seu lugar de acampamento, e nada viu senão cadáveres. O aniquilamento andou tão perto de ser total que o autor afirma que foi total. Portanto, olhando do lugar alto de Ziz, o exército de Judá quedou-se em admiração e gratidão a Deus. Ninguém queria ser morto ou ferido naquele dia, e a providência divina efetuara grande salvação.

Ao alto. "Mais provavelmente, uma colina cônica, o jebel Fereidis, ou a montanha Frank, do alto do qual eles obtiveram a primeira visão da cena da matança" (Jamieson, *in loc.*). O "lugar" de onde espiaram pode ter sido criado pelo homem, mas o cronista certamente está falando de alguma formação natural.

20.25

Vieram Josafá e o seu povo para saquear os despojos. *Recolhendo os Despojos.* O "salário" dos exércitos antigos eram os despojos, visto que as forças armadas não eram sustentadas pelo governo. Antes, esse pagamento dependia do sucesso na batalha, para então "desnudar" os cadáveres de seus objetos valiosos. Além disso, o despojo das cidades era sempre um bom suprimento de "salários". Isso sempre permitia maiores matanças e o saque de que os exércitos tradicionalmente desfrutavam. Mulheres e crianças eram com freqüência tomadas como parte dos despojos, e os haréns aumentavam muito para os soldados mais poderosos.

Naquela ocasião particular, houve tantos despojos que foi preciso *três dias* para Judá recolher tudo quanto tinha de ser recolhido. Portanto, houve grande alegria diante de tantos sofrimentos, como geralmente sucedia entre os antigos e salváticos povos. "... vestes, dinheiro, jóias, anéis, correntes e coisas de valor usadas pelos soldados" (John Gill).

Entre os cadáveres. A Septuaginta diz aqui "gado", o que requer uma leva modificação da palavra hebraica. Cf. Juí. 8.24-26, que fala dos despojos de Midiã. Talvez tantos bens, incluindo gado e outros animais domesticados, mostraram que os inimigos tencionavam estabelecer residências permanentes em Judá e, finalmente, conquistá-la por completo.

20.26

Ao quarto dia se ajuntaram no Vale de Bênção. Alegremente, os judaítas recolheram os despojos. Foram necessários três dias para terminar a tarefa. Então, no quarto dia, pararam para agradecer a Deus pela maravilha da qual tinham participado. As celebrações ocorreram no vale de Bênção (no hebraico *Beraca;* ver a respeito no *Dicionário*). Até hoje o local é chamado de *wady Beraikut.* Trata-se de um vale largo e aberto, a oeste de Tecoa, perto de estrada que vai de Hebrom a Jerusalém. Essa palavra significa "bênção", sendo a razão pela qual algumas versões traduzem o nome como "vale de Bênção", como é o caso de nossa versão portuguesa.

O Targum diz aqui "vale de Bênção". Os judeus comemoraram a notável vitória, bem como a prodigiosa quantidade de despojos tomada dos adversários invasores. O cronista acrescentou que até os seus próprios dias, após o cativeiro babilônico, o vale ainda era conhecido pelo mesmo nome.

20.27,28

Então voltaram todos os homens de Judá e de Jerusalém. *A Volta para Jerusalém.* Jubilosos, seguiram seu caminho, com o próprio rei à testa. A alegria era grande pois, afinal de contas, fora Yahweh quem lhes dera o triunfo e tão repentinas riquezas materiais. Cf. II Crô. 6.22 e Nee. 12.43. Ver também Sal. 30.2. O cortejo, sob forma representativa, conduziu a multidão até o templo (vs. 28), e ali a celebração continuou, com os sacrifícios apropriados de expiação e ação de graças, podemos estar certos, embora o texto sagrado não nos informe, especificamente, a esse respeito. Os levitas cumpriram sua arte de música sagrada, empregando vários instrumentos e entoando cânticos espirituais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais.* Foi assim que o cortejo se transformou em culto religioso, um ato de ação de graças e adoração.

20.29

Veio da parte de Deus o terror sobre todos os reinos daquelas terras. A *mensagem* da vitória de Israel espalhou-se por toda a parte, e reinos circunvizinhos desistiram de invadir Judá, pelo menos durante algum tempo. Ninguém se mostrou corajoso o bastante para lutar contra um povo que, ainda tão recentemente, desfrutara uma genuína intervenção divina. O *temor* sobreveio a inimigos potenciais. Assim sendo, o *julgamento* que Judá sofreu por causa da aliança imprudente de Josafá com Acabe (capítulo 18) foi temperado por um triunfo jubiloso dado pela

graça de Deus, baseado sobre a espiritualidade incomum de Josafá. Yahweh não esqueceu o rei de Judá, que tinha caído em um lapso. Pelo contrário, Josafá foi elevado a grande exaltação e vitória. Essa é a graça de Deus. "A Palavra de Yahweh fez guerra contra os inimigos de Israel" (o Targum, comentando sobre este versículo). Cf. II Crô. 17.10 e Sal. 48.6,7.

20.30

O reino de Josafá teve paz. Idêntica declaração foi feita no tocante ao reino de Asa. Ver II Crô. 14.5,6 e 15.15. Cf. Juí. 3.30. "A Palavra de Yahweh os fez regozijar-se" (o Targum). "Tão óbvia tornou-se a mão de Deus sobre o Seu povo que *todas as demais nações* O temeram. Dali por diante, Josafá desfrutou de paz" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Notícias de Conclusão (20.31 – 21.1)

Cf. I Reis 22.41-50, uma breve seção que constitui a narrativa sobre o reinado de Josafá. O cronista incluiu todos os elementos essenciais que ali existem, mas também acrescentou seu próprio material.

Últimos Dias de Josafá (20.31-37)

20.31

Josafá reinou sobre Judá. O *cronista* concluiu a narrativa, encabeçando suas últimas declarações com um breve sumário estatístico e notícias genealógicas. O rei começou a reinar quando estava com 35 anos de idade, e governou por 25 anos; o nome de sua mãe era Azuba, filha de Sili. O parecer final sobre o rei foi positivo. Cf. I Reis 22.42, que é trecho paralelo verbatim, ao qual adiciono alguns comentários, que não repito aqui. Josafá foi um dos melhores reis de Judá.

20.32,33

Ele andou no caminho de Asa, seu pai. Estes *dois versículos* têm como trecho paralelo I Reis 22.43, onde ofereci a exposição. Mas o cronista adicionou sua avaliação espiritual: o povo deixou de remover os lugares altos por causa de certa ausência de espiritualidade interior. O *coração* deles continuava defeituoso. Eles não buscavam a Yahweh conforme deveriam. Cf. II Crô. 17.6 e 20.33, onde a questão já foi abordada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lugares Altos.* A centralização de toda a adoração religiosa em Jerusalém foi um *ideal* que nunca teve cumprimento cabal. Ver Deu. 12.5-7.. Os santuários locais eram permanentes no coração do povo de Israel e nas colinas físicas. Os israelitas sempre tenderam para a idolatria, com freqüência envolvendo uma adoração sincretista que incluía Yahweh, mas que não fazia Dele o exclusivo Ser adorado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.*

20.34

Quanto aos mais atos de Josafá. I Reis 22.45 dá como uma de suas fontes informativas as *crônicas registradas por Jeú, filho de Hanani,* as quais foram inseridas na *história dos reis de Israel.* Ver I Reis 14.19 e II Crô. 9.29; 12.15 quanto a esse e a outros livros perdidos do Antigo Testamento.

Neste versículo, o cronista adicionou a menção de um livro escrito por Jeú, filho de Hanani. Cf. II Crô. 19.2 quanto a outra menção a Jeú, e ver o artigo sobre ele no *Dicionário.* Não sabemos dizer quantos livros os autores de Reis e Crônicas usaram como fontes informativas; mas o número desses livros deve ter sido considerável. Os hebreus sempre tiveram ótimo senso da história e conservavam registros públicos e privados, juntamente com a usual obsessão pelas genealogias. O Targum faz de Jeú o historiógrafo do rei, mas não sabemos se essa informação é ou não exata. Talvez o seu livro tenha sido um monólogo profético, cujas partes foram incorporadas aos livros de Crônicas.

A Infeliz Aliança com Acazias, Rei de Israel (20.35-37)

20.35

O cronista contou sobre a iniqüidade de Acazias, rei de Israel, mas o autor de Reis omitiu esse aspecto da questão. A presença da declaração aqui é um julgamento moral, sem dúvida para explicar *por que* a aventura marítima fracassou. Josafá repetiu o erro de entrar em alianças profanas. Cf. o capítulo 18, onde a aliança com Acabe é descrita, e como isso terminou em derrota na batalha que se seguiu, com a morte de Acabe. Cf. II Crô. 19.2. Ver II Crô. 9.21 quanto ao comércio marítimo bem-sucedido de Salomão no mar, executado com a ajuda de Hirão, rei de Tiro. Cf. o paralelo em I Reis 10.22, onde ofereci a exposição. Ver também II Crô. 9.10.

"A expressão *depois disto* só pode significar após a derrubada das três nações (vss. 1-30). Quando Acazias começou a reino no décimo sétimo ano de Josafá, depois de haver reinado por dois anos (ver I Reis 22.51), a liga entre eles foi formada nos anos 17 e 18 do rei de Judá" (Ellicott, *in loc.*).

"Josafá, arrancando uma folha do livro de Salomão, repetiu sua transgressão juntando-se ao *filho* de Acabe, Acazias, em uma expedição marítima, cujo propósito era ir a Társis" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

20.36,37

Aliou-se com ele, para fazerem navios que fossem a Társis. O autor dos livros de Reis diz-nos que os navios naufragaram em Eziom-Geber, em I Reis 22.49, informação negada pelo cronista. Ele diz que os navios foram construídos naquele lugar, mas não, especificamente, que ali naufragaram. As embarcações não atingiram seu destino, em Társis. A informação histórica correta parece ser que eles tanto foram construídos como naufragaram em Eziom-Geber, de modo que a aventura marítima fracassou desde o princípio. Presumivelmente alguma grande tempestade atingiu aquele lugar e demoliu as embarcações no porto. Seja como for, na opinião do cronista, foi *Yahweh* quem destruiu os navios, pelo que supomos que algum tipo de desastre natural súbito tenha afundado os navios recém-construídos. O autor de Reis, não obstante, nem nos diz que as embarcações foram afundadas, nem que Yahweh estava por trás desse golpe.

Eliezer, filho de Dodava. Eliezer uniu insulto à injúria, quando relembrou ao rei de Judá que ele tinha sofrido infortúnio por não ter aprendido da história: ele entrara em outra aliança profana. Josafá, tal como a grande maioria de nós, aprendia suas lições com grande dificuldade. Ver todos os nomes próprios no *Dicionário,* quanto a detalhes. A palavra de Yahweh deveria trazer cura, mas algumas vezes precisava transportar o ferrão da reprimenda. I Reis 22.49 mostra-nos que Acazias tentou de novo a sua aventura marítima, tendo convidado Josafá pela segunda vez; mas o rei de Judá declinou a oferta. Josafá já passara por um número suficiente de fracassos, por ter-se misturado com a apóstata Israel. O cronista, entretanto, não menciona um segundo convite feito a Josafá.

Capítulo Vinte e Um

Jeorão (21.1-20)

O *capítulo 21* de II Crônicas conta a história de Jeorão, rei de Judá, filho de Josafá. Em consonância com o seu costume, o cronista ignorou as histórias dos reis de Israel. Só apresentou material do reino de Israel quando este tinha importância como paralelo de uma narrativa concernente a Judá. Seu propósito era exaltar a dinastia davídica, que continuava em Judá, o reino do sul. Ele ansiava por informar seus leitores de que, terminado o cativeiro babilônico, fora através da dinastia davídica que a tribo isolada de Judá teve *autoridade política* para dar continuidade à história da nação de Israel. E a *autoridade espiritual* continuava em Judá através dos levitas sobreviventes ao cativeiro e retornar a Jerusalém.

Com as freqüentes interpretações morais e espirituais de sua história, o cronista inventou uma *filosofia da história.* Ver sobre isso nas notas de introdução (antes da exposição de 1.1) sobre II Crônicas.

Ver os artigos do *Dicionário* que fornecem detalhes: *Reino de Judá* e *Rei, Realeza.* Breves descrições são conferidas acerca dos reis de Israel e Judá e, no segundo desses artigos mencionados, gráficos ilustrativos são providos não somente sobre Israel e Judá, mas também sobre os reis de potências circunvizinhas.

21.1

Descansou Josafá com seus pais. Este *versículo* deveria ser posto no final do capítulo 20, visto que termina a história concernente a Josafá. Feito isso, o cronista passou a descrever outros *três reis* de Judá, no capítulo 21.

O trecho paralelo, verbatim a este, é I Reis 22.50, onde também ofereci a exposição.

O autor dos livros de Reis prossegue a fim de informar sobre Israel, o que não estava dentro do escopo do cronista, que só mencionava algum rei de Israel quando havia íntima ligação com histórias sobre os reis de Judá.

Variante Textual. Alguns manuscritos hebraicos e versões dizem "rei de Israel", e outros dizem "rei de Judá". Para mais informações, ver a exposição no fim dos comentários sobre o vs. 2 deste capítulo.

21.2

Teve estes irmãos. Não há paralelo desta sanguinária história nos livros de Reis. II Reis 8.16-24 dá-nos informações sobre Jeorão, mas omite esta história.

Josafá, um bom rei de Judá, foi sucedido no trono por seu filho mais velho, Jeorão, um monarca ruim. Este versículo lista os nomes dos sete filhos de Josafá, e há artigos no *Dicionário* que fornecem descrições sobre eles. Josafá, sendo um pai bom e justo, distribuiu as riquezas entre todos os filhos; mas Jeorão, sendo um homem ganancioso e querendo mais, especialmente mais poder, executou seus outros irmãos, para que ninguém pudesse competir com ele.

Note o leitor que Josafá é chamado de "rei de Israel", no versículo primeiro (pelo menos em certas versões) e também em II Crô. 12.1,6 e 28.19,27. Isso concorda com a posição histórica do autor sacro, que escreveu, terminado o cativeiro babilônico, quando Judá se tornou Israel, depois que a nação das tribos do norte tinha sido há muito obliterada pelo cativeiro assírio, e quase todas as tribos do sul, pelo cativeiro babilônico. Alguns manuscritos hebraicos e as versões siríaca, árabe e a Vulgata Latina dizem aqui *Judá,* e algumas traduções modernas as seguem.

21.3,4

Seu pai lhes fez muitas dádivas. *Independência Financeira.* Os seis irmãos de Jeorão receberam toda espécie de artigos valiosos que os tornaram financeiramente independentes, e também cidades fortificadas sobre as quais governavam como príncipes. Isso deveria tê-los deixado contentes pelo resto da vida, no entanto o ganancioso e violento Jeorão não estava feliz com a parte que lhe coube. Ele queria tudo, e também ser o rei de Judá. Por isso, apelou para a violência e mandou executar seus seis irmãos. Naturalmente, teve de esperar tornar-se rei para realizar as execuções, mas, uma vez rei, não demorou-se a cumprir o propósito poltrão. Como medida de segurança, ele também executou outros príncipes que apoiavam os seus irmãos ou objetavam ao mal que estava sendo feito. Isso posto, em um modelo tipicamente oriental, o ímpio Jeorão eliminou toda a competição ao trono. Mas o louco rei sofreria, pessoalmente, de fatal violência após somente oito anos de reinado (vs. 5).

"Tragédias similares têm sido tristemente freqüentes nas cortes orientais, em que o herdeiro da coroa considera os irmãos seus adversários mais formidáveis e, por muitas vezes, com razão" (Jamieson, *in loc.*). "Que coisa diabólica é a concupiscência pelo poder! Destrói todas as caridades da vida" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.5

Era Jeorão da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar. Ver II Reis 8.17 quanto a um paralelo quase idêntico. O breve reinado de Jeorão por oito anos foi de 848 a 841 A. C. Tal como seu pai, ele teve laços íntimos com Onri, tendo-se casado com Atalia, filha de Acabe (vs. 6), de modo que estava destinado ao terror e ao naufrágio moral.

21.6

Andou nos caminhos dos reis de Israel. *Jeorão* não precisou de ajuda para ser um pecador escandaloso, um homem vil e violento, cheio de ódio e destruição. Mas para certificar-se de que sua carreira fosse a mais temerosa possível, casou-se dentro da família de Acabe. Este versículo é cópia, palavra por palavra, do trecho paralelo de II Reis 8.18, e ali apresento a exposição.

21.7

Porém o Senhor não quis destruir a casa de Davi. Este versículo é cópia quase idêntica de seu trecho paralelo em II Reis 8.19, onde apresento a exposição. Ver também II Sam. 21.17; I Reis 11.36 e 15.4.

21.8

Nos dias de Jeorão se revoltaram os edomitas contra o poder de Judá. Este versículo é cópia quase verbatim do seu trecho paralelo de II Reis 8.20, onde apresento a exposição.

21.9

Pelo que Jeorão passou adiante com todos os seus chefes. Este versículo é quase igual ao trecho paralelo de II Reis 8.21, onde apresento a exposição. O paralelo contém o nome geográfico de *Zair,* que o cronista não citou. Isso pode ser, entretanto, uma corrupção de *Seir.* A batalha inicial foi ganha pelo rei de Judá, mas a revolta continuou, e Edom libertou-se do domínio dos judaítas. Estava operando a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). E mais ainda estava a caminho.

21.10

Assim se rebelou Edom para livrar-se do poder de Judá. *Razões Morais.* As revoltas de Edom e de Libna não ocorreram por mero acaso. Jeorão tinha de ser castigado por seus atos maus. O poder que ele havia desejado estava escorregando debaixo de seus pés, e em breve ele perderia a própria vida.

Este versículo é quase verbatim do seu trecho paralelo de II Reis 8.22, onde apresento a exposição. A narrativa de II Reis termina aqui e lança-se diretamente a uma notícia de óbito. Mas o cronista acrescenta alguns detalhes que não tinham sido dados no livro de Reis.

21.11

Também fez altos nos montes de Judá, e seduziu os habitantes de Jerusalém à idolatria. Juntamente com outras atrocidades e muitos pecados, Jeorão adicionou uma flagrante *idolatria,* levantando lugares altos nas colinas de Judá, instituindo prostituição sagrada e, provavelmente, também prostituição comum. Da nação de Judá ele fez um naufrágio moral. Reconstruiu os lugares altos que Josafá, seu pai, tentara em vão eliminar. Toda a nação tornou-se culpada de prostituição espiritual, sem falar na prostituição literal. Israel (Judá) tornou-se a esposa adúltera de Yahweh, voltando-se para muitos amantes pagãos (os ídolos). Cf. Osé. 2.5,8,13,16,17,19 e I Crô. 5.25. A *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*) por muitas vezes é referida como uma forma de adultério. Infelizmente, a Igreja cristã nunca se libertou de todas as formas literais da idolatria; e cada indivíduo tem seus ídolos particulares, debilitando assim a sua espiritualidade. Meus amigos, todos somos culpados desse tipo de pecado!

21.12

Então lhe chegou às mãos uma carta do profeta Elias. *A Carta de Repreensão.* Embora o cronista tivesse evitado mencionar nomes das tribos do norte, de reis ou não, para que suas histórias sobre Judá não o forçassem a incluir tais nomes, aqui ele precisou citar a intervenção do profeta do norte, Elias. O autor dos livros de Reis contou essa narrativa longamente (I Reis 17-II Reis 2). O cronista, por sua vez, incluiu somente uma parte que se aplicava diretamente a Judá. "Em uma palavra final de condenação, o profeta Elias enviou uma carta a Jeorão, na qual acusou o rei de comportar-se como se fosse um rei das tribos de Israel, e não como seu pai piedoso (vss. 12 e 13). Agora o Senhor feriria a nação e a família de Jeorão com *pesados golpes,* e o afligiria com uma doença incurável nos intestinos (vss. 14,15)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

A retribuição estava às portas e assumiria várias formas, todas elas devastadoras. *Problemas de cronologia* perturbam o texto neste ponto. Estaria Elias ainda vivo? Alguns fazem a carta aqui ser *profética* para evitar o problema, ou ter sido enviada através de Eliseu, no nome de Elias. Os críticos, como é natural, vêem essa carta como se tivesse sido inventada pelo próprio cronista, no nome de Elias. II Reis 2.11 deixa claro que Elias já havia sido transportado para o céu, no tempo de Josafá. Alguns manuscritos substituem *Elias* para evitar esse problema. Outros fazem essa carta ter vindo *do céu,* talvez dada através de algum profeta menor, mas o texto sagrado não deixa nada disso entendido. É inútil multiplicar explicações até acertar uma que seja adequada ou convincente. Simplesmente temos de aceitar a discrepância e não tentar inventar modos desonestos de reconciliação. Tais coisas nada têm que ver com a espiritualidade, nem são contra uma sã teoria de inspiração.

Eugene H. Merrill (*in loc.*) sai em socorro dos harmonistas, ao descobrir, em II Reis 1.17, evidências de que Elias viveu até os tempos do rei Jorão, rei de Israel (852 A. C.). Talvez ele esteja com a razão.

21.13

Mas andaste no caminho dos reis de Israel. Jeorão agiu como o ímpio rei de Israel, Acabe, o qual foi apoiado e inspirado por sua horrenda e temerosa esposa, Jezabel. Ele agiu movido pela corrupção interior e também se deixou influenciar facilmente pelo mau exemplo. Portanto, indagamos: Como pôde o filho de um homem tão piedoso como Josafá ser como Jeorão? Supomos que o exemplo paterno e a instrução possam solucionar todos os problemas com os filhos, mas descobrimos, mediante a triste experiência, que nossos filhos têm de formar sua própria espiritualidade e ganhar suas próprias batalhas. Talvez a alma seja preexistente e já traga consigo seus próprios vícios e corrupções, e seja preciso um longo tempo para corrigir algumas situações. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Preexistência da Alma.* A Igreja Ortodoxa Oriental tem-se apegado consistentemente a essa doutrina, de modo que pelo menos um ramo da Igreja cristã vê algum sentido nisso. Jeorão tornou-se um especialista na idolatria, dotado de um extenso sistema eclético que se revelava uma abominação. Ele adicionou o *homicídio* ao seu repertório de pecados, tornando-se um alvo perfeito para a vingança divina.

21.14,15

Eis que o Senhor castigará com grande flagelo ao teu povo. *A vingança divina* começaria por um golpe grande, aleijador e devastador contra a própria nação de Judá (vs. 14), e então o rei seria atingido com uma doença dolorosa e imunda nos intestinos. O golpe divino seria nacional e pessoal. Foi assim que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) asseguraria que o rei de Judá obteria o merecido. Ele tinha semeado vento e colheria redemoinho. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Retribuição*. Os filisteus e árabes invadiriam Judá (vs. 17), e podemos supor que também haveria pragas e desastres naturais. Jeorão provocou tempos de tribulação para si mesmo e para a nação. Um homem não peca sozinho. Ele arrasta outras pessoas em sua rede de corrupção, e essas também sofrem.

21.16

Despertou, pois, o Senhor, contra Jeorão. *Yahweh* tornara-se inimigo de Jeorão. Deus inspirou os filisteus e os árabes a atacar Judá e lhes concedeu sucesso na violência e nos saques praticados. Todas as riquezas que Jeorão tinha roubado de seus irmãos em breve estariam reduzidas a pó, e estrangeiros levariam o que restasse. O Targum diz-nos que "a Palavra do Senhor fez isso". O divino *interveio* contra o rei Jeorão, e este se tornou uma vítima impotente de suas próprias corrupções, promovidas durante *oito* anos.

Da banda dos etíopes. Isto é, árabes que viviam perto do território dos etíopes, tribos da Arábia do sul. Havia populações cuxitas de ambos os lados do mar Vermelho.

21.17

Estes subiram a Judá, deram contra ele e levaram todos os bens. As hordas atacantes não somente saquearam, mas também levaram as esposas e os filhos do rei. Somente Jeoacaz, o filho caçula, escapou, provavelmente escondido por alguma ama ou guardião. Mas isso foi suficiente para dar continuidade à dinastia davídica, de modo que houve a providência divina operando em tudo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. Jeoacaz é chamado de "Acazias", em II Crô. 22.1. *Jeoacaz* parece ter sido um equívoco escribal. Atalia, a mãe de Acazias, também escapou, conforme depreendemos em II Crô. 22.10. Portanto, o saque, a matança e o seqüestro foram grandes e esmagadores, embora não absolutos. A vida teria prosseguimento em Judá. Este versículo assegura-nos que a profecia do vs. 14 realmente se cumpriu, e da maneira mais terrível.

21.18,19

Depois de tudo isto o Senhor o feriu nas suas entranhas. A segunda parte da profecia (vs. 15) também teve cumprimento imediato e brutal. Alguma enfermidade dos intestinos, quem sabe qual, foi tão terrível que fez o intestino grosso sair e provavelmente passar pelo reto. O rei de Judá agonizava por ter levado toda a nação a corromper-se e finalmente agonizar em seu próprio julgamento (ver os vss. 11 e 17). Foi assim que Jeorão se tornou agente especial de sua própria miséria. Seus pecados o apanharam e o feriram, mas a nação inteira caiu juntamente com ele. Alguns intérpretes tentam, morbidamente, diagnosticar a enfermidade, mas não dispomos de informações suficientes para saber no que ela consistia. Além do mais, pode ter sido algo divino e especialmente preparado por Yahweh somente para Jeorão.

O seu povo não lhe queimou aromas. O rei Jeorão não merecia que se queimassem especiarias e ervas aromáticas como parte de seu sepultamento. A cremação, como era natural entre os judeus, não estava em vista. Nenhuma queima fúnebre foi feita em sua honra, como ocorreu no caso do rei Asa (ver II Crô. 16.14). Cf. também Jer. 22.19. A versão siríaca diz aqui: "O povo não lhe prestou honras, como fez a seus pais". O Targum menciona especiarias e madeiras odoríferas no fogo das cerimônias fúnebres. Jeorão, porém, não merecia honrarias.

21.20

E se foi sem deixar de si saudades. Ninguém lamentou a morte de Jeorão. Como se dava com a maioria dos reis de Judá, foi sepultado na capital, Jerusalém, mas não houve espaço para ele nos túmulos dos reis. Cf. II Crô. 24.25; 26.23 e 28.27.

"Esse costume, similar ao do Egito, parece ter-se propalado entre os hebreus, ou seja, dar honras fúnebres a seus reis, ou negar essas honras a eles, de acordo com o bem ou o mal que tivesse caracterizado seus respectivos governos" (Jamieson, *in loc.*). "De fato, o povo se alegrou quando ele morreu. O mundo estaria melhor sem ele" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Jeorão morreu aos 40 anos de idade, depois de haver governado por apenas oito anos. Nesse breve período foi capaz de espatifar o navio do Estado contra as rochas. O cronista, pois, consignou-o à execração da posteridade.

Capítulo Vinte e Dois

Acazias (22.1-9)

Cf. II Reis 8.25-29.

Este capítulo conta-nos as histórias de um dos reis de Judá, Acazias, e parte da história de uma rainha, Atalia. A história dela estende-se até o capítulo 23. Ver no *Dicionário* os artigos sobre essas duas personagens, e também os artigos gerais denominados *Reino de Judá* e *Rei, Realeza,* quanto a informações gerais, incluindo gráficos ilustrativos dos reis. Para notas expositivas que cabem aqui, ver a introdução ao capítulo 21: o propósito do autor sagrado ao narrar as histórias dos reis de Judá, e sua filosofia da história.

Acazias, chamado "Jeoacaz" em II Crô. 21.17, era o filho mais novo de Jeorão, o qual, juntamente com sua mãe (ver II Crô. 22.10), escapou ao massacre da família real por parte de filisteus e árabes hostis (ver II Crô. 21.16,17). Essa matança foi um golpe de Yahweh contra a família real, por causa dos pecados agravados de Jeorão e da apostasia geral, conforme deixa claro o capítulo 21. Acazias reinou por somente um ano, 841 A. C., e tinha apenas 22 anos de idade. O texto hebraico diz 42 anos, mas sem dúvida esse é um erro do autor original ou de algum escriba subseqüente. II Reis 8.26 fornece-nos o número correto. Usualmente, quando surgem discrepâncias entre os livros de Reis e Crônicas, o autor dos livros de Reis é quem está correto.

22.1

Os moradores de Jerusalém, em lugar de Jeorão, fizerem rei a Acazias. *Caracterização Geral.* Acazias era filho de Jeorão e Atalia, a qual, por sua vez, era filha de Acabe e Jezabel. Ele era amigo do bom rei Josafá, mas em nada lhe parecia quanto à moral e à conduta. Conseguiu governar por apenas um ano, antes de ter sido assassinado por *Jeú,* o vingador enviado por Yahweh. Em vista disso, Atalia, sua mãe, assassinou toda a família real de Judá e apossou-se pessoalmente do trono. Os atos horrendos de Acabe e Jezabel, rei e rainha de Israel, serviram como exemplos para os grandes pecadores, Jeorão e Acazias. Assim o mau exemplo foi acrescentado à corrupção interior, resultando em uma confusão geral. Quanto a detalhes, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Acazias.*

Acazias foi sobrinho de Acazias, o oitavo rei de Israel, que tinha o mesmo nome. Foi o sexto rei de Judá da linha davídica, e governou desgraçamente.

Quanto ao *massacre* da família real, do qual Acazias e sua mãe escaparam, ver II Crô. 21.16,17 e os comentários exatamente antes da exposição ao presente versículo. Cf. II Reis 8.25 quanto a uma nota cronológica que compara Acazias aos reis de Israel que governaram no mesmo período.

22.2

O paralelo quase verbal deste versículo é II Reis 8.26, onde a exposição é dada. Note-se que o autor dos livros de Reis atribui a Acazias a idade de 22 anos quando começou a reinar, mas o cronista lhe dá 42 anos. Sem dúvida, os livros de Reis estão corretos, uma vez mais. As tentativas de reconciliação são *fúteis,* sendo provável que o autor original tenha cometido o erro, e não algum escriba subseqüente. Tentar harmonizar tais discrepâncias é o trabalho inútil dos estudiosos hiperconservadores, e tentar tirar daí alguma má conclusão é o trabalho funesto dos céticos.

Tais equívocos nada têm que ver com a espiritualidade, e em nada contribuem para uma visão rígida da inspiração das Escrituras. Como é óbvio, Acazias não poderia ter 42 anos quando começou a reinar, considerando que seu pai, Jeorão, morreu com apenas 40 anos! John Gill (*in loc.*) desperdiçou cerca de meia coluna numa tentativa de explicar a dificuldade, apelando para as opiniões de vários harmonistas a qualquer preço, antigos e modernos. As versões siríaca e árabe, e a Septuaginta, simplesmente seguem os livros de Reis e dão 22 anos. É fútil e absurdo buscar qualquer reconciliação aqui.

Além disso, os livros de Reis dizem *neta,* ao passo que o cronista fala em *filha,* contudo são os livros de Reis que estão com a razão. Atalia dificilmente poderia ter sido filha de Onri. Entretanto, isso não constitui um erro, visto que o termo *filha* ocasionalmente era usado para indicar algum descendente mais distante. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário.*

22.3,4

Sua mãe, filha de Onri, chamava-se Atalia. *Acazias* foi um pecador desgraçado, e sua mãe, Atalia (filha da horrenda Jezabel), assegurou-se de que ele seguiria de perto os maus caminhos da nação do norte, Israel. Portanto, esse rei

de Judá alegrou-se no pecado, sentindo-se bem em seus caminhos maus, mas seria cortado por uma morte violenta no espaço de somente um ano. A lei da colheita segundo a semeadura estava com pressa no caso dele. Além de sua mãe, Acazias também tinha conselheiros da casa de Acabe (o reino do norte), para encorajá-lo a pecar pesadamente. Mas tudo isso visava à "destruição dele", conforme o enfatiza o quarto versículo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Esse infeliz rei tinha uma herança tão má quanto um homem poderia ter, e não possuía fibra moral interior para resistir a isso. Imagine! Jezabel era sua avó, e Atalia era sua mãe! "Talvez não seja um preconceito masculino sentir que, quando uma mulher é má, ela se inclina por ser venenosamente má" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*), com uma verdadeira mas não muito popular observação. Em contraste, deveríamos relembrar o óbvio: há muitas mulheres boas que têm ajudado a tornar seus filhos piedosos e grandes. Na Lady Chapel da Catedral de Liverpool há vinte e uma janelas dedicadas a mulheres que foram boas e grandes na história da Inglaterra.

Cf. este versículo com II Reis 8.27, que é mais ou menos paralelo. Ver o artigo chamado *Exemplo,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

22.5

Também andou nos conselhos e foi com Jorão, filho de Acabe. Este versículo é um paralelo direto de II Reis 8.28, onde apresento a exposição. O cronista enfatizou como Acazias seguiu os maus conselhos dos líderes apóstatas de Israel e uniu-se a eles na aliança. Cf. Sal. 1.1, que pode ser uma alusão a esse fato. O rei cometeu o erro de tornar-se sócio na política corrupta de seu aliado israelita.

22.6

Então voltou para Jezreel, para curar-se das feridas. Este versículo tem como paralelo direto II Reis 8.29, onde também apresento a exposição. O nome que aparece no original hebraico e reproduzido em algumas traduções é *Azarias,* mas temos aqui um erro escribal do autor original ou de algum escriba subsequente. Naturalmente, a versão portuguesa corrige o erro apresentando a forma certa, "Acazias".

22.7

Foi da vontade de Deus que Acazias. *Acazias* foi ao encontro de seu destino, porquanto Yahweh havia predestinado as coisas desse modo, por causa de sua apostasia. O instrumento humano foi o temível Jeú, que havia sido nomeado pelo Planejador divino para exterminar a casa de Acabe. Ver sobre ele no *Dicionário,* quanto a detalhes. O que pareceu ser mera coincidência (o rei de Judá acidentalmente estava ali, quando Jeú efetuou a matança), na verdade fazia parte de um destino mau. Yahweh nomeou Jeú como o próximo rei de Israel, conforme aprendemos em II Reis 9.1-13, mas uma grande tarefa de limpeza precisava ser feita primeiramente. A paciência divina tinha acabado em relação à casa de Acabe. Acazias aliou forças com Jorão (cf. II Reis 9.21), e isso seria fatal para ambos. Laços de parentesco, sem dúvida, ajudaram a fomentar a situação. Jorão era irmão de Atalia e, por conseguinte, tio de Acazias.

22.8

Ao executar Jeú juízo contra a casa de Acabe. *Jeú estava ocupado* em seu programa de limpeza por meio de assassinatos, matando membros da família de Jorão e seus príncipes, quando apanhou a Acazias e alguns de seus príncipes. Imediatamente Jeú matou os príncipes. Acazias conseguiu fugir, mas não teve a sorte de escapar da ira de Jeú. A narrativa de II Reis é mais detalhada. Ver 9.21 ss. Jorão tinha setenta irmãos, e além disso havia outros parentes, cortesãos e sacerdotes. Havia quarenta e dois príncipes de Judá, além de filhos e parentes. Jeú deu fim a todos eles, uma imensa calamidade. Ver II Reis 10.1,7,11,14, onde os números são dados. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento estava ativa novamente.

22.9

Depois mandou procurar a Acazias. "Depois que Jeú matou Jorão (ver II Reis 9.24), ele perseguiu a Acazias, que tinha fugido para Samaria, cerca de trinta e seis quilômetros ao sul, e trouxe-o de volta para Jezreel. O cronista parece deixar entendido que Acazias morreu em Samaria (ver II Crô. 22.9), enquanto o autor de Reis escreveu que ele morreu em Megido (ver II Reis 9.27). Talvez as duas narrativas sejam suplementares. Acazias fugiu para Samaria e foi ali capturado pelos homens de Jeú; e trouxeram Acazias de volta a Jeú. Os homens de Jeú feriram a Acazias e este escapou para Megido, onde finalmente morreu (ver II Reis 9.27). Mas essa explicação, dada por Eugene H. Merrill, é mera conjectura. Conforme os textos estão, há uma contradição; e já aprendemos que, quando há discrepâncias entre os livros de Reis e Crônicas, o autor dos livros de Reis é quem, usualmente, está historicamente correto. Ver II Reis 9.27-29 e as notas expositivas ali existentes. É provável que Ellicott (*in loc.*) esteja correto, ao explicar que as duas narrativas vieram de tradições separadas, que tinham certos detalhes contraditórios.

Atalia (22.10 - 23.21)

Caracterização Geral da História. O trono de Judá foi deixado vazio pelo fato de Jeú ter matado Acazias "ao acaso". A perversa mãe de Acazias, Atalia, aproveitou-se da oportunidade para guindar-se ao trono de Judá. A maioria dos príncipes e nobres de Judá tinha sido morta juntamente com o rei. Atalia massacrou os membros restantes da família real, pelo menos tantos quantos pôde encontrar. Isso significa, naturalmente, que ela matou muitos de seus próprios parentes; mas, afinal, isso era o normal em Israel e Judá. Agora, olhem para ela! Atalia, a rainha-mãe! Mas Jeosabeate, filha do rei, conseguiu ocultar o pequeno Joás, filho de Acazias, o qual se levantaria, com o passar do tempo, para deslocar do trono à horrenda Atalia, que era filha da ainda mais horrenda Jezabel, se isso é possível. Durante seis anos, Joás, candidato a rei, permaneceu oculto e protegido. O governo de Atalia prolongou-se pelos anos de 841-835 A. C. Em 835 A. C., o sumo sacerdote Joiada providenciou a restauração da dinastia davídica. Joiada era marido de Jeosabeate. Quanto ao trecho paralelo, ver II Reis 11.1-3.

22.10

Vendo Atalia, mãe de Acazias, que seu filho era morto. Este versículo tem como paralelo II Reis 11.1, que lhe é verbatim e onde as notas expositivas são oferecidas.

22.11

Mas Jeosabeate, filha do rei, tomou a Joás. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 11.2, onde a exposição é oferecida. Os livros de Reis dão o nome da dama como *Jeoseba,* uma contradição o citado aqui. O rei também foi *Jorão* e, embora o nome específico tenha sido omitido pelo cronista, fica obviamente subentendido.

22.12

Joás esteve com eles seis anos. Este versículo tem como trecho paralelo II Reis 11.3, onde a exposição é oferecida.

Capítulo Vinte e Três

O *conteúdo* deste capítulo é, em todos os pontos essenciais, idêntico ao de II Reis 11.4-20, onde ofereço a exposição. Seguem-se algumas poucas notas. Ver a *caracterização geral da história* de Atalia e seu reinado, na introdução a II Crô. 22.10. Ver no *Dicionário* os verbetes *Reino de Judá* e *Rei, Realeza,* quanto a um estudo dos reis de Judá, com gráficos ilustrativos.

23.1

No sétimo ano Joiada se animou. Este versículo tem como paralelo II Reis 11.4, mas há materiais suplementares. O cronista dá os nomes dos conspiradores, mas os livros de Reis os ignoram. No entanto, os livros de Reis dizem os "capitães dos cem dos cários" (guarda pessoal), ou seja, os mensageiros reais, ao passo que o cronista não os menciona. Os dois autores, ao que tudo indica, usaram fontes informativas separadas, mas bastante semelhantes.

Ver os nomes próprios no *Dicionário.* Ver a exposição no trecho paralelo, quanto a detalhes que não são repetidos aqui.

"No ano de 835 A. C., Joiada, o sacerdote, marido de Jeosabeate (II Crô. 22.11), tomou suas providências. Ansioso por restaurar a família davídica ao trono, especialmente Joás, ele arquitetou um plano com a ajuda de cinco oficiais do exército para reunir os levitas e líderes de Judá em Jerusalém, e persuadiu-os a apoiar o jovem rei em uma cerimônia formal de pacto" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

23.2

Estes percorreram a Judá. Os vss. 2 e 3 são adições feitas pelo cronista à história. O trecho paralelo não se refere à parte que os levitas desempenharam no plano. A presença deles emprestou *autoridade espiritual* à conspiração. Era preciso mais do que militares e homens violentos que estivessem dispostos a dar andamento ao jogo da matança. Outros colaboradores faziam-se necessários, de maneira que os cabeças dos clãs de "Israel" também foram chamados para aliar-se à conspiração.

Israel. Neste caso devemos entender *Judá*, refletindo assim a posição do autor sacro quando ele escreveu, isto é, *após* o cativeiro babilônico, quando Judá se tornou Israel, visto que era a única tribo que restava.

23.3

Toda essa congregação... e Joiada lhes disse. O *sumo sacerdote* encontrou ouvidos atentos. De fato, é provável que os levitas e os chefes de clãs estivessem *ansiosos* por livrar-se da impia e desprezível Atalia. Foi assim que, visando a restauração da dinastia davídica, a assembléia firmou uma espécie de pacto que envolvia planos de revolta e matança. Cf. este versículo com II Reis 11.4. O candidato ao trono estava presente no grupo. Era *Joás* um descendente direto de Davi e, assim sendo, qualificado para a tarefa de ser o rei.

Como falou o Senhor. Yahweh tinha prometido a continuação do trono davídico, e o que estava para ser feito concordava com essa promessa e provisão. Ver o oráculo entregue pelo profeta Natã, com essa mensagem (ver II Sam. 7.4-17).

23.4

Esta é a obra que haveis de fazer. Este versículo é paralelo a II Reis 11.5, onde a exposição foi oferecida. O cronista adicionou as palavras: "uma terça parte de vós sacerdotes e levitas", mas o livro de Reis refere-se à *guarda real* como também envolvida na operação (II Reis 11.4-12), em vez dos levitas. "Dificilmente essa declaração pode harmonizar-se com o livro de Reis" (Ellicott, *in loc.*). Os dois autores obtiveram seus materiais de fontes separadas, que continham diferenças quanto aos detalhes. Ou então, conforme pensam alguns eruditos, o cronista alterou a narrativa para incluir os levitas, a fim de emprestar *autoridade espiritual* à operação. Historicamente falando, é provável que tanto as tropas de elite (guarda real) quanto os levitas estivessem envolvidos. Joás precisava de toda a ajuda que pudesse obter, e do maior número possível de classes sociais.

23.5

Outra terça parte estará na casa do rei. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 11.6, mas ali o portão Sur é especificamente citado, o que o cronista deixa de mencionar aqui. Naquela narrativa, trata-se da porta do palácio. A Septuaginta diz "porta do meio", enquanto as versões siríaca e árabe dizem "porta do carniceiro". Assim sendo, as antigas tradições variavam quanto a detalhes. II Reis 11.4 diz que Joiada trouxe os guardas para a casa do Senhor. Mas o cronista fala somente no átrio, visto que somente os sacerdotes tinham acesso ao templo propriamente dito.

23.6

Porém ninguém entre na casa do Senhor, senão os sacerdotes e os levitas. "Os líderes leigos foram estacionados nos átrios do templo, visto que somente sacerdotes e levitas que estavam trabalhando eram autorizados a entrar no templo. Outros tinham de permanecer fora para a proteção do rei" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Este versículo não está presente nos livros de Reis. O cronista ansiava que compreendêssemos que as tropas de elite estavam operando, mas não entraram no templo propriamente dito, pois isso teria sido um sacrilégio imperdoável.

23.7

Os levitas rodearão o rei. O cronista substituiu as tropas de elite (os centuriões da guarda real) pelos levitas. Ver II Reis 11.7,8. A narrativa aqui é uma espécie de "narrativa sacerdotal", que enfatiza a parte desempenhada pelas autoridades espirituais; mas dificilmente isso pode reconciliado com o trecho paralelo. Historicamente falando, é provável que ambos os grupos tenham desempenhado um papel importante na operação, mas a narrativa do que aconteceu deixou algumas pequenas discrepâncias que envolvem os detalhes. Os críticos pensam que o cronista criou propositadamente as diferenças para injetar alguma *autoridade espiritual* na operação, que se fez ausente na narrativa dos livros de Reis.

23.8

Fizeram, pois, os levitas e todo o Judá. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 11.9, mas uma vez mais temos a substituição dos *capitães de cem* pelos levitas, por razões ventiladas na exposição aos vss. 4-7. O sumo sacerdote não despediu os turnos dos sacerdotes, de modo eles continuassem à disposição para qualquer necessidade de atividades de matança e assim Joás pudesse chegar ao trono. Os livros de Reis dizem "eles vieram a Joiada, o sacerdote", mas ali a referência é aos *capitães*, portanto persistem diferenças do começo ao fim.

23.9

O sacerdote Joiada entregou aos capitães de cem as lanças, os paveses e os escudos. Agora o cronista fala sobre os capitães, os centuriões, mostrando-nos que função eles desempenharam na operação. Os livros de Reis tinham falado sobre eles sem mencionar a função desempenhada pelos levitas. Ver as notas nos vss. 4-7.

Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 11.10, onde ofereço a exposição. O cronista adicionou o nome "Joiada", tendo mencionado os pequenos escudos ignorados nos livros de Reis. No trecho paralelo dou detalhes que não repito aqui.

23.10

Dispôs todo o povo, cada um de armas na mão. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 11.11, mas o cronista usa a palavra "povo". Contudo, ele não deu a entender as massas populares, o povo comum. Estava falando sobre os que participaram diretamente da conspiração, os levitas, os soldados etc. "... o povo armado que deveria circundar o rei ao redor, cada homem com suas armas na mão" (vs. 7)" (Ellicott, *in loc.*).

23.11

Então trouxeram para fora o filho do rei. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 11.12, onde a exposição é oferecida. O cronista mencionou Joiada e seus filhos como os que ungiram o rei, o que os livros de Reis omitem, usando apenas um vago "eles". O cronista ansiava que soubéssemos que a unção havia sido feita pelas autoridades apropriadas, em consonância com a legislação mosaica.

23.12

Ouvindo Atalia o clamor do povo. Este versículo é idêntico ao seu trecho paralelo, (II Reis 11.13). O cronista diz aqui "povo", em lugar de "guarda" (cf. o vs. 10). Também nos diz como eles estavam "louvando" o rei, um detalhe ausente nos livros de Reis. Ver a exposição no trecho paralelo. O povo tinha-se cansado de rainhas selvagens como Jezabel e Atalia.

23.13

Olhou, e eis que o rei estava junto à coluna. Este versículo é essencialmente idêntico ao paralelo de II Reis 11.14, onde é oferecida a exposição. "A frase, 'de acordo com o costume', vinculada à questão do rei de pé ao lado da coluna, é um comentário dos livros de Reis, mas ignorado pelo cronista. As versões siríaca e árabe acrescentam-no ao presente versículo.

Atalia rasgou os seus vestidos. Em tristeza por causa de sua perda, Atalia rasgou as próprias vestes, que também foi algo feito segundo o costume. Ver Gên. 37.29,34; Jos. 7.6 e Jó 1.20 e 2.12. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vestimentas, Rasgar das*.

23.14

Porém o sacerdote Joiada trouxe para fora os capitães. Este versículo é essencialmente idêntico ao trecho paralelo de II Reis 11.15, onde as notas expositivas são oferecidas. No livro de Crônicas, o "trouxe para fora" corresponde ao "deu ordem" que se lê nos livros de Reis. As versões siríaca e árabe concordam com o livro de Reis quanto ao presente versículo. A Septuaginta, querendo obter harmonia, preservou ambos os textos.

23.15,16

Lançaram mão dela. Estes dois versículos são essencialmente idênticos ao trecho paralelo de II Reis 11.16,17, onde as notas expositivas são oferecidas. Mas nos livro de Reis aparece o pacto entre o povo de Yahweh, e não entre o rei e o povo, embora devamos compreender que a menção é a Yahweh, seja como for. Por assim dizer, o pacto davídico foi renovado, porquanto Joás estava prestes a continuar a dinastia davídica em Judá. Ver detalhes no paralelo.

A aliança também foi firmada *entre o rei e o povo*. Eles concordaram em reverter a iniqüidade de Atalia e restaurar a ordem, em consonância com a legislação mosaica. O livro de Reis adiciona esse aspecto da aliança, que o cronista omitiu.

23.17

Então todo o povo se dirigiu para a casa de Baal e a derribaram. Este versículo tem paralelo em II Reis 11.18, onde as notas expositivas são oferecidas. A lei brutal de Deu. 15.5-10 foi seguida à risca.

23.18

Entregou Joiada a superintendência da casa do Senhor. Os vss. 18 e 19 são expansões do texto do cronista que não têm paralelo no livro de Reis. Joiada restaurou as tarefas regulares dos sacerdotes e dos levitas, conforme Davi havia regulamentado. Note o leitor que o versículo equipara os levitas com os sacerdotes, que os críticos pensam ter sido a ordem original. Eles supõem que determinados levitas se tornaram sacerdotes, passando a ocupar uma posição superior, mas por certo essa não foi a ordem instituída por Moisés. Cf. II Crô. 30.27. Quanto à regulamentação de Davi concernente a levitas e sacerdotes, por meio de turnos, ver os capítulos 23 a 25 de I Crônicas. Os cultos e funções regulares do templo foram restaurados no tempo de Joás, o que significa, naturalmente, que os antecessores apóstatas os haviam interrompido. Podemos ter certeza de que a horrenda rainha Atalia não observava nenhuma das regras da lei mosaica, nem os arranjos de Davi. Quanto ao ministério do cântico, ver o segundo capítulo de Crônicas. Cf. Núm. 28.2 quanto às regulamentações de Moisés.

23.19

Colocou porteiros às portas da casa do Senhor. I Crônicas 26 trata dessa questão longamente, dando as ordens davídicas para os turnos dos porteiros. Ver também I Crô. 23.5 quanto às tarefas dos porteiros, os quais tinham, entre suas responsabilidades, o trabalho de conservar o templo livre de elementos indesejados. Eles não permitiam a entrada dos imundos, os quais não estavam em condições de adorar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo.* Além disso, eles guardavam os tesouros, para que nenhum furto diminuísse os tesouros ou os artigos valiosos do templo. Ver Lev. 5.7 e Núm. 5.19.

23.20

Tomou os capitães de cem, os nobres, os governadores do povo e todo o povo. Este versículo é essencialmente idêntico ao trecho paralelo, II Reis 11.19, exceto pelo fato de que o autor dos livros de Reis fala nos *cários,* o que o cronista omitiu. Cf. o quarto versículo, onde anotei a questão. Ver também II Reis 11.4 para detalhes.

23.21

Alegrou-se todo o povo da terra. Este versículo é essencialmente idêntico ao trecho paralelo de II Reis 11.20, onde as notas expositivas são oferecidas. Não houve nenhuma tentativa de contra-revolução, e a linhagem davídica foi restaurada a Judá. Por enquanto, pelo menos, haveria paz e prosperidade. Mas a antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento não demoraria a retomar e perturbar novamente as coisas.

Capítulo Vinte e Quatro

Joás Restaura o Culto e o Equipamento do Templo (24.1-27)

Os *antecessores de Joás,* sobretudo a horrenda Atalia (vs. 7), tinham deixado o culto de Jerusalém um caos, e o templo precisava urgentemente de reparos. Embora tivesse apenas 7 anos, o novo rei, Joás foi levantado ao trono pelo planejamento e poder de Joiada, o sumo sacerdote, provavelmente quem verdadeiramente assumiu o poder por detrás do trono, por um longo tempo. Ver como o rei-menino fora salvo pela irmã do sumo sacerdote, quando Atalia matou o que restava da família real de Judá (II Crô. 22.11). Joás teria, finalmente, um fim ruim, mas antes disso o cronista relatou os anos do jovem Joás, quando ele foi um bom rei, sob a boa influência do sumo sacerdote Joiada.

No *Dicionário,* os artigos *Joás; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza* apresentam a história dos reis de Judá e, particularmente, a história de Joás. Além disso, provi ali gráficos ilustrativos.

Foi um dos temas constantes do autor dos livros de Crônicas exaltar a dinastia davídica. Terminado o cativeiro babilónico, a tribo isolada de Judá continuou a nação de Israel e, de fato, tornou-se a nação de Israel. A *autoridade política* dependia da continuação da dinastia davídica, ao passo que a *autoridade espiritual* dependia da continuação dos *levitas* que conseguiram sobreviver ao cativeiro e retornar a Jerusalém. Portanto, esses dois tipos de autoridade legitimavam Judá como Israel.

O paralelo essencial deste capítulo é II Reis 12.

24.1

Tinha Joás sete anos de idade quando começou a reinar. "Joás, aparentemente o único filho sobrevivente de Acazias, continuou a reinar pelo espaço de quarenta anos (835-796 A. C.). Esteve sob a tutela de *Joiada,* o sumo sacerdote, por vários anos, e permaneceu reto diante do Senhor por todos esse período. Joiada chegou mesmo a selecionar as duas esposas de Joás" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Este versículo é essencialmente idêntico ao trecho paralelo de II Reis 12.1, onde a exposição é oferecida. O cronista deixou a notícia acerca de *Jeú,* rei de Israel, visto que não era seu propósito dar informações sobre as tribos do norte. Ele só dava atenção ao que acontecia às tribos nortistas quando isso era vital para as histórias que estivesse contando sobre a tribo do sul, Judá. Seu propósito era exaltar a dinastia davídica, e não nos dar uma completa história comparativa de Israel-Judá. Foi o autor dos livros de Reis quem nos forneceu essa espécie de narrativa.

24.2

Era o nome de sua mãe Zibia, de Berseba. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 12.2, onde as notas expositivas são oferecidas. Os livros de Reis enfatizam o fato de que o jovem rei Joás fez o que era reto porque o sumo sacerdote Joiada estava ali para instruí-lo e guiá-lo. Joiada foi o verdadeiro poder por trás do trono, e as coisas correram bem, espiritualmente falando, enquanto seu poder foi exercido.

Todos os dias do sacerdote Joiada. Esta declaração é um tanto exagerada, porquanto Joás tornou-se um rei mau, antes de seu reinado terminar. Mas pelo menos durante sua juventude, ele agiu corretamente.

24.3

Tomou-lhe Joiada duas mulheres. *O arranjo* de duas esposas para o rei, por parte do sumo sacerdote Joiada, foi o tipo de informação dado somente pelo cronista. Como é óbvio, o sumo sacerdote estava selecionando o tipo próprio de companhia e influência para o rei. Ele não toleraria mais uma Atalia para arruinar as coisas. No livro de Reis, temos (em vez dessa pequena informação sobre as esposas) a notícia de que Joás não removeu os lugares altos (ver a respeito no *Dicionário*), o que sucedeu virtualmente a todos os reis das tribos do norte e do sul. Quanto a isso, ver II Reis 12.3. O cronista tentava pintar o melhor quadro possível sobre Joás, o restaurador da linhagem davídica, e resolveu não começar com uma nota amarga, que debilitaria todo o seu propósito literário.

II Crô. 25.1 diz-nos que o nome de uma das esposas de Joás era Jeoadã (ver a respeito no *Dicionário*), mas em parte alguma é dado o nome da outra esposa.

24.4

Depois disto resolveu Joás. O *cronista* segue, de modo frouxo, os mesmos materiais que foram dados no paralelo. Este versículo é uma pequena nota de introdução a respeito da restauração do templo, que muito agradou ao cronista, porquanto ele queria dizer-nos coisas boas acerca desse novo rei. Entrou "no coração" do novo rei fazer o trabalho de restauração, e podemos estar certos de que o sumo sacerdote Joiada foi a principal força influenciadora desse projeto. Mas também devemos entender que Yahweh pôs no coração de Joás esse bom projeto e, enquanto ainda era jovem, Joás mostrava-se sensível para com as orientações do Espírito Santo. Talvez tudo isso tenha ocorrido cerca de vinte anos mais tarde. Cf. II Reis 12.6. O templo havia sido construído cerca de 150 anos antes e, naturalmente, precisava de reparos. Atalia provavelmente contribuiu para debochar e desfigurar o culto efetuado no templo.

24.5

Reuniu os sacerdotes e os levitas, e lhes disse. A *coleta* de fundos foi deixada ao cargo dos levitas, uma providência apenas lógica. Essa informação não é dada no relato do livro de Reis. Mas os levitas, temerosos de que o dinheiro necessário para seu sustento pudesse ser diminuído pelas oferendas especiais, não apressaram a questão. "O clero entrou em 'greve de lentidão', temendo que a coleta do rei pudesse diminuir a renda *deles.* Vergonha sobre eles!... Feias instâncias de avareza e obstrução clerical de causas boas podem ser respigadas na história. Atualmente, o fato geral é que nenhuma profissão é tão mal paga como o clero" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

O relato de II Reis 12.4 diz-nos que o rei decretou taxas para o propósito da renovação. Os *sacerdotes* deveriam controlar a questão, mas coisa alguma é dita sobre a grande campanha de coleta dos levitas.

24.6

Mandou o rei chamar a Joiada. *Joás repreendeu o sumo sacerdote, Joiada.* Pense o leitor sobre isso. O jovem rei tinha no coração a questão da restauração do templo de Jerusalém, mais do que o próprio sumo sacerdote, o qual, sem dúvida, *permitiu,* se não mesmo instruiu, que os levitas se mostrassem lentos na questão da coleta. O sumo sacerdote "arrastava os pés", conforme costumamos dizer em um ditado popular. A legislação mosaica (ver Êxo. 30.12-16) tinha feito provisão para a obra do ministério. Ver também Eze. 20.40. Quando surgiam ocasiões especiais, mais esforços heróicos precisavam ser feitos, conforme se deu no caso em vista.

O paralelo aproximado do presente versículo é II Reis 12.7, onde são oferecidas notas expositivas adicionais, além das apresentadas aqui. Não estava sendo feito o bastante para aumentar os *fundos de construção,* embora os levitas e os sacerdotes estivessem agindo sem os devidos cuidados.

24.7

Porque a perversa Atalia e seus filhos arruinaram a casa de Deus. *Atalia e seus filhos* foram destruidores eficazes do templo. O edifício precisava urgentemente de reparos; o culto estava perturbado; o tesouro do templo estava esgotado, se não mesmo completamente dissipado. Joiada, o sumo sacerdote, era testemunha ocular do que se passava, mas não agia como deveria. Estou imaginando que sua avançada idade era uma das razões do descaso. Até mesmo homens bons se descuidam quando a idade mental lhes furta as energias mentais e físicas. O jovem rei (ainda na casa dos 20 e poucos anos) estava cheio de fogo divino e teve de baixar ordens especiais e fazer as ameaças devidas para que as coisas começassem a movimentar-se. Se pudéssemos combinar a sabedoria da idade avançada com o zelo da juventude, então teríamos um grande poder de avanço. Mas essas duas coisas dificilmente caminham de mãos dadas.

A Edificação em Favor de Baal. Atalia tinha zelo pelo paganismo, especialmente em favor de Baal (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo))* e não hesitava em usar os fundos do templo para edificar seu horrendo culto idólatra. Os livros de Reis omitem a informação sobre as obras nefastas de Atalia, e como *essa* era a razão principal para as condições caóticas do templo, nos dias de Joás.

24.8

Deu o rei ordem e fizeram um cofre. Os *fundos de edificação* seriam ajudados por um cofre especial posto do lado de fora da porta da casa do Senhor. Além disso, porém, os levitas teriam de sair por todos os distritos de Judá fazendo coletas. E haveria as taxas que seriam cobradas pelo rei, sem falar nas oferendas voluntárias (ver II Reis 12.4). Reunindo os vários modos de coleta, seria levantado um fundo para os reparos do templo.

Ver o trecho paralelo de II Reis 12.9, que dá detalhes diferentes sobre esse cofre. II Reis 12.8 adiciona mais alguns detalhes. Os fundos regulares para o sustento dos levitas e para os que cuidassem dos fundos da reconstrução do templo precisaram ser separados para que a obra tivesse seu impulso apropriado.

24.9

Publicou-se em Judá e em Jerusalém. O cofre foi transformado em questão importante. Sua existência foi propagada por toda a parte, em Judá, e a resposta popular foi surpreendente! O livro de Reis omite a questão da propaganda, mas qualquer campanha de dinheiro precisa de toda a ajuda que puder. Textos de prova bíblica foram encontrados quanto à propriedade da coleta. Tudo foi escudado na autoridade mosaica. Moisés encorajara os israelitas a serem generosos com o sustento das coisas sagradas. Cf. o vs. 6, onde já essa informação já havia sido dada.

24.10

Então todos os príncipes, e todo o povo se alegraram. Foram doações jubilosas. A maioria das pessoas dá com dor no coração. *Poucos* são os que dão com alegria. Mas algumas vezes as pessoas podem ser inspiradas a dar e, num momento de inspiração, rejubilar-se por estarem contribuindo para alguma causa digna. Mas na maior parte do tempo, as pessoas mostram-se egoístas. Joás, com sua campanha de reconstrução e muita propaganda, conseguiu inspirar o povo a doar com abundância e alegria, o que não foi uma tarefa fácil. Portanto, demos a Joás o crédito pelo que ele pôde fazer em sua juventude! Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Liberalidade e Generosidade.*

> *Cada um contribua segundo tiver proposto no coração,*
> *não com tristeza ou por necessidade;*
> *porque Deus ama ao que dá com alegria.*
>
> (II Coríntios 9.7)

> *A coisa mais importante em qualquer relacionamento pessoal não é o que você obtém, mas aquilo com que você contribui.*
>
> (Eleanor Roosevelt)

> *Mais bem-aventurado é dar que receber.*
>
> (Atos 20.35)

24.11

Quando o cofre era levado. *Diariamente,* o cofre era cheio com coisas valiosas, e então esvaziado, e então cheio, e então esvaziado novamente. Sem dúvida isso tomou os sacerdotes inteiramente de surpresa! Havia abundância de víveres para eles, e abundância de contribuição para o programa de reparos do templo. Os pequenos milagres de Deus sempre nos apanham de surpresa. "A reação popular foi tão generosa que o cofre era cheio e tinha de ser esvaziado por vezes sem conta (vss. 10-11). O dinheiro era então usado para pagar os operários comissionados que executavam o trabalho de restauração do templo (vs. 12)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Temos o mau (ou será bom?) hábito de chamar de "pequenos milagres" as coisas grandes que acontecem com o dinheiro. Seja como for, esses pequenos milagres nunca nos fazer mal, e deles dependemos. Portanto, Senhor, continua a fazê-los ocorrer!

24.12

O qual o rei e Joiada davam aos que dirigiam a obra. *O Uso Correto do Dinheiro.* Não basta ajuntar dinheiro. Esse dinheiro precisa ser posto em bom uso. É inútil enriquecer e embelezar-nos. O trabalho sempre tem de ocupar o lugar principal. II Reis 12.11,12 é uma passagem paralela e adiciona detalhes a respeito do uso do dinheiro. Era necessário todo tipo de operário especializado para ajudar nos reparos do templo, e todo indivíduo merecia o seu salário. Um suprimento abundante indicava salários generosos. A narrativa do livro de Reis é mais detalhada, e ali apresento a exposição principal. O cronista contraiu suas fontes informativas.

24.13

Os que tinham o encargo da obra trabalhavam. Um *bom emprego.* Bons operários, que recebem bons salários, fazem um trabalho excelente. Foi um *esforço de equipe,* e todos os membros tinham consciência do que estavam fazendo. Eles deixam um bom exemplo para todos os que trabalham. Nos vss. 13 e 14, "o escritor conclui em seu próprio estilo, modificando abertamente o relato mais antigo para ajustá-lo às necessidades de seus contemporâneos. As versões siríaca e árabe omitem ambos os versículos" (Ellicott, *in loc.*).

> *Nenhum negócio que dependa, para sua existência, de pagar menos do que salários vivos para seus operários tem o direito de continuar neste país.*
>
> (Franklin D. Roosevelt)

> *Digno é o trabalhador do seu salário.*
>
> (Lucas 10.7)

24.14

Tendo eles acabado a obra. Os reparos do templo estavam terminados. O templo fora restaurado à sua condição original, e ainda restara dinheiro para prover novos móveis e utensílios de uso na adoração. A horrenda Atalia havia furtado o templo, empregando os tesouros e utensílios na adoração pagã de Baal (vs. 7). Portanto, o erro fora corrigido pelo jovem rei Joás. Cf. II Reis 12.13. Os utensílios de ouro e prata não foram substituídos de imediato, mas podemos supor, mediante o presente versículo, que isso tenha sido, afinal, realizado. Caso contrário, este versículo e o paralelo de II Reis entram em óbvia contradição. Ellicott (*in loc.*) supõe que a narrativa posterior do cronista tivesse propósitos *didáticos,* o que pode ter levado o autor sagrado a alterar algumas declarações. Um bom exemplo foi estabelecido; um grande trabalho de reparos foi realizado. O cronista não queria fazer soar uma nota amarga dizendo que o trabalho teve seus defeitos.

24.15

Envelheceu Joiada, e morreu farto de dias. *O Começo Ainda de Outra Apostasia.* A despeito das falhas e da ausência de energia na sua idade avançada (Joiada arrastou os pés na questão da restauração do templo), o sumo sacerdote era o poder por trás dos bons atos de Joás. Portanto, a morte dele foi um dia triste para a espiritualidade em Judá, visto que, sem sua influência e poder, Judá em breve deslizaria novamente para a idolatria, e Joás não seria capaz de fazer a maré estacar. De fato, Joás foi um participante dessa maré. Joiada viveu por 130 anos, um tempo extraordinário, em uma época que os tradicionais 70 anos eram considerados uma vida longa. Ver Sal. 90.10. No século XIX, a Academia Francesa de Ciências pensou que algum dia a ciência garantiria ao homem uma vida de 150 anos; mas, apesar de toda a nossa ciência, esse ideal ainda está longe de

ser atingido. Conforme disse certo médico francês: "Comumente, os homens não morrem. Eles se matam". Quanto a uma longa vida, mediante a observância da lei, ver Deu. 5.16 e 22.6,7. Quanto à desejabilidade de viver longamente, ver Gên. 5.21. É melhor viver bem do que viver longamente, mas é melhor ainda viver bem e por muitos anos, portanto, ó Senhor, concede-nos tal graça!

Embora seja verdade, conforme minha mãe dizia, "As pessoas idosas simplesmente se postam no caminho", isso não precisa, necessariamente, expnmir um juízo, se as pessoas idosas têm dinheiro e saúde adequada. As pessoas idosas ficam esclerosadas, briguentas e mal-humoradas. Precisamos olhar para a ciência, se quisermos solução para *esse* problema. Platão viveu até os 80 anos e estava escrevendo um novo diálogo quando, de súbito, morreu, provavelmente por causa de um derrame ou ataque de coração. Foi uma maneira estética de morrer, terminando uma longa e útil vida. Deus precisar dar-nos tanto razões quanto forças para viver por longo tempo. Seja como for, nossa vida está em Suas mãos. O próprio Matusalém poderia ter vivido por mais tempo se tivesse cuidado melhor de si mesmo! Assim, talvez possamos aprender dessa lição e abandonar os maus hábitos, que fatalmente diminuem a qualidade e duração de nossa vida.

Afinal, Joiada viveu mais tempo do que qualquer homem depois de Moisés, pelo menos até onde chega o registro bíblico.

24.16

Sepultaram-no na cidade de Davi com os reis. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Joiada,* no seu terceiro ponto, quanto à história inteira de Joiada, um dos melhores sumos sacerdotes de Judá. Ele se distinguiu de tal maneira que foi sepultado entre os reis, na cidade de Davi, Jerusalém. Suas boas obras foram feitas em favor de Yahweh e dos seres humanos, conforme deixa claro este versículo. Ele estava ligado à família real por laços de casamento (ver II Crô. 22.11), e isso, provavelmente, facilitou as altas honrarias que recebeu, por ocasião de sua morte. Ele foi, *de fato,* o rei nos dias da meninice e adolescência de Joás, e isso serviu para aumentar ainda mais o seu prestígio. Além disso, ele viveu por aqueles 130 anos, algo considerado um ato direto de Yahweh em seu favor, visto que guardar a lei significava, na mentalidade dos hebreus, a promessa de uma longa vida (ver Deu. 4.1; 5.33 e Eze. 3.17).

24.17

Depois da morte de Joiada vieram os príncipes de Judá. *Más Influências.* No pano de fundo estavam os idólatras príncipes de Judá que se mantiveram em segundo plano enquanto Joiada foi o sumo sacerdote. Entretanto, assim que Joiada desapareceu, eles se puseram em movimento. A reforma morreu com o sumo sacerdote, e Joás mostrou-se um fraco quando o homem idoso não estava mais presente para encorajá-lo a fazer o que era correto. Joiada, pois, tinha dado o bom exemplo; mas os príncipes de Judá deram um mau exemplo. "Joiada morreu, e, com ele, morreu o espírito da reforma" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Os príncipes traiçoeiros vieram e prestaram falsas mesuras diante do rei. Fica claro, mediante o versículo seguinte, que eles solicitaram permissão para promover abertamente o culto idólatra deles. O rei, pois, mostrou-se fraco demais para opor-se. Ou então o próprio Joás tinha-se desintegrado, e não quis mais continuar uma farsa. Ver o vs. 21. Provavelmente, outras más obras fizessem parte do negócio todo. A boa e breve era de santidade havia chegado ao fim. A mesma antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento em breve haveria de golpear de novo. O vs. 21 deixa-nos chocados ao informar que Joás ordenou o apedrejamento de um profeta que se havia mostrado contrário à corrupção.

O *ideal* era a adoração centralizada em Jerusalém, no templo. Mas os santuários locais recusavam-se a desaparecer. Provavelmente, um dos argumentos dos príncipes foi que era muito trabalhoso subir a Jerusalém três vezes por ano. Eles poderiam passar seu tempo de maneira mais sábia. Os santuários locais serviriam muito bem para a adoração deles.

24.18

Deixaram a casa do Senhor... e serviram aos postes-ídolos e aos ídolos. *A Idolatria Estava de Volta.* Joás havia permitido ou talvez até ajudado a fazer florescer os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Talvez Yahweh fosse *um* dos deuses adorados na massa sincretista que os príncipes de Israel cozinharam. Em breve a ira de Yahweh seria acesa, prestes a golpear. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus.* II Reis 12.18 não tratou da queda de Joás, mas mostrou que ele sofreu perdas, embora a razão para essas perdas não tenha sido discutida. Seja como for, quando as coisas saíam erradas, ficava entendido que alguém tinha praticado o erro, ou então que o errado era o povo inteiro. E o *julgamento* divino estava sempre nas calamidades, conforme acreditava o povo hebraico.

> *Não vos enganeis; de Deus não se zomba;*
> *pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.*
>
> (Gálatas 6.7)

Ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* no *Dicionário.* "Nesse caso, a ira divina manifestou-se em uma invasão síria" (Ellicott, *in loc.*).

Os príncipes fizeram muito bem o trabalho de sedução. Assim diz o Targum: "Após a morte de Joiada, os homens grandes de Judá vieram e adoraram o rei, e o seduziram". Note-se que a ira divina não deveria descer somente contra Judá, mas também contra *Jerusalém,* porquanto era ali que estavam os promotores da apostasia, isto é, no próprio templo.

24.19

Porém o Senhor lhes enviou profetas para os reconduzir a si. *Profetas enviados por Deus, cujos nomes não foram dados,* protestaram contra o que estava acontecendo, porém o povo não lhes deu ouvidos. Eles tentaram reavivar a antiga fé de Joás, mas o povo queria os deleites do paganismo. II Crô. 20.14,37 dá-nos os nomes de alguns profetas da época, e, sem dúvida, alguns deles participaram da reprimenda. Mas ninguém estava interessado em modificar sua conduta. Eles se divertiam nos bosques com os ritos de fertilidade dos cananeus e outras abominações associadas ao paganismo.

24.20

O Espírito de Deus se apoderou de Zacarias. *Zacarias,* filho de Joiada que provavelmente se tornara o sumo sacerdote, foi inspirado pelo Espírito de Deus a fazer um severo protesto e a predizer o desastre para o povo de Judá. O homem pôs-se de pé sobre uma espécie de plataforma, num nível acima do povo, e enviou grande diatribe contra a idolatria. Ele pagou seu ato com a própria vida (ver o vs. 21). O culto de Yahweh, conforme era exigido e direcionado pela legislação mosaica, havia sido descontinuado. Por isso foi dito, com toda a razão, que o povo tinha "abandonado a Yahweh" e em breve seria abandonado por Ele. O partido idólatra logo seria olvidado.

Ellicott supunha que Zacarias tivesse tomado os degraus do átrio interior do templo, pondo-se defronte do povo reunido no átrio exterior. Talvez fosse uma reunião formal convocada pelo próprio sumo sacerdote. Cf. a linguagem similar, usada em II Crônicas 12.5 e 15.2. Ninguém podia abandonar Yahweh e não ser abandonado. A lei da colheita segundo a semeadura garantia esse resultado.

24.21

Conspiraram contra ele, e o apedrejaram, por mandado do rei. *Quase nem podemos acreditar* no que lemos neste versículo. Quando jovem, Joás tinha promovido o yahwismo e reparado o templo a grande dispêndio de energia. Mas agora o idoso Joás abandonou todo o esforço passado e tornou-se culpado do assassinato de um dos profetas do Senhor! Zacarias dificilmente fora diplomático. Ele não respeitou as formas religiosas das outras pessoas. Mas assassinato? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento.*

"A ousada liberdade e energia da reprimenda, bem como a sua denúncia e predição de calamidades nacionais, que certamente e em breve ocorreriam, foram coisas inapetecíveis para o rei. Portanto, ele despertou as ferozes paixões das multidões, aquele bando de incrédulos que, por instigação do rei, apedrejou o profeta até ele morrer (cf. Mat. 23.35)" (Jamieson, *in loc.*).

Pense só nisso, leitor! O pai de Zacarias tinha salvado o pobre bebê Joás da morte, guindando-o posteriormente ao trono de Judá. A esposa de Joiada havia protegido o menino por três anos. Mas, sem um pingo de gratidão, e de maneira desavergonhada e brutal, o mesmo homem tira a vida do filho do sumo sacerdote Joiada. Foi um ultraje horrendo, um tratamento atroz, próprio de uma mente ingrata. "Quando um homem desvia-se de Deus, o diabo entra nele, e ele se torna capaz de todo tipo de crueldade" (Adam Clarke, *in loc.*).

O caso foi tão notório que Jesus se referiu a ele (ver Mat. 23.35) em uma de suas diatribes contra os fariseus. Alguns intérpretes, entretanto, pensam que esteja em vista aqui outro Zacarias (que nos é desconhecido). Ver as notas expositivas sobre o problema, *in loc.,* no *Novo Testamento Interpretado.*

24.22

Este, ao expirar, disse: O Senhor o verá, e o retribuirá. Em meio à agonia de moribundo, Zacarias proferiu uma maldição contra o rei ímpio e ingrato, clamando para que Yahweh visse o que estava acontecendo e o "requeresse" do rei, de acordo com a lei da colheita conforme a semeadura. Em breve os sírios estariam batendo às portas de Jerusalém, "requerendo" a questão da parte de Joás, o apóstata. Ver Luc. 11.51, onde temos uma linguagem similar, empregada por Jesus, que talvez estivesse falando especificamente sobre o caso relatado neste versículo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Retribuição.* Contrastar isso com a declaração do primeiro mártir cristão (Atos 7.60), que teve a graça de orar pedindo o perdão para os seus executores. Mas a maldição de Zacarias foi, ao mesmo tempo, uma oração. Os sírios invadiriam Judá; o próprio Joás seria morto sem misericórdia, por parte de conspiradores.

24.23

Antes de se findar o ano subiu contra Joás o exército dos siros. Antes que aquele mesmo ano terminasse, os sírios puseram-se diante de Jerusalém "requerendo" vingança contra o abominável rei, por causa de sua apostasia e assassinato de Zacarias, que tinha protestado contra a idolatria fomentada pelo rei e pelos príncipes de Judá. Cf. II Reis 12.17 ss. *Hazael* equiparava-se a Joás quanto à brutalidade. Ele era um homem que fazia campanhas de guerra que incluíram *Jerusalém*. Hazael era o "rei" de Damasco, embora não seja mencionado por nome no presente versículo. Um grande saque estava ocorrendo fora de Jerusalém, em Judá, onde todos os líderes dos judeus foram mortos. A retribuição divina foi de acordo com a gravidade do crime deles. Joás seria reduzido a nada, antes de o dilúvio sírio terminar, pois ele merecia ricamente esse tratamento, por causa de sua apostasia e assassinato do inocente Zacarias. "Os príncipes apóstatas foram alcançados pela condenação profética" (Ellicott, *in loc.*). Ao que tudo indica, Hazael permaneceu em Gate, enquanto o corpo principal do exército sírio penetrou no território de Judá, espalhando terror e confusão. Ver o relato em II Reis 12.17 ss. quanto a detalhes que o cronista omitiu em seu relato.

24.24

Ainda que o exército dos siros viera com poucos homens. O *corpo principal* do exército sírio permaneceu em campanha militar fora de Judá. Mas com a ajuda de Yahweh, foi capaz de lançar grande confusão em Judá, com um bando armado relativamente pequeno. Yahweh-Elohim estava executando julgamento contra a apostatada nação de Judá e, especificamente, contra Joás, que havia tomado decisões fatais e cometido crimes horrendos. Os soldados sírios, portanto, foram agentes nas mãos de Yahweh, conforme deixa claro este versículo. Cf. com Êxo. 12.12 e Eze. 5.10.

24.25

Quando os siros se retiraram dele, deixando-o gravemente enfermo. Os vss. 20 e 25-27 são, essencialmente, uma reinterpretação de II Reis 12.19-21, onde ofereci notas expositivas adicionais. O cronista não tratou do suborno pago por Joás para livrar Jerusalém dos invasores, mas teve de sacrificar os tesouros do templo. Ver II Reis 12.18. Presumivelmente, Judá foi sujeitado a tributo pela Síria, o que não é mencionado especificamente pelos autores dos livros de Reis e Crônicas.

Nos conflitos armados, Joás, rei de Judá, foi ferido severamente. Portanto, seus próprios servos conspiraram contra ele, para livrar-se de um agora inútil rei. Disso resultou o seu assassinato. Mataram-no em seu próprio leito. O cronista acrescenta que eles fizeram isso (pelo menos parcialmente), porque Joás havia matado o profeta Zacarias. Portanto, a vingança de Yahweh foi aplicada, e assim foi satisfeita a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver sobre essa lei no *Dicionário*. Cf. este versículo ao seu paralelo aproximado, II Reis 12.20. Os conspiradores mataram o rei Joás em seu leito, em sua casa, em Milo. O autor sacro não diz que o ato foi cometido *conscientemente* pelos auxiliares do rei para vingar a morte de Zacarias. Isso pode ter sido verdade ou não. Mas, de fato, a vingança de Yahweh foi feita.

Um Sepultamento Inglório. O antes bom, mas agora muito ruim rei de Judá não mereceu as honrarias prestadas aos reis "bons". Ele foi, realmente, sepultado em Jerusalém, mas não entre os sepulcros dos reis. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Sepulcro dos Reis*. Cf. II Crô. 21.20, onde a mesma coisa é dita acerca do ímpio Jeorão. Contraste esse sepultamento inglório com o sepultamento de Joiada, o sumo sacerdote (ver II Crô. 24.16).

24.26

Foram estes os que conspiraram contra ele. *Os Conspiradores*. O cronista tinha um relato exato para contar. Ele sabia os nomes dos assassinos de Joás. Ver esses nomes no *Dicionário* quanto a detalhes. Talvez a triste lista de nomes tenha tido o intuito de chamar a atenção para quão "bem" eles desempenharam a parte que lhes coube, merecendo crédito por serem os instrumentos da vingança de Yahweh. Talvez tenhamos aqui apenas uma curiosidade histórica, algo que satisfaz a curiosidade acerca de *quem* executou esse trabalho. O paralelo é II Reis 12.21, onde ofereço notas expositivas adicionais. Há alguma variação nas listas de nomes apresentados. Talvez sejam relatos suplementares, e cada qual com uma lista parcial de conspiradores. Quase certamente, diferentes fontes informativas foram seguidas pelos respectivos autores.

24.27

Quanto a seus filhos, e às numerosas sentenças proferidas contra ele. O cronista termina o seu relato com uma meia nota post-mortem. Joás, realmente, tinha algumas coisas a seu crédito. Ele agiu bem em sua juventude, mas houve "muitos oráculos contra ele" (*Revised Standard Version*). Ele se tornou um homem mau, e depois pior ainda. Os profetas clamaram contra a apostasia dele, e Yahweh o executou após ele ter cometido o erro fatal de matar o filho do sumo sacerdote Joiada. Sua história ficou registrada "no livro dos reis", ou "no livro da história dos reis de Judá", segundo lemos em II Reis 12.19. Quanto a notas expositivas sobre esse livro, uma das principais fontes informativas sobre as histórias dos reis, ver I Reis 14.19. Ver sobre outros livros que serviram como fontes informativas dos livros canônicos do Antigo Testamento, em II Crô. 9.29 e 12.12.

Seus filhos. Quantos filhos Joás teve é algo que não é dito, mas o versículo os inclui na retribuição que sobreveio ao pai. Contra os filhos de Joás também foram proferidos pesados oráculos. Eles preferiam seguir as maldades do velho Joás, e não as virtudes do jovem Joás.

Sentenças. No hebraico, *massa*, uma palavra que pode significar que aos filhos de Joás foram impostos tributos por parte da Síria e de outras potências estrangeiras. Contudo, essa palavra pode significar "sentença pesada de um oráculo condenatório". Ver II Crô. 17.11 quanto à mesma palavra usada com o sentido de *tributo*.

História. Alguns preferem traduzir este vocábulo como "comentário". Nesse caso, pode ter havido um comentário escrito sobre as Crônicas (ver II Reis 12.19), formando um livro adicional, ou, mais provavelmente ainda, o cronista meramente usou aqui um título diferente para o mesmo livro.

Amazias. Ver sobre a história dele no capítulo 25 de II Crônicas.

Capítulo Vinte e Cinco

Amazias (25.1-28)

Quanto a detalhes, ver os três artigos do *Dicionário* intitulados *Amazias; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza*. Provi gráficos sobre os reis no terceiro desses artigos. O cronista não nos forneceu relatos paralelos sobre os reis de Israel (as tribos do norte) e de Judá (o sul), conforme fez o autor dos livros de Reis. O propósito dele era exaltar a dinastia davídica, que continuou no sul após o cisma provocado por Roboão (rei de Judá e filho de Salomão) e Jeroboão. O autor escreveu terminado o cativeiro babilônico, e precisou demonstrar como, embora fosse *uma única* tribo, Judá teve *autoridade política* de transformar-se em Israel e continuar a história dessa nação distintiva. Essa autoridade, o autor sacro achava na continuidade da dinastia davídica. Então, terminado o cativeiro babilônico, alguns levitas retornaram a Jerusalém, conferindo *autoridade espiritual* para levar adiante o Novo Israel, a saber, a tribo de Judá, que se tornara Israel.

Amazias, filho de Joás, reinou por nada menos de vinte e nove anos (796-767 A. C.) e agradou a Yahweh, embora não o tivesse feito de todo o coração. "Um de seus primeiros atos oficiais foi vingar o assassinato de seu pai (ver II Crô. 24.25,26), mas seu coração em favor de Deus é visto no fato de ele ter poupado os filhos dos assassinos, em concordância com o princípio mosaico de que os filhos não devem ser punidos pelos pecados de seus pais (ver Deu. 24.16)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Naturalmente, alguns versículos ensinam o contrário desse princípio. Ver meu comentário sobre esse versículo quanto aos dois lados da questão. Cf. Deu. 5.9.

25.1

Era Amazias da idade de vinte e cinco anos. Quanto aos nomes próprios que figuram neste versículo, ver o *Dicionário*. O reinado relativamente longo de Amazias (796-767 A. C.) significou, para a mente dos hebreus, que Yahweh o abençoou por seu razoável desempenho como rei (vs. 2). Ver as notas dadas imediatamente acima. II Reis 14.2 é um trecho paralelo direto, e ali ofereço notas expositivas adicionais, incluindo informações comparativas sobre o que acontecia no norte durante o período.

25.2

Fez ele o que era reto perante o Senhor. Ver a declaração mais detalhada no trecho paralelo de II Reis 14.3. Amazias agiu bem, mas não podia comparar-se a Davi, o rei ideal, que agiu de maneira muito melhor. Ver sobre *Davi, rei ideal de Israel*, em I Reis 15.3, e sobre *rei ideal* em Deu. 17.14 ss. Amazias, tal como seu pai, Joás, começou bem, mas terminou na idolatria (vss. 14 e 15). Por conseguinte, a velha história se repetiu. Supõe-se que, conforme um homem envelhece, ele melhore, torne-se *mais sábio*. Na história dos reis de Judá, parece que a regra prevalente foi que os reis, quando jovens, eram bons, mas ao envelhecer caíam

em uma série de desgraças. Amazias, pois, seguiu o exemplo, e então o contra-exemplo de seu pai, mas não o modelo ideal de Davi. Joás, na verdade, deixou um exemplo bastante confuso. Três coisas um pai deve a seu filho: exemplo, exemplo, exemplo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Exemplo*.

25.3

Matou os seus servos que tinham assassinado o rei seu pai. *Vingança.* Levado pela honra da família, Amazias vingou a morte do pai, a despeito do fato de que o abominável Joás mereceu o que tinha recebido. Ver II Reis 14.5, um paralelo direto e onde está a exposição. Note como o cronista deixou de mencionar o fato de Amazias não ter removido os lugares altos (ver II Reis 14.4). Portanto, por esse motivo, sabemos que ele não agiu de modo tão bom quanto Davi, mas, antes, seguiu primeiramente o exemplo e depois o contra-exemplo deixado por seu pai, Joás.

25.4

Porém os filhos deles não matou. Este versículo é paralelo direto de II Reis 14.6, onde ofereço a exposição. Os dois versículos são quase verbatim.

25.5,6

Amazias congregou a Judá. *A Convocação Militar.* Amazias parecia ansioso por entrar no negócio das matanças. Essa desgraça sem dúvida estava no código genético dos reis de Israel e Judá. Para matar com eficiência, o rei precisava dispor de uma boa máquina de matança. Portanto, ele reuniu um exército de 300.000 homens, um bom número de homens armados para duas tribos, Judá e Benjamim. Ato contínuo, contratou uma força mercenária de 100.000 homens de Israel, as tribos do norte (vs. 6). Isso lhe custou cem talentos de prata, ou seja, cerca de três toneladas e três quartos. Envolver assim o norte equivalia a fazer uma aliança profana, porquanto as tribos do norte viviam perpetuamente em estado de apostasia comparável ao das nações pagãs.

Comparações. O exercito de Amazias era bem menor que o de Josafá (ver II Crô. 17.14-18), a metade do exército de Asa (II Crô. 14.8); mas era suficiente para o propósito em mente. Amazias treinou bem a esse seu exército e em breve estaria ocupado em sua diversão principal.

Quanto ao valor do talento, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Dinheiro,* III.2, e também *Pesos e Medidas,* IV.A. Mas não há como traduzir esses valores para o equivalente ao dinheiro moderno. Podemos ter certeza, no entanto, de que o rei Amazias estava gastando grande soma para fazer suas guerras. Seu primeiro objeto de ataque foi Edom (vs. 11). Ver II Reis 14.7, onde somos informados de que o exército de Amazias matou 10.000 edomitas. Ver também II Crô. 25.11.

25.7,8

Porém certo homem de Deus veio a ele, dizendo. *A Reprimenda.* Alugar aqueles 100.000 homens das tribos do norte (Israel) era o equivalente a fazer aliança com um poder pagão estrangeiro, visto que Israel era desesperadamente apostatado. Yahweh jamais abençoaria essa união, e a derrota era certa (vs. 8). Um profeta cujo nome não nos é dado, mas homem de Deus, foi enviado para comunicar essa ameaçadora mensagem ao rei. Amazias ouviu os conselhos do homem de Deus, mas isso enfureceu os soldados das tribos do norte, de maneira que uma circunstância nova e destrutiva acabou desenrolando-se. As tradições judaicas tentam preencher esse vácuo, e assim chamam o profeta sem nome de Amós (irmão do rei) e pai de Isaías, mas nisso não parece haver fundamento. (Ver *Seder Olam Rabba,* cap. 20.) A força está em Deus, e voltar-se contra o Senhor é perder a força. Ver II Crô. 20.6; I Crô. 29.12 e Sal. 9.3. Yahweh é quem determinava o resultado da guerra, portanto era demonstração de sabedoria seguir as Suas instruções.

25.9

Muito mais do que isso pode dar-te o Senhor. Pela descrição de que o rei permitiu aos mercenários conservar consigo o dinheiro, é evidente que Amazias os enviou volta para o norte. Embora tivessem permanecido com o dinheiro, ainda assim ficaram ofendidos e furiosos. É provável que quisessem ir à guerra porque, afinal, lutavam somente pelo que era de direito e por diversão. Naturalmente, o *saque* era o verdadeiro salário dos soldados antigos, assim os cem talentos seriam apenas uma primeira prestação de coisas *melhores* por vir. E o homem de Deus relembrou a Amazias _ que estava preocupado com agora inútil dinheiro perdido — que Yahweh era a verdadeira fonte da sabedoria e restauraria a perda. O saque seria muito grande e, além disso, Deus tem uma maneira de dar-nos dinheiro que chega a surpreender-nos. Yahweh, pois, surpreenderia o rei Amazias, se ele fizesse corretamente suas alianças.

25.10

Então separou Amazias as tropas que lhe tinham vindo de Efraim. Os *soldados* das tribos do norte sem dúvida estavam felizes por terem recebido os cem talentos de prata; mas estavam muito *infelizes* por terem sido furtados de seu lucro maior através do saque. Ademais, selvagens gostam de lutar, matar ou ser mortos, e o rei de Judá furtou àqueles homens a diversão que eles esperavam receber. O *príncipe Andrew* foi enviado com as tropas inglesas para lutar nas ilhas Malvinas contra os argentinos. Os brasileiros expressaram surpresa de que um "príncipe" tivesse sido enviado, pois assim a vida de um membro da família real estaria em perigo. Mas assegurei aos brasileiros (tendo sangue inglês eu mesmo) que estava no código genético do príncipe lutar, e que ele foi *ansiosamente,* não com relutância, para a batalha.

É provável que os soldados da tribo de Efraim também estivessem conscientes da *razão* por trás de sua despedida. Eles eram "idólatras" e "apóstatas", indignos de lutar lado a lado com soldados do "puro sul". Isso, sem dúvida, ofendeu a honra deles e inflamou ainda mais a ira que os guiava. Em breve o norte estaria lutando contra o sul, e o sul (Judá) seria derrotado redondamente, como o restante do capítulo nos informa. Dessa forma Israel obteria a sua vingança.

25.11

Animou-se Amazias, e, conduzindo o seu povo. O *paralelo aproximado* é II Reis 14.7, que adiciona alguns detalhes que não foram dados pelo cronista. Ambos os trechos falam sobre a matança dos 10.000 homens do monte Seir, isto é, Edom. Para realizar o seu propósito, Amazias teve de preparar as suas forças e encorajar-se, conforme exortado pelo profeta (vs. 8). O resultado previsto de tal ato (enviar os mercenários de volta a seu ponto de origem, a tribo de Efraim) teve cumprimento. Deus fez o inimigo cair, porque o rei O havia agradado.

Dos filhos de Seir. Isto é, os edomitas. Cf. Gên. 36.9; II Crô. 20.2 e 22. Ver os nomes próprios no *Dicionário,* quanto a detalhes.

25.12

Também os filhos de Judá prenderam vivos dez mil. Cheios de ódio e brutalidade, o exército de Judá tomou outros 10.000 cativos e precipitou-os do alto de uma rocha para que morressem. Assim, o total de mortos foi de 20.000 idumeus, um ótimo resultado para um dia de trabalho. Que pode ser dito acerca de tais coisas? Quão selvagens eram e são os homens, e onde está o Espírito de Deus em tais acontecimentos? É difícil pensar em *justiça* em tais atos. "Esse selvagem massacre de prisioneiros não é mencionado nos livros de Reis, mas é perfeitamente crível em face de I Crô. 20.3; Sal. 137.9; II Reis 8.12; Amós 1.11,12; I Reis 11.15,16, que dizem que Joabe matou todo indivíduo do sexo masculino de Edom" (Ellicott, *in loc.*).

"... a rocha, provavelmente a mesma coisa que o nome da cidade de Petra, a metrópole de Edom, também chamada Sela (II Reis 14.7), cujos significam *rocha.* Josefo (*Antiq.* 1.9, cap. 19, sec. 1) chama-a de a *grande rocha* da Arábia, isto é, Arabia Petraea" (John Gill, *in loc.*). O ato de lançar pessoas de altos penhascos era um antigo modo de execução, empregado tanto pelos gregos quanto pelos romanos (Liv. *Hist.* 1.6, cap. 20). Cf. Luc. 4.29. Naturalmente, também era um ato insensível de descarregar o ódio e matar. Ver Sal. 137.9.

25.13

Porém os homens das tropas que Amazias despedira. *Vingança.* Enquanto Amazias matava os idumeus, os mercenários da tribo de Efraim, que o rei tinha contratado e depois despedido (vs. 10), estavam ocupados em matar judeus. Eles estavam ansiosos para saquear a Edom e, privados dessa diversão, resolveram assolar Judá. Essa vingança deve ter parecido especialmente doce para eles, e nunca pararam de jactar-se do feito. Eles mataram 3.000 homens (não muito, em comparação com o que Amazias fizera entre os edomitas), mas levaram muitos despojos. Dessa forma, aumentaram enormemente seus salários. Amazias, enraivecido pela estupidez do acontecimento, precipitou-se a combater os homens de Efraim, somente para sofrer grande dano. Finalmente, Amazias morreu em meio a uma conspiração contra ele, em Jerusalém.

Desde Samaria, até Bete-Horom. Provavelmente o cronista quis dizer exatamente o contrário: de Bete-Horom até Samaria. Por todo o caminho para casa, eles se ocuparam em matar e saquear. Deixaram uma trilha de sangue e destruição por cerca de oitenta quilômetros. Talvez o exército efraimita tenha ido primeiramente para seus lares, e depois desceu novamente, matando e saqueando de Samaria até Bete-Horom.

25.14

Vindo Amazias da matança dos edomitas. *Uma Insensata Estupidez.* Amazias obtivera grande vitória no monte Seir. Portanto, o que ele fez? Trouxe de volta para Jerusalém os ídolos daquele lugar e estabeleceu-os na capital, inclinando-se diante deles em adoração! Os antigos pensavam que seus deuses os ajudavam a ganhar vitória e sempre tinham "reuniões de oração" antes das batalhas, em busca de ajuda sobrenatural. Mas vemos aqui Amazias a adorar os deuses que tinham falhado em ajudar os idumeus. Ao agir assim, ele se fez um insensato total. As inscrições assírias confirmam essa espécie de estupidez: reis conquistadores levando para suas terras os deuses de povos conquistados. O autor dos livros de Reis deixara de lado a incrível conduta de Amazias, pintando assim um quadro melhor do rei; mas não há razão em duvidarmos da avaliação mais melancólica. Amazias tinha uma espécie estranha de paixão pela idolatria em geral, pois não teria feito o que fez não fora essa paixão. Ele foi "... tolo, ignorante e altamente ofensivo contra Deus" (Jamieson, *in loc.*). "... a maior estupidez imaginável, adorar os deuses de uma nação conquistada, visto que tais deuses não tinham podido salvá-la; que ajuda poderia ele esperar da parte desses deuses?" (John Gill, *in loc.*).

25.15,16

A ira do Senhor se acendeu contra Amazias, e mandou-lhe um profeta. *Um profeta cujo nome não foi dado* entregou, a mando do Senhor, uma diatribe contra o rei Amazias e salientou a total estupidez de seu ato. Os deuses impotentes dos idumeus deixaram-nos desamparados, permitindo que os judeus os matassem. Portanto, poderiam eles ter algum uso possível para o rei de Judá? O profeta, pois, aproveitou a oportunidade de repreendê-lo pela sua *apostasia geral,* e não meramente por causa daquele ato ridículo. Conforme o profeta foi-se incensando, assim também foi-se enfurecendo o rei, que acabou ameaçando-o de execução, tal como Joás tinha executado a Zacarias (vs. 16; ver também II Crô. 24.21). Se o profeta não calasse a boca, poderia ser calado pela própria morte. Afinal, ele não fora feito conselheiro do rei e não tinha o direito de mostrar-se tão desrespeitoso. O profeta, então, querendo continuar vivo, parou, mas não sem antes ter lançado mais um ataque contra o rei: "Deus te destruirá. Disso eu sei. E ficarás triste por não teres dado ouvidos ao meu conselho". Para que Amazias fosse devidamente castigado por todos esses atos estúpidos, ele precisava de alguma espécie de inspiração. Alguém, cujo nome também não foi dado (vs. 17), aconselhou-o a atacar o rei Jeoás, de Israel. Mas esse ataque foi feito para queda de Amazias, a qual teria de ocorrer como seu julgamento apropriado. Devemos compreender que esse *mau conselho* veio ao rei Amazias através de um instrumento humano, mas *Yahweh* estava por trás do acontecimento todo.

25.17

Então Amazias, rei de Judá, tomou conselho e enviou mensageiros a Jeoás. *Um Mau Conselho.* Os mercenários de Efraim que o rei Amazias tinha mandado de volta para casa ficaram furiosos e mataram e saquearam tudo, desde Bete-Horom até Samaria. Os conselheiros de Amazias, entretanto, disseram que ele deveria vingar-se desse erro. Ora, Amazias estava inchado devido à extraordinária vitória sobre os idumeus, e pensou ser capaz de qualquer coisa. Portanto, exprimiu o desejo de enfrentar Jeoás "face a face", uma expressão idiomática do hebraico que significa "vamos guerrear". Jeoás, rei de Israel, não tinha tempo para ocupar-se com batalhas triviais e zombou do rei de Judá. Isso serviu somente para adicionar combustível à fogueira, e a guerra tornou-se inevitável. Amazias estava prestes a ser punido por causa de sua apostasia. Yahweh continuava a controlar as guerras. Cf. o paralelo aproximado de II Reis 14.8-10.

O rei Amazias, tendo repelido o conselho do profeta (vs. 16), tomou mau conselho e agora sofreria redundante derrota. Mas Yahweh estava por trás dos acontecimentos.

25.18

Porém Jeoás, rei de Israel, respondeu a Amazias, rei de Judá. Este versículo é virtualmente cópia palavra por palavra de II Reis 14.9, onde ofereço a exposição.

25.19

Tu dizes: Eis que feri os edomitas. Este versículo é uma forma levemente alterada de II Reis 14.10, onde ofereço as notas expositivas. "O orgulho segue antes da queda."

> *A soberba precede a ruína,*
> *e a altivez do espírito, a queda.*
>
> (Provérbios 16.18)

25.20

Mas Amazias não quis atendê-lo; porque isto vinha de Deus. Este versículo é quase idêntico a II Reis 14.11. O cronista, entretanto, mostrou-se cuidadoso em informar que Yahweh estava por trás da obstinação de Amazias e de sua recusa em ouvir a voz da razão. Uma grande derrota estava sendo preparada para ele, por parte do Ser divino, de forma que ele tinha de ignorar todo bom conselho, a fim de atirar-se de olhos fechados no meio do seu castigo, com o coração endurecido como uma pedra. Jeoás seria a vara de punição nas mãos de Yahweh. O rei apostatado do sul estava prestes a aprender uma dura lição sobre a lei da colheita segundo a semeadura. Ele havia abandonado Yahweh, e Yahweh estava prestes a abandoná-lo.

Porquanto buscaram os deuses dos edomitas. Parte do orgulho estúpido de Amazias estava alicerçado sobre o fato de que ele havia capturado os deuses de Edom e orado perante aqueles ídolos ridículos. Portanto, ele estava confiando em uma fonte vã de poder. Essa parte da história foi ignorada pelo autor dos livros de Reis. Quanto a eventos de guerra e outros desastres determinados pelo Ser divino, cf. II Crô. 10.15; 24.24 e 25.16.

25.21

Subiu então Jeoás, rei de Israel, e Amazias, rei de Judá. Este versículo é cópia, quase palavra após palavra, de II Reis 14.11, onde são oferecidas as notas expositivas. Mas o autor dos livros de Reis enfatizou como Amazias recusou-se a escutar a qualquer bom conselho. Os homens não morrem; eles se matam. "Amazias não deu ouvidos à recusa beligerante de Jeoás, porquanto Deus tinha determinado que usaria o rei de Israel como sua vara de punição, por causa da idolatria de Amazias" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

25.22

Judá foi derrotado por Israel. Este versículo é cópia verbatim de II Reis 14.12, onde a exposição é oferecida.

25.23

E Jeoás, rei de Israel, prendeu a Amazias, rei de Judá. Este versículo é virtualmente idêntico a II Reis 14.13, onde a exposição é oferecida.

25.24

Tomou todo o ouro e a prata, e todos os utensílios que se acharam na casa de Deus. Este versículo é virtualmente idêntico a II Reis 14.14, onde as notas expositivas são oferecidas.

Com Obede-Edom. Temos aqui uma adição feita pelo cronista. A custódia dos tesouros sagrados foi entregue ao clã levítico que atendia por esse nome. Ver I Crô. 26.15 ss. Portanto, os tesouros foram tirados das mãos de seus guardadores. Ver o termo no *Dicionário.* Os *asuppim,* isto é, *coletâneas* de tesouros divinos, vinham sendo guardados por esse clã, geração após geração. O saque foi completo e devastador.

25.25

Amazias, filho de Joás, rei de Judá. A *vida de Amazias* foi poupada. Ele continuou a governar como rei vassalo, dirigindo um país arruinado. Conseguiu viver quinze anos depois da morte de seu arquiinimigo, Jeoás, rei de Israel. Talvez isso lhe tenha servido de alguma consolação, embora eu duvide. Ver II Reis 14.17, o trecho paralelo que este versículo copia quase palavra por palavra.

25.26

Ora os mais atos de Amazias. Este versículo é virtualmente verbatim de seu trecho paralelo, II Reis 14.18, onde ofereço a exposição. O cronista chamou o livro que lhe serviu de fonte informativa de "livro dos reis de Judá e de Israel". Mas o autor dos livros de Reis não mencionou as palavras "e de Israel", embora sempre tivesse o cuidado de registrar as histórias dos reis tanto de Israel quanto de Judá, enquanto o cronista só tocava em material relativo às tribos do norte quando isso se relacionava diretamente a histórias sobre algum rei do sul. O autor de Reis menciona o "livro da história dos reis de Israel" como fonte informativa no caso de quase todos os reis sobre os quais comentou. Ver sobre isso em I Reis 14.19. Ver também II Crô. 9.29; 12.15 quanto a outros livros perdidos usados como fonte informativa pelos autores dos livros canônicos.

25.27

Depois que Amazias deixou de seguir ao Senhor, conspiraram contra ele. Este versículo é quase idêntico ao trecho paralelo de II Reis 14.19, onde são oferecidas as notas expositivas. O cronista adicionou a cláusula "depois que Amazias deixou de seguir ao Senhor", a fim de enfatizar a *razão* das calamidades que lhe sobrevieram. A melancólica profecia dada através de um profeta desconhecido (vs. 16) cumpriu-se amplamente. Assim aprendemos que a vida dos homens é governada pelo Ser divino, para o bem ou para o mal. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Providência de Deus* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O cronista sempre se mostrou ansioso por explicar as *razões espirituais* para o sucesso material ou para o desastre, o que o autor dos livros de Reis fazia apenas raramente. O cronista, pois, estava promovendo a sua *filosofia da história*, que anotei imediatamente antes da exposição sobre II Crô. 1.1..

25.28

Trouxeram-no sobre cavalos e o sepultaram junto a seus pais na cidade de Judá. O trecho paralelo, II Reis 14.20, é ligeiramente mais completo. Note-se a escorregadela da pena do cronista nas palavras "na cidade de Judá", em lugar de "na cidade de Davi". As versões, porém, fazem a correção, seguindo o livro de II Reis, e *alguns* manuscritos hebraicos o acompanham. O corpo do rei Amazias foi trazido de volta a Jerusalém em uma carroça puxada por cavalos, mas seu espírito voltou para Deus, que o deu (Ecl. 12.7). A *vida* do rei Amazias continuou, a despeito de seu cadáver estar decompondo-se em um túmulo. Ver no trecho paralelo as notas expositivas a respeito.

Capítulo Vinte e Seis

Uzias (26.1-23)

O *cronista* continuou ignorando os reis das tribos do norte, registrando algo sobre eles apenas quando isso tinha importância na narrativa sobre algum dos reis do sul. Em contraste, o autor dos livros de Reis forneceu relatos paralelos dos reis tanto do norte quanto do sul, em uma ordem cronológica aproximada. Era propósito do cronista fornecer um relato ideal da história do reino do sul, Judá. Ele estava exaltando a dinastia davídica. Uma das razões para isso foi que, após o cativeiro babilônico (quando o livro de Crônicas foi escrito), Judá, uma única tribo, continuou a história de Israel. De fato, foi então que Judá se *tornou* Israel. Para mostrar que essa continuação envolvia *autoridade política*, o cronista demonstrou que a dinastia davídica continuou e garantiu uma nação de Israel autenticada, representada pela tribo de Judá. Todas as tradições religiosas e políticas eram levadas avante pelos homens dessa tribo única. E a *autoridade espiritual* foi garantida pelo retorno de alguns levitas a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico.

O autor dos livros de Crônicas também enfatizou sua *filosofia da história*, do começo ao fim. A história dos homens é divinamente guiada, para o bem ou para o mal. Os homens são considerados moralmente responsáveis por aquilo que fazem. Ver sobre essa filosofia (em seus diversos elementos), na introdução a este livro, imediatamente antes da exposição a II Crô. 1.1.

"Uma pequena torção nas rodas das circunstâncias internacionais produziu *quarenta anos* de prosperidade a Israel sob Jeroboão II, e a Judá, sob Uzias. O detalhe nesses versículos notáveis (II Crô. 26.5-15), que não têm paralelo no livro dos Reis, parece implicar claramente o uso de algum documento antigo... O próspero reinado de Uzias correu paralelamente ao governo igualmente longo e próspero de Jeroboão II, sobre Israel. Mas nos livros de Amós, Oséias e Isaías aprendemos vividamente que, sob esses monarcas, a prosperidade era de uma *minoria*, coincidentemente com as misérias que *muitos* padeciam, devido ao crescimento de monstruosas corrupções sociais" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

26.1

Todo o povo de Judá tomou a Uzias... e o constituiu rei. Diante da morte prematura de Amazias (ver II Crô. 25.27), seu filho foi feito rei. Note-se que em II Reis 14.21 Uzias é chamado *Azarias*, uma variante na soletração. O novo rei tinha apenas 16 anos quando começou a reinar, e podemos presumir que por alguns anos ele tenha sido cercado de conselheiros que retiveram o poder real sobre a nação. Uzias reinou por um tempo extraordinariamente longo, cinqüenta e dois anos, de 790 a 739 A. C. Ver o vs. 3 deste capítulo. O cronista sempre usa o nome Uzias, exceto em I Crô. 3.12. Nas inscrições assírias de Tiglate Pileser II, o rei é uniformemente chamado de *Azriyahu*, isto é, *Azarias*. Esse rei ficou conhecido por ambos os nomes. Cf. II Reis 14.21,22 e 15.1-3, onde ofereço informações adicionais.

Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Uzias; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza*, para mais informação, e, no último desses três artigos, gráficos comparativos dos reis do norte, dos reis do sul e potências circunvizinhas.

26.2

Ele edificou a Elote. Este versículo é verbatim de II Reis 14.22, onde ofereci as notas expositivas.

26.3

Uzias tinha dezesseis anos quando começou a reinar. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 14.23, mas o autor dos livros de Reis inclui sua usual comparação com o rei do norte, que governou no mesmo período.

Uma Discrepância Cronológica? "Amazias reinou de 796 a 767 A. C. Portanto, se Uzias começou a reinar em 790 A. C., foi co-regente com seu pai por vinte e três anos. No entanto, o cronista (bem como o autor de II Reis) parece ter indicado que o período de reinado de Uzias se seguiu ao de Amazias, e Uzias tinha apenas 16 anos quando começou a reinar. Como, pois, sua co-regência pode ter sido de vinte e três anos?" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Merrill usualmente anseia por explicar todos os problemas, até mesmo os impossíveis, mas aqui deixa a contradição para outros resolverem, visto que espaço demasiado tenha de ser usado para relatar tudo quanto foi dito, a fim de reconciliar-se os diferentes elementos da narrativa. O âmago da explicação é que Uzias se tornou vice-regente (e não rei absoluto) aos 16 anos. Essa, entretanto, é uma conjectura para a qual não temos nenhuma evidência. Na verdade, não é necessário explicar todas as discrepâncias, reais ou imaginárias. Algumas delas são reais. Mas a fé religiosa não depende de tais questões. Somente os hiperfundamentalistas e os céticos preocupam-se; os primeiros para promover a causa da harmonia a qualquer preço, mesmo que seja a desonestidade; e os segundos a fim de lançar dúvidas sobre a fé religiosa. Em II Reis 15.1 faço uma breve tentativa de reconciliação.

Um Ponto Interessante. Jeroboão II reinou sobre Israel, as tribos do norte, por mais tempo que qualquer outro rei de sua história, ou seja, quarenta e um anos (ver II Reis 14.23). E Uzias reinou por mais tempo em Judá do que qualquer outro rei sobre esse país, cinqüenta e dois anos (ver II Crô. 26.3). Esses dois reis tiveram governos paralelos.

26.4

Ele fez o que era reto perante o Senhor. Este versículo tem paralelo direto em II Reis 15.3, onde a exposição é oferecida. Quando lemos aqui que o filho fez tão bem quanto seu pai, devemos compreender que o *jovem* Amazias agiu corretamente. O cronista não repete a história de como Amazias apostatou e terminou em desastre a sua vida. Cf. II Crô. 25.2, onde vemos Amazias começando bem a sua carreira de rei, embora não em harmonia com o ideal mais elevado. II Reis 15.4 diz-nos que Uzias (Azarias) não tirou os lugares altos (ver a respeito no *Dicionário*, e ver a exposição daquele versículo). Somente no tempo de Ezequias os lugares altos foram completamente destruídos.

26.5

Propôs-se buscar a Deus nos dias de Zacarias. Os vss. 5 a 15 deste capítulo encontram-se exclusivamente em II Crônicas, sem paralelo direto nos livros de Reis. Para informações, ver as notas e uma citação de W. A. L. Elmslie imediatamente antes da exposição de II Crô. 26.1.

Um Começo Espiritual. Novamente vemos um jovem rei a fazer o que era direito e a prosperar em casa e em batalha, o que, infelizmente, ocupou tanto do tempo do rei. À medida que este capítulo prossegue, aprendemos que, conforme Uzias envelhecia, a exemplo dos reis de Judá antes dele, começou a desintegrar-se em fé e caráter.

Zacarias foi o professor e guia do rei em seus anos de juventude. Em vista não está Zacarias, autor do livro bíblico com esse nome, que viveu 300 anos mais tarde. Antes, temos aqui um profeta desconhecido, que só figura no texto presente. O artigo do *Dicionário*, chamado *Zacarias*, lista trinta homens com esse nome, no Antigo Testamento. O Zacarias do presente versículo é o de número doze nessa lista. O texto hebraico diz que ele era experiente em visões dadas por Yahweh, mas as versões dão como sua força que ele agia no "temor de Deus", e algumas traduções adotam essa frase no texto. O hebraico diz, literalmente, que ele era habilidoso "em ver a Deus". Mas alguns manuscritos hebraicos, as versões e o Targum dá o temor de Deus como o significado dessas palavras. A maioria dos eruditos modernos apega-se a essa interpretação. Seja como for, ele era homem altamente qualificado para guiar o jovem rei e, enquanto o fez, as coisas correram bem para Uzias. Havia então bom exemplo e bons ensinamentos, fatores fundamentais para o crescimento espiritual. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Exemplo* e *Ensino*.

26.6

Saiu e guerreou contra os filisteus. *Vitória sobre a Filístia.* O "santo" Uzias lançou-se à guerra e atacou primeiramente os filisteus, nas suas cidades principais. Ver os nomes próprios no *Dicionário*. Uzias não somente ganhou a guerra e obteve muitos despojos, mas até foi capaz de construir colônias "permanentes" próximas das cidades conquistadas para assegurar o futuro e, provavelmente, obter tributo. Não lemos que os filisteus tenham incomodado o rei de Judá. É provável que sua motivação tenha sido essencialmente econômica. A guerra era um bom negócio, naturalmente — às expensas de outros. A guerra fazia parte da formação e do orçamento dos reis antigos. Imagino que o povo esperava que seus reis fossem à guerra mesmo quando tempos de paz eram perfeitamente possíveis. Provavelmente, o cronista sentia-se feliz por contar as histórias das guerras vitoriosas de Judá, porque elas significavam que Yahweh estava abençoando o rei, por estar este ocupado em algum serviço divino. "Uzias parece ter reduzido os filisteus a um estado de completa vassalagem. Entretanto, eles não foram anexados a Judá" (Ellicott, *in loc.*). Em outras ocasiões, foram os filisteus que vexaram a Israel (ver II Crô. 21.16,17), de forma que quase sempre houve o fator da vingança nas guerras contra os filisteus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteus, Filístia.*

26.7

Deus o ajudou contra... os arábios. *Vitória sobre os Árabes.* Encorajado em suas bem-sucedidas campanhas militares contra os filisteus, e convencido de que era correto dar a Yahweh o crédito por isso, o inquieto rei Uzias procurou outros países para conquistar. Sua primeira escolha foi a Arábia, e ali ele também obteve grande sucesso. Os cofres do templo estavam repletos, tal como o ego do próprio rei Uzias. Primeiramente ele dominou a cidade de *Gur-Baal*, talvez a mesma cidade de Gerar, originalmente pertencente aos filisteus, mas que ficara sob o domínio árabe. Em seguida, Uzias invadiu a Arábia propriamente dita e liquidou os *meunitas*. Ver os nomes próprios no *Dicionário*. Quanto aos meunitas, ver I Crô. 4.41. Ver como II Crô. 17.11 também menciona juntamente filisteus e árabes. Alguns eruditos não aceitam a identificação de Gur-Baal com Gerar, e supõem que seja localidade atualmente desconhecida no Neguebe, uma cidade ou distrito. Ver o artigo com esse nome no *Dicionário*.

26.8

Os amonitas deram presentes a Uzias. *A Sujeição dos Amonitas.* O rei de Judá estava vivendo os seus melhores dias, e passaria muito tempo, naquela região do mundo, sem que alguém lhe pudesse fazer oposição bem-sucedida. Assim sendo, os amonitas encararam a guerra como uma causa perdida e sujeitaram-se a Uzias. Foi uma rendição sem guerra. Foi mais rápido assim. Uzias, pois, tirou o dinheiro deles, em vez de tirar-lhes a vida. Para manter os filhos de Amom fracos e humildes, cobrou-se um tributo anual.

Cujo renome se espalhara até à entrada do Egito. *O Próprio Egito Tremeu.* As notícias sobre o imenso poder de Uzias espalharam-se. Os próprios egípcios temeram que algo de terrível lhes acontecesse, mas não lemos que o rei de Judá tenha invadido o Egito. Talvez a sua lepra (vs. 21) tenha cortado pelo meio as demais campanhas militares. Algo tão simples como uma enfermidade física pode deter os planos até do mais vigoroso dos homens, e isso mostra o quão débeis somos. Seja como for, o reino de Uzias estendeu-se até a fronteira com o Egito (cf. Isa. 15.1-5 e II Reis 3.4), mas não ultrapassou essa fronteira.

Não é mal. Deixe-os brincar.
Que os canhões ladrem e os aviões de bombardeio
Falem suas prodigiosas blasfêmias.

Quem se lembraria da fisionomia de Helena,
Sem o terrível halo de lanças?

Nunca chores. Deixe-os brincar.
A antiga violência não é antiga o bastante,
A ponto de não ser capaz de gerar
Novos valores.

(Robinson Jeffers)

26.9

Também edificou Uzias torres em Jerusalém. "Internamente, Uzias foi o mestre na construção de torres fortificadas em Jerusalém, em vários pontos das suas muralhas, talvez incluindo a porção das muralhas que Joás tinha destruído (II Crô. 25.23). Quanto à *Porta da Esquina* e à *Porta do Vale*, ver II Crô. 25.23 e Nee. 2.13,15; 3.13. Quanto à *Porta do Ângulo*, ver Nee. 3.19,20,24,25. Uzias também se ocupou de maciços projetos agrícolas no deserto, bem como nos sopés das colinas e nas planícies (vs. 10)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Porta da Esquina. Provavelmente a porta noroeste da muralha da cidade. Josefo diz-nos que as torres construídas por Uzias tinham setenta e cinco metros de altura (*Antiq.* 1.9, cap. 10). Ele pôs guarnições de soldados em pontos estratégicos, incluindo os portões da cidade.

26.10

Também edificou torres no deserto. Mais torres e guarnições foram construídas no deserto, a certa distância, para proteger Judá de quaisquer ataques de surpresa. O rei Uzias também não se esqueceu da agricultura. Ele mandou cavar muitos poços. Criou rebanhos de gado em vários lugares do país, na Shephelah e nas planícies. E postou agricultores nas colinas, especialmente vinhateiros. Ele chegou a desenvolver solos férteis onde não havia, porque era amante da terra.

Nos montes. Isto é, na região montanhosa de Judá, que só podia ser fértil se lhe fosse trazida água. Esse território ficava a oeste do mar Morto e era bastante inútil, não fora o suprimento de água. As fortificações militares tinham, como parte de seus deveres, proteger o plantio naquelas regiões de qualquer assédio desfechado pelo inimigo.

O amor pelo solo e o desenvolvimento da agricultura falavam bem em favor do rei. "Da agricultura, todo Estado depende" (Adam Clarke, *in loc.*). Se a agricultura não prosperar, nenhum Estado poderá prosperar por longo tempo, a menos que seja muito rico e possa importar produtos agrícolas de potências estrangeiras. Uzias, pois, garantia pão para os pobres.

Nos campos férteis. A leste do rio Jordão, dentro do território de Rúben (ver Deu. 6.43; Jos. 20.8). Algumas versões apresentam aqui *Carmelo*, que muitos eruditos tomam como *campo frutífero*. Ver Isa. 29.17 e 32.15. Ver I Sam. 25.2, quanto a um lugar com esse nome em Judá, não na parte norte, perto do mar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Carmelo*, em seu terceiro ponto, quanto a uma discussão. A aldeia que tinha esse nome ficava nas regiões montanhosas de Judá. A moderna localidade de *Karmel* assinala o local antigo. A nossa versão portuguesa, entretanto, diz "campos férteis", em lugar de dar-lhe o nome próprio de Carmelo.

Poder Militar de Uzias (26.11-15)

O *rei de Judá* tinha muitos interesses e atividades, mas acima de tudo era um militar que se tornou um pequeno Salomão. O cronista, nesta breve seção, falanos de todas as provisões dele para a guerra. Uzias foi como Alexandre, o Grande, que chorou porque não tinha mais mundos para conquistar. E também, à semelhança de Alexandre, inventou novas e melhores armas para facilitar o jogo da matança e fazer-se invencível. Mas foi seu próprio *poder* que o deixou orgulhoso e preparou sua queda miserável.

26.11

Tinha também Uzias um exército de homens destros nas armas. Três líderes ajudaram Uzias a atingir o seu poder militar: Jeiel, Maaséias e Hananias. Ver no *Dicionário* quanto ao que se sabe acerca deles. Jeiel e Maaséias cuidavam da convocação e organização militar. Hananias, o general-em-chefe, era o supervisor que se certificava de que os outros faziam corretamente o trabalho. Ele também tinha altas responsabilidades na direção do exército nos campos de batalha.

26.12

O número total dos cabeças das famílias. A convocação de um exército em Israel dependia da cooperação dos chefes de clãs, porque todos eles eram obrigados a contribuir. Além desses, havia os *principais oficiais* do exército propriamente dito. O número total desses cabeças de famílias era de 2.600. Os heróis entre os soldados tornavam-se seus líderes.

26.13

Debaixo das suas ordens havia um exército guerreiro de trezentos e sete mil e quinhentos homens. O exército de Uzias, similar em tamanho ao de Amazias (ver II Crô. 25.5), era bastante inferior ao de Josafá (II Crô. 17.14-18). O exército de Asa (II Crô. 14.8) era quase o dobro do tamanho do de Uzias. Portanto, podemos dizer que o exército de Uzias era apenas mediano. Mas o texto sagrado deixa claro que o exército dele era eclético, mais treinado que a maioria dos exércitos e, certamente, mais bem equipado. Além disso, havia um equipamento novo, inventado por homens especializados na questão (vs. 15), o que aumentava a força e o poder de matar, sem a necessidade de aumentar o número de homens armados.

26.14

Preparou-lhes Uzias, para todo o exército. Os *tipos usuais* de equipamento foram fornecidos. A nenhum soldado de Uzias faltavam armas, defensivas e ofensivas, necessárias para as campanhas militares do rei. Este versículo lista as armas comumente empregadas pelos exércitos antigos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Guerra,* quanto a detalhes sobre essas questões. Ver também o artigo chamado *Armaduras, Armas,* quanto a descrições e ilustrações.

26.15

Fabricou em Jerusalém máquinas, de invenção de homens peritos. *Além dos armamentos convencionais,* certos gênios militares conseguiram inventar novas armas que puseram o exército de Uzias à frente de qualquer outro exército da história de Judá. Entre esses novos armamentos havia *lançadores* de pedras e dardos, postos nas torres e fortificações, a fim de repelir qualquer exército que estivesse avançando. Eles podiam atingir homens armados *a distância.* Assim também, nos tempos modernos, armas terríveis e destruidoras são as que podem atingir um inimigo a distância, envolvendo o mínimo de risco para os que as manejam. Alexandre, o Grande, era conhecido por suas inovações militares, que lhe davam vantagem sobre os exércitos menos sofisticados.

"Catapultas inventadas por artífices. Esta é a primeira notícia que ocorre na história quanto ao uso de máquinas para atirar projéteis. A invenção foi atribuída ao período de reinado de *Uzias.* Plínio disse expressamente que essas catapultas se originaram na Síria" (Jamieson, *in loc.*). As citações de Plínio podem ser vistas em sua *Nat. Hist.* 1.7, cap. 56. É possível que Uzias tenha emprestado suas idéias da Síria, ou talvez os sírios tenham emprestado a idéia de Uzias. Seja como for, a catapulta começou a existir naquela parte do mundo. Os gregos e os romanos a aprimoraram (Vid. *Valtrinum de re militari Roman* 1.5, cap. 6). E assim essa arma tornou-se uma parte padronizada da guerra. Alexandre adicionou modos de destruir e escalar muralhas. Os antigos simplesmente tinham de desfechar seus ataques sem aviões, os quais, sem dúvida, teriam aumentado grandemente seu poder ofensivo. Além disso, há os mísseis que enchem de terror o coração de todos os humanos. A guerra química, as bombas atômicas e os mísseis convencionais e atômicos tornam a vida moderna muito precária, para dizermos o mínimo. Por conseguinte, o homem continua a ser um selvagem, cuja maior realização é matar. Mas algum dia o homem atingirá um patamar superior a esse, conforme crescer sua espiritualidade e novas épocas chegarem. Atualmente, porém, continuamos presos à loucura de matar e ser mortos. E, *pior ainda:* os homens continuam a dar a *Deus* o crédito por inspirá-los a tal insanidade.

26.16

Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração. *Uzias,* aquele poderoso rei de Judá e cabeça de um dos mais sofisticados exércitos da terra, tinha conquistado todos os seus adversários. Então começou a agir como um insensato. Nada mais tendo que fazer, resolveu realizar as atividades dos sacerdotes. Afinal, Yahweh não tinha entregado a ele poder e domínio? Portanto, ele daria pessoalmente suas ações de graças, diretamente no templo, usurpando assim o ofício de um sacerdote.

O orgulho é o começo do pecado.

(Ben Sira, Livro da Sabedoria)

Orgulho, inveja e avareza — essas são as
fagulhas que tocam fogo no coração dos homens.

(Dante, Inferno)

A soberba precede a ruína,
e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

Uzias começou a depender dos homens e de armamentos, e insultou Yahweh mediante seu ato de estupidez. Esse ato não poderia deixar de ser punido.

Para queimar incenso no altar do incenso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar do Incenso,* quanto ao ato tresloucado de Uzias. Ninguém, senão um sacerdote, podia entrar no Lugar Santo. E ninguém, senão um sacerdote, podia queimar incenso ou oferecer sacrifícios. Ver II Reis 15.4,5 quanto à explicação da questão por parte de um autor diferente. Naquela passagem, o pecado particular de Uzias não é mencionado, mas lemos que ele foi ferido de lepra por causa de atos religiosos tolos em que ele se envolveu nos *lugares altos.* Ver a proibição do sacrilégio praticado por Uzias, em Núm. 18.1-7. Ver também Êxo. 30.7,8.

Dupla Função. No Egito, os reis também eram sumos sacerdotes, mas esses dois ofícios sempre foram mantidos separados em Israel-Judá. Talvez Uzias quisesse imitar os egípcios, e até tivesse planos de tornar-se o sumo sacerdote. Nesse caso, então, seu orgulho o faria desviar-se para longe da vereda prescrita pela legislação mosaica. Os reis anteriores ocasionalmente ofereceram sacrifícios, como fizeram Saul e Davi e, provavelmente, Salomão; gradualmente, porém, tais funções foram reservadas somente aos sacerdotes qualificados. Ver I Sam. 13.9 e I Reis 8.64.

26.17

Porém o sacerdote Azarias entrou após ele, com oitenta sacerdotes. Vendo o *terrível sacrilégio* que estava sendo realizado pelo rei, Azarias, o sumo sacerdote, na companhia de oitenta outros sacerdotes, correu para o Lugar Santo para fazer o rei parar. Aquilo foi um *insulto* a Yahweh e ao templo, e não podia ser tolerado. Se o rei não pusesse cobro ao seus atos, os homens *valentes* poderiam tornar-se violentos e executá-lo no local. Aqueles homens tinham coragem moral e física para opor-se ao grande Uzias, rei de vastos exércitos e de invenções militares.

26.18

E resistiram ao rei Uzias, e lhe disseram. *Uma Dura Repreensão.* O sumo sacerdote Azarias disse ao rei tudo quanto tinha de dizer. Defendeu a legislação mosaica, que o rei Uzias conhecia muito bem mas decidira violar. Somente os filhos de Arão podiam fazer o que o rei estava fazendo (ver Núm. 16.35). Josefo dá-nos o detalhe dramático, mas provavelmente inventado, de que exatamente *naquele momento* um terremoto atingiu a área (ver *Antiq.* I.9, cap. 10, sec. 4), acrescentando que o altivo Uzias ameaçou matar os sacerdotes. E isso tinha precedentes na história de Israel. Um dos pecados agravados de Saul foi que ele matou sacerdotes (ver I Sam. 22.17 ss.). Recentemente, Joás havia matado um sacerdote (ver II Crô. 24.21).

26.19

Então Uzias se indignou. Em meio às *ameaças mútuas* e à ira generalizada, Yahweh subitamente interveio e feriu o rei com *lepra.* A palavra hebraica aqui empregada, *sara'at,* é um termo amplo de significado e refere-se a certa variedade de enfermidades cutâneas, incluindo mídios e fungos que aparecem nas paredes e nos tecidos. A maior parte das descrições dessa doença, dadas no Antigo Testamento, não se equipara aos sintomas da hanseníase. Dou uma completa discussão sobre essa questão, na introdução ao capítulo 13 de Levítico, e listo algumas enfermidades que podem ter surgido na testa de Uzias. Sem dúvida, a verdadeira lepra estava entre as enfermidades designadas pela palavra hebraica *sara'at.* Ver no *Dicionário,* igualmente, o verbete intitulado *Lepra, Leproso.* Tendo contraído a *sara'at,* o rei, mesmo que fosse um sacerdote autêntico, não possuía mais o direito de continuar no Lugar Santo, porque estava *imundo.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo.*

Outros Julgamentos Divinos Parecidos. Outras pessoas também feridas pela "lepra" foram Miriã (ver Núm. 12.10) e Geazi (ver II Reis 5.27). A temida *sara'at* era considerada um sinal do desprazer divino, mesmo quando fosse adquirida normalmente, sem nenhum ataque repentino.

26.20

O sumo sacerdote Azarias e todos os sacerdotes voltaram-se para ele, e eis que estava leproso na testa. *A Expulsão.* O altivo rei Uzias foi subitamente humilhado. Os sacerdotes expulsaram-no do templo, e o próprio rei se afastou. Ele se apressou a sair do templo, e sua altivez de súbito terminou, porque não temera o julgamento de Yahweh. Portanto, a questão terminou tão dramaticamente como ninguém poderia ter imaginado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* que operou mais rapidamente do que o usual. Todavia, essa lei tem uma maneira segura de realizar-se, embora pareça fazê-lo lentamente, conforme os *homens* contam o tempo. Cf. II Reis 15.5 onde dou notas adicionais sobre a questão.

26.21

Assim ficou leproso o rei Uzias até ao dia da sua morte. Este versículo tem como paralelo a passagem de II Reis 15.5, onde também ofereço as notas expositivas. O poderoso e altivo rei Uzias caíra de súbito, de modo desgraçado e absoluto. Talvez isso tenha exercido alguma influência sobre o que fez seu filho, o novo rei,; mas as coisas, definitivamente, tinham chegado ao fim para o infeliz monarca, que atravessou o palco da história e teve seu momento de glória.

26.22

Quanto aos mais atos de Uzias. Os *livros canônicos do Antigo Testamento* contavam com fontes informativas de livros não-canônicos, a maioria dos quais se perdeu com o passar do tempo. Ver I Reis 14.19; II Crô. 9.29; 12.15. O cronista usou os livros de Samuel e de Reis, entre outras fontes. A esta altura, os livros de Reis mencionam de novo a *história dos reis de Israel e de Judá;* mas o cronista refere-se aos escritos de Isaías. Cf. Isa. 1.1 e 6.1. A referência, ao que tudo indica, é a alguma crônica escrita por Isaías, e não ao seu livro profético. Esse escrito de Isaías, tal como a maioria dos livros informativos (não-canônicos), também se perdeu. As referências em Isa. 1.1 e 6.1 mostram que Uzias e Isaías foram contemporâneos, mas não há indício, na profecia de Isaías, de que ele tenha escrito uma história, e não meramente uma profecia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cânon do Antigo Testamento.*

26.23

Descansou Uzias com seus pais. *A Nota de Óbito.* Ver as *notícias fúnebres* dos reis, em I Reis 1.21 e 16.5,6. Cf. II Reis 15.7, que é essencialmente idêntico. O cronista, entretanto, diz-nos que o pobre rei Uzias ficou conhecido como leproso pelo resto da vida, ou seja, levou consigo o estigma de ter-se voltado contra Yahweh e ter sido punido por isso. Além do mais, a implicação é que, embora ele tenha sido sepultado no cemitério dos reis, não foi contudo sepultado perto de nenhum outro rei, por causa da praga da lepra (ver sobre *sara'at,* na introdução ao capítulo 13 de Levítico). Ver também as notas em II Crô. 26.19. Isaías teve uma visão especial no ano em que Uzias morreu, conforme Isa. 6.1. Talvez a morte do rei tenha tido algo que ver com a provocação daquela visão. Uzias não foi sepultado no sepulcro dos reis. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sepulcro dos Reis.*

Capítulo Vinte e Sete

Jotão (27.1-9)

O *cronista* não deu comentários paralelos aos reis de Israel, e só apresentou notícias sobre as tribos do norte quando isso se revestia de importância em relação à história de algum rei do sul. O propósito do cronista era exaltar a *dinastia davídica,* através da qual a *autoridade política* foi dada à tribo isolada de Judá, para que continuasse a história de Israel após o cativeiro babilônico (quando Judá se tornou a nação de Israel). E quanto à *autoridade espiritual* havia os levitas que tinham voltado a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Devemos lembrar que o autor escreveu após o cativeiro, e a sua narrativa *aponta na direção* desse período, embora ele estivesse descrevendo eventos que ocorrido séculos antes.

Além disso, o cronista também estava escrevendo uma *filosofia da história,* mostrando como a história é teisticamente guiada, e como os homens são considerados responsáveis por aquilo que fazem. Ver as anotações sobre essa questão, imediatamente antes da exposição sobre II Crô. 1.1. O mesmo autor foi evidentemente o autor-compilador dos livros de Crônicas, bem como dos livros de Esdras e Neemias, e seus temas percorrem a coletânea inteira de seus livros.

O reinado de Jotão tem como trecho paralelo a passagem de II Reis 15.32-38, onde ofereço a exposição principal.

"Só há uma boa razão pela qual Jotão deveria ser lembrado, e isso não se deve a coisa alguma que ele fez. Durante os *seus* anos no trono de Davi, Isaías foi profeta em Jerusalém" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*, com algum exagero).

Ver no *Dicionário* os artigos *Jotão; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza,* que nos dão sumários dos reis, incluindo Jotão. O último desses artigos nomeados oferece gráficos comparativos dos reis de Israel e de Judá, e também das nações ao derredor.

27.1

Tinha Jotão vinte e cinco anos de idade quando começou a reinar. O trecho paralelo deste versículo é II Reis 15.33, onde é oferecida a exposição.

"O reinado de Jotão, filho de Uzias, começou em 750 A. C., de maneira que se justapôs ao reinado de Uzias por cerca de onze anos (até que Uzias morreu, em 739 A. C.). Esse fato é compreensível à luz da incapacitação de Uzias após ter contraído lepra, nos últimos anos de vida (ver II Crô. 26.21). Mas Jotão foi co-regente com seu filho por quatro anos (735-731 A. C.), de modo que a referência à duração de seu reinado — dezesseis anos (II Crô. 27.8) — não inclui esse período. Suas datas como principal governante foram dezesseis anos (750-735 A. C.)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Jerusa. Este foi o nome da mãe de Jotão. Ver o que se sabe a respeito dela no *Dicionário.*

27.2

Fez o que era reto perante o Senhor. Este versículo tem como paralelo II Reis 15.34, exceto pelo fato de que o cronista adicionou a nota de que Jotão não repetiu o sacrílego erro do pai, que havia entrado no templo para oferecer incenso (ver II Crô. 26.16 ss.). Portanto, sua retidão pessoal foi maior que a de seu pai, e, do ponto de vista de retidão espiritual, Jotão foi mais bem-sucedido como rei.

27.3

Ele edificou a porta de cima da Casa do Senhor. O trecho paralelo é II Reis 15.35, mas cada autor ofereceu seu próprio comentário. O autor dos livros de Reis ofereceu-nos o usual e desolador comentário de que Jotão não removeu os lugares altos. O cronista deixou de mencionar isso, mas disse que o "povo" agiu de forma corrupta (vs. 2), o que significa que eles se ocuparam na idolatria. Mas ambos os autores mencionaram algum programa de edificações daquele rei, especificamente o reparo da "porta de cima" do templo (ver II Crô. 23.20). Essa porta ficava na parte norte do átrio exterior. Em seguida ele também reconstruiu o muro de Ofel, que cercava a antiga cidade de Jerusalém (cf. II Crô. 33.14). Além disso, Jotão deu prosseguimento aos projetos de Uzias nas colinas e áreas florestadas (vs. 4).

O muro de Ofel. Esta palavra hebraica significa "cômoro". A referência é à ladeira da colina do templo. Sua muralha era a fortificação que ligava o monte Sião ao monte Moriá. Uzias também havia trabalhado naquelas fortificações (ver II Crô. 26.9). O objetivo dessas fortificações era proteger a cidade de Jerusalém de ataques vindos do sul e do oriente. Somente o cronista nos fornece esse detalhe particular. Ademais, os próximos três versículos também pertencem somente a ele.

27.4

Também edificou cidades na região montanhosa de Judá. Os vss. 4-6 não têm paralelo no capítulo 15 de II Reis. Devemos entender aqui as "cidades fortificadas" em áreas estratégicas, tanto nos montes de Judá como nas áreas florestadas.

Os *profetas contemporâneos* denunciaram demasiada atenção dada a fortificações e a cidades fortificadas, pois, para eles, isso era falta de confiança em Yahweh, que era Seu escudo e proteção. Ver Sal. 18.1 e Isa. 12.2. Ver também Osé. 7.14 e cf. Isa. 2.15 e 17.3,4. Onde não podiam ser construídas cidades fortificadas, por causa das dificuldades do terreno (como nas áreas densamente florestadas), torres tinham de servir. Essas fortificações não serviam meramente para manter afastadas as forças inimigas. Também ajudavam a proteger os viajantes, pastores e agricultores que ali viviam, distantes dos principais centros populacionais.

27.5

Ele também guerreou contra o rei dos filhos de Amom. *Os Humilhados Amonitas.* Os filhos de Amom eram bons para fornecer anualmente dinheiro e produtos, pelo que de modo deixados em paz para que o rei de Judá pudesse arrancar deles alguma coisa, a cada ano. Jotão repetiu as normas políticas de seu pai. Ver II Crô. 26.8. Talvez, porém, esse povo tenha tentado uma revolta ou tenha negligenciado em seus pagamentos anuais. O fato foi que Jotão estabeleceu alguma disciplina no negócio do tributo. Os filhos de Amom tiveram de contribuir com cem talentos de prata (6 toneladas e 750 quilos) por ano, além de grande quantidade de trigo e cevada. O peso, no hebraico, é aqui chamado de *cor.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas,* III.A.2. O *cor* valia cerca de 220 litros e equivalia a dez *batos,* mas as autoridades nos fornecem diferentes valores. Portanto, cerca de 2.000 toneladas de trigo e idêntica quantidade de cevada faziam parte do tributo anual imposto aos filhos de Amom. É evidente que esse tributo era excessivamente pesado. Mas é melhor ser pobre do que estar morto!

27.6

Assim Jotão se foi tornando mais poderoso. O *poder de Jotão* é atribuído aqui a Yahweh, porque o rei de Judá observava a legislação mosaica e promovia o yahwismo. Prosperidade e vida longa eram resultados esperados dessa maneira de agir (ver Deu. 4.1,5; 5.33; Eze. 3.17). O rei Jotão alcançou êxito na guerra; pôde realizar um grande programa de edificações para defesa e outros propósitos; possuía abundância de riquezas materiais, tudo isso sinal da bênção de Yahweh ao povo de Judá.

27.7

Quanto aos mais atos de Jotão. O cronista concluiu o relato sobre o reinado de Jotão com sua usual referência ao livro informativo dos reis de Israel e

Judá. Ver I Reis 14.19 quanto a esse livro, e cf. também II Crô. 9.29; 12.12; 20.34; 26.22 quanto a outras obras que foram empregadas como fontes informativas para narrar as histórias dos reis. Ver o trecho paralelo em II Reis 15.36.

27.8

Reinou dezesseis anos em Jerusalém. Quanto a informações sobre o que fica implícito neste versículo, ver a exposição no primeiro versículo deste capítulo. O paralelo é II Reis 15.33, onde ofereço algumas notas expositivas adicionais.

27.9

Descansou Jotão com seus pais. *Uma Notícia Fúnebre.* O autor sacro dá aqui sua usual nota de óbito, que é padronizada nos livros de Reis e de Crônicas, com pequena variação. Ver I Reis 1.21 e 16.5,6. Presumivelmente, Jotão foi sepultado nos sepulcros dos reis (ver a respeito no *Dicionário*), embora o autor sacro não o diga especificamente. No caso dos reis de Judá, não estava garantido o direito a um sepultamento honroso. A reis especialmente maus, esse direito era negado. Cf. II Reis 15.38, que é um paralelo direto a este versículo. Uzias não foi sepultado naqueles sepulcros por ter ficado leproso (ver II Crô. 26.23). Joás também não foi sepultado ai por causa de sua maldade (ver II Crô. 24.25).

Capítulo Vinte e Oito

Acaz (28.1-27)

Quanto a *comentários gerais* que se aplicam a todos os reis de Judá, aos propósitos do cronista, a exaltação da dinastia davídica, o fato de ele ter deixado de mencionar diretamente os reis de Israel, e sua filosofia da história, ver a introdução ao capítulo 27, cujos detalhes não reitero aqui. O cronista foi o autor-editor de I e II Crônicas, Esdras e Neemias. Nesses livros ele teve propósitos distintos de ir além da própria história, e minhas notas expositivas nas referências mencionadas tratam dessas questões.

O trecho paralelo de II Crônicas 28 é II Reis 16, onde também dou detalhes que não foram incluídos nas notas expositivas a seguir.

28.1

Tinha Acaz vinte anos de idade, quando começou a reinar. "Acaz foi vice-regente com seu pai, Jotão, por quatro anos (ver II Crô. 27.1). Portanto, conforme observou o historiador, Acaz reinou (sozinho) pelo espaço de dezesseis anos (731-715 A. C.). Contrastando com Davi, seu antepassado, Acaz foi *mau,* tendo preferido caminhar segundo o padrão dos reis das tribos do norte (que foram todos maus). Fez *ídolos* representando Baal e ofereceu sacrifícios no vale de Ben Hinom (cf. II Crô. 33.6), os quais incluíam vítimas humanas (chegou a oferecer seus próprios filhos!). Também praticou cultos cananeus nos lugares altos (ver II Crô. 14.3) e nos bosques sagrados. Ver outros comentários sobre os seus pecados em II Crô. 28.19 e nos vss. 22-25" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Este versículo é paralelo direto de II Reis 16.2, onde apresento a exposição. As versões siríaca, árabe e a Septuaginta dizem *25* anos de idade, em lugar de *20.* Ver II Crô. 29.1.

28.2,3

Andou nos caminhos dos reis de Israel. Estes dois versículos têm como paralelo aproximado II Reis 16.3. O cronista adicionou a questão de ele ter fabricado ídolos para ajudar na adoração a Baal. Ambos mencionam com horror o fato de que esse rei chegou a envolver-se em sacrifícios humanos, tendo oferecido os próprios filhos. Comentei sobre isso no trecho paralelo, onde há referências a outras passagens bíblicas e a artigos do *Dicionário* que prestam informações sobre o assunto.

28.4

Também sacrificou, e queimou incenso nos altos e nos outeiros. Este versículo é idêntico a II Reis 16.4, onde ofereci anotações completas.

28.5

Pelo que o Senhor, seu Deus o entregou nas mãos do rei dos siros. O trecho paralelo deste versículo é o capítulo 16 de II Reis, que nos dá uma narrativa completa sobre as questões referidas, de modo abreviado, neste versículo. O cronista não descreveu a questão por inteiro, mas selecionou certos eventos e condições, em harmonia com o seu propósito. Ele tinha um *motivo didático,* e não somente histórico.

Em seu breve sumário, o cronista informou-nos que *Acaz* foi derrotado tanto pela Síria como por Israel (as tribos do norte) e sofreu perdas incríveis. Ele expandiu essa questão nos vss. 6-15 deste capítulo. Finalmente, Acaz apelou para que os reis da Assíria o ajudassem a sair de suas calamidades (vs. 16). Mas depois os edomitas e os filisteus também invadiram Judá, por isso houve um caos generalizado. Yahweh estava rebaixando a Judá (vs. 19), porquanto o mau cheiro da idolatria tinha-se tornado intolerável. Mas a idolatria e a transgressão pioravam cada vez mais, e Acaz nunca aprendeu a lição. Não lhe foi reservado um lugar entre os sepulcros dos reis de Judá. Sua iniqüidade foi profunda demais para receber essa honra (vs. 27).

"Por causa de seus pecados grosseiros contra Deus, Acaz caiu nas mãos dos arameus, cujo rei era Rezim (ver II Reis 16.5). Esse homem aprisionou muitos judeus e levou-os a Damasco. Essa foi a terceira vez que os arameus lutaram contra Judá. Ver II Crô. 22.5 e 24.23. Acaz também sofreu derrotas por parte dos exércitos de Israel, sob seu rei Peca, que matou 120.000 soldados judeus em um único dia. Entre os mortos estavam vários membros da própria família e da corte de Acaz. Ademais, Israel levou 200.000 esposas, filhos e filhas de Judá para Samaria" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

28.6

Porque Peca, filho de Remalias, matou em Judá. A *grande matança,* mencionada no parágrafo anterior, aparece neste versículo. O incrível número de 120.000 soldados judeus caiu em um único dia diante de Peca, que foi o agente da ira de Yahweh. O cronista deixou claro que o julgamento divino estava envolvido na questão. "A brutalidade do inimigo é salientada pelas palavras do profeta Odede, no nono versículo: "E vós os matastes com tamanha raiva que chegou até os céus". E Isa. 7.6 prova que os aliados tinham planejado quebrar a independência de Judá, abolindo a monarquia davídica e estabelecendo em Judá um rei vassalo da Síria" (Ellicott, *in loc.*).

28.7

Zicri, homem valente de Efraim, matou a Maaséias, filho do rei. *Tragédia em Casa.* A família de Acaz não foi poupada do terror. Seu filho *Maaseias,* foi morto pelo monstro e homem forte do norte, Zicri. Ademais, o mordomo do rei, Azricão, e Elcana, o segundo homem do reino, foram mortos por aquele assassino profissional das tribos do norte. Portanto, a calamidade espalhou-se e atingiu todas as camadas da sociedade judaica.

Contraste-se tudo quanto está sendo dito no presente texto (as calamidades que se abateram sobre Judá), com o poder de Uzias, a quem nenhum homem podia desafiar (capítulo 26). A grande iniqüidade de Acaz fez voltar-se contra ele a maré da história. Mas a idolatria prosseguiu. Acaz nunca aprendeu a lição. Foi um monstro de iniqüidades, e teve uma punição igualmente monstruosa.

O quadro pintado em II Reis 16 contém diferenças significativas. Ameaçado tanto pelas tribos do norte, Israel, quanto pelos sírios, Acaz apelou para a Assíria. A ajuda chegou, e o perigo dos dois inimigos de Judá foi assim removido. Essa narrativa é contada vividamente no capítulo 7 de Isaías. Os intérpretes quebram a cabeça diante da diferença, e os críticos supõem que o livro de Reis contenha a história mais acurada, tendo o cronista exagerado ao contar as calamidades de Acaz. Eugene H. Merrill observou: "... II Reis 16.5 indica que Acaz não foi derrotado completamente, mas esteve claramente em perigo". Mas isso dificilmente reconcilia as duas narrativas.

28.8

Os filhos de Israel levaram presos de Judá, seu povo irmão. O livro de Reis é totalmente silente quanto à deportação de 200.000 judeus, incluindo mulheres, crianças e parentes do rei Acaz. Além disso, nada diz sobre um grande saque efetuado em Jerusalém. O cronista, contudo, insistiu nas calamidades que foram provocadas pela desobediência a Yahweh. Quanto às diferenças nos relatos entre os livros de Reis e de Crônicas, ver o último parágrafo das anotações no versículo anterior. O livro de II Reis, nos capítulos 18 e 19, também nada diz sobre o transporte de 200.150 cativos para a Assíria. Isso poderia fazer-nos acreditar que, na questão presente (o castigo de Acaz, por Yahweh, mediante várias calamidades), foi o cronista que nos ofereceu um relato mais exato. Usualmente, conforme temos observado, quando há discrepâncias ou diferenças significativas, é o autor dos livros de Reis que se mostra mais correto, historicamente falando. O cronista tendia por usar a história a fim de ensinar lições morais, e não para relatar a história por si mesmo, e, assim sendo, caiu em omissões e algumas distorções do ponto de vista histórico.

Objeções do Profeta Odede e Volta dos Cativos (28.9-15)

O *profeta Odede* (ver sobre ele no *Dicionário*) demonstrou uma luz moral, humanitária e misericordiosa no negrume da época, quando a regra era matar e ser morto. Foi uma insensatez tratar a tribo de Judá da mesma maneira que se

trataria um inimigo pagão. Foi um ultraje levar cativas mulheres e crianças de Judá (irmãos e irmãs) para Samaria. O profeta exigiu o retorno dos cativos. Homens-chaves das tribos do norte concordaram com seu argumento, e assim os devolveram a Judá, juntamente com os bens materiais.

28.9

Mas estava ali um profeta do Senhor, cujo nome era Odede. *Um Ato Magnânimo!* Muito bem, profeta Odede, um profeta do Senhor que vivia em Samaria! Ele exortou os vitoriosos soldados de Israel a mostrar-se magnânimos para com os cativos judeus (seus irmãos) e devolvê-los à sua terra. Tão bem ele expressou o seu apelo que teve mais que bom êxito. Suas palavras, conforme somos informados, tocaram tão profundamente o coração dos captores que, em vez de meramente enviá-los de volta... forneceram guias apropriados, provendo para eles, até chegarem com segurança em Jericó.

Yahweh era a causa de toda essa calamidade. Ele dera a vitória a Israel. Mas isso não justificou a ira dos soldados israelitas, que chegou ao céu e desagradou Yahweh. Havia sido posto em prática um grande exagero, um ato de brutalidade. *Isso* tinha de ser corrigido. Cf. Zac. 1.15.

"A esse belo discurso coisa alguma pode ser adicionada pelos melhores comentários. Foi um discurso simples, humano, piedoso e avassaladoramente convincente. Não admira, pois, que tenha produzido o efeito aqui mencionado" (Adam Clarke, *in loc.*).

Que chegou até aos céus. Ver também Gên. 28.12 e Isa. 8.8. Yahweh estava observando tudo. Aquilo que os homens fazem agrada ou desagrada ao Senhor. Ele está sempre pronto a intervir. Isso reflete a posição do *teísmo* em lugar do *deísmo* (ver sobre ambos no *Dicionário*). Deus criou todas as coisas, mas também se faz presente em Sua criação, intervindo, recompensando e castigando, conforme os homens merecerem.

28.10-11

Agora cuidais em sujeitar os filhos de Judá e Jerusalém. Os *judeus* seriam reduzidos à situação de escravos, o que era contrário à legislação mosaica. As mulheres judias engrossariam os haréns das tribos do norte. Muitos ultrajes seriam cometidos, como é sempre ocorre com os cativos de guerra. Os pecados de Judá, entretanto, não mereciam esse tipo de tratamento. Ademais, todos os guerreiros das tribos do norte tinham seus próprios pecados e estavam ali, naquele dia, impunes, pela graça e misericórdia de Yahweh. O profeta Odede estava dizendo que, se os cativos de Judá fossem retidos, contra todo o bom senso, algum terrível julgamento cairia sobre os réprobos soldados das tribos do norte.

Ver Lev. 25.39-46 quanto a leis que governavam fazer "irmãos", isto é, hebreus, tornar-se escravos. Havia grande apostasia no norte. O cativeiro assírio agora estava muito próximo. As tribos do norte (Israel) seriam deportadas para nunca mais retornar, tal como aqueles homens miseráveis haviam deportado os impotentes judeus. Eles tinham exercido uma ira tão profunda que chegara ao céu e deixar Yahweh aborrecido. Em breve Yahweh os feriria com a ferocidade de Sua ira. Era muito melhor que os soldados das tribos do norte permitissem que seus irmãos e irmãs retornassem a Judá. Os homens das tribos nortistas já estavam em terreno precário, por causa de sua própria apostasia.

28.12

Então se levantaram alguns homens dentre os cabeças dos filhos de Efraim. Os altos oficiais das tribos do norte deixaram-se convencer. Os argumentos do profeta foram eficazes. Ver no *Dicionário* os nomes próprios que aparecem neste versículo, quanto ao pouco que se sabe sobre eles.

Esses oficiais também se "levantaram contra" os guerreiros e demandaram justiça e misericórdia para com seus irmãos de raça. Ironicamente, Judá estava sendo punido por Yahweh, por causa da sua apostasia, mas os *nortistas apostatados,* em meio ao triunfo, demonstraram misericórdia. Naquele momento, foram os apostatados nortistas que deram ouvidos à palavra de Yahweh. Portanto, Israel ouviu a Deus, quando Judá não Lhe tinha dado ouvidos.

Os *príncipes de Israel,* influenciados pelo que o profeta Odede dissera, impediram que os compatriotas continuassem seu ato tresloucado. Os atos foram completamente revertidos pela atitude humanitária dos descendentes de Efraim, algo raro de ser visto nas descrições sobre matar e ser morto que enche tanto as histórias dos reis de Israel como de Judá.

Filhos de Efraim. As dez tribos do norte, como uma entidade política, eram, muito freqüentemente, designadas pelo termo "Efraim". Essa foi uma designação comum usada por profetas como Oséias e Isaías. Efraim e Samaria são termos equivalentes no livro de Oséias. A cidade de Samaria situava-se no território da tribo de Manassés e tornou-se a capital do norte, mas Efraim tradicionalmente era a tribo mais poderosa. Betel estava ali e tornou-se o centro da adoração apostatada de Israel.

28.13

A nossa culpa já é grande, e o brasume da ira do Senhor está sobre nós. *Adicionando Combustível à Fogueira. Odede,* profeta de Yahweh, e não de Baal, podia ver claramente um perigoso *acúmulo* de pecados entre as tribos do norte, que em breve haveria de provocar a ira de Yahweh. Havia toda aquela apostasia, toda aquela idolatria. Agora aqueles homens selvagens tinham violado todo bom senso e toda a legislação, ao trazerem cativos da tribo do sul. Ademais, eles mesmos eram homens violentos, cuja ira chegara até Yahweh, nos céus (vs. 9). Israel estava em uma situação precária. A ira divina logo haveria de golpear as tribos do norte, no cativeiro assírio. Portanto, era sábio enviar de volta os cativos de Judá, e não submeter demais Yahweh a teste. A taça da iniqüidade de Israel estava quase cheia.

28.14

Então os homens armados deixaram os presos e o despojo. Os soldados de Israel cederam diante do bom conselho do profeta Odede e da insistência dos príncipes, e assim deixaram ir-se os prisioneiros de Judá. Também liberaram os despojos que tinham tomado, ficando de mãos vazias. Dessa forma, perderam seus "salários", visto que os exércitos antigos se sustentavam dos despojos que tomavam. O restante a fazer ficou ao encargo do portão de Samaria, o lugar da assembléia solene, para que o caso recebesse atenção posterior.

28.15

Homens foram designados nominalmente. Aqueles cujos nomes foram fornecidos no vs. 12 tomaram sobre si o encargo de levar os cativos de volta a Judá, depois de terem vestido os nus, calçado os descalços e alimentado os debilitados. Obtiveram jumentos para levar os fracos; e serviram de guias ou nomearam guias para levar os ex-prisioneiros até Jericó. Sem dúvida foram enviados soldados para proteger o povo de ataques da parte de Israel ou de qualquer outro poder armado. Às mulheres, às crianças e aos idosos foram dadas montarias para a viagem de volta. Os demais, é de presumir-se, andaram a distância toda de Samaria a Jericó, cerca de oitenta quilômetros. Também foram providos necessários para a jornada de volta. Aos cansados viajantes permitiu-se que tomassem banho e se vestissem apropriadamente. Foi um ato de amor, o que, sem dúvida, era coisa rara em tempo de guerra civil ou de qualquer outra guerra.

"O escritor sagrado demora-se com manifesto prazer sobre a bondade demonstrada pelos arrependidos inimigos do reino do norte, para com os cativos judeus. Talvez ele tenha tencionado sugerir uma lição aos samaritanos de sua própria época, cuja amarga hostilidade tinha provado ser tão daninha para os exilados restaurados (ver Nee. 4.2,7,8; 6.1 ss.). De acordo com a tradição rabínica, eles conseguiram fazer Alexandre o Grande voltar-se, com preconceitos, contra a comunidade de Jerusalém (conforme diz o Talmude, Yoma, 69A)" (Ellicott, *in loc.*).

Talvez Jesus tivesse essa história em mente ao proferir a parábola do Bom Samaritano. Existem coincidências curiosas. Ver Luc. 10.30,33,34.

Variantes Textuais. As versões siríaca e árabe põem os vss. 23-25 entre os vss. 15 e 16, mas omitem inteiramente o vs. 22. Talvez algumas cópias hebraicas antigas usassem essa disposição, mas não há como Ter certeza.

28.16

Naquele tempo mandou o rei Acaz pedir aos reis da Assíria que o ajudassem. *Aprendemos aqui* aquilo sobre o que os livros de Reis falam demoradamente: a intervenção da Assíria (II Reis 16.7 ss.). No livro de Reis, entretanto, o monarca assírio é representado a fazer voltar a maré rapidamente, deixando Judá essencialmente intocado. Quanto a essa diferença, ao confrontar a narrativa do cronista, o leitor deve ver as notas sobre o vs. 7, sob o título *O quadro pintado em II Reis.* O cronista não fornece aqui nenhum detalhe, mas é evidente que devemos compreender que a Assíria livrou Judá, mas somente após grande perda, porque as forças unidas de Israel e da Síria tinham lançado grande confusão em Judá e Jerusalém. Mas como para certificar-nos de que as tribulações do ímpio Acaz não tinham terminado, o autor sagrado dos livros de Crônicas agora fala sobre um novo problema, dessa vez com os edomitas e os filisteus. O autor dos livros de Reis não faz nenhuma menção aos filisteus, e cita muito rapidamente os edomitas. Por conseguinte, temos aqui outra importante diferença nas narrativas dos livros de Reis e Crônicas.

II Reis identifica o rei da Assíria, Tiglate-Pileser III (745-727 A. C.). Em seu tempo, seria lançado o cativeiro assírio, de modo que isso nos mostra quão próximo estava aquele acontecimento.

O original hebraico diz aqui "reis", mas as versões da Septuaginta, da Vulgata, siríaca e árabe dizem "rei", fazendo a narrativa concordar com os livros de Reis, que especifica um único rei da Assíria.

28.17

Pois vieram de novo os edomitas e derrotaram a Judá. No trecho paralelo de II Reis 16.6, lemos que os edomitas tomaram Elate e, até o tempo do autor sacro (após o cativeiro babilônico), Judá ainda não tinha recuperado o lugar. Somente o cronista fala acerca dos *cativos* que foram tomados. Portanto, nem bem Israel tinha liberado seus cativos, e Edom atacou de novo. Esperamos que os mesmos judeus não estivessem envolvidos!

28.18

Também os filisteus deram contra as cidades da campina e do sul de Judá. Foi então a vez de os filisteus efetuarem uma extensa invasão, tendo tomado várias cidades. Ver sobre elas no *Dicionário*. A ira de Yahweh realmente não se tinha apagado; as perdas de Acaz foram enormes. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento fazia uma terrível cobrança. Foi assim que os edomitas, pelo oriente, e os filisteus, pelo ocidente (nos sopés das montanhas), cumpriam as tarefas divinamente dadas, lançando confusão em quase todo o Judá. E também estavam sendo desfechados ataques no *Neguebe*, o deserto ao sul de Judá. Além disso, os arameus eram uma ameaça constante, na verdade a maior de todas as ameaças. Os israelitas estavam novamente desassossegados, de forma que nada havia senão tribulação e consternação. Ver II Reis 16.5-9 e Isa. 7.1-17.

Da campina. Isto é, a *Shephelah* (ver a respeito no *Dicionário*).

Do sul. Ou seja, no Neguebe, o deserto que há ao sul do antigo território de Judá. Ver sobre esse termo no *Dicionário*.

28.19

Porque o Senhor humilhou a Judá por causa de Acaz. *Acaz* foi a causa da queda da nação de Judá, deixando-a exposta aos inimigos e agindo em indecente exposição, conforme indica o original hebraico. Ninguém peca sozinho. Acaz desnudou os judeus de sua religião e da adoração a Deus e, assim, da proteção divina de que dispunham. Cf. Êxo. 32.25. Na idolatria, a nação culpada torna-se uma adúltera espiritual.

28.20,21

Veio a ele Tiglate-Pilneser, rei da Assíria. *Embora o rei da Assíria* tenha sido chamado para ajudar contra outros inimigos, o resultado final das tropas assírias foi prejuízo, e não ajuda. Isso também difere da história dos livros de Reis, em que o rei da Assíria pôs fim imediato aos ataques contra Judá. Naturalmente, o cronista escreveu *após* o cativeiro babilônico (ver a respeito no *Dicionário*), e é provável que estivesse referido-se ao que aconteceu *finalmente*. Mas foi a *Babilônia* quem desfechou a pior opressão, em toda a história de Judá, e, no entanto, foi a potência estrangeira a quem Acaz pediu ajuda! A opressão babilônica ainda estava a mais de cem anos de distância, embora o cativeiro assírio das tribos do norte, Israel, estivesse bem próximo. Antes do cativeiro o rei da Assíria esvaziou os tesouros do templo de Jerusalém. Ele cobrou seu *pagamento* pela ajuda que havia dado. Acaz foi forçado até a retirar do templo seus antigos trabalhos em bronze (II Reis 16.17 ss.), para nada dizer sobre o ouro e a prata. Assim sendo, o amigo que *ajudou* tornou-se um saqueador implacável. Os assírios não tinham consideração pelos vassalos. A lição era clara: confiar em potências estrangeiras, como a Assíria ou a Babilônia, só poderia mesmo terminar em desastre. *Espiritualmente*, pois, as alianças firmadas com a Assíria foram altamente prejudiciais. E Acaz terminou adotando deuses e formas religiosas assírias, tornando-se, mais do que nunca, um apóstata.

28.22,23

No tempo da sua angústia cometeu ainda maiores transgressões contra o Senhor. *Angustiado*, Acaz chamou os inimigos de Yahweh para vir ajudá-lo, e sofreu por causa de sua estupidez. Ele caiu na idolatria e assim retirou a proteção divina da nação. Em sua insensatez, atribuiu a ajuda recebida aos deuses da Assíria, e isso foi um erro fatal. Assim, em atos de ações de graças, Acaz ofereceu sacrifícios às divindades assírias.

As aflições do rei Acaz (vs. 22) afetaram seu poder de raciocinar. Ele tinha perdido o contato com Yahweh e Seus poderes, e se submetera a influências estranhas. Cf. II Reis 16.10 ss. Acaz foi visitar Tiglate-Pilneser e notou que ele tinha uma esplendorosa idolatria. Apaixonou-se então pelo principal altar de sacrifícios dos deuses pagãos, e até mandou fazer uma réplica e levantá-la em Jerusalém. O altar de bronze, dedicado a Yahweh, foi removido para dar lugar ao altar idólatra.

Deuses de Damasco, que o feriram. Esta expressão tem causado desnecessária consternação entre os comentadores. Foi *Yahweh* quem o feriu, mas *através* de agências estrangeiras e entidades demoníacas que estão por trás de toda a atividade idólatra. Cf. I Co. 10.20. Seja como for, a lealdade de Acaz a potências estrangeiras e formas idólatras terminaram por arruiná-lo.

A sua ruína, e a de todo o Israel. Naturalmente, com a palavra "Israel" o autor sacro quis dizer "Judá". Quando ele escreveu, Judá se tinha tornado a nação de Israel, uma vez que as dez tribos do norte se tinham perdido, devido ao cativeiro assírio. Por isso, ocasionalmente, o autor sagrado disse simplesmente *Israel*, quando, na realidade, estava referindo-se a *Judá*. Cf. II Crô. 21.2, onde escribas e versões subseqüentes mudaram de Israel para Judá, o que é seguido por algumas traduções modernas.

28.24

Ajuntou Acaz os utensílios da casa de Deus. O *tributo cobrado* pelos assírios esvaziou o templo de Jerusalém de tal maneira que Acaz tomou os vasos e utensílios do templo, feitos de bronze, que tinham algum valor. O ouro e a prata, naturalmente, foram dados ao inimigo. Os vasos usados no culto foram cortados e transformados em metal, para satisfazer a concupiscência do monarca assírio. Ato contínuo, o rei apóstata de Judá simplesmente fechou o templo, fazendo cessar completamente a adoração a Yahweh, e voltou-se para a mais franca idolatria, o que era mesmo esperado pelos assírios, visto que Judá se tinha tornado uma nação vassala. Cf. II Reis 16.17 ss. O autor dos livros de Reis, entretanto, nada diz sobre o fato de o rei Acaz ter fechado o templo de Jerusalém, de modo que alguns críticos crêem que o cronista exagerou para dar a impressão de que a situação se tornara insuportável.

"Fechando as portas do templo, Acaz suspendeu todos os ritos que poderiam ser realizados no Santo Lugar e no Santo dos Santos" (Ellicott, *in loc.*). Mas II Crô. 29.3 informa-nos que o rei Ezequias *reabriu* o templo.

28.25

Também em cada cidade de Judá fez altos para queimar incenso a outros deuses. *Novos Lugares Altos*. Somente nos dias de Ezequias os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*) foram eliminados de vez. Acaz, porém, tinha *grande zelo* em favor do paganismo. Por isso mesmo construiu novos lugares altos, a fim de fomentar suas formas idólatras de adoração. Cf. II Crô. 28.4, onde vemos o rei Acaz fazendo de cada "árvore frondosa" um veículo apropriado para suas práticas idólatras. Aquele versículo é idêntico a II Reis 16.4, onde as notas expositivas são oferecidas. Acaz não se contentou em fazer de Jerusalém um centro de idolatria. Ele também espalhou a idolatria por várias cidades de Judá, que se tornaram centros do paganismo.

Portanto, Acaz não perdeu apenas Judá e o templo. Também perdeu sua alma.

28.26

Quanto aos mais atos dele. Este versículo é idêntico a II Reis 16.19, onde ofereci a exposição, excetuando o fato de que o cronista dá o nome mais completo da "história", chamando-a "de Israel". Esse livro, atualmente perdido, uma das fontes informativas dos livros de Reis e Crônicas, era, na verdade, a história tanto dos reis de Judá como dos reis de Israel.

28.27

Descansou Acaz com seus pais. Este versículo é idêntico ao de II Reis 16.20, onde a exposição é oferecida. O cronista, entretanto, deixou claro que ao ímpio Acaz foi negada a honra de ser sepultado nos *sepulcros dos reis* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele foi sepultado nas proximidades, mas *não junto com eles*. Cf. II Crô. 21.20; 24.25 e 26.23, que têm alguma nota "restritiva" acerca dos reis e seus lugares de sepultamento.

Capítulo Vinte e Nove

Ezequias (29.1 – 32.33)

Quanto a *comentários gerais* que se aplicam a todos os reis de Judá, aos propósitos do cronista, à exaltação da dinastia davídica, ao fato de ele ter deixado fora de sua narrativa as histórias dos reis de Israel, e à sua filosofia da história, ver a introdução ao capítulo 27. Confio que o leitor consultará sobre *esses* nos lugares mencionados.

Ezequias foi um dos maiores reis de Judá, líder e reformador capaz. Assim sendo, o cronista dedicou a ele nada menos que *quatro* capítulos de sua narrativa (II Crô. 29-32). E o escritor de II Reis dá-lhe um tributo excelente em 18.3-6. O paralelo é II Reis 18.1-20.21, *três* capítulos inteiros. Portanto, ambos os autores sagrados reconheceram a importância de Ezequias e registraram sua história com detalhes.

Ver no *Dicionário* os seguintes artigos que dão sumários para auxiliar a exposição feita aqui: *Ezequias; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.* Ver os gráficos comparativos no terceiro desses artigos.

"Fora de qualquer dúvida, Ezequias foi um governante bom e iluminado. II Reis 18.3-6 paga um tributo sem qualificações às virtudes dele: '... não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele'. Esse elogio superlativo parece deixar de fora o pensamento sobre Davi, e sobre o ainda futuro Josias, com suas decisivas reformas.

O reinado de Ezequias proporcionou ao cronista razões plenas para louvá-lo, pintando-o como um segundo e santificado *Davi.* Não é surpreendente, pois, encontrar na longa seção devotada a Ezequias (mais de três capítulos) novos materiais, sem paralelo nos livros de Reis" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Ezequias corrigiu os erros que tinham sido cometidos antes dele. Ele varreu para longe a influência do horrendo rei Acaz, que tanto havia influenciado Judá. Ele reabriu as portas do templo, purificou-o e renovou-o. Restaurou o yahwismo e aniquilou o paganismo. Chegou mesmo a remover os lugares altos, algo que nenhum outro monarca de Judá tinha conseguido fazer antes dele.

Ver sobre *Davi, o rei ideal* em I Reis 15.3, e sobre o *rei ideal* em Deu. 17.14 ss.

29.1

Tinha Ezequias vinte e cinco anos de idade, quando começou a reinar. Este versículo tem como paralelo II Reis 18.1,2, onde a exposição é oferecida. O autor dos livros de Reis deu sua notas comparativas usuais concernentes ao que acontecia em Israel, as tribos do norte, ao passo que o cronista nunca fez isso. Nas anotações sobre os livros de Reis, comentei sobre problemas de cronologia causados, provavelmente, pelas co-regências.

Ver a introdução no capítulo 18 de II Reis, onde adiciono detalhes que não repito aqui, incluindo uma comparação histórica com o que acontecia, na época, às tribos do norte, Israel. O autor dos livros de Reis devotou maior espaço a Ezequias do que a qualquer outro rei de Judá, excetuando Salomão, que reinou sobre o reino unido de Israel.

Vss. 1-9. "Ezequias, cujo reino independente prolongou-se por vinte e nove anos (715-686 A. C.) aparentemente reinou como vice-regente de seu pai, Acaz, por catorze anos (729-715 A. C.). A narrativa de sua vida, em II Crônicas, cobre seu período de vinte e nove anos depois de 715 A. C. *Israel,* a nação do norte, já havia caído diante dos assírios, em 722 A. C., e seus habitantes haviam sido deportados em grande número (cf. II Reis 17.1-6). Ezequias foi um dos maiores reis de Judá (ver II Reis 18.5). Logo no primeiro mês de seu reinado como monarca único, abriu as portas do templo, a fim de repará-las, restaurando a casa do Senhor, porquanto Acaz, seu ímpio pai, tinha proibido os sacerdotes e os levitas de entrar no templo (ver II Crô. 28.24). O novo rei, porém, reuniu os sacerdotes e os levitas no lado oriental do templo, e ordenou-lhes que se consagrassem para o trabalho, e que purificassem e reparassem o templo, o qual, nos anos de Acaz, tinha caído em um triste estado de deterioração" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Judá tornara-se a nação de Israel.

29.2

Fez ele o que era reto perante o Senhor. Este versículo é idêntico ao seu paralelo, II Reis 18.3, onde forneço as notas expositivas.

29.3

No ano primeiro do seu reinado, no primeiro mês. *O templo* foi reaberto, pois Acaz (pai de Ezequias) o havia fechado. Ver II Crô. 28.24. Mais tarde, quando suas reformas progrediam, o novo rei Ezequias foi capaz de encerrar os lugares altos e outros lugares onde se cultuava o paganismo (ver II Crô. 31.1). Isso foi algo que nenhum rei de Judá tinha conseguido fazer. Violência fora praticada contra o templo. Até o bronze dos utensílios havia sido tirado por causa do valor do metal dado a Assíria como parte do tributo. Ver II Crô. 28.20,21 e a exposição desse trecho. Uma restauração geral foi efetuada, e assim, uma vez mais, o templo tornou-se operacional. Ver II Crô. 28.23, onde conto como Acaz chegou a desfazer-se do altar de bronze, e a substituí-lo por uma réplica do templo principal dos assírios. Cf. este versículo com II Reis 18.17, onde vemos as coisas caindo de novo na desgraça.

No primeiro mês. Sem dúvida indica o mês de nisã, o primeiro mês do ano religioso, e não o primeiro mês do reinado de Ezequias. Cf. o vs. 17 deste capítulo e II Crô. 30.23.

29.4,5

Trouxe os sacerdotes e os levitas. *A Restauração do Ministério.* Na parte final do reinado de Acaz, os levitas e os sacerdotes estavam inativos e talvez até corressem perigo de ser executados. O país tinha sido transformado em um oásis do paganismo, pelo ímpio rei Acaz. Ezequias agora estava revertendo tudo isso. Ele reuniu os ministros religiosos, fê-los santificar-se e também consagrar o templo, e restaurou a adoração ordenada por Yahweh-Elohim, em contraste com as intrusões do paganismo assírio. O culto restaurado de Yahweh era a religião tradicional de Israel-Judá, por isso Ezequias estava promovendo um movimento "de volta à Bíblia". Foi removida a "imundícia" do templo, provavelmente uma referência às formas e à aparelhagem dos objetos idólatras. E também havia a imundícia física, visto que o templo tinha caído na deterioração e carecia de urgentes reparos. Kimchi falou sobre a idolatria que tinha invadido o próprio templo.

Na praça oriental. Cf. Esd. 10.9; Nee. 8.1,3,16. "O lugar de reuniões provavelmente era uma área aberta defronte do portão oriental do âmbito sagrado" (Ellicott, *in loc.*).

29.6

Porque nossos pais prevaricaram. Os *pais,* sobretudo os reis recentes, inspirados pelo mau exemplo deixado por Acabe e por outros que tinham promovido o paganismo, em suas transgressões esqueceram Yahweh. Eles também envolveram os habitantes de Judá, os quais, se tivessem sido liderados corretamente, não se envolveriam na idolatria. Os líderes da nação, pois, *abandonaram* o caminho reto e desviaram-se para o *mal.* Essa situação precisava ser remediada imediatamente, e o dever dos ministros era ajudar Ezequias a continuar com a reforma religiosa e moral da nação.

Desviaram os seus rostos do tabernáculo do Senhor. Ou seja, o templo, o lugar onde Yahweh manifestava Sua presença. Eles "voltaram seus pescoços" para longe daquele lugar, como diz o hebraico literal. Cerrar o templo foi o golpe final de Acaz no desvio da habitação de Yahweh. Mas ele tinha o apoio do Senhor. Um grande programa de limpeza precisava ser efetuado. Cf. este versículo com Jer. 2.27 e Eze. 8.16, onde encontramos expressões e mensagens similares.

29.7

Também fecharam as portas do pórtico. *O Fim de Funções Vitais.* Tudo quanto era vital à realização do culto de Yahweh cessou. Ninguém mais podia entrar no templo de Jerusalém. As lâmpadas foram apagadas. Os sacerdotes não mais podiam adentrar para limpar as lâmpadas pela manhã e no começo da noite, a fim de mantê-las acesas. Nenhum sacrifício ou incenso era oferecido. Em outras palavras, toda a operação do templo foi encerrada. "O ritual sagrado foi inteiramente descontinuado" (Jamieson, *in loc.*). As lâmpadas do candeeiro de ouro do Lugar Santo foram apagadas e, juntamente com isso, a luz de Israel (ou Judá). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lâmpada (Candeeiro).* Ver também ali os artigos chamados *Incenso* e *Sacrifícios e Ofertas.*

29.8

Pelo que veio grande ira do Senhor sobre Judá e Jerusalém. A ira de Yahweh quase reduzira Judá e Jerusalém a nada, transformando-as em motivo de zombaria diante de outros povos, ou seja, um objeto de ridículo. Esses foram sofrimentos causados pelos sírios, pelos israelitas, pelos edomitas e pelos filisteus. Os judeus ficaram em estado de desespero e torpor, condição que deixava admirados até os seus inimigos, os quais assobiavam ao ver as desgraças que tinham atingido o povo de Deus. Cf. este versículo com Deu. 28.25,37 e Jer. 25.9,18, que têm declarações similares. Jeremias disse que os inimigos de Judá estavam "espantados" diante do que tinha acontecido aos judeus.

29.9

Porque eis que nossos pais caíram à espada. Os *pais* foram mortos à espada, e os *filhos* (e esposas) foram levados para o cativeiro, primeiramente pelos israelitas (II Crô. 28.8) e depois pelos edomitas (II Crô. 28.17). E agora, esperando entrar também no palco, estavam os babilônios, que fariam a mesma coisa, embora para isso ainda tivessem de passar mais de cem anos. As tribos do norte (Israel), contudo, já tinham entrado no cativeiro, na Assíria, para nunca mais retornarem, até hoje. As tribos do norte haviam sido liquidadas, e o sul teria a sua de aflição. Cf. II Crô. 28.5,6, a que o autor também faz referência.

29.10

Agora estou resolvido a fazer aliança com o Senhor. Ezequias achou sábio e útil entrar em um pacto novo com Yahweh. Isso seria uma *renovação* do pacto davídico e do pacto mosaico. Ele nada inventaria, tão somente reafirmaria os antigos pactos e tentaria fazer o povo voltar ao yahwismo puro. A lei mosaica uma vez mais dominaria as coisas, e os levitas cuidariam para que essa legislação fosse aplicada a cada aspecto da vida. Quanto a um artigo de sumário, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pactos.* Em seguida, ver, particularmente, o *Pacto Davídico,* em II Sam. 7.4, e o *Pacto Mosaico,* na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo.

Yahweh não destruíra Judá por causa de Sua aliança com Davi (II Crô. 21.7). Joiada tinha feito um novo pacto (ver II Crô. 23.16), como também o fez o rei Asa (ver II Crô. 15.22). A *renovação* é o espírito básico de todo o princípio, e o homem espiritual sempre tem necessidade de renovar-se. Nenhum indivíduo é tão bom durante tanto tempo que não sofra lapsos nem precise voltar a seus antigos votos.

29.11

Filhos meus, não sejais negligentes. *Encorajando os Ministros Religiosos.* Uma das bases do encorajamento dado para que os levitas cumprissem seu dever, e ajudassem na restauração do templo e do culto, foi o fato de que eles tinham escolhido Yahweh para adorar. Somente os descendentes diretos de Arão podiam ser sacerdotes, e à casta religiosa de Levi (que tinha deixado de ser uma tribo) coube ocupar-se das tarefas ministeriais secundárias. Esses homens eram ministros de *Yahweh,* e são aqui chamados "filhos" de Ezequias. Assim exaltados, deveriam estar ansiosos por cooperar na renovação. Quanto ao fato de terem sido *escolhidos,* ver I Crô. 23.13 e Deu. 10.8.

29.12

Então se levantaram os levitas. Quanto aos nomes próprios, ver o *Dicionário.* Eram representantes dos vários clãs levíticos que tomaram a liderança na restauração: dos *coatitas* foram dois; dos *meraritas,* dois; e dos *gersonitas,* dois. O autor lista cuidadosamente os nomes para garantir que estava narrando uma situação histórica genuína, e não algo inventado. Ver o artigo geral intitulado *Levitas* e os verbetes sobre os principais ramos da família ocupada do culto. As três divisões principais foram mencionadas. Os coatitas foram ainda subdivididos nos clãs de Elisafã (vs. 13) e Hemã (vs. 14). Dentre os catorze levitas mencionados nestes versículos, seis pertenciam a Coate e quatro a Gerson e Merari. Seja como for, eram ministros *qualificados,* segundo a legislação mosaica.

"*Catorze chefes* ocuparam-se do dever de coletar e preparar seus irmãos na importante tarefa de purificar a casa do Senhor, a começar pelos átrios externos (os da casa dos sacerdotes e o átrio geral do povo). A purificação deveria perdurar por oito dias, os levitas purificariam o interior do templo, mas os sacerdotes fariam a varredura do lixo, e então os levitas terminariam a tarefa" (Jamieson, *in loc.*).

29.13

Dos filhos de Elisafã... dos filhos de Asafe... Do primeiro foram dois. Do segundo, dois que faziam parte das guildas musicais. Esses foram designados para as tarefas de purificação. A nota expositiva geral é dada no versículo anterior. Ezequias foi cuidadoso em ter um amplo grupo representativo, não esquecendo nenhum dos clãs.

29.14

Dos filhos de Hemã... dos filhos de Jedutum... "Dois levitas de cada uma das guildas musicais restantes — os coatitas hemanitas e os meraritas ben Jedutum (Etã) — foram finalmente nomeados, completando, com os pares anteriores, um total de sete pares, ou seja, *catorze* homens principais da ordem dos levitas. Cf. I Crô. 6.18-32" (Ellicott, *in loc.*).

29.15

Congregaram a seus irmãos. *Vss. 15-19.* "Eles, com seus companheiros, começaram a retirar do templo, para o vale do Cedrom (cf. II Crô. 15.16 e 30.14), tudo quanto fosse impuro. Nesse ato, Ezequias estava seguindo a palavra do Senhor, conforme aparece em Deu. 12.2-4. Por *oito dias* eles reconsagraram tudo quanto havia fora do templo e, por mais *oito dias,* tudo quanto havia no lado de dentro. Quando os levitas terminaram a purificação, notificaram a Ezequias que não somente haviam reconsagrado o templo e todo o seu conteúdo, mas também tinham substituído todos os objetos que Acaz levara dali para usar em seus cultos pagãos (II Crô. 29.18,19; cf. também II Crô. 28.24)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Os *catorze levitas* representantes reuniam seus irmãos para ajudarem na tarefa. As famílias de Jerusalém seriam, principalmente, aquelas aqui listadas. Tudo foi feito em consonância com a palavra de Yahweh, conforme está contido na legislação mosaica. Cf. I Crô. 25.5 e 30.12. Ver também o vs. 25 deste capítulo.

29.16

Os sacerdotes entraram na casa do Senhor, para a purificar. Somente os *sacerdotes* (levitas da tribo de Arão) estavam autorizados a entrar no Lugar Santo e no Santo dos Santos, por isso tiveram de fazer a purificação ali. Toda a impureza naqueles lugares foi retirada e entregue a outros levitas, os quais levaram embora todo o lixo. Eles fizeram do ribeiro do Cedrom um *monturo*! Quão moderno! Esse ribeiro era o monturo comum da cidade de Jerusalém. Recebia toda a imundícia do templo, o resíduo dos sacrifícios etc. Ver II Reis 23.12. Ver sobre esse ribeiro no *Dicionário.*

Os críticos supõem que somente em tempos posteriores, já na época do segundo templo, o ofício dos sacerdotes tenha sido tão agudamente distinguido do ofício dos levitas comuns e, assim sendo, supõem que este versículo seja um acréscimo posterior ao texto, "adicionado pelos revisores" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

29.17

Começaram, pois, a santificar no primeiro dia do primeiro mês. O trabalho *começou* no último dia do primeiro mês (nisã, igualmente chamado ab), e a purificação preliminar tomou oito dias. Então outros oito dias foram consumidos na purificação do Santo Lugar e do Santo dos Santos, cobrindo assim um total de dezesseis dias. Jarchi comenta que o trabalho levou tão longo tempo porque parte dele foi gasto no desmantelamento dos ídolos que Acaz havia posto no interior do templo. Toda a demonstração externa de idolatria foi desfigurada, embora ninguém tenha *chutado* as imagens! Não houve nenhuma investigação feita pelo governo quanto à contaminação, porque o poder estava agora nas mãos de Ezequias, que ordenara a purificação do templo.

29.18

Então foram ter com o rei Ezequias no palácio. Tendo os levitas e sacerdotes terminado o trabalho de purificação, um relatório completo foi apresentado a Ezequias. Os homens indicados para apresentar o relatório deram todos os detalhes necessários para que o rei estivesse certo de que coisa alguma havia sido esquecida. O templo estava agora pronto para ser usado no culto a Yahweh.

Todos os vasos usados no culto, bem como os móveis principais, e também o altar de bronze (usado para os sacrifícios), tinham sido purificados. Todos os vestígios do paganismo haviam sido removidos. Quaisquer entulhos deixados dos sacrifícios pagãos tinham sido removidos e o altar estava impecável. O altar foi restaurado a seu devido lugar, porquanto Acaz o havia substituído por outro. O altar pagão, modelado segundo o grande altar da Assíria, foi removido e destruído. Ver II Reis 16.10 ss. quanto à história de como Acaz substituiu o altar de Yahweh por outro, de origem pagã. A mesa dos pães da proposição foi purificada, juntamente com todos os instrumentos do culto. No tabernáculo havia apenas uma mesa dos pães da proposição, mas Salomão havia preparado dez dessas mesas (ver II Crô. 4.8) para o templo de Jerusalém. Ver as notas em I Crô. 28.16.

29.19

Também todos os objetos que o rei Acaz no seu reinado lançou fora. Os levitas recolheram os vasos do templo que o ímpio rei Acaz havia removido, substituindo-os pelos aparelhos do culto pagão. O desprezível rei não os havia destruído por terem sido feitos de prata e ouro e, portanto, terem valor como dinheiro. Mas descartou-os. Kimchi supõe que ele os tenha transformado em instrumentos para os cultos pagãos, e, dessa maneira metafórica, descartou-se deles, mas não parece ser isso o que o texto diz. O Targum indica que os próprios sacerdotes de Yahweh tinham ocultado esses objetos, pondo outros itens no lugar, a fim de impedir que os artigos genuínos fossem usados pelo idólatra Acaz. Essa explicação tem a concordância do Targum *Bab. Avodah Zarah,* fol. 54.2, mas parece que também não é isso que o texto sagrado diz. Seja como for, os levitas *devolveram* ao templo os instrumentos do culto, para que a adoração a Yahweh pudesse recomeçar.

29.20

Então o rei Ezequias se levantou de madrugada. *Reconsagração.* O templo agora estava pronto para ser rededicado. E Ezequias era o homem que encabeçaria a cerimônia de rededicação e os sacrifícios. Os vss. 20-30 contam essa história. O rei "... tomou a primeira oportunidade para estar presente à adoração a Deus, e deu exemplo para o povo. Ele reuniu os governantes da cidade, os anciãos do povo, os principais magistrados de Jerusalém e subiu para a casa do Senhor, ou seja, o templo, a fim de adorar ali" (John Gill, *in loc.*). "Ezequias estava *ansioso* para entrar no culto de expiação com toda a pressa possível, agora que o templo havia sido devidamente preparado. Portanto, ele convocou todos os representantes de Israel" (Jamieson, *in loc.*).

29.21

Mandou trazer sete novilhos, sete carneiros, sete cordeiros e sete bodes. Vários tipos de animais, dentre aqueles apropriados para os propósitos de sacrifício, foram trazidos para a cerimônia de expiação, em um total de vinte e oito animais. Eles seriam uma *oferenda pelo pecado* (ver Lev. 4.1-5,13). Expiação pela nação de Judá também foi feita (ver II Crô. 29.20-24), e assim as coisas seriam "corrigidas" para uma nova era, a era do bom rei Ezequias. Ver as notas expositivas sobre os *cinco* tipos de animais próprios para serem sacrificados (os animais *nobres)*, em Lev. 1.14-16. Quanto aos vários *tipos* de oferendas, ver Lev. 7.37. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, quanto a amplas informações.

E aos filhos de Arão, os sacerdotes. Somente os descendentes diretos de Arão podiam ser sacerdotes, e somente eles podiam oferecer sacrifícios conforme ditava a legislação mosaica. Ver o capítulo 14 de Levítico quanto a essa prática. Ver o artigo detalhado do *Dicionário* chamado *Sacerdotes e Levitas*, especialmente a segunda seção desse artigo, que faz distinção entre as classes ministeriais: o sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas, cada qual com seu respectivo serviço. Ver a terceira seção quanto ao ofício e ao trabalho dos *sacerdotes*. Ver os capítulos 1 a 6 do livro de Levítico. Lemos em Lev. 1.5 que os filhos de Arão seriam os sacerdotes qualificados.

29.22

Mortos os novilhos, os sacerdotes tomaram o sangue e o espargiram sobre o altar. Uma vez mortos os três tipos de animais — os novilhos, os carneiros e os cordeiros —, o sangue deles foi aspergido sobre o altar, conforme prescrevia a lei. Bacias apanharam o sangue, o qual foi lançado à base do altar. Ver Lev. 1.5 quanto a esse modo de proceder. Ver também Lev. 8.19,24.

29.23

Para oferta pelo pecado trouxeram os bodes. Os *bodes* também foram sacrificados, acompanhados pela imposição de mãos dos sacerdotes, para indicar que eram sacrifícios vicários, pois os pecados do povo foram transferidos para os animais, de maneira simbólica. Ver Lev. 1.4; 3.2 e 4.4 quanto ao modo de proceder e à legislação mosaica a respeito. A confissão de pecados acompanhou a imposição de mãos. Então Yahweh ouviria, ficaria satisfeito e perdoaria todas as coisas confessadas e expiadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*.

29.24

Para expiação de todo o Israel. *Todo o Israel* (*Judá*, porquanto as dez tribos tinham deixado de existir, por causa do cativeiro assírio) foi objeto da expiação. Ezequias queria uma nação *pura*, para iniciar uma nova fase na história de Judá. Judá se tornara Israel, e os ritos e o culto antigo continuariam por meio do ministério dos sacerdotes e dos levitas. A autoridade política estava garantida pelo fato de Ezequias ser da dinastia davídica, após o cativeiro babilônico, ficando assim garantida a autoridade real e espiritual, conforme o cronista nos diz em Esdras e Neemias. Foi assim que Ezequias promoveu seu movimento *de volta à Bíblia*.

Este versículo deve ser comparado a Lev. 4.30 ss., quanto ao modo de proceder nos ritos e seu significado.

29.25

Também estabeleceu os levitas na casa do Senhor com címbalos, alaúdes e harpas. *O Ministério da Música*. Os sacrifícios eram momentos solenes, mas também tempos de júbilo. A música ajudava esse aspecto do sistema sacrificial. Davi (um músico digno de nota) tinha enfatizado esse ministério; havia guildas musicais, e não meramente sacerdotes e levitas comuns que eram músicos. Naturalmente, os músicos eram todos levitas. Seus três principais instrumentos eram címbalos, alaúdes e harpas, conforme mencionado neste texto, mas a trombeta (ver vs. 26) também era importante. Quanto a maiores detalhes, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais*. Ver I Crô. 23.5. O capítulo 25 de I Crônicas apresenta as guildas musicais, conforme Davi as estabeleceu, divididas em diversos turnos.

Segundo mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã. Este é o único lugar onde a instituição dos músicos levitas é atribuída às injunções dos profetas. Devemos lembrar que os profetas e videntes adquiriram cada vez maior importância conforme o tempo passava, e, em alguns casos, eclipsaram o ministério sumo sacerdotal. Portanto foi apenas natural que eles prescrevessem a adoração.

29.26

Estavam, pois, os levitas em pé. O arranjo aqui é curioso. Os levitas comuns (ou as guildas musicais) tocavam os três instrumentos mencionados no versículo anterior, mas os sacerdotes tocavam as trombetas. Ver Núm. 10.2. As trombetas convocavam o povo a adorar, mas também serviam de acompanhamento musical durante o culto. Cf. I Crô. 23.5. Talvez, por força do hábito, os sacerdotes somente tocassem as trombetas, ou talvez somente naquela ocasião isso tenha ocorrido, sem que se tratasse de um costume fixo e inquebrantável.

Instrumentos de Davi. Isto é, os instrumentos musicais por ele inventados, a saber, os três mencionados (menos as trombetas), os instrumentos de corda. Cf. I Crô 15.16,19; 16.4,5.

29.27

Deu ordem Ezequias que oferecessem o holocausto. Os sacrifícios foram oferecidos por ordem de Ezequias; os holocaustos foram realizados (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Holocausto*). Ver o vs. 21, que é diretamente paralelo a este versículo. Ver Lev. 7.37 quanto aos *tipos* de oferendas feitas, de acordo com a legislação mosaica.

O cântico ao Senhor. Ezequias tinha liderado alguma espécie de antífona, algum grande cântico, empregando um ou dois salmos de Davi e de Asafe (vs. 30). Foram momentos de grande júbilo para todos os envolvidos. Os instrumentos musicais acompanhavam o hino. "Isso foi feito ao tempo em que a libação era oferecida. Eles não cantavam esse hino exceto ao tempo da libação" (John Gill, *in loc.*, tecendo uma referência ao *Talmude Bab. Eracin.*, fol. 1). A versão siríaca diz que Ezequias "entoou os louvores do Senhor". "O rei e o povo prostraram-se diante de Yahweh, enquanto os salmos de Davi e de Asafe eram cantados" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação, Ofertas de*.

Ver o vs. 30, que provavelmente aponta para alguns dos salmos de Davi e para outros salmos de Asafe, os quais eram empregados de uma *maneira litúrgica* no tempo de Ezequias.

29.28

Toda a congregação se prostrou. O holocausto foi acompanhado durante todo o tempo de sua execução com o sonido dos instrumentos de corda e o soar das trombetas. Mediante isso, a atenção de Yahweh foi atraída para a cerimônia, e os que estavam presentes entraram no espírito correto de adoração.

"... as trombetas de prata dos sacerdotes, e *todo* outro acompanhamento musical continuaram *até* que terminou o holocausto e tudo quanto a ele pertencia, incluindo as oferendas de cereais e as libações" (John Gill, *in loc.*). Ellicott *(in loc.)* supõe que as descrições oferecidas aqui tenham servido de bom quadro da adoração conforme ela existia após o cativeiro babilônico, quando o autor sacro registrou o acontecido.

29.29

Prostraram-se, e adoraram. Uma adoração reverente pôs fim à cerimônia. Agora, o ruído dos cânticos e dos instrumentos musicais tinha cessado. Os adoradores prostraram-se no solo e deram graças, fazendo muitas petições de bênçãos a Yahweh, renovando os antigos costumes no coração deles. De fato, algumas vezes precisamos voltar às nossas raízes e recomeçar nossa determinação e nossos propósitos espirituais. As chamas do zelo diminuem e, de outras vezes, apagam. A *renovação* era a palavra daquela hora e, algumas vezes, é a palavra que deve governar nossa vida. O *conhecimento* que possuímos pode cair na negligência. Saber não é o suficiente. Precisamos também sentir, fazer, tocar no fogo da presença de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Não se faz nenhuma menção aqui às mulheres e a seus tamborins e danças, que acompanhavam tempos jubilosos de adoração. Talvez essa prática, que existia no tempo de Davi, tivesse sido descontinuada. Ver II Sam. 6.14,20,22.

29.30

Então o rei Ezequias e os príncipes ordenaram aos levitas. Este versículo explica o que aconteceu *durante* os ritos sacrificiais (vs. 25), e não alguma espécie de festa de cânticos posterior, embora isso também seja possível. Os salmos de Davi e de Asafe tinham-se tornado parte do rito sacrificial, uma espécie de *liturgia* acompanhante. Os críticos supõem que isso represente condições posteriores ao término do cativeiro babilônico, mas não há nenhuma razão para duvidarmos da cronologia do cronista nesta altura de seu relato. Jarchi identificou o Salmo 105 como o mais provável salmo usado na oportunidade. Ver I Crô. 16.7. Mas não há como sabermos nada sobre isso com precisão. Talvez tudo quanto esteja aqui destacado é que os cânticos foram feitos em consonância com as leis

que Davi havia depositado, e que nenhum salmo foi empregado, conforme alguns comentadores explanam. Nesse caso, os cânticos podem ter sido espontâneos, e não segundo uma liturgia formal. Contudo, não há como ter certeza sobre tais questões.

29.31

Disse ainda Ezequias. Os vss. 31-36 registram oferendas adicionais, além daquelas efetuadas por Ezequias, por meio dos sacerdotes. Essas oferendas adicionais falam da *participação pública* nas cerimônias. Indivíduos tinham a oportunidade de participar. Além das ofertas queimadas, também havia as oferendas de cereais (que expressavam ações de graças) e as libações. Ver Lev. 7.37 quanto aos *tipos de oferendas* que faziam parte do culto dos hebreus. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas,* que oferece muitos detalhes.

Autoconsagração. O povo de Judá consagrou-se, renovando a aliança com Yahweh (ver o vs. 10). Note o leitor que a espiritualidade é tanto uma questão de participação nas formas religiosas com a comunidade como uma questão de participação pessoal. A participação pública dificilmente é completa sem a dedicação pessoal de cada membro. Sem a "individualização", a participação pública resume-se a mero espetáculo. O rei, através dos sacerdotes, tinha feito a parte que lhe cabia. Então a congregação precisou fazer a sua parte, e cada membro teve uma função a desempenhar. Oferendas *voluntárias* são aqui descritas.

29.32,33

O número dos holocaustos. A abundância das oferendas feitas na antiguidade é sempre surpreendente. Além da matança dos 28 animais usados nos sacrifícios (ver o vs. 21), 70 novilhos, 100 carneiros e 200 cordeiros também foram oferecidos. Além disso, foram consagrados 600 bois e 3.000 ovelhas. Isso nos fornece o grande total de 3.970 sacrifícios!

Foram consagrados. Ou seja, oferendas designadas como ofertas pacíficas, em que os *proprietários* dos animais oferecidos tinham uma parte, dedicado seus animais com certo propósito, por generosidade voluntária, e não por compulsão ou para satisfazer exigências.

A Grande Festa. Naturalmente, houve grande festividade. Porções dos animais sacrificados podiam ser consumidas pelas massas. *Oito* porções cabiam aos sacerdotes, segundo anoto em Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8 e Deu. 12.17,18. O ritual dos sacrifícios tornou-se assim uma festa comunitária de celebração. Os pecados haviam sido perdoados por Yahweh; a renovação espiritual fora efetuada. Havia agora motivo para regozijo e festa. O vinho fluía como o rio Amazonas. O povo dançava e cantava. Afinal de contas, os hebreus eram um povo de vinho, cânticos e danças.

O *sangue e a gordura* foram entregues a Yahweh como Suas porções. Deus era o participante invisível de todas as festividades e sacrifícios. Simbolicamente, Ele tinha a sua parte. Quanto às leis sobre o sangue e a gordura, ver Lev. 3.17. *O sangue e a gordura* eram consumidos nas chamas do altar, e Yahweh, ao sorver o perfume suave, agradava-se e recebia as oferendas. Uma vez aplacado, Ele perdoava os pecados e provia as bênçãos celestiais. Ver sobre *Aroma Agradável* em Lev. 1.9 e 29.18.

Os animais referidos no vs. 32 não proviam porções para consumo das massas, mas os animais citados no vs. 33 sim. Ver II Crô. 35.13.

Poucos Comparativamente. Os sacrifícios oferecidos naquele dia foram poucos em comparação com os oferecidos por ocasião da dedicação original do templo de Salomão. Ver I Reis 8.63. Para dizer o mínimo, 22.000 bois e 120.000 cordeiros foi um número espantoso. Alguns comentadores suspeitam que o autor original ou algum escriba subseqüente tenha cometido um erro.

29.34

Os sacerdotes, porém, eram mui poucos. *"Uma Embaraçosa Generosidade.* Tão abundante foram as oferendas do corpo laico que os ministrantes normais (os sacerdotes) não agüentavam a grandiosidade da tarefa. "A generosidade pode, algumas vezes, confundir o oficialismo. Se esse espírito tivesse de arrebatar a Igreja, o único indivíduo que se sentiria incomodado com isso seria o tesoureiro!" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Os *sacerdotes* eram poucos para esfolar os animais, por isso os levitas comuns tiveram de ajudá-los. O procedimento normal era que cada *ofertante* dos animais esfolasse as carcaças. E essa ação, como é natural, teria resolvido o problema da esfoladura de tão grande número de animais. Portanto, quanto a esse aspecto, este versículo nos deixa "perplexos". Talvez as leis e os costumes variassem com o passar do tempo, e a participação dos leigos, nesse aspecto do sacrifício, tivesse sido descontinuada. De acordo com alguns intérpretes, Lev. 1.6 menciona o ato de esfolar os animais como negócio que cabia aos sacerdotes. Talvez os sacerdotes tivessem negligenciado seus deveres durante o tempo de Acaz, o rei apóstata, e agora relutassem em trabalhar duramente. Por outra parte, quem poderia ter realizado tal tarefa sem uma ajuda maciça? Quanto às oferendas *particulares* (voluntárias), o próprio adorador fazia a esfoladura dos animais, conforme se lê em Lev. 1.6. Conforme é fácil de ver, Lev. 1.6 é aqui interpretado de maneira diferente. A palavra "ele", nesse versículo, de acordo com alguns estudiosos, refere-se ao sacerdote, mas, de acordo com outros, refere-se ao adorador, o proprietário do animal em pauta. Jamieson (*in loc.*) explica que as ofertas queimadas (os holocaustos; ver a respeito no *Dicionário*) podiam ser esfoladas somente por um sacerdote, mas uma oferta voluntária, trazida pelo proprietário do animal, tinha de ser esfolada pelo respectivo proprietário. Cf. com II Crô. 35.11, onde os *levitas* aparecem a fazer esse serviço.

29.35

Além dos holocaustos em abundância. *Toda espécie de oferenda* foi feita. Ver os tipos em Lev. 7.37. As oferendas populares (que vieram depois das oferendas oficiais) foram abundantes e variegadas. O sangue e a gordura foram oferecidos a Yahweh; havia oito porções que cabiam aos sacerdotes (ver Lev. 7.11-24); e outras porções foram oferecidas aos leigos. Todas essas considerações estão anotadas nos vss. 32 e 33.

Foi assim que o culto a Yahweh, prestado no templo, foi restabelecido e agora recebia um novo bom começo.

29.36

Ezequias e todo o povo se alegraram. Houve um súbito *recomeço.* Ezequias foi o homem-chave nessa mudança. A idolatria de Acaz foi obliterada, e Ezequias estava ali, promovendo uma renovação completa do yahwismo. O povo comum regozijava-se na mudança. Os judeus estavam cansados do paganismo. Queriam agora voltar aos antigos costumes do judaísmo. O rei Ezequias ficou especialmente satisfeito diante da cooperação e do entusiasmo do povo. O cronista viu nessa questão uma intervenção divina: *Elohim* tinha preparado o povo para o que estava acontecendo. O coração das pessoas tinha sido transformado, e não apenas os costumes externos. O rei havia estabelecido o exemplo e liderado o caminho. E o povo pôs-se a segui-lo ansiosamente. "A mão de Deus foi vista na *súbita mudança* que houve entre os príncipes e o povo, da indiferença para a alacridade. Cf. II Crô. 30.12" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Trinta

A Páscoa de Ezequias; Convocação Real a Todo Israel; A Ordem Enviada de Dã para Berseba (30.1-27)

Tendo renovado o templo e seu culto, e tendo promovido uma nova aliança entre o povo de Judá e Yahweh (capítulo 29), o rei resolveu restabelecer a festa anual (requerida pela lei mosaica). Primeiramente, a *páscoa* foi restabelecida. A nação foi convocada a participar, incluindo as poucas pessoas que tinham permanecido no território das tribos do norte, após o cativeiro assírio.

O *cativeiro assírio* foi uma deportação do povo das tribos do norte (Israel), com a importação de uma gente de etnia não-hebraica, para completar o processo de obliteração. Mas havia alguns sobreviventes de hebreus no território do norte, os quais, misturando-se com os recém-chegados, tornaram-se os samaritanos. Essa gente, pois, renovou o yahwismo. E nem todos eles eram idólatras. Portanto, houve alguns "lá fora", no território das antigas tribos do norte, que podiam participar da celebração da páscoa dirigida por Ezequias. Quanto a um remanescente de Israel, deixado após o cativeiro assírio, ver II Crô. 30.1; 34.9 e II Reis 17.24-41. Ver também ali a origem dos *samaritanos* e o artigo sobre esse povo no *Dicionário.*

30.1

Depois disto Ezequias enviou mensageiros por todo o Israel e Judá. *O Convite Universal de Ezequias.* Havia ainda um minúsculo remanescente deixado no norte, após o cativeiro assírio. Em sua generosidade e espírito de estadista, Ezequias convocou essa gente para tomar parte na páscoa por ele celebrada. Ezequias, pois, mostrou que não era um exclusivista. "Ele não podia ter previsto a esperança universal pintada em Isa. 56.7, e não confinou os regozijos à ordem em torno de Jerusalém, e nem mesmo aos seus súditos imediatos, os judeus. Ele queria que participassem todos quantos pudessem, *Israel inteiro,* de modo que ele enviou o convite ao remanescente do povo de Israel, bem como a Judá, embora os conquistadores assírios tivessem Israel debaixo de seu tacão. Ele pensou em como poderia traçar *meios* de atingi-los, vss. 6-10" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Ver as notas expositivas sobre essa questão no parágrafo dos comentários introdutórios ao capítulo, imediatamente antes de II Crô. 1.1.

Os vss. 10 e 11 mostram-nos que muitos dos que estavam nos territórios do norte zombaram do convite de Ezequias, mas outros alegraram-se em aproveitar da oportunidade. Assim sempre acontece quando há convites para fazer o bem.

Cartas. Em hebraico, "alfabeto", um desenvolvimento do alfabeto fenício. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alfabeto*. Nosso próprio alfabeto vem de línguas semíticas, por meio do grego e do latim.

A Efraim e a Manassés. Estes dois nomes apontam para todas as tribos do norte. Cf. o vs. 10.

A páscoa ao Senhor Deus de Israel. Isto é, a Yahweh-Elohim. Os que receberam o convite deveriam saber que isso representava um movimento de "volta à Bíblia". Não haveria oferendas pagãs em Jerusalém. Somente os que quisessem renovar sua dedicação a Yahweh deveriam estar presentes. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Deus, Nomes Bíblicos de* e *Páscoa*.

30.2

Porque o rei tivera conselho com os seus príncipes e com toda a congregação. A decisão sobre a celebração da páscoa foi tomada pelo rei, em acordo com os seus conselheiros. Foi um movimento nacional. O rei não agiu sozinho. Fazia parte de seu programa geral de renovação, parte do novo pacto que ele havia estabelecido com Yahweh (ver II Crô. 29.10 ss.). Fazia parte de sua *reforma* religiosa, que era extensa e visava a obliteração da idolatria e a reintrodução do yahwismo.

No segundo mês. Ou seja, o mês de *ijar,* conforme diz o Targum, porquanto não foram capazes de observar a páscoa no primeiro mês, sua posição normal no calendário. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico*. Ver Núm. 9.1-5 quanto à legislação mosaica referente à páscoa e ao tempo anual de sua observância. Ezequias achou melhor observar a celebração um mês atrasado do que esperar um ano inteiro.

30.3

(Porquanto não na puderam celebrar no devido tempo). *Razões para a Demora.* A purificação do templo ainda não tinha sido completada, ao chegar o tempo regular da observância da páscoa. Ver II Crô. 29.17, que confirma isso. Os sacerdotes ainda não estavam satisfeitos quanto à renovação do culto do templo. E nem fora ainda feita a convocação geral a todos os indivíduos do sexo masculino de Jerusalém. A filosofia de Ezequias foi que "era melhor tarde do que no ano seguinte". A palavra "nunca" não fazia parte do seu vocabulário, de maneira que ele não a pronunciou, em harmonia com a expressão popular "é melhor tarde do que nunca". Em casos extremos, a legislação mosaica permitia o adiamento da celebração da páscoa para o segundo mês (ver Núm. 9.6-11), de modo que Ezequias tinha um precedente para o seu ato.

30.4

Foi isto aprovado pelo rei e toda a congregação. A *decisão* de celebrar a páscoa e convidar o remanescente das tribos do norte a participar agradou a todos os oficiais envolvidos, bem como ao próprio rei, que esperaram cumprir a questão com alegria e entusiasmo. Concordaram *unanimemente* diante da idéia e revelaram-se ansiosos em sua antecipação.

30.5

E resolveram que se fizesse pregão por todo o Israel, desde Berseba até Dã. Estas últimas quatro palavras, em sua ordem normal, são: "desde Dã até Berseba". Era uma expressão que pretendia significar "em todo o Israel", incluindo Judá. Ofereci notas expositivas a respeito em I Sam. 3.20. Os mensageiros visitariam as áreas populacionais maiores, as cidades principais, e muitas aldeias. Todos ouviriam o convite, e muitos o atenderiam, mas nem todos (vss. 10 e 11). O cronista indicou que a páscoa, como uma festividade *nacional,* não se celebrava fazia muito tempo. Provavelmente algumas poucas pessoas em Judá a tinham observado, a despeito de seus ímpios monarcas. Ver a lei referente à páscoa, em Êxo. 12.1-20 e Deu. 16.1-8. A obrigação era universal. Mas em tempos de apostasia, quem se importava com o que Moisés havia dito? Jerusalém, com o seu templo, era o único lugar legítimo para essas celebrações, de forma que foi feito o convite para que todo o povo de Israel ali se fizesse presente. As tribos do norte, por certo, não tinham observado nenhuma das festividades nacionais do yahwismo, desde que Jeroboão dividira o norte do sul. Antes, Jeroboão estabelecera seu próprio culto e seu próprio sacerdócio em Dã e Betei. Ele não queria que peregrinos das tribos do norte fossem a Jerusalém; mesmo assim, alguns poucos sempre iam, contra a vontade do rei. Durante cerca de 200 anos, a páscoa fora negligenciada pelas tribos do norte! E podemos supor que até mesmo nas tribos do sul a observância da páscoa não se fizera regularmente, visto que reis apostatados subiam e desciam do trono, e até mesmo bons reis terminavam na apostasia, em seus últimos anos de vida.

As *três festas anuais* que requeriam a peregrinação de todos os indivíduos do sexo masculino a Jerusalém eram a Páscoa (incluindo os pães asmos), o Pentecoste e os Tabernáculos. Ver no *Dicionário* os artigos sobre cada uma dessas festividades, e ver ali também o artigo geral, chamado *Festas (Festividades) Judaicas.* Ver Deu. 16.16 quanto às três festas mencionadas.

30.6

Partiram os correios com as cartas do rei. As cartas enviadas tinham três propósitos: 1. dar a todos, em Israel-Judá, a oportunidade de fazer-se presentes à páscoa; 2. dar aos apóstatas e desviados a oportunidade de restaurar a lealdade a Yahweh, fazendo contraste com as formas idólatras; a campanha foi completa e deve ter tomado um tempo considerável; 3. produzir a *unidade* de adoração entre o norte e o sul, até onde esta pudesse ser conseguida. A Assíria controlava o norte. O templo tornar-se-ia, novamente, uma casa de oração para todos os povos. Tiglate-Pileser tinha capturado as tribos do norte e saqueado a muitas cidades dali (ver II Reis 15.19,29). Portanto, Ezequias não conseguiria grande reação positiva, mas haveria um pequeno grupo representativo do antigo reino de Israel. Ver II Crô. 28.16.

Voltai-vos ao Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel. Observe o leitor o título divino que permaneceu conhecido em Israel-Judá, devido às suas conexões com os patriarcas e as tradições antigas. Cf. Êxo. 3.6,15,16; 4.5; Deu. 1.8; 6.10; I Reis 18.36; I Crô. 29.18 e Mat. 22.32.

30.7

Não sejais como vossos pais e como vossos irmãos. *A Repreensão de Ezequias.* Ezequias era um homem generoso, mas também franco. Acusou a antiga população das tribos do norte de culpadas pela atual desolação e exortou o pequeno remanescente a deixar de transgredir as leis de Yahweh. Nisso haveria a reversão da sorte daquelas tribos. Judá foi exortado a não imitar o exemplo das tribos do norte. A Babilônia estava postada nas fronteiras de Judá, para repetir, quanto ao sul, o ato ousado dos assírios, no norte. Ezequias acreditava que a política e a economia não determinavam a sorte das nações. Pois existe Aquele Propósito e Aquele Poder superiores que intervêm nas questões humanas.

30.8

Não endureçais agora a vossa cerviz. Ver sobre a "dura cerviz" em Êxo. 32.9. Israel-Judá eram como touros selvagens que foram domesticados, mas não toleravam o jugo, e resistiam e causavam dificuldades. Os estúpidos animais nunca aprendem, nem o estúpido povo de Israel-Judá. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento, pois, haveria de repetir-se interminavelmente. Cf. II Reis 17.14 e Jer. 7.26. Ver também Sal. 95.8,9.

Para sempre. O cronista não previu o fim do culto no templo. Provavelmente, escreveu depois que o templo de Salomão tinha sido destruído. Mas agora havia o segundo templo. As edificações iam e vinham, mas a realidade do culto a Yahweh persistia. Pelo menos assim ditava a sua fé. Por conseguinte, ele convocou todo o Israel para comparecer à adoração eterna que ali continuaria funcionando, quando os ídolos pagãos se tivessem transformado em poeira. Todos os cidadãos deveriam começar a freqüentar aquela páscoa, como um sinal de lealdade. Então poderiam continuar a observar as três festividades que eram requeridas anualmente. Ver Deu. 16.16 e II Crô. 7.16,20.

Para que o ardor da sua ira se desvie de vós. Ou seja, a ira de Yahweh, que punira o povo de Israel por causa de sua idolatria e continuaria punindo enquanto os homens persistissem em sua estupidez e reduzissem suas formas de adoração a ídolos de madeira, pedra e metal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. O cativeiro assírio tinha sido a última lição objetiva dessa ira, e logo seria adicionada outra lição objetiva, a do cativeiro babilônico. Fazer-se presente à páscoa seria o começo da reversão de um temível curso de acontecimentos.

30.9

Porque, se vós vos converterdes ao Senhor. A *reversão do cativeiro assírio* foi vista como algo possível por Ezequias e, em sua estimativa, a *chave* para isso era o abandono da idolatria. Yahweh era poderoso para amolecer o coração deles e transformá-los, e os assírios estavam sujeitos ao poder de Deus. Por conseguinte, *agradar ao Senhor* era a chave para todas as questões do destino e bem-estar dos homens. A história demonstra que o cativeiro assírio não foi revertido, mas o cativeiro babilônico sim. Isso deu a Judá cerca de 550 anos adicionais na

Terra Prometida. Mas então veio a grande dispersão romana, a começar por 132 D. C., e somente em nosso próprio tempo (1948) a dispersão foi revertida. A glória Shechinah havia desaparecido de Israel, mas poderia ser restaurada. *Icabó* estava escrito sobre o reino do norte, embora esse escrito pudesse ser removido. Ver sobre esse termo no *Dicionário*. A glória do Senhor, que se havia afastado, poderia ser restaurada pela graça e pelo amor de Deus. Mas Israel tinha de buscar a restauração através do verdadeiro arrependimento.

Vosso Deus é misericordioso e compassivo. Cf. Sal. 86.15; Êxo. 34.6. Ver também Nee. 9.17,32. Assim diz também o Alcorão: "No nome de Deus, o misericordioso e o compassivo".

30.10

Porém riram-se e zombaram deles. Pessoas das tribos de Efraim, Manassés e Zebulom, as quais, devido ao tempo que tinham abandonado o yahwismo, "enfrentaram os mensageiros de Ezequias com insultos francos e má linguagem (ver Mat. 22.1-14)" (Jamieson, *in loc.*).

Zombaria, Acima de Tudo. Os idólatras das ex-tribos do norte não tinham tempo para Ezequias e seus mensageiros. Sobreviventes do terror, desfrutavam agora uma situação razoavelmente segura na terra. Possuíam terras, algum dinheiro e alimento para sustentar-se. Por que se importariam em reverter o cativeiro assírio? Corações duros continuavam duros; mentes embotadas continuavam embotadas; os antigos idólatras continuavam idólatras; os rebeldes não tinham aprendido coisa alguma; e os orgulhosos continuavam orgulhosos.

Orgulho, Inveja, Avareza — essas são três fagulhas
que incendeiam o coração dos homens.

(Dante, Inferno)

O homem é o único animal que cora,
ou que precisa de corar.

(Mark Twain)

Continuai zombando, continuai zombando,
Voltaire e Rousseau;
Continuai zombando, continuai. Será tudo vão!
Estais lançando areia contra o vento,
E o vento sopra-a de volta, novamente.

(William Blake)

30.11,12

Todavia alguns. "Infelizmente, a mensagem foi repelida exceto por alguns poucos descendentes de Aser, Manassés, Zebulom, Efraim e Issacar (vs. 18)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Naturalmente, Judá estava unido em torno desse propósito (vs. 12). *Elohim* dera a Judá um *coração unido* e um propósito único, porquanto o povo do sul estava preparado para isso pelo arrependimento, pelas exortações e pelos ensinamentos do rei Ezequias. É verdade que o povo *teve de obedecer* a seus superiores. Dificilmente eles poderiam insurgir-se contra o edito real. Mas o cronista queria que soubéssemos que eles tinham o coração sobre a questão. Cf. Esd. 8.22.

Segundo a palavra do Senhor. Ezequias não falou por meio de sua própria autoridade ou raciocínio. Foi Yahweh quem o inspirou, dando a ordem que ele passou adiante, para o povo.

Nunca aceitei o que muita gente tem dito bondosamente, a saber, que eu inspirei a nação. Foi a nação e a raça que habita ao redor do globo que deu o coração ao leão. Tive a sorte de ser chamado para soltar o rugido.

(Winston Churchill, em um discurso feito em seu 80º aniversário, em Westminster Hall, a 30 de novembro de 1954.)

A Páscoa de Ezequias em Jerusalém (30.13-22)

Tendo-nos fornecido preliminares do evento, o cronista agora descreveu exatamente como a questão foi efetuada. A despeito das zombarias de muita gente do norte, uma grande assembléia atendeu ao convite feito por Ezequias e celebrou a páscoa. A *maioria* das tribos, mesmo que não todas, esteve representada, de modo que algumas tribos não compareceram. Isso emprestou um aspecto *universal* à celebração. Ver as notas no versículo primeiro, sobre o *convite universal de Ezequias*.

30.13

Ajuntou-se em Jerusalém muito povo. Embora com um mês de atraso, uma grande multidão juntou-se para celebrar a páscoa, que incluía a festa dos pães asmos, pois as duas coisas tinham-se tornado historicamente associadas. Isso ocorreu "no segundo mês, ijar, e uma grande assembléia se reuniu, como não se tinha visto por muitos anos" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Páscoa* e *Pães Asmos*. "... Pães asmos: essa festividade de sete dias seguia-se imediatamente após a páscoa (ver Êxo. 12.11-20; Lev. 23.4-8). A dedicação do povo demonstrou a desaprovação aos altares pagãos (vs. 14), que eles descartaram (reduzindo-os a pó) no vale do Cedrom (vs. 14 e 29.16)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

30.14

Dispuseram-se e tiraram os altares que havia em Jerusalém. *Uma Purificação Preliminar.* Ezequias havia limpado completamente o templo (capítulo 29). Em Jerusalém, entretanto, permaneciam os ídolos que Acaz ali pusera. E o lugar precisava ser purificado antes que a páscoa pudesse acontecer. Ezequias baixou a ordem, e seus mensageiros foram por todos os lugares, quebrando todos os ídolos, e lançaram a poeira e os escombros no ribeiro do Cedrom, que servia de monturo da cidade! Ver sobre isso em II Crô. 29.16. Caros leitores, aqueles ídolos mereciam estar no monturo da cidade! Os altares sofreram o mesmo destino que os ídolos. Alguns homens, cujo coração ainda estava cheio de pecado, sem dúvida objetaram. Mas ninguém ousou falar uma palavra contra os atos destruidores, porque Ezequias, o *reformador*, estava no controle da situação.

Ver II Crô. 28.24 quanto aos atos de Acaz que tinham poluído a cidade, transformando Jerusalém em um centro de paganismo. Cf. II Crô. 29.16. Mas agora tanto o templo quanto a cidade tinham sido purificados, e a páscoa poderia começar a ser celebrada. Ezequias não demonstrou nenhuma tolerância para com a fé sincretista. O yahwismo estava de volta ao trono.

30.15

Então imolaram o cordeiro da páscoa. *Um mês* depois do tempo regular de sua observância, a páscoa foi realizada. Os sacerdotes e levitas ficaram envergonhados da relutância original em cumprir seus deveres, sobretudo quanto viram a reação imediata e o entusiasmo do povo. Ver II Crô. 29.34, que se refere ao mesmo assunto. "Envergonhados da anterior relutância em purificar-se da contaminação contraída por sua conexão com cultos e santuários ilegais, durante o reinado do falecido rei Acaz... Na primeira passagem (II Crô. 29.34), os levitas são favoravelmente contrastados com os sacerdotes. Aqui são todos tratados sob os mesmos termos" (Ellicott, *in loc.*).

30.16

Tomaram os seus devidos lugares, segundo a lei de Moisés. *Finalmente,* depois da hesitação inicial, tanto os sacerdotes quanto os levitas cumpriram os seus deveres, em consonância com a legislação mosaica. Os levitas mataram os cordeiros pascais, recolheram o sangue nas bacias e entregaram-no aos sacerdotes, para ser aspergido sobre o altar e em torno da base. A aspersão original era sobre as ombreiras das portas, mas isso não foi repetido, nem mesmo simbolicamente. Ver Lev. 1.5. O modo de proceder original era os cabeças das famílias sacrificarem os animais e realizarem os ritos. Mas isso foi adaptado ao culto do templo, e, nessa ocasião, os levitas prestaram o serviço, pelas razões dadas no versículo seguinte.

30.17

Porque havia muitos na congregação que não se tinham santificado. Havia tanta gente, incluindo chefes de famílias, que estavam cerimonialmente *imundos*, que os levitas tiveram de ocupar-se do serviço de matar os cordeiros e trazer o sangue aos sacerdotes para derramá-lo e aspergi-lo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo*. Os chefes de família tiveram de manter-se afastados, espiando os levitas em seu trabalho. Cf. II Crô. 35.4-6. Parece que o que aconteceu durante a "páscoa de Ezequias" se tornou o modo de proceder normal. Ver Esd. 6.20. A *Idolatria* era, obviamente, o grande poluidor. E muitos chefes de família e príncipes tinham-se envolvido nisso, de modo que ao tempo dessa páscoa foram impedidos de participar. Ver Êxo. 12.6.

30.18

Porque uma multidão do povo. A *multidão* que chegou, assim como os chefes de famílias, estava *imundo e* despreparada para participar nos cultos santos. A idolatria havia maculado uma cultura inteira. Não havia tempo para realizar as cerimônias necessárias de purificação, então Ezequias ofereceu uma *oração de purificação* pelo perdão de cada indivíduo, a fim de que a cerimônia pudesse

prosseguir. Ezequias nem pensou se as regras estavam erradas ou não, mas reconheceu que era mais importante realizar a essência da páscoa do que não realizá-la de forma alguma. Não havia tempo para seguir as complicadas regras mosaicas, acerca do que era puro e do que era impuro. Ele estava seguindo "os preceitos mais importantes da lei" (Mat. 23.23). Núm. 9.6 ss. deixa claro que pessoas cerimonialmente impuras não podiam participar da páscoa. Ezequias, porém, abriu uma "exceção divina" à regra, para o bem do povo. Em outra ocasião, todas as regras seriam seguidas. Esta passagem nos ensina que a letra da lei pode matar. Estamos atrás da essência da espiritualidade.

30.19

Que dispôs o coração para buscar o Senhor Deus. Se o coração deles estava buscando a Deus, então, pelo momento, as regras concernentes à purificação do corpo poderiam ser ignoradas com segurança. Não fora possível fazer tudo quanto era exigido "de acordo com a purificação do santuário". Isso exigiria que a páscoa fosse ainda mais adiada. O culto do templo tinha regulamentos acerca da impureza espiritual. Isso poderia ser ignorado se um homem buscasse a Yahweh-Elohim em lealdade. "A oração dá a entender uma *preferência* pela *sinceridade* espiritual, em lugar de uma insistência sobre prescrições literais e legais. Isso foi algo notável para o cronista, cujo alvo principal era fomentar a devida referência pelas ordenanças externas e pelos costumes tradicionais" (Ellicott, *in loc.*).

30.20

Ouviu o Senhor a Ezequias. *Yahweh* concordou com a filosofia de Ezequias. As regras rígidas sobre a páscoa poderiam esperar outra ocasião. Yahweh perdoou e curou o povo de sua poluçao espiritual, contraída principalmente pela participação na idolatria. As regras externas *apontam* para a realidade espiritual. As cerimônias, supostamente, *refletem* o estado da alma. Mas podem existir estados espirituais interiores, sem sinais externos. O perdão era a cura espiritual. Cf. Sal. 41.4; 103.3; Mal. 4.2; Isa. 6.5,10. Pode haver aqui um indício de enfermidade física que tinha sido causada pela poluçao espiritual. Ver Lev. 15.31 sobre essa idéia. Enfermidades físicas e morte podem ser julgamentos sobre o pecado. A sanidade espiritual pode restaurar o corpo, mas nem sempre funciona dessa maneira. O próprio apóstolo Paulo teve de tolerar seu problema ocular, para que se mantivesse humilde. Ver II Co. 12.8.

30.21

Celebraram a festa dos pães asmos por sete dias. *Pães Asmos.* Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome. É provável que a festa dos *Pães Asmos,* originalmente, tenha sido uma festa separada que acabou associada à páscoa, de tal modo que as duas coisas eram celebradas conjuntamente. O artigo no *Dicionário* dá amplos detalhes sobre a questão, que não repito aqui. Ver também no *Dicionário* o artigo *Festas (Festividades) Judaicas*, II.4.a, quanto a descrições.

Cf. este versículo com I Crô. 13.8; 15.16 ss., 28. Houve poderoso *júbilo.* Todos os sacrifícios também eram tempos de festividades. Houve muito cântico e música. Provavelmente houve danças. Os hebreus eram um povo de vinho, música e dança, conforme me disse um bom amigo judeu. Ver sobre a *Dança,* especialmente II.d. Danças acompanhavam as festividades entre os judeus (ver Juí. 21.16-24).

Com instrumentos que tocaram fortemente em honra ao Senhor. Meus amigos, não posso suportar ruídos renitentes nos cultos de adoração, e não vou usar este versículo para mostrar que esse tipo de música é aceitável. Que outra pessoa use de música ruidosa nos cultos de adoração, se assim quiser fazer. Além disso, sabemos que as pessoas dançaram, mas a maioria das igrejas continua resistindo à dança nos cultos. Entretanto, existem atualmente igrejas que fazem um ruído tremendo nos cultos, e dançam. O que era bom para os hebreus, amantes do vinho, da música e da dança, não é necessariamente bom para nós, hoje em dia.

30.22

Ezequias falou ao coração de todos os levitas. Cânticos, toque de instrumentos, muito ruído, talvez danças, regozijo, confissão de pecados, oferendas a Deus, *essas* eram as atividades que ocuparam os sete dias da festividade. Ezequias *falou de modo encorajador* ao povo, evidentemente dando instruções em meio a toda aquela celebração. Os destinatários das instruções foram os levitas, que se ocuparam da carga principal do trabalho para que aquela celebração fosse um sucesso.

E comeram por sete dias as ofertas da festa. As *ofertas pacíficas* foram trazidas pelo povo comum. Os adoradores tinham o direito de consumir certas partes dos sacrifícios. O sangue e a gordura dos animais sacrificados ficavam com Yahweh. *Oito* porções desses animais eram reservadas aos sacerdotes. Ver Lev. 3.17 quanto às leis sobre o sangue e a gordura, e ver Lev. 6.26 e 7.11-24 quanto às porções dadas aos sacerdotes. As oferendas tornaram-se festividades comunitárias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas,* especialmente III.D.3, *Oferta de Comunhão,* que inclui as *Ofertas Pacíficas.* A restauração do yahwismo significava paz com Deus. As ofertas pacíficas falavam de comunhão restaurada. Yahweh era o participante invisível que se agradava com o aroma *agradável* das oferendas (ver Lev. 1.9 e 29.18), das porções dos sacrifícios que estavam sendo queimados, a saber, a gordura e o sangue sobre o altar. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.*

30.23

Concordou toda a congregação em celebrar outros sete dias. Resolveu-se *prolongar* a festa por outros *sete dias.* Todos estavam divertindo-se muito e não queriam voltar para casa. Portanto, houve "festividades" por mais sete dias. Cf. II Crô. 7.9. Parece que não havia nenhuma regra contra o prolongamento das festas, contanto que se seguisse a lei acerca do evento principal.

É provável que a *segunda semana* consistisse apenas em festejar e divertir-se. Não havia necessidade de novos sacrifícios de cordeiros e de continuar a comer os pães asmos, ou seja, as grandes características dos primeiros sete dias. Eles tão-somente continuaram com os cânticos, talvez com as danças, o toque de instrumentos musicais e os festejos. Não precisaram de novos sacrifícios, já que haveria abundância de carne para ser consumida (ver o versículo seguinte). Mas quaisquer sacrifícios que fossem feitos não seriam *cordeiros pascais.*

30.24

Pois Ezequias, rei de Judá, apresentou à congregação mil novilhos e sete mil ovelhas para sacrifício. Ao todo foram apresentados mais 19.000 animais para serem sacrificados, durante os sete dias extras. Esses animais pertenciam aos tipos aceitáveis, novilhos e ovelhas. Animais sacrificados em tão grande número nos deixam espantados. Sem dúvida deve ter sido vasta a multidão envolvida. Os animais tiveram de ser sacrificados de acordo com as provisões da lei, e transformados em oferendas a Yahweh. Em seguida, a carne era liberada para consumo: o sangue e a gordura iam para Yahweh, o participante invisível; as oito porções específicas iam para os sacerdotes; e o restante ia para o povo faminto. Ver as notas expositivas no vs. 22. Ver II Crô. 29.32 quanto aos sacrifícios da rededicação do templo. Além dos vinte e oito animais originais que foram sacrificados (II Crô. 29.21), outros 3.970 animais foram oferecidos. Mas isso foi quase nada, em comparação com os 22.000 novilhos e as 120.000 ovelhas oferecidas por Salomão em sacrifício na dedicação do templo de Jerusalém (ver I Reis 8.63).

Por ocasião da segunda semana de celebrações, o rei Ezequias e os príncipes proveram os animais. Para mudar as coisas, os pobres comeram às expensas dos ricos! Para entrar no espírito da celebração, muitos sacerdotes santificaram-se, a fim de poderem participar, em contraste com sua anterior relutância (II Crô. 29.34 e 30.15).

30.25

Alegraram-se, toda a congregação de Judá. A comunidade inteira que celebrava *regozijou-se.* Esse é um dos grandes temas do cronista. O culto a Yahweh foi um tempo jubiloso. O cronista gostava muito de deter-se na alegria das antigas festividades. Que os participantes sentiam-se tão felizes, sugere a sinceridade e o espírito de todo o coração da comunidade. Cf. II Crô. 30.23.

As Classes Envolvidas na Festa (Sugestão de Universalidade):

1. Todo o Judá.
2. Representantes de tribos do norte, Israel.
3. Os prosélitos, ou seja, estrangeiros que se tinham convertido ao yahwismo, os *gerim.* Estão em vista pessoas das regiões norte e sul da Terra Prometida. A *circuncisão* era uma operação cirúrgica necessária para que um indivíduo do sexo masculino se tornasse membro da comunidade dos que adoravam a Yahweh. Ver o artigo sobre esse assunto no *Dicionário.* Ver também Êxo. 12.48.

30.26

Houve grande alegria em Jerusalém. A alegria é novamente enfatizada pelo cronista. Ver as notas sobre o versículo anterior. A páscoa dirigida pelo rei Ezequias foi um grande sucesso. Fora tocada uma nota de *unidade* que não existia fazia vários séculos. Uma nota de *universalidade* foi desfechada, da qual o povo necessitava desesperadamente. Desde os dias de Salomão ninguém vira nada parecido com aquelas festividades de Jerusalém. Por algum tempo, pois, Ezequias tornou-se um pequeno Salomão, ultrapassando-o quanto à retidão pes-

soai, já que Salomão se desintegrou gravemente em seus últimos anos, tendo-se tornando um participante aberto da idolatria pagã. Ezequias tinha suas falhas, mas nunca caiu nesse *absurdo*. Nunca houve evento, por toda a história de Israel, que se comparasse à dedicação do templo de Salomão. Mas a páscoa de Ezequias veio em segundo lugar. A dedicação do templo, por parte de Salomão, tal como a presente festividade, também fora prolongada por outros sete dias. Ver II Crô. 7.9.

30.27

Então os sacerdotes e os levitas se levantaram para abençoar o povo. *A Bênção.* Os sacerdotes e os levitas, entusiasmados com o que tinha acontecido, foram além das expectações e proferiram anelantemente a bênção divina sobre o povo. Fizeram nobres discursos e ofereceram orações vigorosas, invocando a bênção de Yahweh sobre o povo. As orações foram tão intensas que penetraram nos céus de Yahweh, e Seu sorriso de aprovação foi a verdadeira bênção. "Suas orações foram ouvidas e recebidas, pois a bênção assumiu uma maneira peticionária (ver Núm. 6.24-26). Deus foi solicitado a abençoar o povo, e Ele o fez" (John Gill, *in loc.*). As orações dos sacerdotes e dos levitas subiram diretamente ao céu. Cf. este aspecto do versículo com Sal. 3.4 e 18.6.

"Como a fumaça de seus sacrifícios subiu até as nuvens, assim também subiram suas orações, suas súplicas e suas ações de graças. O Targum diz aqui: 'Suas orações subiram à moradia de Sua santa shechinah, que está no céu'" (Adam Clarke, *in loc.*), o qual também observou quão em breve esse entusiasmo cedeu lugar a mais apostasia. Seja como for, após essa nobre nota, o povo foi despedido e cada qual foi para seu respectivo lar. Corações e almas foram erguidos, e a espiritualidade foi fomentada, por causa da *páscoa de Ezequias*.

Capítulo Trinta e Um

Prosseguem as Reformas (31.1-21)

O reformador Ezequias tinha purificado o templo e seus ministros, e reconstituído a Páscoa, bem como, é de presumir, as *três* festividades anuais obrigatórias: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Ver os capítulo 29 e 30 quanto a esses assuntos. Foi apenas um resultado natural que o entusiasmo tivesse inspirado um esforço de purificação ainda mais amplo, do qual trata o primeiro versículo deste capítulo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*.

Parte das Reformas de Ezequias foi garantir que dinheiro apropriado fosse dado ao ministério para que este funcionasse apropriadamente. Em sua apostasia, Acaz tinha descontinuado o culto do templo. Ver II Crô. 29.3,6,7. Ezequias, porém, reabriu o templo e encorajou os ministros a começar a operar novamente. Muitos deles relutaram quanto à questão (ver II Crô. 29.34 e 30.15). Mas a páscoa de Ezequias foi um sucesso tamanho que o zelo se renovou. Os ministros voltaram a atuar. Eles precisavam receber um salário decente. Os vss. 2-21 tratam dessa questão.

Purificação de Judá-Israel (31.1)

31.1

Quebraram as estátuas, cortaram os postes-ídolos, derribaram os altos e altares por toda Judá e Benjamim. *Quebrando os Ídolos.* Não somente foram despedaçados os ídolos de Judá-Israel, mas até mesmo os lugares altos foram demolidos, algo que nenhum outro rei de Judá tinha conseguido fazer, desde Davi. Essa é uma *grande notícia* que o cronista nos dá. Ezequias foi o único rei de Judá, desde Davi, capaz de eliminar os santuários locais e assim centralizar a adoração no templo de Jerusalém. Ver no *Dicionário* sobre *Lugares Altos*. Naturalmente, os santuários locais voltariam, mas não nos dias de Ezequias. Outros reformadores tinham agido bem, mas jamais atacaram de maneira adequada os lugares altos. Uzias, quando jovem, agira bem, mas sem remover os lugares altos (II Reis 15.4). O mesmo pode ser dito sobre Jotão (II Reis 15.35).

Cortaram os postes-ídolos. Isto é, as colunas da idolatria. Ver I Reis 14.15.

Derribaram... os altares. Isto é, os centros idólatras de adoração a Baal e outras divindades estrangeiras.

Universalidade. Os assírios já tinham levado a grande maioria dos habitantes de Israel, mas ainda havia lugares potencialmente devotados a Yahweh. Ezequias, entretanto, não hesitou em entrar nos antigos territórios de Israel. Os que estiveram presentes à páscoa dirigida por Ezequias foram agentes da operação de purificação em Israel. Uma vez terminada a campanha de quebra dos ídolos e outros objetos da adoração pagã, os habitantes do norte retornaram às suas casas, e é presumível que ali tivessem continuado zelando pelo yahwismo. Os samaritanos nasceram em meio a todas essas coisas. Ver II Reis 17.24-41 e II Crô. 30.1 e 34.9.

Sustento do Ministério (31.2-21)

31.2

Ver as notas de introdução ao presente capítulo. Como obter dinheiro para sustentar um ministério *viável* sempre foi um problema. Esta seção diz-nos como Ezequias fez a tentativa.

A *questão* era como conseguir uma manutenção adequada para o clero — o tempo todo — um problema dificílimo. O cronista refletiu o que acontecia durante o reinado de Ezequias e, assim, sugeriu o que podia ser feito em seu próprio tempo (após o cativeiro babilônico). A questão, na época de Ezequias, era como suportar o ministério em Judá e também em Israel, onde houvesse centros que ainda promovessem o yahwismo.

Os *turnos* dos sacerdotes e dos levitas foram renovados. Em primeiro lugar, o rei Ezequias reorganizou os turnos, que se revezariam em dedicação ao ministério. Ver o I Crônicas 24 quanto a informações sobre o assunto. Ver II Crô. 8.14, "segundo a ordem de Davi". Ezequias, pois, restaurou o que Davi havia instituído no começo. Nessa referência, ofereci informações atinentes a vários tipos de ministério, que não repito aqui.

Uma vez que os turnos foram reiniciados, o problema era como abastecê-los com víveres e dinheiro.

31.3

A contribuição que fazia o rei da sua própria fazenda. O rei Ezequias, provavelmente através de recursos do templo, separou provisões diárias, semanais, mensais e anuais para os sacrifícios. Ver II Crô. 3.13 ss.; Núm. 28 e 29 e I Crô. 23.30,31. Essa era a sua contribuição para os sacrifícios principais e regulares. Alguns estudiosos supõem que tal contribuição tenha sido pessoal, e não retirada do tesouro do templo. Nesse caso, o rei Ezequias dava, com toda a probabilidade, mais do que um dízimo de suas rendas pessoais. Outros supõem que esses sacrifícios se tinham tornando responsabilidade do rei e Ezequias seguia o costume que tinha sido estabelecido por reis anteriores. Talvez I Reis 9.25 possa ser interpretado dessa maneira.

31.4

Além disso ordenou ao povo, moradores de Jerusalém. *É possível* que, às pessoas mais abastadas, tivesse sido ordenado dar de seus bens materiais, seguindo o exemplo da contribuição pessoal do rei. Ou então "povo" aqui significa "todo" o povo. Nesse caso, Ezequias provavelmente instituiu uma espécie de taxa sobre a população geral, em favor da manutenção do ministério. Essas provisões (vss. 3 e 4) foram feitas além dos dízimos, os quais, como é evidente, não eram adequados para resolver o problema financeiro, ou então muita gente não estava pagando os seus dízimos. John Gill (*in loc.*) presumia que estão mencionados neste versículo dízimos e primícias, e não oferendas extras. Nesse caso, os dízimos teriam sido reconstituídos. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Dízimos* e *Primícias*. Seja como for, a população inteira foi convocada a contribuir com o projeto financeiro ministerial. Ver Êxo. 23.19; Lev. 27.30-33; Núm. 18.12,20-24; Deu. 26 quanto à legislação acerca de dízimos e primícias.

31.5

Logo que se divulgou esta ordem, os filhos de Israel trouxeram. É provável que este versículo tencione definir mais claramente o que temos no versículo anterior. As contribuições da população deveriam ser feitas através de dízimos e primícias. Ver as referências e os artigos relacionados a esses atos no versículo anterior.

"Os cidadãos de Jerusalém e das cidades e aldeias circundantes atenderam apresentando as *primícias* (cf. Êxo. 23.19a; Núm. 18.12) e os *dízimos* (Lev. 27.30-33; Núm. 18.21-24) de seus produtos do campo e de seus rebanhos, bem como de todos os outros bens (ver II Crô. 31.3-6). Durante quatro meses eles continuaram a trazer ofertas ao templo (vs. 7)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Do cereal, do vinho, do azeite, do mel, e de todo produto do campo. Estes foram os produtos do campo, e os três primeiros são especificamente mencionados em Deu. 18.4. Em lugar de "mel", os escritos judeus em geral dizem *dubsa*, a "palmeira". Todos os produtos do campo eram dizimados.

31.6

Os filhos de Israel e de Judá. *Jerusalém* assumiu a liderança, mas também todas as cidades e aldeias de Judá fizeram a sua respectiva contribuição. O

pouco que restou de Israel também contribuiu, mas o grosso da produção dizimada veio de Judá. As doações tornaram-se coisas *santas*, porquanto foram dedicadas ao serviço divino. Ver Lev. 27.32 quanto ao dízimo dos bois e das ovelhas. Quanto ao remanescente de Israel deixado após o cativeiro assírio, ver II Reis 17.24-41. Essa gente, misturada a populações importadas pelos assírios, um povo misturado racialmente e praticamente pagão, observava contudo o yahwismo. Ver também II Crô. 30.1 e 34.9.

31.7

No terceiro mês. Isto é, o mês de sivã (conforme diz o Targum). O tempo era maio-junho, quando começava a colheita dos cereais. Nesse mês acontecia a segunda grande festividade anual, a saber, o *Pentecoste*, que requeria a todos os indivíduos do sexo masculino peregrinar a Jerusalém. Então vinha a festa dos *Tabernáculos*, a terceira festa nacional. Podemos ter certeza de que Ezequias tornou obrigatórias todas as três festas anuais, durante seu reinado. Isso fazia parte de seu programa de reformas.

O Pentecoste também era chamado "festa da colheita". Era então que terminava a colheita da cevada e começava a colheita do trigo. O término absoluto da colheita era o sétimo mês, tisri (conforme diz o Targum), e então havia a Festa dos Tabernáculos. Esta também era chamada *festa da colheita*, ou seja, o tempo próprio para serem trazidos os dízimos e as primícias. Como é fácil de constatar, Israel-Judá era essencialmente uma cultura agrícola, e todas as funções dependiam dessa atividade, incluindo o sustento do ministério. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico*.

No sétimo mês acabaram. O sétimo mês correspondia aos nossos meses de setembro-outubro, tempo do vinho e da colheita das frutas.

31.8

Vindo, pois, Ezequias e os príncipes. Eles vieram verificar o resultado dos decretos que tinham restabelecido os dízimos. E ficaram admirados com todas aquelas pilhas de produtos agrícolas que garantiam o sustento do ministério por algum tempo. A *generosidade* é a verdadeira medida de um ser humano, e não quanto barulho ele faz sobre as doutrinas. Afinal, a generosidade é apenas outra maneira de falar sobre o *amor*, o maior de todos os princípios espirituais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Amor* e *Liberalidade e Generosidade*. Nada deveria haver de tão comum, mas quando vemos evidências da generosidade, somos tomados de surpresa. No entanto, é o novo nascimento que produz o verdadeiro amor (ver I João 4.7). Vendo a generosidade do povo, Ezequias e os príncipes louvaram a Yahweh por haver inspirado tão abundante reação favorável da parte do povo.

31.9,10

Perguntou Ezequias aos sacerdotes e aos levitas. Ezequias, que tinha delegado o trabalho da colheita dos dízimos e das primícias, perguntou de Azarias, o sumo sacerdote: "Isto é suficiente para vocês, ministros?". O sumo sacerdote assegurou ao rei que eles tinham o bastante, até mesmo excesso, porque a reação popular fora realmente grande. *Yahweh* havia primeiramente abençoado o povo com abundância de víveres e isso permitiu que o povo contribuísse em abundância, o que deu a Yahweh o crédito por tudo, tanto pela prosperidade quanto pela doação subseqüente. Um *grande depósito* de coisas extras foi reservado para o futuro. O programa de Ezequias foi assim bem-sucedido, e durante algum tempo Judá viveu em paz e prosperidade, e o culto a Yahweh continuou sem empecilhos, o que não aconteceria se houvesse falta de fundos.

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça,*
> *a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência,*
> *superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

31.11

Que se preparassem depósitos. Isto é, silos ou armazéns, lugares especialmente arranjados para guardar os cereais e produtos agrícolas excedentes, garantindo assim o sustento do ministério por um bom tempo no futuro. Sem dúvida alguma, antigos armazéns foram limpos para serem novamente usados, mas houve tanta produção extra que novos armazéns tiveram de ser construídos.

"*Superabundância.* As contribuições ultrapassaram até o máximo necessário para manutenção do templo e seus ministros. Se alguma coisa comparável a isso acontecesse hoje em dia, teria sido difícil encontrar uma maneira de usar a produção extra no fomento da boa causa, em nome de Cristo... Nos dias de Ezequias, a bondade dele cativou o coração do povo, e eles responderam "em massa" ao apelo, e o tesouro foi cheio" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

> *A gratidão é o sinal das almas nobres.*
>
> (Androcles)
>
> *A gratidão da maioria dos homens é apenas*
> *um desejo secreto de receber maiores benefícios.*
>
> (François de la Rochefoucauld)
>
> *Você deve estar apto a dar, antes de estar apto a receber.*
>
> (James Stephens)
>
> *Mais bem-aventurado é dar que receber.*
>
> (Atos 20.35)

31.12,13

Disto era intendente Conanias, o levita. O levita *Conanias* foi nomeado supervisor geral dos armazéns. Ele seria responsável por verificar o destino dos produtos e por assegurar que não haveria furto nem erro na distribuição. Ninguém padeceria necessidades, e nenhum ministro obteria mais do que sua própria partilha. O irmão de Conanias, de nome *Simei*, foi seu braço direito, e compartilharia com ele a responsabilidade. Acima deles estaria Azarias, o sumo sacerdote, o responsável direto ao rei. Além desses, foram nomeados *dez* subsupervisores, que obedeceriam a Conanias e fariam o verdadeiro trabalho de distribuição através de seus auxiliares. Ver no *Dicionário* os nomes próprios referidos nos vss. 12 e 13, quanto ao pouco que se sabe sobre eles e suas funções específicas.

Foi providenciado um bom sistema de "verificações e balancetes", isto é, um sistema de controle segundo o qual seria impossível qualquer truque ou esperteza, e de acordo com o qual cada homem envolvido tinha uma função específica a desempenhar.

31.14

O levita Coré, filho de Imna. Ele se tinha distinguido no serviço fiel de porteiro, cuja principal responsabilidade era a *porta oriental*. Ele foi feito supervisor das *ofertas voluntárias*, que proveriam recursos além da contribuição do rei (vs. 3) e dos dízimos e primícias (vs. 5). Cf. este versículo com I Crô. 9.18. Ver Deu. 12.17 quanto às ofertas voluntárias.

Para distribuir as ofertas do Senhor. "A fim de dar a *Terumah* de Yahweh, ou seja, a porção das oferendas que, embora consagradas ao Senhor, eram transferidas por Ele aos *sacerdotes* (ver Lev. 7.14,32; 10.14,15)" (Ellicott, *in loc.*).

E as cousas santíssimas. Isto é, a porção das ofertas pelo pecado, das ofertas pela transgressão (Lev. 6.10,22; 7.6) e das ofertas de manjares ou cereais (Lev. 2.3,10) que eram comidas pelos sacerdotes, no santuário.

31.15

Debaixo das suas ordens estavam. Coré tinha *seis associados* que tinham o dever de distribuir os produtos aos sacerdotes que viviam nas *treze cidades* fora de Jerusalém (II Crô. 31.14,15). Ver também Jos. 21.13-19. Estão em vista as cidades dos levitas, onde eles tinham seus lares e suas terras produtivas adjacentes. Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Levitas, Cidades dos*. Devemos entender que o cultivo das terras adjacentes às cidades não era suficiente para o sustento dos levitas, e algum suplemento se fazia mister para aumentar o estoque de bens materiais. *Quarenta e oito* cidades tinham sido entregues aos levitas, as quais estavam bem distribuídas entre as tribos. Jos. 21.19 nos dá treze cidades entregues aos sacerdotes.

31.16

Exceto os que estavam registados nas genealogias dos homens. *A Ampla Provisão.* Até mesmos os filhos dos sacerdotes, de três anos para cima, teriam suas porções diárias, porquanto eram sacerdotes em formação. Ver II Crô. 31.16. Os levitas, por outro lado, só receberiam porções dos 20 anos de idade para cima. Ver I Crô. 23.24. Havia um número bem maior de levitas do que de sacerdotes, o que significa que estes mereciam especial consideração. Às famílias tanto de levitas quanto de sacerdotes era dado o sustento (ver II Crô. 31.17,18). A legislação mosaica não permitia que os levitas se ocupassem de trabalho comum, *secular*, de maneira que teria de haver provisões das tribos destinadas a eles (ver Núm. 18.21-24).

Genealogias. Registros genealógicos eram guardados cuidadosamente, e somente pessoas autênticas e dignas recebiam os dízimos e as ofertas. Tinham de ser levitas genuínos, e, se fossem sacerdotes, tinham de ser levitas da linhagem de Arão. "Ao que parece, às crianças era permitido acompanhar os pais ao templo, e comer, com eles, dos sacrifícios" (Ellicott, *in loc.*), mas somente se tivessem, no mínimo, 3 anos de idade. Os mais novos ficavam com as mães, em casa, para comerem. Kimchi assegura-nos que crianças mais jovens do que 3 anos não eram consideradas aptas a entrar no templo.

31.17

Quanto ao registo dos sacerdotes. As *genealogias* identificavam os sacerdotes autênticos (e seus filhos, de três anos de idade ou mais velhos), bem como os levitas. Mas estes últimos precisavam ter pelo menos 20 anos de idade para serem dignos recebedores dos dízimos e das ofertas. As genealogias impediam as falsas representações. A lei antiga dava *30 anos* de idade para os levitas, mas Davi tinha reduzido esse limite para 20 (ver I Crô. 23.24). Com essa idade, pois, eles começavam a servir, tornando-se então aptos a receber os produtos. Naturalmente, eles sustentavam dessa maneira suas famílias, de tal modo que, pelo menos teoricamente, ninguém sofria privações. Ver Núm. 4.43 e 47 quanto à lei sobre os *30 anos de idade.*

31.18

Dos quais foram registrados as crianças, as mulheres, os filhos e as filhas. As *genealogias* também identificavam apropriadamente as famílias dos ministros, as esposas e os filhos, os quais, obviamente, precisavam alimentar-se, e assim o alimento lhes era fornecido. As famílias dos ministros deveriam ser dedicadas à lei de Yahweh, ou seja, exemplos para outras mulheres e crianças. Por isso mesmo eram merecedoras de consideração especial na questão do sustento dos ministros.

Se houveram santamente com as cousas sagradas. Os ministros eram totalmente dedicados ao culto divino. Eles trabalhavam por tempo integral, portanto não tinham tempo para ocupar-se no trabalho secular. Eles viviam "do evangelho" (i Co. 9.6-14). Esse foi sempre o ideal, que, para muitos ministros dignos, nunca se cumpriu.

31.19

Dentre os sacerdotes, filhos de Arão. "Finalmente, qualquer sacerdote ou levita que não vivesse em Jerusalém nem em alguma cidade designada para os sacerdotes, não deveria ser negligenciado (vs. 19)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Temos aqui os levitas que viviam em fazendas, fora das cidades entregues aos sacerdotes. Talvez o trabalho nas fazendas fosse suficiente para seu sustento, mas talvez não. O que lhes faltasse deveria ser suprido do "fundo geral".

Arredores das suas cidades. Ver Lev. 25.34 e Núm. 35.4,6.

Homens que foram designados nominalmente. Ver I Crô. 12.31 e II Crô. 28.15. Os registros de nomes garantiam a justiça e impedia a fraude e a falsa representação de homens sem escrúpulos, que poderiam apresentar-se como levitas somente para ganhar dinheiro. Até hoje, homens fingidos conseguem fazer dinheiro, dizendo-se ministros. Além disso, certos homens (levitas) tinham sido designados por nome para fazer a distribuição dos alimentos. Talvez este versículo encerre ambos os significados; havia os designados para receber, e também havia os designados para distribuir. Seja como for, ambas as coisas eram verdadeiras. Cf. o vs. 13 deste capítulo.

31.20,21

Assim fez Ezequias em todo o Judá. Olhando para trás, para tudo quanto acontecera, o cronista escreveu outra declaração de louvores ao rei Ezequias, o mais reto de Israel desde Davi. Ver II Crô. 29.2, que é essencialmente idêntico ao vs. 20 deste capítulo. O vs. 21 deste capítulo dá-nos uma lista das boas obras de Ezequias: ele serviu o templo, primeiramente abrindo-o depois de ter sido fechado por Acaz (ver II Crô. 29.3); ele restaurou o culto do templo, o *yahwismo,* que reis apóstatas tinham desfigurado e descartado; também observou (e levou outros a observar) a lei mosaica, dentro e fora do templo. Era isso que fazia de Israel-Judá uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8). E é isso que fazia um *rei ideal* em Israel (ver Deu. 17.14 ss.).

De todo o coração o fez. Esta expressão foi usada por *seis* vezes pelo cronista. Além do presente versículo, ver também I Crô. 29.9; II Crô. 6.14; 15.15; 19.9; 25.2. O rei obedeceu à lei e a perpetuou, por causa de sua espiritualidade, e não apenas como matéria de forma e de política. Foi por essa razão que ele foi citado junto com os mais ilustres dentre seus antecessores (ver II Reis 18.5).

E prosperou. Nas questões religiosas; nas questões do estado; em sua vida pessoal. Cf. Deu. 6.5, o mandamento de amar a Deus de todo o nosso coração.

Capítulo Trinta e Dois

Conteúdo Geral:

Vss. 1-8. Este capítulo conta-nos de uma invasão assíria, encabeçada por Senaqueribe. Essa força armada provavelmente pensava em repetir, em Judá, o que tinha feito no norte (Israel). Mas foi dado ao rei Ezequias tanto o poder quanto a sabedoria para não ceder diante das exigências arrogantes da Assíria.

Vss. 9-19. Senaqueribe enviou mensageiros que levaram cartas ameaçadoras a Ezequias, mas o rei de Judá não cedeu diante das demandas do monarca assírio, confiando que Yahweh interviria em favor de Seu povo.

Vss. 20-23. Liderado pelo profeta Isaías, o povo de Judá buscou uma intervenção divina decisiva contra a Assíria, e essa intervenção foi dada miraculosamente. Em seguida, a Ezequias foram dados magníficos presentes que o enriqueceram e aumentar seus bens materiais, espalhando sua reputação por toda a região. Isso (e provavelmente outras coisas) encheu o coração de Ezequias de orgulho, e por isso ele morreu, como punição divina.

Vss. 24-26. A enfermidade de Ezequias, provocada pelos seus pecados de orgulho e arrogância, quase terminou com a sua vida. Mas houve a intervenção do arrependimento, que lhe concedeu mais alguns anos.

Vss. 27-31. O rei Ezequias enriqueceu como nunca antes, e ocupou-se do comércio internacional. Ele realizou várias obras públicas de nota. Mas não agiu bem com a delegação enviada pela Babilônia, porquanto Yahweh o deixou com seus próprios recursos, para ver o que ele faria.

Vss. 32 e 33. Declarações finais e notícias fúnebres. O rei Ezequias, que tinha agido bem, foi honrado por todos. Mas seu filho, o ímpio Manassés, tomou o lugar de seu pai, e as coisas degringolaram rapidamente.

A Invasão Assíria e a Morte de Ezequias (32.1-33)

Agora temos trechos paralelos novamente, após uma longa seção registrada somente pelo cronista. Este capítulo tem como paralelo os trechos de II Reis 18.13-21 e Isa. 36-39. O autor dos livros de Reis não relatara coisa alguma sobre a páscoa de Ezequias, as reformas do templo, a reinstituição do ministério e a provisão adequada de dízimos e primícias (II Crô. 29-31).

32.1

O paralelo aproximado é II Reis 18.13. O autor de Reis fornece-nos uma notícia cronológica ausente em II Crônicas. O livro de Reis afirma que Senaqueribe conseguiu capturar certas cidades judaicas, o que o cronista não comenta. Talvez este tenha considerado a invasão menos importante do que realmente foi, por pensar que alguém tão bom quanto Ezequias não pudesse ter sofrido tal perda. O cronista também omitiu a *peita* (o tributo) paga aos assírios, que os levou à retirada, mas atribui a Ezequias tremendo sucesso, mediante a ajuda de Yahweh. O tributo foi deveras pesado e destrutivo (ver II Reis 18.14-16). O rei da Assíria, contudo, enviou um exército contra Judá, a despeito do tributo que tinha recebido. O cronista ignorou tudo isso, e passou a descrever um sucesso sem qualificação. De alguma maneira ele não conseguia declarar que um bom rei podia sofrer tais reveses, ou então estava mal informado, carente de certas fontes informativas vitais.

Ezequias começou a reinar de forma independente, e pouco depois quebrou o acordo firmado por seu pai Acaz com os assírios (ver II Reis 18.17) e rebelou-se. O ano deve ter sido cerca de 722 A. C., quando Sargão II era o monarca assírio. O sucessor de Sargão decidiu punir Ezequias, o que explica a invasão assíria. Por volta de 701 A. C., os assírios cercaram Jerusalém, depois de terem tomado várias cidades de Judá. Ezequias confessou que tinha "errado" (II Reis 18.14) e queria voltar a pagar tributo, a fim de que os assírios se afastassem da capital, Jerusalém.

Conforme se pode ver, os autores dos livros de Reis e dos livros de Crônicas pintaram dois quadros diferentes das mesmas cenas. Os eruditos usualmente supõem que o autor de Reis se mostra historicamente mais exato, quando, porventura, surgem diferenças entre seus livros e os de Crônicas. O cronista sempre tentou dar uma história *didática* e *idealista,* e não um relato que fosse, em todos os detalhes, precisamente histórico.

32.2

Vendo, pois, Ezequias que Senaqueribe vinha. *Em lugar* do pesado tributo de que fala o autor dos livros de Reis, que verdadeiramente deixou Judá aleijado,

e a quebra desse acordo por parte da Assíria (uma exército invasor foi enviado de qualquer maneira), o cronista imediatamente passa a contar como Ezequias reuniu-se com seus príncipes para tentar fazer alguma coisa quanto à situação. Talvez o cronista não pensasse que um rei bom como Ezequias pudesse ser *enganado* por um inimigo.

Fontes informativas assírias afirmam que Senaqueribe tomou *quarenta e seis cidades* antes de aproximar-se de Jerusalém. Nem mesmo o autor dos livros de Reis diz que a questão tinha tamanha *seriedade*. Ver II Reis 18.13 quanto à palavra vaga, "cidades".

Os vss. 2-8 são dados somente pelo cronista, que substituiu palavras ousadas por palavras boas. Não há razão para duvidarmos da historicidade desses versículos. Mas precisamos observar o óbvio: a pintura do cronista foi, realmente, rósea, comparando-se com a narrativa do autor de Reis. O cronista, entretanto, fez sérias omissões e adições positivas para levar-nos a saber o que deveríamos saber.

32.3

Tapar as fontes das águas que havia fora da cidade. *Tapando os Suprimentos de Água para Derrotar um Exército.* Aconselhando-se com seus príncipes e inspirado por Yahweh, o rei Ezequias ocultou as fontes de águas que seriam tão necessárias por um exército de qualquer tamanho. Essa medida seria suficiente para dificultar a invasão dos assírios. O autor dos livros de Reis, entretanto, nada nos diz sobre tal estratagema, e alguns críticos acusam o cronista de inventá-lo. Seja como for, o autor de Reis falou sobre uma grande intervenção do anjo do Senhor a salvar Jerusalém (ver II Reis 19.35), e o cronista concordou com ele quanto a esse ponto crítico (ver II Crô. 32.21).

"Esperando impedir a captura de Jerusalém, Ezequias tomou medidas eficientes para ocultar os suprimentos de água da cidade (vss. 3 e 4). O riacho, provavelmente, era a fonte de Giom (vs. 30).

Tapar as fontes. É provável que o rei tenha mandado que seus homens "ocultassem" as fontes de águas por algum tipo de trabalho com tijolos. Desse modo, as águas não eram impedidas de entrar na cidade. Elas simplesmente não existiam "para os assírios". No que diz respeito aos assírios, as águas tinham sido "tapadas".

Um *acontecimento paralelo* ocorreu durante as cruzadas cristãs. Quando, em 1099 D. C., as cruzadas chegaram a Jerusalém, o povo da cidade tinha fechado as fontes de águas, de modo que o exército cristão foi reduzido à mais severa necessidade e desespero. Poluir as fontes, mudar o curso dos rios ou ocultar as águas foram estratagemas eficazes na batalha no Oriente Próximo e Médio.

32.4

Assim muito povo se ajuntou. Uma grande força-tarefa, orientada pelo rei Ezequias, foi enviada a fazer o trabalho de ocultamento das fontes de água. Muita gente ajudou porque não havia tempo a perder. Eles perguntavam: "Por que os assírios teriam acesso a toda essa água?". E então tomaram medidas para privar o exército invasor de qualquer acesso à água.

Como também o ribeiro. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Giom (Fonte)*. O Giom era um importante suprimento de água de Jerusalém, uma espécie de rio artificial cujas águas Ezequias fez correr através de um túnel subterrâneo. Ver as notas no vs. 30 e cf. II Reis 20.20. O artigo fornece detalhes abundantes sobre a questão, e as descobertas arqueológicas têm mostrado a natureza desse ribeiro.

32.5

Ele cobrou ânimo, restaurou todo o muro quebrado. *Uma segunda medida* foi tomada para enfrentar a ameaça dos assírios, isto é a renovação das fortificações da cidade. Cf. I Reis 9.24. Quanto ao fato de que Ezequias "cobrou ânimo", ver II Crô. 15.8 e 18.1. Quanto à "restauração de todo o muro quebrado", ver Isa. 22.9,10. Também foram erguidas torres: desde a torre da esquina até a porta de Efraim, que tinha sido quebrada. Cf. II Crô. 26.9. Quanto ao "outro muro" que foi construído, ver Isa. 22.11. Josefo afirmou que Jerusalém tinha *três muralhas* construídas à sua volta (*Guerras*, 1.5, cap. 4, sec. 3), mas não soube dizer se isso se aplicava aos tempos de Ezequias ou não. Ver sobre *Milo*, a rampa, em I Crô. 11.8..

E fez armas e escudos em abundância. O exército de Judá que esperava os invasores estava bem equipado.

32.6

Pôs oficiais de guerra sobre o povo. O terceiro passo nos preparativos para enfrentar os assírios foi a nomeação de generais e capitães habilitados para liderar a defesa. O quarto passo foram as palavras de encorajamento do próprio rei Ezequias, assegurando aos defensores que Yahweh estava com eles e daria a Judá sucesso no empreendimento. Foi convocada uma assembléia, que provavelmente envolveu mais gente do que o pessoal das forças armadas. Os príncipes de nomeada estavam presentes. Todos os que tinham alguma autoridade participaram. Isso aconteceu no portão onde eram efetuadas as assembléias e os julgamentos. Cf. Nee. 1.16. O portão oriental está em pauta.

32.7,8

Sede fortes e corajosos. Os *assírios* eram um inimigo formidável que já tinha tomado o norte em cativeiro. No entanto, Ezequias percebeu que Yahweh faria algo de especial para proteger a parte sul da antiga nação de Israel. Portanto, ele viu que estava com *a maioria*, uma vez que as hostes celestes estavam à sua disposição. Fisicamente falando, a batalha estava perdida, e somente um *ato divino* poderia garantir a sobrevivência de Judá. *Yahweh-Elohim* (vs. 8) teria de vir em socorro deles, e foi isso, exatamente, o que Ezequias esperava. O cronista não nos diz quão desesperada era a situação. Ezequias já tinha tentado um suborno e estava pagando um pesado tributo. Mas o rei da Assíria era traiçoeiro; recebera o suborno, mas mesmo assim enviara seu exército. Esses detalhes aparecem em II Reis 18.13 ss.

Compare o leitor o fraseado do vs. 7 com II Reis 6.16. O "braço da carne" (vs. 8), isto é, as forças e os recursos humanos, algumas vezes são inúteis, quando o braço de outrem é mais forte. Cf. Jer. 17.5 quanto a essa expressão. Em Isa. 31.3 temos algo similar. Era como se Ezequias dissesse: "O poder dos assírios é apenas um poder humano. Mas o nosso poder é o divino". Os assírios tinham um braço de carne: Judá contava com o braço de Deus. O poder, na realidade, estava ao lado de Judá, o que seria demonstrado em breve.

32.9

Depois disto, enquanto Senaqueribe, rei da Assíria. *O ataque contra Jerusalém* fazia parte de uma campanha assíria maior. O rei assírio (Senaqueribe, ver a respeito dele no *Dicionário*) estava em Laquis, causando todo o dano que lhe era possível. Ele enviou um exército para ameaçar Jerusalém, esperando que houvesse rendição incondicional da parte dos judeus. Isso lhe pouparia tempo e dinheiro. Laquis ficava cerca de quarenta e oito quilômetros a sudoeste de Jerusalém, assim, a qualquer momento, o próprio rei da Assíria poderia aparecer com outra divisão de seu exército e liquidar com Jerusalém. Mas ele estava sendo "bondoso", oferecendo aos judaítas a oportunidade de continuar vivos. Naturalmente, ele poderia tornar vassalos Jerusalém e todo o Judá, cobrando então um pesadíssimo tributo. Ele mulheres e crianças e faria deles escravos, o abc das guerras antigas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Guerra*.

Os vss. 9-21 oferecem um breve sumário do que é relatado em II Reis 18.7-19.1. Cf. este versículo com II Reis 18.17.

32.10

Assim diz Senaqueribe, rei da Assíria. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 18.19, embora esteja ausente ali o porta-voz particular que o rei assírio enviou para transmitir sua *diatribe* contra Jerusalém, exigindo rendição. Ver as notas expositivas no trecho paralelo. Cf. Jer. 10.17 e Deu. 28.53, que têm declarações similares.

Os vss. 10-15 reproduzem, de modo breve, as principais idéias de II Reis 18.19-25,28-35. A evidência é que o cronista, como lhe era peculiar, reduziu o relato paralelo às dimensões e aos detalhes que o agradaram, em lugar de simplesmente copiar a totalidade. Cerca de metade do volume de I e II Crônicas foi copiado, essencialmente, de II Samuel e dos livros de Reis. Mas as adições do autor, incluindo a sua *filosofia da história* (os negócios dos homens guiados teisticamente), fizeram de seu livro uma contribuição distintiva. Quanto a essas questões, ver as notas de introdução imediatamente antes da exposição sobre II Crô. 1.1. O cronista produziu uma história idealista e didática, algumas vezes não tão *correta historicamente* como os relatos dos livros de Reis.

32.11

Acaso não vos incita Ezequias, para morrerdes à fome e à sede. *O Fator Divino.* O porta-voz do rei da Assíria estava bem informado e tinha consciência de que Ezequias tentaria convencer ao povo de que *Yahweh-Elohim* os livraria dos assírios. Como é óbvio, entretanto, somente uma intervenção divina poderia salvar Judá. No entanto, o apelo a deuses não havia ajudado os outros povos sujeitados pelos assírios. A mensagem clara era: "O *fator divino* (se é que ele existe) não ajudará os judeus". Pelo contrário, "vocês morrerão de fome e sede, porquanto cortarei todos os suprimentos da cidade". O rei da Assíria não tinha mais respeito por Yahweh-Elohim do que por todos os "outros deuses" que haviam fracassado em defender seus respectivos povos.

O paralelo aproximado deste versículo é II Reis 18.22. O cronista não mencionou o apelo que Ezequias poderia fazer a aliados, em busca de ajuda, que o porta-voz (de acordo com o relato dos livros de Reis) também pensava ser inútil. A Assíria já tinha posto o tacão sobre todos. Não havia nenhuma ajuda "lá fora".

32.12

Não é Ezequias o mesmo que tirou os seus altos e os seus altares...? Ver II Reis 18.22 quanto a algumas idéias paralelas. Uma vez que subira ao trono, Ezequias demolira os altares dos *deuses* de Israel e Judá, e exigira adoração exclusiva a *Yahweh-Elohim,* e isso somente em Jerusalém. Ele havia centralizado o culto divino. E é provável que o porta-voz do rei da Assíria pensasse que a destruição de todos aqueles deuses tinha enfraquecido a Ezequias, em lugar de fortalecê-lo. Sem dúvida, ele não compreendia as vantagens do monoteísmo. A filosofia dele declarava: "Quanto mais deuses melhor". Talvez o enviado de Senaqueribe pensasse que Ezequias tinha destruído os altares de Yahweh fora de Jerusalém, ou, pelo menos, que Yahweh tinha uma parte naqueles santuários locais. Nesse caso, não havia que duvidar, Ezequias havia enfraquecido os poderes de Yahweh, o qual, dessa maneira, tornar-se-ia um aliado "divino" fraco de Jerusalém. Ver II Crô. 31.1 quanto à destruição, ordenada por Ezequias, dos *lugares altos* e de outros aparatos pagãos em Judá. Cf. Isa. 36.17-20.

32.13

Não sabeis vós o que eu e meus pais fizemos a todos os povos das terras? Era questão de *registro* histórico recente que a Assíria tinha obtido sucesso absoluto em suas campanhas militares. O exemplo mais conspícuo fora o cativeiro e a deportação de Israel (a parte norte da nação), que fizeram extinguir as dez tribos. Por onde quer que fosse o exército assírio, mulheres clamavam e invocavam os seus deuses, pedindo-lhes ajuda. Em nenhum caso essas orações fizeram algum bem. Portanto, como era óbvio, seria inútil conclamar a Yahweh, como se Ele fosse diferente de outros deuses. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio.*

32.14

Qual é, de todos os deuses daquelas nações...? Este versículo reitera a mensagem essencial do versículo anterior. O porta-voz do rei da Assíria enfatizou novamente que o *fator divino* não havia ajudado um único inimigo dos assírios, e que esperar que acontecesse algo diferente em Jerusalém seria uma idiotice. Além disso, a Assíria já havia capturado *quarenta e seis cidades* de Judá (ver II Crô. 32.2 e II Reis 18.13). Jerusalém se sairia melhor do que as outras cidades? Cf. II Reis 18.35, um paralelo direto onde adiciono detalhes.

32.15

Agora, pois, não vos engane Ezequias. O cronista insistiu em demorar-se sobre o *fator divino* e destacou ainda outro argumento do porta-voz do monarca assírio. A declaração é enfática: nenhuma outra cidade-estado conseguira oferecer resistência aos assírios, a despeito de suas muitas divindades. Ezequias, pois, era um *enganador.* Ele continuava dizendo como Yahweh-Elohim faria intervenção. Mas, ao agir assim, estava entregando sua gente à morte, à escravidão e aos abusos. A rendição incondicional seria muito melhor. Cf. Isa. 37.10,11, o trecho diretamente paralelo a este. Deuses fracos e deuses fortes já tinham sido vencidos pelos assírios. Afinal, os assírios possuíam os *deuses mais fortes.* Nações fortes tinham deuses fortes. Nações fracas, como Judá, tinham deuses fracos. Assim sendo, se os deuses estavam em conflito uns contra os outros, os deuses fortes venceriam. Assíria sentia-se triunfante, até mesmo invencível.

32.16

Os seus servos falaram ainda mais. O cronista não se cansou de dar um relatório completo de todas as coisas terríveis que disse o enviado especial do rei da Assíria. E deu a entender que tinha abreviado sua fonte informativa, que foi o capítulo 18 de II Reis. O enviado do rei da Assíria trouxera muitos argumentos. O cronista deu-nos apenas um breve sumário. Ver II Reis 19.9-14 e Isa. 36.17-20 quanto aos detalhes da diatribe de Senaqueribe. A passagem de II Reis registra ainda outro discurso, além daquele de 18.19 ss.

Note o Leitor a Ênfase. Aquilo que o ímpio enviado da parte de Senaqueribe disse, ele disse principalmente contra Yahweh, e então contra Judá. Ele tinha blasfemado. E teria de pagar por isso. Justiça tinha de ser feita. Ver Isa. 37.23, que fala sobre o mesmo ponto.

32.17

Senaqueribe escreveu também cartas, para blasfemar do Senhor. *Além da diatribe oral,* havia *cartas* que faziam os mesmos tipos de ameaças. O rei da Assíria continuava tentando poupar tempo e dinheiro forçando os habitantes de Jerusalém a render-se incondicionalmente. Esse tempo e dinheiro poderiam ser gastos em outros empreendimentos militares. As cartas, pois, enfatizavam as mesmas coisas que os discursos orais; confiar no *fator divino* seria uma estupidez. Cf. Isa. 37.33, um trecho paralelo. Ver também II Reis 19.8-14. A primeira missão (II Reis 18) tinha fracassado. Portanto, foi necessária outra missão de negociações (II Reis 19). A narrativa de II Crônicas não dá nenhuma indicação clara de que houve duas missões distintas. O *cronista* estava condensando suas fontes informativas e fazendo alterações em consonância com o seu propósito de apresentar um relato mais simples dos acontecimentos. O capítulo 19 de II Reis mostra-nos que Ezequias tinha sido encorajado pelo profeta Isaías a rejeitar as exigências da Assíria. Ezequias seguiu os conselhos de Isaías. Então chegaram as cartas e a nova tentativa de forçar uma rendição incondicional de Jerusalém. Ver II Reis 19.10-12, que é trecho paralelo ao presente versículo.

32.18,19

Clamaram os servos em alta voz em judaico contra o povo de Jerusalém. A fim de certificar-se de que o povo ao redor ouviria a mensagem e compreenderia a ira dos assírios, o enviado especial alçou a voz, falando em hebraico. O povo de Jerusalém estava sentado nas muralhas observando a conferência dos líderes assírios e judeus. O que os assírios gritaram (vs. 19) enfatizou de novo a futilidade de os judeus confiarem no fator divino como ajuda. Os deuses dos povos pagãos foram desprezados; Yahweh foi desprezado; e os deuses dos assírios, os *deuses fortes,* foram exaltados. O cronista adicionou a parte que os deuses pagãos eram apenas produtos das mãos humanos, ou seja, inúteis para ajudar em alguma emergência. Não é provável que o porta-voz assírio tenha dito alguma coisa parecida com isso. Cf. essa declaração com II Reis 19.18; Isa. 26.11,19,20 e 37.10-13.

O cronista condensou o trecho paralelo de II Reis 18.26 ss., que é muito mais longo e também se refere ao uso que o porta-voz assírio fizera do hebraico. No trecho paralelo os líderes judeus pediram que os assírios falassem em aramaico, e não em hebraico, a fim de que o povo de Jerusalém não se aterrorizasse com as ameaças. Mas o porta-voz assírio continuava gritando em hebraico. Portanto, os habitantes de Jerusalém, que a tudo ouviam, compreenderam e permaneceram ali em silêncio, estupefacados pelas ameaças assírias. Ezequias exortou-os a não responder aos argumentos. Por conseguinte, prevaleceu um silêncio tumular. O cronista, entretanto, omitiu todos esses detalhes. O autor dos livros de Reis também nos diz como Isaías, novamente, encorajou o rei Ezequias a ignorar as ameaças e a confiar em Yahweh. Dessa forma, tanto as palavras orais como as cartas foram ignoradas, e Ezequias orou longa e arduamente pedindo livramento (ver II Reis 19.15 ss.). Todos esses detalhes não foram mencionados pelo cronista.

32.20

Porém o rei Ezequias e Isaías, o profeta. Neste *ponto,* o cronista trouxe Isaías diretamente à questão e fê-lo orar com o rei, em favor do livramento de Jerusalém. O paralelo, II Reis 18 e 19, diz que Isaías encorajou o rei e predisse uma intervenção, mas não que orou com o rei, embora isso, provavelmente, tenha sido uma verdade histórica. II Reis 19.20 fez Isaías assegurar ao rei que sua oração foi *eficaz.* Yahweh tinha prometido intervir na questão. Cf. Isa. 37.23. Ver a oração de Ezequias em II Reis 19.15-19 e Isa. 37.15-20. O cronista, em sua maneira condensada, não se importou em registrar a oração. A oração enfatizava como Yahweh tinha de ser vingado, porque o seu nome havia sido *blasfemado.* A Assíria não podia sair limpa depois dessa blasfêmia. Senaqueribe tinha *zombado* do Deus Todo-poderoso (ver II Reis 19.16), o Deus único e *vivo.* É verdade que ele havia obtido sucesso absoluto nas guerras anteriores, mas isso não continuaria. Em Judá havia poder para fazer isso parar. Ezequias "clamou ao céu". Cf. II Crô. 30.27 e I Sam. 5.12. Esses clamores foram ouvidos e a salvação estava a caminho. O criador dos céus e da terra (ver II Reis 19.15) não teria a menor dificuldade em perturbar o exército assírio.

32.21

Então o Senhor enviou um anjo que destruiu a todos os homens valentes. *Uma Divina Intervenção.* O anjo de Yahweh interveio e aniquilou miraculosamente o exército assírio. Se algum evento natural esteve em foco, então o cronista, sem dúvida, pensou nesse acontecimento como "divinamente causado". Para a mente dos hebreus havia somente uma causa. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias. II Reis 19.35 informa-nos que 185.000 soldados assírios morreram devido ao poder do anjo de Yahweh, mas não nos fornece nenhum detalhe sobre o *modus operandi* da questão. Quanto a detalhes, minhas notas ali, as quais não repito nesta passagem. Os registros assírios não registram nenhuma derrota assim; mas os povos têm uma maneira de esquecer grandes derrotas e reveses.

Com o rosto coberto de vergonha. Visto que a batalha parecia ser tão fácil, e porque Yahweh tinha arrancado a arrogância, mediante uma reversão estonteante, que não fora antecipada por ninguém. Toda essa empáfia se reduzira a nada. Cf. Sal. 44.15: "A minha ignomínia está sempre diante de mim; cobre-se de vergonha o meu rosto". Cf. Isa. 37.37.

A soberba precede a ruína,
e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

Os seus próprios filhos o mataram à espada. Cf. Isa. 37.38 e II Reis 19.37. Novamente, o cronista fornece um breve relato, omitindo detalhes dos trechos paralelos, onde dou a exposição. Os trechos paralelos mostram que alguns anos provavelmente passaram. Senaqueribe não foi morto assim que voltou à sua terra. Morreu em um templo pagão, durante ritos que ali se realizavam. Presumimos que *uma das razões* pelas quais ele morreu foi a derrota vergonhosa sofrida em Jerusalém, mas sem dúvida havia um jogo de poder em andamento, que ultrapassou a esse incidente. Infelizmente, o deus que o rei Senaqueribe adorava não foi capaz de protegê-lo, nem mesmo no interior de seu templo!

"De acordo com os anais históricos assírios, esse assassinato ocorreu em 681 A. C., vinte anos após a campanha abortada contra Jerusalém, que ocorreu em 701 A. C." (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Podemos supor com segurança que tudo quanto aconteceu fez parte da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Orgulho, Inveja, Avareza — essas são três fagulhas
que incendeiam o coração dos homens.

(Dante, Inferno)

32.22

Assim livrou o Senhor a Ezequias e aos moradores de Jerusalém. Embora o cronista não tenha dito ou não tenha sabido exatamente como o livramento foi efetuado, compreendeu que fora completo. O exército assírio foi entravado às portas da cidade de Jerusalém, e os poucos sobreviventes da matança voltaram para sua terra envergonhados. O Grande Pastor havia protegido suas ovelhas do ataque do lobo. O hebraico diz aqui, literalmente, "guiou-os a cada lado", o que alguns eruditos emendam, mediante uma leve correção, para "ele lhes deu descanso por todos os lados", conforme diz a Revised Standard Version e algumas traduções portuguesas. Cf. II Crô. 14.6; 15.15; 20.30 e I Crô. 22.18. A Septuaginta e a Vulgata dizem assim. É possível que assim tenha dito o original, talvez modificado por algum escriba subseqüente.

32.23

Muitos traziam presentes a Jerusalém ao Senhor. Outras potências estrangeiras mandavam presentes espontâneos de "congratulações", inspirados pelo temor, a fim de que Ezequias e seu Deus, Yahweh, os deixassem em paz. Podem estar em vista *tributos*, referidos como se fossem dados "voluntariamente". II Reis 10.12 dá-nos mais informações, nomeando alguns dos contribuidores. Os babilônios estavam envolvidos, e talvez também os filisteus se alegrassem por estar livres da *ameaça assíria*.

O homem de Deus foi exaltado por Yahweh, e povos circunvizinhos observaram os feitos dele, ajudado como foi pelo poder divino. Ele se tornou seu amigo e protetor dos assírios, que se dispuseram a pagar pelo serviço.

A Enfermidade de Ezequias; Seu Orgulho nas Riquezas; A Embaixada Vinda da Babilônia; Conclusão (32.24-33)

32.24

Naqueles dias adoeceu Ezequias mortalmente. Este versículo é a epítome de II Reis 20.1-11, de maneira que o cronista continuou a sumariar rapidamente sua fonte informativa, que provavelmente foi a passagem de II Reis. Cf. também Isaías 38. Em vez de enfatizar a enfermidade e a recuperação do rei, que II Reis narra lindamente, o cronista demora-se no orgulho e nas riquezas de Ezequias. Seja como for, o cronista deu crédito a Yahweh pela recuperação do rei. Ele mencionou o *sinal* que foi dado no caso (uma referência direta a II Reis 20.11): o recuo da sombra no relógio de sol, por dez graus ou degraus. Isso serviu de sinal de que a recuperação da saúde de Ezequias já estava a caminho, como resultado da intervenção do profeta Isaías. Ver esse versículo quanto a amplas explicações. Ver também Isaías 38 quanto à narrativa apresentada por esse profeta. O "efeito Ezequias", pois, é uma vida mais longa do que seria de esperar mediante o código genético e o meio ambiente e as condições físicas de alguém. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

32.25

Mas não correspondeu Ezequias aos benefícios que lhe foram feitos. O cronista acusou Ezequias de *ingratidão* pela cura miraculosa. Em vez de mostrar-se grato e viver humildemente, Ezequias deixou o orgulho tomar conta de seu coração e acabou pecando. Ele usou *alguns* de seus preciosos anos extras na arrogância. Portanto, o grande homem de Deus tinha seus defeitos. Grandes homens, grandes vícios! Essa nota negativa é referida em II Reis 20.12 ss., que fornece amplos detalhes. O rei foi culpado de ostentar diante do rei da Babilônia todas as suas riquezas e todo o seu poder. O cronista conta a história de seu pecado de orgulho em II Crô. 32.25,26. Cf. Isa. 38.1-8. As *razões* de seu orgulho, as suas muitas *realizações*, são listadas nos vss. 27-31.

Houve ira contra ele. Provavelmente temos aqui uma alusão ao cativeiro babilônico. Foi uma estupidez o rei Ezequias exibir suas riquezas aos diplomatas babilônicos. Isso só poderia provocar-lhes a ganância. O cativeiro ainda estava à distância de mais de cem anos no futuro, mas os preliminares já tinham entrado em ação. Esses mesmos tesouros reais, dos quais o rei tanto se orgulhava, embora com todo o resto das riquezas de Jerusalém e de Judá, seriam transportados para a Babilônia. Além disso, o culto divino seria desmantelado. Ver Isa. 39.5-7. Judá e Jerusalém compartilharam do orgulho culpado do rei Ezequias, de modo que não escapariam da ira divina. Cf. I Crô. 27.24 e II Crô. 19.10.

O orgulho é o princípio do pecado.

(Ben Sira, Livro da Sabedoria)

32.26

Ezequias, porém, se humilhou. Uma *humilhação oportuna*, tanto de Ezequias como de seu reino, não permitiu que o cativeiro babilónico ocorresse em *seus* dias. Assim, a antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento foi efetivamente adiada, embora de maneira alguma refreada. Manassés, filho do rei Ezequias, seria um réprobo, e Judá cairia na idolatria, pelo que a espada de Yahweh, já postada em seu devido lugar, em breve sobreviria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*.

Não somos informados sobre como o rei Ezequias humilhou-se. Uma reprimenda do profeta Isaías corrigiu a postura do rei, lançando o temor do inimigo em seu coração, a Babilônia, que durante algum tempo fingiria ser amiga de Judá. A ira divina viria nos dias de Manassés. Ver Isa. 29.7,8. Cf. II Reis 20.19, que fala de *paz* durante os dias de Ezequias. Assim sendo, ele retornou à antiga piedade. Portanto, sempre, e de todas as maneiras, estava em operação a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Descrição das Riquezas e das Honras de Ezequias (32.27-29)

32.27

Teve Ezequias riquezas e glória em grande abundância. O cronista fornece-nos uma lista das principais riquezas de Ezequias. Ele tinha abundância de coisas necessárias; abundância de coisas supérfluas; abundância no equipamento de seu exército; abundância no culto divino e na manutenção do ministério que atuava no templo (ver o capítulo 31). Ezequias foi o mais rico monarca de Israel desde os tempos de Salomão, a quem nenhum homem poderia comparar-se em riquezas. Mas ele foi o *segundo* depois de Salomão e ainda estava à frente de todos os outros. Ao que tudo indica, Ezequias não contava com navios, como aconteceu a Salomão, mas podemos ter certeza de que ele negociava no mar através dos fenícios.

Riquezas e Glória de Ezequias. Cf. I Crô. 29.28; II Crô. 1.12; 17.5; 18.1 quanto a descrições similares de outros reis, como Salomão e Josafá.

"Vendo aumentadas as suas riquezas mediante os despojos do acampamento assírio e dos presentes (tributos) que lhe enviavam as nações circunvizinhas (vss. 21 e 23). E ele era *honrado* tanto pelos seus súditos como pelas nações em derredor... e tesouros... suas casas estavam cheias de coisas ricas e curiosas; e seu exército era bem equipado" (John Gill, *in loc.*).

32.28

Armazéns... estrebarias. Os armazéns de Ezequias andavam cheios com toda espécie de produtos agrícolas, o básico e o essencial, o supérfluo e os regalos. Suas estrebarias andavam apinhadas de animais domésticos, para serem usados na paz e na guerra. Devemos lembrar que, se Ezequias andou errado, devido ao orgulho que dominara seu coração, ainda assim, de acordo com a mentalidade dos hebreus, todas aquelas riquezas eram sinal da bênção de Yahweh sobre ele, por causa de sua piedade. Ezequias era muito piedoso, por conseguinte tinha todas aquelas riquezas. Algumas pessoas religiosas continuam a apoiar essa teoria. Seja como for, é melhor ser rico do que ser pobre, contanto que isso não seja um estorvo para a espiritualidade do crente. Ademais, precisamos de muito dinheiro para realizarmos um bom trabalho.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça,
a fim de que, tendo sempre, em tudo,
ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.

(II Coríntios 9.8)

Ezequias contava com "o produto de seus campos, vinhedos e olivais, tal como Davi os tinha, cuidados por pessoas encarregadas. Cf. I Crô. 27.25-28. E também havia estrebarias com toda espécie de animais, como bois, cavalos, camelos e jumentos (ver II Crô. 9.25)" (John Gill, *in loc.*).

32.29

Edificou também cidades. As *cidades* mencionadas neste versículo muito provavelmente são as *cidades fortificadas,* dotadas de muralhas, torres, equipamento militar e tropas armadas. Ver Isa. 1.8; II Reis 17.9 e II Crô. 26.10. O rei Ezequias contava com muitas riquezas e também com grande contingente militar para conservar os lobos estrangeiros afastados do reino. Fora de Jerusalém, através de Judá, também havia abundantes riquezas, incluindo as derivadas da agricultura e da criação do gado. Em outras palavras, o todo o reino, no tempo de Ezequias, prosperava de maneira admirável.

32.30

Também o mesmo Ezequias tapou o manancial. *O Túnel de Ezequias.* Para solucionar o problema do abastecimento de água em Jerusalém, que ficava à beira do deserto da Judéia, o rei Ezequias desviou e canalizou as águas do ribeiro de Giom diretamente para Jerusalém. II Reis 32.4 mostra-nos que ele ocultou o sistema de suprimento de águas para que não fosse detectado e destruído pelo lado de fora da capital. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Giom (Fonte),* quanto a amplas descrições desse "projeto de suprimento de água". O projeto de Ezequias tem sido abundantemente ilustrado pelas descobertas arqueológicas. "O túnel de Ezequias foi escavado na rocha sólida da fonte de Giom até o poço de Siloé, a uma distância de 54,2 metros, que operários escavaram a partir de cada extremidade, encontrando-se os dois grupos no meio" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Uma *prosperidade geral* assinalou assim os tempos de governo de Ezequias, o que demonstra que Yahweh estava com ele, sendo o poder que governava por trás do trono.

32.31

Deus o desamparou, para prová-lo. Ezequias foi privado da sabedoria divina ao aceitar os príncipes babilônicos. Yahweh estava submetendo-o à prova, para ver o que ele faria por si mesmo. Infelizmente, Ezequias fracassou! Ele mostrou as riquezas do reino, e isso acendeu a ganância no coração dos príncipes babilônicos. É conforme diz um hino evangélico: "Estarei perdido, se tirares a mão de mim". Assim, por pouco tempo, Ezequias esteve desorientado. Ele cometeu um grave erro, que só pôde reparar parcialmente. Cf. II Reis 20.12-19 e Isaías 39, quanto à tola ostentação de Ezequias. Haveria más conseqüências do orgulho, e Yahweh daria uma lição ao rei de Judá. Ver Jer. 17.9. Os *registros babilônicos* mostram que os antigos se deleitavam em viajar para contemplar as maravilhas dos países estrangeiros, provavelmente para aprender lições, e não meramente para satisfazer a própria curiosidade. Os antigos eram um povo inquisitivo. Afinal, a curiosidade é um sinal de inteligência superior.

32.32

Quanto aos mais atos de Ezequias. O cronista encerrou com sua conclusão costumeira, mencionando os livros que lhe haviam servido de fontes informativas. Além da história dos reis de Israel e de Judá, ele também contou com o livro do profeta Isaías para elaborar seu relato.

Ver o paralelo aproximado deste versículo em II Reis 20.20. Ver sobre a "história" e sobre outros livros perdidos que serviram de material informativo para os livros canônicos do Antigo Testamento, em I Reis 14.19; II Crô. 9.29; 12.15; 20.34 e 26.22. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Livro (Livros)* quanto a informações adicionais.

32.33

Descansou Ezequias com seus pais. O paralelo aproximado é II Reis 20.21. O cronista adicionou algum detalhe nesta *notícia fúnebre.* Ver as *notícias fúnebres* em I Reis 1.21 e 16.5,6.

Honras Especiais. Não somente o rei Ezequias foi sepultado nos sepulcros dos reis (o que era negado a reis maus), mas também foi sepultado no principal sepulcro, o mais conspícuo e luxuoso. Portanto, se isso lhe fez algum bem, seus restos mortais jazeram no luxo! Todo o reino, a capital e o interior do país, prestou-lhe honras especiais. Ele foi o melhor rei de Judá desde Davi, e também o mais rico, depois de Salomão. Infelizmente, seu filho, Manassés, tomou o seu lugar. O quadro brilhante haveria de tornar-se verdadeiramente *escuro.*

"Provavelmente houve grande queima de especiarias em sua honra, tal como no caso de Asa. Ver II Crô. 16.14 e 21.19" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Trinta e Três

Manassés (33.1-20)

Em *um único e terrível capítulo,* o cronista contou que o réprobo *Manassés* desfez todo o bem que seu pai havia praticado. Sua final humilhação e arrependimento não reconstruíram o que ele havia destruído. Portanto, esse foi um caso em que um *bom exemplo* não fez sua obra mágica. Ezequias cometeu seus erros, mas de modo geral, deu ao filho um *bom exemplo.* Um pai deve a seu filho três coisas: exemplo, exemplo, exemplo. Os estudos mostram que os pais que agem corretamente devem receber *menor crédito* quando os filhos agem corretamente; e, quando os filhos agem incorretamente, os pais que agiram bem não devem culpar-se tanto. De fato, nossos filhos são indivíduos e, segundo suponho (acreditando na preexistência da alma, conforme crê a Igreja Cristã Oriental, de modo geral), eles trazem *consigo* grande bagagem espiritual. Podemos influenciá-los para o bem e para o mal, mas em um sentido bem real, eles são o que são e prosseguem sendo isso. Algumas vezes eles são maus e continuam sendo maus a despeito da boa influência de seus pais. De outras vezes, os pais são maus, mas os filhos bons, conforme aconteceu a Ezequias, um bom rei, embora tenha nascido de *Acaz,* seu réprobo pai.

Assim também aconteceu que Manassés foi um rei mau, fazendo contraste completo com seu pai. Além disso, ele reinou por um notável período de cinqüenta e cinco anos e teve muito tempo para semear a confusão e o caos. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* os artigos chamados *Manassés; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.*

Paralelos. Os vss. 1-20 são paralelos próximos de II Reis 21.1-10. Os vss. 1, 2 e 5 são verbatim, portanto solicito que o leitor examine a exposição ali, onde há apenas alguns itens adicionais.

33.1

Tinha Manassés doze anos de idade, quando começou a reinar. Este versículo é cópia palavra por palavra de II Reis 21.1, exceto pelo fato de que o cronista deixa de mencionar o nome da mãe de Manassés. Ver a exposição no trecho paralelo. Ver também a introdução ao capítulo 21 de II Reis, onde ofereço notas expositivas de grande interesse. Depois de Salomão, o autor-compilador de I e II Reis devotou o maior espaço a Ezequias. Seu filho ímpio, Manassés, foi um rei da eclipse e do pôr-do-sol de Judá. Ele levaria Judá bem perto do cativeiro babilônico, tendo reinado de 696 a 641 A. C. O cativeiro babilônico ocorreu em 596 A. C. Minha introdução ao capítulo 21 de II Reis dá a situação política e as marchas de exércitos que culminaram no soerguimento da Babilônia e na queda de Judá. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Manassés; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.*

33.2

Fez o que era mau perante o Senhor. Este versículo é virtualmente igual ao trecho paralelo de II Reis 21.2, onde é oferecida a exposição.

33.3

Pois tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, havia derribado. Este versículo é virtualmente verbatim a seu paralelo, II Reis 21.3. O cronista deixou de mencionar Acabe, rei de Israel, aquele homem horrendo que promoveu tanto a idolatria, especialmente o culto a Baal. Reis subseqüentes de Israel seguiram seu mau exemplo, como também o fizeram vários reis de Judá. Além desses, havia a maligna esposa de Acabe, Jezabel, cuja infâmia prossegue até hoje. Ela teve sua parcela de contribuição na corrupção de Israel-Judá. Manassés trouxe novas idolatrias (derivadas da Assíria), além de ter restaurado as aquelas já fomentadas por Acabe.

33.4

Edificou altares na casa do Senhor. Este versículo é virtualmente idêntico a II Reis 21.4, onde apresento a exposição. "Manassés foi um tirano, um politeísta e um renovador de ritos revoltantes... Os compiladores dos livros de Reis consideravam a *queda final* de Jerusalém como uma retribuição produzida pelos pecados de Manassés. Ver II Reis 21.11-16; 23.26,27" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

33.5

Também edificou altares a todo o exército dos céus. Este versículo é verbatim com II Reis 21.5, onde apresento a exposição. Além das antigas formas de idolatria, o rei Manassés introduziu ultrajes próprios da Assíria. As divindades astrais tornaram-se populares, e suas imagens foram trazidas para o interior do próprio templo de Jerusalém. Deu. 4.19 foi preceito abertamente violado.

33.6

E queimou a seus filhos como oferta, no vale do filho de Hinom. *Total corrupção e desintegração* assinalaram as instituições idólatras dos reis de Israel e Judá. Este versículo é quase idêntico ao trecho paralelo de II Reis 21.6, onde é dada a exposição. O cronista adicionou a localização dos sacrifícios humanos, o vale de Hinom. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hinom, Vale de.* A impressão que obtemos é que o rei Manassés não poderia ter feito pior, mesmo que tentasse. Ele foi totalmente abandonado a seus crimes vis. A *ira de Yahweh* sobreviria por causa desses pecados. Ver o quatro versículo deste capítulo. O cativeiro babilônico foi, em grande parte, devido aos ultrajes de Manassés.

33.7

Também pôs a imagem de escultura do ídolo que tinha feito. Este versículo é virtualmente idêntico ao seu paralelo, II Reis 21.7, onde ofereço a exposição. O cronista substituiu a palavra "poste-ídolo" do livro de Reis pelo termo mais vago, "ídolo". A violação direta do próprio templo de Jerusalém foi fatal para Judá. Cf. Deu. 4.16. O Targum diz que a imagem era do próprio Manassés, como se ele atribuísse a si mesmo alguma forma de divindade, mas esse comentário não concorda com o paralelo e sem dúvida labora em erro. Mas os Faraós do Egito clamavam para si próprios a divindade, de maneira que essa idéia não é impossível. O rei Manassés teria imitado aqueles monarcas pagãos, até mesmo nisso, além de em muitas outras coisas.

33.8

Nem removerei mais o pé de Israel. Este versículo é virtualmente verbatim com seu paralelo, II Reis 21.8, onde ofereço a exposição. No livro de Reis lemos "andem errantes"; mas o cronista trocou essas palavras pelo mais específico "removerei", onde faz alusão ao cativeiro assírio. Eles não andaram errantes. Eles foram removidos pelo poder divino. O cativeiro babilónico não teria ocorrido *se* o sul, Judá, não tivesse imitado os pecados do norte, Israel. Assim como o norte foi *removido*, outro tanto sucederia ao sul. E assim Judá foi removido da terra, a Terra Prometida, que Yahweh lhe havia dado.

33.9

Manassés fez errar a Judá e os moradores de Jerusalém. Este versículo é quase idêntico ao trecho paralelo de II Reis 21.9, onde é oferecida a exposição. Manassés tinha condições de ser um rei singularmente bom, tendo herdado um belo e próspero reino da parte de seu pai. Mas falhou na oportunidade e tornou-se não uma *vítima do mal*, mas alguém que levava outras pessoas ao mal.

33.10

Falou o Senhor a Manassés e ao seu povo. Este versículo saiu da pena do cronista. Introduz o *cativeiro temporário* de Manassés (vss. 11-13), acerca do qual o autor dos livros de Reis nada disse. Yahweh advertiu a Manassés que sua conduta só poderia terminar em desastre, mas o rei não tinha tempo para ouvir predições melancólicas. Ele se divertia muito e navegava na crista de suas corrupções. E nunca passou na sua mente a idéia de que ele, tão repentinamente, poderia ser reduzido a quase nada.

O trecho de II Reis 21.10 ss. diz que os profetas de Yahweh advertiram sobre o desastre por vir, dando a entender o cativeiro babilônico, mas nada revela sobre o cativeiro temporário de Manassés.

Cativeiro Temporário e Arrependimento de Manassés (33.11-13)

O paralelo é II Reis 21, que nada diz sobre o cativeiro temporário de Manassés, nem sobre o seu arrependimento; e alguns críticos duvidam da exatidão histórica desses três versículos. Esses críticos supõem que o autor se tenha mostrado *didático,* mas não muito bem fundamentado historicamente. "O livro de Reis silencia quanto ao período de Manassés no cativeiro e seu arrependimento. De que ele se arrependeu não há ali o menor vestígio, porquanto Josias teve de expurgar Jerusalém do paganismo. Que ele foi removido para a Babilônia, e mais tarde foi solto, pode ser um fato — *caso* ele tenha sido suspeito da revolta generalizada contra a Assíria, em 648 A. C." (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Seja como for, note o leitor que o cativeiro de Manassés foi um cativeiro assírio, e não um ato preliminar da Babilônia contra Judá. Nesse tempo, a Assíria ainda não tinha sido derrubada pela Babilônia.

33.11

Pelo que o Senhor trouxe sobre ele os príncipes do rei da Assíria. Manassés foi amarrado da maneira mais desgraçada e levado à Babilônia, a qual, na época, estava sujeita ao poder da Assíria. Foi tratado vergonhosamente, conforme merecia . Violentamente puseram uma argola em seu nariz, como se ele fora um animal selvagem. Talvez essa seja uma expressão figurada para indicar um tratamento completamente desgraçado. **Ele se tinha ocultado em um espinheiro,** mas foi descoberto e tratado como criminoso, pois não era mesmo outra coisa. Cf. o tratamento posterior dado a Zedequias (ver II Reis 25.7). Provavelmente o rei da Assíria pensava que Manassés estivesse envolvido do na revolta dos príncipes da Fenícia-Palestina, em 648 A. C., pelo que o tratou como um inimigo perigoso do império assírio. Ver não o *Dicionário* o artigo chamado *Assíria,* quanto à identificação dos governantes de acordo com seus tempos de reinado. Nos dias de Manassés, a Babilônia era uma província do sul da Assíria.

33.12,13

Ele, angustiado, suplicou deveras ao Senhor seu Deus. Em sua aflição, Manassés humilhou-se; e, ao ser humilhado, arrependeu-se. Quando se arrependeu, orou; e ao orar, Yahweh o ouviu e o libertou. Notem-se os nomes divinos. Manassés dirigiu-se diretamente a Yahweh-Elohim, o Deus Todo-poderoso, o Deus de seus antepassados e de seu pai, Ezequias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O cronista omitiu de seu relato todos os detalhes, e simplesmente reivindicou que o rei Manassés foi devolvido a Jerusalém, onde, como é óbvio, tornou-se um rei vassalo, se é que já não o era.

Angustiado. O Targum tem aqui uma explicação horrível. Presume-se que os assírios tenham feito um instrumento de bronze (orazenmule), com buracos. Eles puseram Manassés dentro desse *globo de bronze,* e acenderam fogo ao seu redor. O fogo aquecia o globo de bronze não o bastante para matá-lo, mas para fazê-lo desejar estar morto. "No fogo", pois, ele se arrependeu e abandonou a idolatria que lhe causara tanta angústia.

Uma Lição Moral e Espiritual. Até o pior dos pecadores pode ser perdoado por Deus, se O busca sob as condições certas e em arrependimento. Mas, tal como no caso de Manassés, vemos que o *dano* causado por uma vida dissoluta permanece.

33.14

Depois disto edificou o muro de fora da cidade de Davi. Se os vss. 11-13 são historicamente corretos, então é difícil entender os vss. 14-17. O certo é que, depois de ter voltado para casa, Manassés fortificou Jerusalém para proteger-se de outro assalto dos assírios. Mas permanece inexplicável *por que* lhe foi permitido fazer isso. Os vss. 14-17, que também faltam no livro de Reis, levam os críticos a pensar que a passagem inteira, os vss. 11-17, é uma *história didática,* quer dizer, um relato criado para ensinar lições morais e espirituais, ao passo que o texto do livro de Reis reflete a *história genuína.* No livro de Reis não encontramos nenhum indício do arrependimento de Manassés, mas lemos sobre Josias (II Reis 22 e 23) tendo de efetuar uma reforma geral, com a remoção da idolatria, o que o cronista também relatou. Ver II Reis 22 quanto às reformas instituídas por Josias.

Seja como for, de acordo com o cronista, uma muralha muito alta foi construída fora da cidade de Deus, no lado oeste da fonte de Giom, que circulava Ofel, a antiga cidade original. Manassés também fortificou cidades por todo o Judá e ali estacionou guarnições militares. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ofel.* Tais fortificações fazem sentido histórico, *se* o rei não tivesse sido levado para a Babilônia, humilhado e reduzido a um rei vassalo. Por outra parte, detalhes omitidos poderiam resolver nossos problemas com os relatos bíblicos. Talvez o cronista não estivesse interessado em satisfazer à nossa curiosidade sobre todas as coisas, ou não antecipou que encontraríamos problemas com suas narrativas.

33.15

Tirou da casa do Senhor os deuses estranhos e o ídolo. *As Reformas de Manassés.* Após as humilhações que sofreu, e tendo-se arrependido de sua idolatria (visto que nenhum ídolo o ajudou em seu período de crise), o rei limpou Jerusalém e Judá, conforme seu pai, Ezequias, tinha feito. No livro de Reis, entretanto, não há nenhuma menção a reformas. O templo de Jerusalém foi livrado de seus ídolos, bem como toda a cidade de Jerusalém. O material foi partido, lançado fora da cidade e, presumivelmente, *incendiado.* O rei queria livrar-se de seus opressores e resolveu que o pecado alimentava a opressão. Em outras palavras, o problema de Manassés era mais espiritual do que militar. Assim, pois, Manassés fortificou-se de duas maneiras: militarmente (vs. 14) e espiritualmente (vss. 15 e 16). Manassés mostrou a *sinceridade* de seu arrependimento, *restituindo* e corrigindo antigos erros, e isso é parte obrigatória do *arrependimento* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Restituição.*

33.16

Restaurou o altar do Senhor. O templo havia sido contaminado. Seus vasos e instrumentos, se é que foram usados, tinham sido postos a serviço do paganismo. O altar precisava urgentemente de reparos, sendo até possível que tivesse sido substituído por um altar pagão. O culto fora interrompido. Parte das reformas de Manassés consistiram em restaurar o templo, seus materiais e o culto. Isso foi essencial para a restauração do yahwismo, que tinha, como centro, o culto do templo de Jerusalém. Ewald (*in loc.*) conclui, alicerçado no vs. 16, que o rei tinha removido o altar dos holocaustos e, alicerçado em Jer. 3.16, que ele havia destruído a arca da aliança. É difícil dizer quão exata é essa avaliação. Ver a exposição sobre aquele versículo. Este versículo deixa claro que a reforma ampliou-se por todo o território de *Judá.*

Seja como for, é claro que os pecados de Manassés tinham sido realmente malignos; ele fora um destruidor, e não um mero corruptor, e coisa alguma que ele fizesse (depois de seu arrependimento) poderia reparar o dano causado. Não nos admiremos, pois, que o Antigo Testamento considerasse a queda final da própria Judá, no cativeiro babilônico, como algo devido, pelo menos em parte, aos pecados malignos de Manassés (ver I Reis 21.11-6 e 23.26,27).

33.17

Contudo o povo ainda sacrificava nos altos. Os *lugares altos,* entretanto, permaneceram. Manassés não foi capaz de acabar com os santuários locais que tinham voltado a funcionar após as reformas de Ezequias. Ver II Crô. 31.1 quanto ao feito de Ezequias, que removeu os lugares altos. Para maiores detalhes, ver sobre os *lugares altos* no *Dicionário.* Ezequias, depois de Davi, foi o único monarca de Israel-Judá que obteve sucesso em combater a idolatria e a descentralização do culto, o qual deveria ser efetuado somente em Jerusalém.

Um Grande Feito. Não tendo podido remover os lugares altos, Manassés pelo menos fez tais lugares servir somente a *Yahweh,* ou, pelo menos, o cronista pensou que ele conseguira fazer ao menos isso. Algumas vezes, a adoração nos lugares altos era sincretista; ou seja, ali eram adorados tanto Yahweh quanto várias outras divindades. Mas algumas vezes somente Yahweh era reverenciado. A tendência, contudo, era promover a idolatria. Mas mesmo quando "somente Yahweh" era adorado, o próprio fato de existirem lugares altos testemunhava contra o ideal deuteronômico de centralização da adoração no templo de Jerusalém.

Conclusão (33.18-20)

Estes três versículos registram *outras atividades* de Manassés, depois que ele retornou do cativeiro.

33.18

Quanto... à sua oração ao seu Deus. O livro posterior e apócrifo chamado *Oração de Manassés* não está aqui em vista. O autor do livro apócrifo retirou o título de seu livro do presente versículo, mas compôs a oração que atribuiu a Manassés quando este se arrependeu, do que resultou sua restauração ao trono de Judá. A Septuaginta contém a *Oração de Manassés.*

Às palavras dos videntes que lhe falaram em o nome do Senhor. Muitos profetas tiveram de repreender o réprobo rei Manassés. Esse monarca de Judá recebeu diversas instruções, com algum sucesso, se seguirmos o texto do livro de Crônicas, mas não do livro de Reis, que falou sobre Manassés somente em tons condenatórios.

Livros dos Reis de Israel e Judá. Aqui o livro aparece com um título mais simples "Livro dos Reis". Essa foi uma das principais fontes informativas do autor sacro. Ver sobre esse livro e sobre outros que se perderam e foram fontes informativas usadas nos relatos canônicos, em I Reis 14.19. Ver também II Crô. 9.29; 12.15; 20.34 e 26.22.

33.19

A sua oração. Os *videntes* tinham muita coisa para contar sobre o ímpio Manassés, porquanto, na verdade, ele foi um campeão da iniqüidade. O cronista tomou por empréstimo algumas declarações desses videntes para a sua história. Manassés teve uma vida cheia de pecados e contravenções contra a lei mosaica; edificou novos santuários e embelezou antigos sítios idolátricos; mas foi humilhado, arrependeu-se e promoveu restauração até onde isso lhe foi possível.

Ver o paralelo em II Reis 21.20-22. Ali não há indícios de Manassés ter-se afastado da multidão de seus pecados. Antes, ele desceu ao sepulcro com o halo muito merecido de "O principal dos pecadores".

Os expositores modernos inclinam-se por pensar que, se Manassés chegou a arrepender-se, fê-lo somente para alcançar vantagens pessoais e porque isso lhe pareceu expediente; pois Manassés nunca teria sido sincero, exceto em seus pecados. Daí encontrarmos estas linhas de Rabelais, *Obras,* livro IV, capítulo xxiv:

> *O diabo adoeceu, e tornou-se monge.*
> *O diabo melhorou, e o monge tornou-se diabo.*

33.20

Assim Manassés descansou com seus pais. O livro de Reis registrou devidamente a *notícia fúnebre* sobre Manassés. Ver o paralelo em II Reis 21.18. O autor de Reis também teve o cuidado de listar os muitos pecados desse rei. O cronista seguiu essa orientação, fornecendo uma lista similar. Ambos os autores — de Reis e de Crônicas _ dão uma horrenda nota fúnebre desse rei. Por causa de sua iniqüidade geral, ele foi sepultado em seu sepulcro particular, à parte do resto dos reis. Foi sepultado no jardim de sua própria casa (II Reis 21.18). Quanto a maiores detalhes, ver esse versículo. *Reis iníquos* não recebiam a honra de ser sepultados com os *reis bons.* Ver sobre o *Sepulcro dos Reis,* no *Dicionário.*

Amom (33.21-25)

Esse pobre rei, Amom, filho de Manassés, começou seu reinado de maneira muito ruim, tendo subido ao trono após a morte de um pai extremamente maligno, cujos passos iniciais ele seguiu. Amom reinou apenas por dois anos, 642-640 A. C., antes de ser assassinado. Amom copiou o exemplo horroroso e maligno do pai. Mas, se Manassés se arrependeu, Amom conseguiu não fazê-lo, mas prosseguiu em seu caminho maligno até o fim. Para a mente depravada, é mais fácil e mais proveitoso seguir o mal, e não o bem.

O trecho paralelo é II Reis 21.19-26, que é virtualmente idêntico, de modo que a exposição aparece no livro de II Reis. Algumas poucas idéias adicionais são providas aqui.

33.21

Tinha Amom vinte e dois anos de idade quando começou a reinar. Este versículo é paralelo a II Reis 21.19, exceto pelo fato de que o cronista omitiu o nome da mãe do rei Amom. Ver a exposição em II Reis.

33.22

Fez o que era mau perante o Senhor. Este versículo é quase cópia de II Reis 21.20,21. No livro de Reis, os ídolos servidos por Manassés foram os mesmos servidos por Amom. No livro de Crônicas, entretanto, temos a informação de que Manassés esculpiu pessoalmente ou mandou esculpir os ídolos, e os serviu. Faltando-lhe melhor imaginação, Amom simplesmente levou adiante a estúpida idolatria exemplificada por seu pai. O cronista também adicionou a nota de que Amom "multiplicou" seus delitos. É difícil supor que ele tenha sido capaz de multiplicar os pecados do abominável pai, pelo que o texto ensina-nos que Amom pecou e continuou a multiplicar seus pecados (vs. 23). Admiramo-nos com o fato de que, *se* Manassés se arrependeu (conforme disse o cronista) e limpou Jerusalém e Judá, como os seus ídolos sobreviveram ao expurgo e tornaram-se os ídolos seguidos por seu filho, Amom. Ver as notas expositivas em II Crô. 33.11 e 14, quanto às dúvidas dos críticos sobre a historicidade do arrependimento e das reformas de Manassés. Talvez tenha havido detalhes que explicassem tais problemas, mas o cronista não pensou que precisássemos sabê-los. Reformas e lapsos, seja como for, continuavam revezando-se, interminavelmente, tornando difícil distinguir seus começos e fins.

33.23

Mas não se humilhou perante o Senhor, como Manassés. Este versículo, é desnecessário dizer, não se encontra no livro de Reis, o qual não deixou o registro do arrependimento de Manassés. Em certo sentido, Amom, filho de Manassés, ultrapassou a pecaminosidade de seu pai — *ele nunca se arrependeu.* Mas tão-somente continuou pecando e pecando, e multiplicando pecados. Talvez se tivesse vivido por mais tempo, Amom chegasse ao arrependimento. Mas conforme as coisas aconteceram, ele teve apenas dois anos de governo, e seus atos foram os *piores* possíveis, uma grande demonstração de perversidade! Ter pouco tempo e usá-lo propositadamente de modo mal demonstra total ausência de espiritualidade.

33.24

Conspiraram contra ele os seus servos e o mataram. Amom viveu como se fosse um *suicida* e assim terminou seus dias assassinado. Ele procurou a morte por sua perversidade, sem nunca ter crido que um homem colhe aquilo que semeia. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a*

Semeadura. Este versículo é diretamente paralelo de II Reis 21.23, onde dou a exposição. Amom foi morto quando tinha apenas com 24 anos de idade!

33.25

Porém o povo da terra feriu a todos que conspiraram contra o rei Amom. Este versículo é quase verbatim com o seu paralelo, II Reis 21.24, onde a exposição é dada. O cronista, talvez por motivo de descuido, não fez a usual nota fúnebre. Quanto a essa nota, ver II Reis 21.25,26.

Capítulo Trinta e Quatro

Josias (34.1 – 35.27)

Com Josias, o pêndulo pendeu novamente para a bondade. Esse homem, filho do ímpio Amom e neto do abominável Manassés, decidiu seguir o bom exemplo de seu bisavô, Ezequias. Imitou as boas medidas de reforma e assim restaurou o yahwismo em Jerusalém e Judá. Porém, a despeito de sua bondade, teve um fim violento. Governou Judá pelo espaço de trinta e um anos (640-609 A. C.). Em seu décimo segundo ano como rei (quando estava com 20 anos de idade), Josias iniciou uma campanha para libertar Judá de todos os vestígios da religião cananéia, bem como de toda outra forma de idolatria. Quanto a maiores detalhes, ver no *Dicionário* os artigos *Josias; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.* Nesses artigos há informações históricas de interesse que nos ajudam a situar Josias dentro de seu contexto histórico. Agora o cativeiro babilônico estava *muito próximo.* Judá haveria de cair, tal como Israel havia caído em 722 A. C., embora houvesse de recuperar-se parcialmente, em contraste com o caráter final do cativeiro assírio que sofreu Israel.

Dados Históricos. Quando Josias subiu ao trono de Judá, o império assírio estava passando por graves dificuldades. Por um longo tempo, a Assíria fora o galo que estruturava o palco por todo o Oriente Médio. Em breve, seria substituída por outro galo arrogante, a Babilônia. O império assírio foi eliminado em 612 A. C. Seus territórios passaram essencialmente para o império babilônico. Não seria um consolo que a Babilônia acabou tomando o lugar da Assíria. Bem pelo contrário, Judá logo seria deportado, no *Cativeiro Babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*).

Entrementes, Josias fez o que pôde para reformar Judá e unir em torno do yahwismo o que porventura restava do norte com o sul. Josias foi um reformar enérgico, um tanto parecido com Ezequias. Uma cópia dos escritos de Moisés foi encontrada no templo, e isso ajudou no programa das reformas. Houve outra *páscoa de unidade,* como a que Ezequias havia realizado décadas antes.

"A história de Judá, conforme relatada aqui (capítulos 34 e 35), está em acordo essencial com o trecho paralelo de II Reis 22 e 23. A *principal diferença* jaz no fato de o cronista atribuir as várias reformas desse rei aos anos oitavo, décimo segundo e decimo oitavo de seu reinado, ao passo que o compilador do livro de Reis *agrupou-os* juntos em conexão com os reparos do templo e a descoberta do livro da lei, no décimo oitavo ano de seu reinado. Nossa narrativa, além disso, descreve brevemente a supressão da idolatria e demora-se sobre a celebração da páscoa. No livro de Reis, foi o contrário que aconteceu" (Ellicott, *in loc.*).

34.1

Tinha Josias oito anos de idade quando começou a reinar. Este versículo é idêntico ao trecho paralelo de II Reis 22.1, exceto pelo fato de que ali o nome da mãe desse rei foi adicionado. Ver a exposição no paralelo.

Josias (filho de Amom, um rei réprobo, assassinado somente dois anos depois de ter começado a reinar) tinha somente 8 anos de idade quando começou a reinar sobre Judá. E governou durante trinta e um anos (640-609 A. C.), levando Judá a apenas doze anos do cativeiro babilônico. Ele seguiu o exemplo de seu bisavô, Ezequias, e foi um bom rei que fez o que pôde para reverter o dilúvio da história contra Judá. Em seu décimo segundo ano de governo, efetuou reformas extensivas, eliminando, da melhor maneira ao seu alcance, todos os vestígios da idolatria na terra. Na época, ele estava com 20 de idade. Se houve um expurgo na época de Manassés (algo de que os críticos duvidam), então, *uma vez mais,* Josias limpou o lugar. Ver II Crô. 33.15 quanto a alegada reforma feita pelo abominável rei Manassés.

34.2

Fez o que era reto perante o Senhor. Este versículo é idêntico ao seu paralelo, II Reis 22.2, onde é oferecida a exposição. Cf. Deu. 5.32; 17.20; 28.14. A observância da lei, por parte de Josias, foi imaculada.

34.3

Porque no oitavo ano de seu reinado, sendo ainda moço. *A especificação* de tempo, neste versículo, foi dada somente pelo cronista. O autor dos livros de Reis generalizou as reformas de Josias, agrupando-as juntamente com o reparo do templo e o descobrimento dos escritos de Moisés. Ver as notas imediatamente antes da exposição de II Crô. 34.1, que fornecem detalhes sobre a questão. Ver II Reis 22.24.

As reformas de Josias, como as de Ezequias, conseguiram eliminar os lugares altos, como somente esses dois monarcas de Judá tinham conseguido fazer desde os tempos de Davi. Cf. II Crô. 31.1. Ver na *Enciclopédia* os verbetes chamados *Lugares Altos* e *Idolatria.* Quando o rei Josias tinha 26 de idade, deu início às suas reformas, pelo que foi um "jovem de mente decente", conforme disse W. A. L. Elmslie (*in loc.*).

O expurgo não foi feito todo ao mesmo tempo. Ver o vs. 33. Foram necessárias várias etapas para efetuar esse trabalho.

Postes-ídolos. Algumas traduções dizem aqui "aserins", ao passo que outras usam "bosques". Ver sobre "postes-ídolos" em I Reis 14.15.

A versão siríaca é curiosa aqui: "Ele começou a desarraigar os altares e os ídolos, e leopardos, e capelas e sinos, e todas as árvores que eles tinham transformado em ídolos".

34.4

Na presença dele. *Josias, Rei por Excelência.* O cronista insistiu que Josias foi "o maior de todos os reis". Por outra parte, se fosse indagado acerca de Ezequias, provavelmente diria: "Oh, ele estava no mesmo nível de Josias, em sua bondade e reformas". Davi, como é natural, foi o *rei ideal,* aquele com quem se deveriam comparar todos os outros monarcas. Ver I Reis 15.3 quanto a esse título. Ver também sobre os padrões do rei ideal em I Reis 15.3. Ver II Reis 23.25 quanto aos altos louvores prestados a Josias pelo autor sagrado.

Josias foi o campeão *iconoclasta, o destruidor de imagens.* Aquilo que ele despedaçou, transformou em pó e espalhou o pó e os escombros para pôr fim à questão. A destruição de Baal foi a principal vitória de Josias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo).* Cf. II Reis 23.5,6, onde encontramos a mesma informação dadas nos vss. 3 e 4 deste capítulo. Os sacerdotes idólatras foram depostos, de acordo com o livro de Reis. As reformas estenderam-se por todo o território de Judá, e não meramente em Jerusalém.

34.5

Os ossos dos sacerdotes queimou. Este versículo não deixa claro se Josias mandou executar os sacerdotes e espalhou suas cinzas sobre os altares e lugares sagrados para o paganismo, contaminando-os para sempre, ou se ele desenterrou os ossos e tirou os esqueletos dos túmulos e então queimou-os e espalhou as cinzas. Talvez ambas as coisas tenham sido feitas. Seja como for, ele realizou a contaminação final. Ninguém restabeleceria culto em um lugar onde ossos humanos tinham sido queimados. II Reis 23.26 é o trecho paralelo, e indica que os antigos ossos de ex-sacerdotes foram tirados de seus túmulos. Mas a questão bem pode ter ido mais longe do que isso. Ver a exposição no paralelo, quanto a detalhes.

34.6

O mesmo fez nas cidades de Manassés, de Efraim e de Simeão, até Naftali. A reforma instituída por Josias espalhou-se por todo o território de Judá (ver II Reis 23.5) e depois entrou nos territórios do antigo reino do norte, ou Israel. Ali, alguns poucos sobreviventes do cativeiro assírio misturaram-se por casamento com os pagãos que tinham sido transferidos para Israel, do que resultaram os *samaritanos.* Essa gente teve uma contínua história de yahwismo, e foi isso que possibilitou o ato de Josias referido neste versículo. Ele encontrou no norte alguma cooperação para suas reformas. Ver II Reis 17.24-41 quanto à origem dos samaritanos. Ver sobre eles no *Dicionário,* e cf. II Crô. 30.1 e 34.9. Cf. também II Reis 23.15-19, de acordo com o qual Josias destruiu o oráculo em Betel e até os lugares altos de Samaria (o norte, pois *Samaria* era a capital daquele lugar, e algumas vezes todo o território das tribos do norte era chamado "Samaria"). Simeão é mencionado porque nesse território havia um famoso santuário que se tornou ponto de peregrinação para as tribos do norte.

34.7

Tendo derribado os altares. Tendo realizado o seu expurgo e tendo dirigido a tudo pessoalmente, Josias voltou a Jerusalém. O trabalho era importante demais para ser entregue nas mãos de um supervisor. II Reis 23.4-20 pôs a reforma *após* os reparos do templo, depois que se encontrou o livro da lei. Sem dúvida, as reformas dirigidas por Josias se realizaram em etapas, tanto antes como depois da questão que envolveu o templo e o livro da lei. Os escritores da Bíblia em geral, tanto do Antigo como do Novo Testamento, não se preocupavam muito com uma harmonia cronológica estrita, conforme fazem os modernos harmonizadores. Portanto, ocasionalmente, encontramos discrepâncias quanto a essas questões. Nenhuma sã teoria de inspiração das Escrituras é perturbada por coisas tão triviais quanto dados cronológicos.

O Reparo e a Reforma do Templo (34.8-13)

34.8

No ano décimo-oitavo do seu reinado. "Em seu décimo oitavo ano de governo, o rei Josias (agora com 26 anos de idade) comissionou a Safã, Maaséias e Joá para reparar e mobiliar de novo o templo. Essa foi uma das vezes em que os reis de Judá restauraram o templo de Jerusalém. Eles tomaram o dinheiro que havia sido coletado com esse propósito, de todo o Israel e Judá, e deram-no a Hilquias, o sumo sacerdote, para que contratasse operários e comprasse material para a tarefa. Os supervisores foram os levitas, dois do ramo de Merari e dois do ramo de Coate. Esses quatro homens também eram músicos habilidosos, uma declaração que, muito provavelmente, destaca o senso artístico e a sensibilidade deles quanto a todas as coisas pertinentes ao templo e à adoração. A tarefa deles era dirigir os operários quanto a tudo que tivesse de ser feito. Levitas com outras habilidades foram nomeados para liderar o trabalho como capatazes" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

O Paralelo. Ver II Reis 22.3-7. Cf. II Crô. 24.11-13, onde temos uma narrativa muito semelhante, que envolveu Joás. O paralelo do presente versículo é II Reis 22.3 que lhe é idêntico, exceto pelo fato de omitir os nomes de alguns dos supervisores. Ver o *Dicionário* quanto aos nomes próprios e ao que se sabe acerca deles.

34.9

Foram a Hilquias, sumo sacerdote. *Todos os territórios* interessados nas reformas, tanto do norte quanto do sul, contribuíram com fundos para a tarefa de reparar e reformar o templo. Foi uma tarefa universal que requereu uma contribuição geral. O *yahwismo* seria fortalecido no norte e no sul, e o templo era indispensável nessa tarefa. O livro de II Reis não inclui o detalhe do cronista e apenas menciona que fundos foram entregues ao sumo sacerdote, sem listar os contribuintes. Ver II Reis 22.4. O livro de Reis diz simplesmente "do povo".

34.10

Eles o entregaram aos que dirigiam a obra. Os *supervisores* receberam o dinheiro. A tarefa deles, entre outras coisas, era assegurar que os operários fossem devidamente pagos. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 22.5, onde a exposição é oferecida. Cf. II Crô. 24.12, onde temos algo quase equivalente. Os nomes dos supervisores aparecem no vs. 12 deste capítulo.

34.11

Deram-nos aos carpinteiros e aos edificadores. Os *materiais* de construção deveriam ser comprados pelos respectivos operários, cada qual tomando conta de suas próprias necessidades. II Reis 22.6 é quase idêntico, e ali apresento a exposição.

34.12

Os homens procederam fielmente na obra. O cronista achou próprio dar os nomes dos supervisores. Eles mereciam crédito por terem encabeçado bem o trabalho. Ver os nomes comentados em artigos que figuram no *Dicionário*. Esses homens eram músicos habilidosos, e alguns supõem que tocassem instrumentos para aliviar o trabalho árduo. O valor da música para acompanhar o labor tem sido demonstrado. A música diminui as conversações banais durante o trabalho, além de estimular o espírito. O paralelo de II Reis 22 não cita os nomes dos homens, nem faz alusão à música. Uma lenda terrível é aplicada por alguns a este texto. Porventura a música tinha poderes miraculosos e mágicos, fazendo o material pesado ser levantado do solo e ser colocado em seus respectivos lugares? Algo parecido com isso foi dito acerca dos efeitos da música do excelente *Orfeu*. Cf. este versículo com I Crô. 15.16 e 25.7.

34.13

Todos os levitas entendidos em instrumentos músicos. Os levitas eram os escribas, os oficiais, os porteiros, os músicos e os ajudantes dos sacerdotes. Portanto, eles se ocupavam de grande variedade de funções, e os reparos efetuados no templo, como é natural, tornaram necessário convocar alguns deles. Outros supervisores teriam profanado o lugar. Cf. este versículo com I Crô. 23.4,5. Ver sobre os levitas como escribas, em I Crô. 2.55. Quanto às várias guildas e os deveres dos levitas, ver I Crô. 23.1-26.32. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Levitas*.

A Descoberta do Livro da Lei (34.14-33)

Esta narrativa é essencialmente paralela à de II Reis 22.8-20. Em alguns poucos versículos, entretanto, há diferenças. A exposição aparece no trecho paralelo. Adicionei alguns comentários aqui. O vs. 14 não aparece no trecho paralelo, de forma que faço os comentários desse versículo a seguir.

34.14

Quando se tirava o dinheiro que se havia trazido à casa do Senhor. Este versículo é um tanto diferente de II Reis 22.8. A passagem não menciona a informação de que Hilquias descobriu o livro da lei "quando estavam tirando o dinheiro que se tinha trazido à casa do Senhor", certo colorido local trazido à lume pelo cronista. "Josefo fez Hilquias encontrar o livro da lei na *câmara do tesouro* do templo, onde ele havia entrado para obter o ouro e a prata para fabricar alguns vasos sagrados. De acordo com as tradições rabínicas, o livro da lei estava escondido sob um monte de pedras, onde tinha sido posto para não ser queimado pelo rei Acaz" (Ellicott, *in loc.*). Quanto ao resto da exposição, ver o paralelo em II Reis 22.8.

34.15

Então disse Hilquias ao escrivão Safã. Este versículo é diretamente paralelo a II Reis 22.8, exceto pelo fato de que nos conta que Safã leu o livro, o que o cronista não mencionou. Mas o vs. 18 diz que Safã leu o livro "diante do rei".

34.16,17

Hilquias entregou o livro a Safã. Esses dois versículos ampliam levemente o trecho paralelo de II Reis 22.9, onde a exposição é dada. No livro de Reis, os que *fizeram* o trabalho são identificados com os supervisores.

34.18

Relatou mais o escrivão ao rei. Este versículo é cópia quase exata de II Reis 22.10, onde a exposição é oferecida.

34.19

Tendo o rei ouvido as palavras da lei. Este versículo é quase inteiramente verbatim com II Reis 22.11, onde a exposição é oferecida.

34.20

Ordenou o rei a Hilquias. Este versículo é cópia exata de II Reis 22.12, onde a exposição é dada.

34.21

Ide, e consultai o Senhor por mim. Este versículo é quase verbatim com II Reis 22.13, exceto pelo fato de que o cronista mencionou *Israel* entre os que deveriam conhecer a mensagem do livro da lei, o que o autor do livro de Reis ignorou. O cronista expandiu levemente a cópia disponível. Ver a exposição no trecho paralelo.

34.22

Então Hilquias e os enviados pelo rei. Este versículo trabalha de leve o trecho paralelo de II Reis 22.14. O cronista não se importou em listar novamente todos os nomes próprios do vs. 20, o que o autor do livro de Reis fez laboriosamente.

34.23

Ela lhes disse: Assim diz o Senhor. Este versículo é paralelo de II Reis 22.15, onde as notas expositivas são oferecidas.

34.24

Assim diz o Senhor. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 22.16, onde apresento os comentários.

34.25

Visto que me deixaram. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 22.17, onde ofereço as notas expositivas. As palavras "está derramado" no livro de Crônicas aparecem como "acendeu" no livro de Reis, que concorda melhor com a idéia de o fogo não ser apagado.

34.26,27

Porém ao rei de Judá, que vos enviou a consultar o Senhor. Estes dois versículos são paralelos a II Reis 22.17,18, onde as notas expositivas foram

dadas. O livro de Reis adiciona o comentário de que os habitantes se tornariam uma *desolação e uma maldição,* o que o cronista omitiu (o vs. 19 é paralelo de II Crô. 34.27).

34.28

Pelo que, eis que eu te reunirei a teus pais. Este versículo é paralelo a II Reis 22.20, onde as notas expositivas são oferecidas.

34.29

Então deu ordem o rei. Este versículo é paralelo direto de II Reis 23.1, onde as notas expositivas são oferecidas.

34.30

O rei subiu à casa do Senhor. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 23.2, onde as notas expositivas são oferecidas. O cronista substituiu "profetas" por "levitas".

34.31

O rei se pôs no seu lugar. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 23.3, onde a exposição é oferecida.

34.32

Todos os que se acharam em Jerusalém e em Benjamim. O cronista fornece uma espécie de repetição das idéias do versículo anterior, que é mais breve no paralelo de II Reis 23.4. Este versículo mostra-nos que Josias insistiu em um *novo pacto* nacional, e não permitiu que houvesse quem dele discordasse.

Fizeram segundo. "É possível que ele tenha feito todos se *levantar* quando leu os termos da aliança, e assim todos *testificaram* sua aprovação à própria aliança, bem como sua *decisão* de observá-la fielmente e de forma perseverante" (Adam Clarke, *in loc.*). A versão siríaca diz que a congregação se levantou para afirmar a aprovação ao pacto.

34.33

Josias tirou todas as abominações. O *cronista* condensou e refez sua fonte informativa, o trecho paralelo de II Reis 23.4-20, uma passagem muito longa concernente às extensas reformas de Josias. O cronista deu uma simples declaração a respeito de uma narrativa bastante detalhada.

A declaração deste versículo refere-se ao vs. 6 deste capítulo, que alude à universalidade das reformas. Essas reformas ocorreram em Israel, e não somente em Judá. O cronista assegura-nos que as reformas permaneceram válidas enquanto Josias foi rei. Pelo menos ele obteve uma lealdade externa às reformas e ao pacto por ele firmados. O povo aceitou as medidas, mas provavelmente não foi transformado. "... houve grandes declínios e corrupções entre eles, conforme mostram as profecias de Jeremias e Sofonias" (John Gill, *in loc.*).

Cronologia. Note o leitor que o autor do livro de Reis sumariou todo o movimento de reforma depois da leitura do recém-descoberto livro da lei, *como se isso* fosse tudo quanto acontecera naquela ocasião. Mas o cronista já havia falado como se aspectos desse movimento tivessem ocorrido antes da restauração do templo e da leitura do livro da lei. Coisas assim de pouca monta, mesmo quando contêm discrepâncias, nada depõem contra alguma teoria sã da inspiração da Bíblia ou da exatidão bíblica.

A *queda na idolatria* ocorreu imediatamente depois da morte de Josias. Isso significa que o mal da idolatria era incurável em Judá. Judá haveria de sofrer em breve o cativeiro babilônico, e assim teriam cumprimento as tremendas profecias de Hulda. Cf. Jer. 11; 13.27; 16.20 e 17.1,2.

Capítulo Trinta e Cinco

A Páscoa de Josias (35.1-19)

Preparativos para a Páscoa (35.1-9)

Este evento deve ser comparado com a páscoa similar de Ezequias (narrada no capítulo 30 deste mesmo livro). Ambos os reis tentaram enfatizar a unidade nacional em torno do yahwismo. Participaram até os remanescentes do povo das antigas tribos do norte, os *samaritanos* (os poucos sobreviventes do cativeiro assírio, misturados com pagãos). Ver o vs. 17. Quanto à origem dos samaritanos (que periodicamente punham em prática o yahwismo), ver II Reis 17.24-41. Cf. II Crô. 30.1 e 34.9.

A *páscoa de Josias* foi celebrada em seu décimo oitavo ano de governo (vs. 19), quando ele tinha 26 anos de idade. Ver também II Reis 23.23. Ele encarregou os ministros de cumprir todos os deveres e instruiu que a arca da aliança fosse deixada no templo, e não levada no cortejo, como se dava quando Israel ainda vagueava pelo deserto. Mas quanto a outros aspectos, as cerimônias foram todas efetuadas aos moldes mosaicos.

Havia *três festividades* que tinham de ser observadas em Jerusalém, e às quais todos os varões tinham de peregrinar: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Ver no *Dicionário,* em separado, cada uma dessas festas, e ver também o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas.* Ver Deu. 16.16 quanto à menção das três festas. Mas em tempos de apostasia, tais obrigações foram ignoradas. Ezequias e Josias tentaram restabelecer a ordem mosaica original e, enquanto foram reis, essas festas ocorreram. Mas Judá adquirira uma idolatria incurável, de maneira que nenhuma reforma durava longo tempo.

Ver o trecho paralelo em II Reis 23.21-23. Essa passagem tão-somente nos diz que Josias encabeçou a *maior páscoa* até os seus tempos, mas não oferece detalhes a respeito. Por conseguinte, II Crô. 35.2-17 não tem paralelo no livro de Reis. Alguns críticos pensam que a páscoa de Josias não passa de uma ficção, em que se refletiu a páscoa dirigida por Ezequias, visto que Josias, o grande reformador, dificilmente poderia ter ignorado uma festividade nacional e anual. Outros críticos acreditam que a páscoa de Josias tenha sido um acontecimento histórico, mas não o dirigido por Ezequias, e o qual foi inventado com base na páscoa de Josias. Todavia, não há base nenhuma para duvidar da autenticidade de ambos os eventos, registrados tanto pelo autor de Reis como pelo autor de Crônicas. Seja como for, o cronista sabia que a páscoa de Josias havia excedido em glória à páscoa de Ezequias. Os relatos de Reis e de Crônicas dão-nos uma representação mais completa da páscoa do que o faz o Pentateuco. Portanto, nesses dois livros encontramos um pouco mais de informações históricas sobre como a festividade foi efetuada na época posterior dos reis.

35.1

Josias celebrou a páscoa ao Senhor em Jerusalém. Este versículo é um paralelo aproximado de II Reis 23.21, onde forneço as notas expositivas. Dou anotações preparatórias e detalhadas sobre o que está implícito na páscoa de Josias, na introdução ao presente capítulo e a II Reis 23.21. O paralelo, em II Reis 23.23, fornece-nos uma nota cronológica, provida no vs. 19 do presente capítulo. Note que ambos os autores asseguram-nos que a páscoa foi celebrada no tempo certo, no primeiro mês, ao décimo quarto dia, como aconteceu com a páscoa original. A páscoa de Ezequias foi celebrada com um mês de atraso, porque antes disso ainda não se tinha completado a purificação do templo. Ver II Crô. 30.2,3. O autor do livro de Reis diz-nos que essa foi a mais impressionante páscoa observada desde os tempos dos Juízes, seguindo bem de perto a legislação mosaica. Sendo isso verdade, a festa teria de ser observada no dia certo, embora o autor de Reis não tenha mencionado isso especificamente. Ver Êxo. 12.6.

A páscoa foi celebrada como parte da renovação do pacto, mencionado em II Crô. 34.30,31. Cf. essa declaração com II Reis 23.21.

35.2

Estabeleceu os sacerdotes nos seus cargos. Os vss. 2-17, que descrevem a páscoa de Josias, não têm paralelo no livro de II Reis. O autor contentou-se em dizer-nos que foi a mais impressionante páscoa desde os dias dos Juízes (ver II Reis 23.22). Talvez tenha sido a mais impressionante páscoa em toda a história de Israel-Judá

Na reforma de Josias, os sacerdotes e levitas reassumiram seus deveres, em concordância com a legislação mosaica. Os levitas reiniciaram seu trabalho por turnos, conforme Davi tinha determinado (ver I Crô. 23-26). Está especialmente em vista a realização da páscoa. O rei encorajou-se mediante exortações e instruções. Ver I Crô. 19.5 ss. quanto a algo similar.

35.3

Disse aos levitas que ensinavam a todo o Israel. Os *levitas* tinham a responsabilidade de transportar a arca da aliança, quando o povo de Israel perambulava pelo deserto. Isso fazia parte da legislação mosaica. Mas agora que o templo estava de pé, não havia mais razão para transportar a arca em redor. Portanto, ela foi deixada em seu lugar apropriado, no Santo dos Santos. Essa foi uma modificação necessária das leis concernentes à arca, visto que novas condições requeriam uma mudança de conduta. Ver Núm. 4.15; 7.9; I Crô. 15.2 e 23.26. É patente que a arca tinha estado fora de lugar, uma ação provável do profano e abominável rei Manassés, que contaminou o templo ao colocar ali ídolos pagãos. Agora, porém, a arca fora restaurada a seu lugar original, onde devia mesmo estar. Ou talvez os reparos feitos por Josias no templo tenham requerido uma remoção temporária da arca.

Ensinos. Os levitas precisam ensinar o povo acerca da páscoa e de outros ritos e tradições antigas, visto que, nos tempos de apostasia, o povo havia sido criado na ignorância dessas coisas. Cf. Nee. 8.7 e II Crô. 17.8,9. Os levitas eram santos e separados para Yahweh e seu serviço, portanto estavam qualificados para realizar os deveres espirituais que lhes eram atribuídos. Cf. Êxo. 28.36.

Ver I Reis 8 quanto à colocação, por parte de Salomão, da arca no Santo dos Santos, para ali ficar. Suas perambulações estavam terminadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança,* quanto a detalhes completos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Ensino.*

35.4

Preparai-vos segundo as vossas famílias. Tendo cuidado da questão da arca, eles agora estavam livres para atender a outros serviços sagrados. Eles deveriam dividir-se segundo seus turnos, conforme *Davi* tinha ordenado (ver I Crô. 24), e conforme *Salomão* havia confirmado (II Crô. 8.14). Deveriam ministrar ao povo de acordo com os seus clãs. Ver I Crô. 23-26 quanto a detalhes sobre os ofícios e as funções dos levitas, e quanto aos clãs de onde se originavam. Cf. este versículo com I Crô. 28.19. Os levitas garantiram a observância apropriada dos ritos da páscoa, certificando-se da compreensão do povo a respeito da festividade, e da participação de todos segundo os moldes estipulados por Moisés.

35.5,6

Ministrai no santuário. Somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, e mesmo assim somente uma vez por ano. Os sacerdotes ofereciam os sacrifícios. Os levitas tinham diversos deveres no Lugar Santo e nos átrios, assistindo os sacerdotes em seu serviço e atuando como guias e guardiães no complexo do templo.

Quanto à páscoa propriamente dita, era dever dos levitas abater os cordeiros pascais (vs. 6), preparando-os para o consumo do povo. Ver II Crô. 30.16,17.

"Os levitas deveriam esfolar os cordeiros e entregar o sangue aos sacerdotes, e então distribuir a parte da carne assada que pertencia ao povo (vss. 11 e 12)" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a esses rituais e deveres, os levitas precisavam *santificar-se,* provavelmente lavando as mãos antes de manusear o sangue, além de alguma outra purificação ritual, não com propósitos higiênicos, mas por motivo de pureza cerimonial. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Limpo e Imundo* e *Páscoa,* no tocante às leis que governavam o evento, e no tocante à sua história e significação.

No santuário. Ou seja, no átrio dos sacerdotes, onde os animais eram sacrificados. Ao povo era permitido entrar para sacrificar e festejar, de acordo com suas tribos, em grupos ou companhias de várias famílias ao mesmo tempo. Dessa maneira, grandes massas populares podiam fazer-se presentes, grupo após grupo, e os levitas tinham de controlar todo o movimento.

35.7

Ofereceu Josias, a todo o povo. *A Contribuição do Rei.* Dos rebanhos reais, Josias fez uma contribuição pessoal de 30.000 cordeiros. Além disso, doou 3.000 bois para serem sacrificados e servirem de banquete, tirados de seus próprios rebanhos de gado vacum. Esses animais eram para a *chagigah,* a festa. A páscoa era uma festividade popular, uma época de alegria e festejos que comemoravam a liberdade de Israel da escravidão no Egito. A gordura e o sangue eram outorgados a Yahweh, o participante invisível da festa (ver Lev. 3.17). Os sacerdotes dispunham de oito porções para seu uso (Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). Então os adoradores também tinham uma partilha dos animais que haviam trazido para o sacrifício. Nessa ocasião particular, entretanto, o rei cuidou que houvesse grande abundância de animais, para que a festa fosse realmente grande. Ver II Crô. 30.24; 31.3 e 32.29 quanto às contribuições de Ezequias para os sacrifícios, retiradas de seus próprios recursos. Note-se que a contribuição de Josias para a páscoa foi maior que a de Ezequias. Foi também uma páscoa mais significativa, a maior celebração desde os tempos dos Juízes e, talvez, de todos os tempos (ver II Reis 23.22).

35.8

Também fizeram os seus príncipes ofertas voluntárias. *As Contribuições dos Príncipes.* Os principais líderes de Judá seguiram o bom exemplo de Josias e fizeram contribuições maciças para a ocasião da celebração. Os principais líderes que contribuíram tiveram os nomes listados, e há artigos sobre eles no *Dicionário.* Eles doaram 2.600 cabritos e cordeiros e 300 bois de seus recursos pessoais. Devemos lembrar que a festa (incluindo os pães asmos) perdurou por sete dias. Portanto, eram necessárias grandes provisões. Os pobres, que não possuíam animais domesticados, seriam assim cuidados, pois para eles o sacrifício de animais seria uma tremenda despesa.

Conforme somos informados em II Crô. 30.24, os príncipes de Ezequias também fizeram contribuições para a observância da páscoa. A páscoa também foi um evento muito significativo, mas, quanto à grandeza, coisa alguma se compara com o que Josias produziu.

Hilquias era o sumo sacerdote (II Crô. 34.9); *Zacarias* era o principal deputado (II Reis 25.18); e é possível que *Jeiel,* fosse sido o cabeça da linhagem de Itamar, que continuou existindo depois do cativeiro babilônico (ver Esd. 8.2).

35.9

Conanias, Semaías e Natanael. Além disso, outros *levitas* de nomeada contribuíram com seus irmãos mais pobres, isto é, outros levitas. Ver II Crô. 31.12 quanto uma lista anterior dos nomes dados aqui. Esses levitas proveram 5.000 cordeiros e cabritos e 500 cabeças de gado, isto é, animais nobres, próprios para serem sacrificados e consumidos na ocasião. Ver os *cinco animais* que podiam ser sacrificados, em Lev. 1.14-16.

Os Nomes. Os mesmos nomes são dados como nomes de levitas líderes no tempo de Ezequias, cerca de cem anos antes. Portanto, os intérpretes supõem que devam estar em vista os nomes de casas líderes, e não os mesmos indivíduos. Caso contrário, então o cronista cometeu um erro realmente crasso! Alguns críticos supõem que tenhamos aqui uma informação *dupla,* pois teria havido uma só páscoa, ou a de Ezequias ou a de Josias, e uma teria sido inventada usando informações baseadas na outra. Ver a introdução a este capítulo, onde a questão é discutida. Ver o trecho paralelo.

35.10

Assim se preparou o serviço. Sacerdotes e levitas, cada qual assumiu seu devido lugar, a fim de realizar serviços específicos, em consonância com a legislação mosaica, a qual é amplamente ilustrada em I Crô. 23-26. Foi assim que a páscoa começou e foi conduzida devidamente. Ver o vs. 4 deste capítulo. As ordens do rei foram obedecidas de modo perfeito. Ver também o vs. 16 deste capítulo.

35.11

Então imolaram o cordeiro da páscoa. Os levitas mataram os animais e os esfolaram. Em seguida, entregaram o sangue dos cordeiros aos sacerdotes para o rito no altar dos holocaustos, e estes aspergiram o sangue sobre a sua base. O sentido dessa cerimônia era a *expiação,* bem como a comemoração do livramento do povo de Israel da escravidão no Egito. Naquele dia da primeira celebração da páscoa, o anjo da morte passou por cima das casas de israelitas que estavam protegidas pelo sangue do cordeiro, e ali não morreu nenhum filho primogênito. Mas os filhos primogênitos dos egípcios tornaram-se sacrifícios terríveis para aplacar a ira de Yahweh. Originalmente, os próprios adoradores matavam e esfolavam os animais; posteriormente, porém, a tarefa foi entregue aos levitas. Cf. II Crô. 30.17. A exceção acabou tornando-se a regra. Ver as notas sobre II Crô. 30.17 quanto a explicações.

Mudanças? Veja o leitor como os animais de maior porte (os bois) também se tornaram aceitos para a páscoa. A alternativa é que os bois foram limitados à festa que se seguiu. Cf. Deu. 16.2. O fato de que a carne foi *cozida* concorda com Deuteronômio, mas não com outras leis (ver Deu. 16.7 comparado com Êxo. 12.9). As práticas variavam de época para época, e leis originais eram relaxadas. Os críticos acusam o cronista de ter inventado coisas, porém o mais provável é que o passar do tempo alterou os procedimentos.

35.12

Puseram de parte o que era para os holocaustos. Talvez os animais de maior porte, os bois, ficassem limitados à festividade dos sete dias, e os cordeiros fossem usados no próprio ritual da páscoa. É possível que, originalmente, a *páscoa* e os *pães asmos* fossem festas separadas, que vieram a ser celebradas juntas, como uma e idêntica comemoração. Para a páscoa eram sacrificados cordeiros; para a festa dos pães asmos eram sacrificados bois. Então os holocaustos tornaram-se uma parte do todo, efetuados como outras ofertas, com vistas a fazer expiação. Além dessas, havia as misteriosas *ofertas sagradas* (vss. 12 e 13), que deixam os intérpretes perplexos. Só podemos supor que alguma espécie de desenvolvimento tenha ocorrido, alterando o caráter das festividades originais. Cf. Lev. 3.3-5.

"Todas as subdivisões das diferentes casas dos pais chegaram, uma depois da outra, ao altar, em cortejo solene, para trazer aos sacerdotes as porções que tinham sido cortadas, e os sacerdotes punham esses pedaços no fogo do altar das ofertas queimadas" (Jamieson, *in loc.*).

35.13

Assaram o cordeiro da páscoa no fogo. A *páscoa* propriamente dita foi efetuada da maneira prescrita, com o uso dos cordeiros para o sacrifício. Ver Êxo.

12.7-9 e Deu. 16.7. Então os levitas prepararam os holocaustos para o consumo dos sacerdotes, visto que eles estavam ocupados com as cerimônias da páscoa. O gado vacum era usado para as ofertas de ação de graças ou de comunhão, mas não na celebração da páscoa. O texto presente, contudo, parece colocar as duas coisas simultaneamente, e não uma depois da outra, nos ritos dos pães asmos. Teriam as duas celebrações sido efetuadas simultaneamente? W. A. L. Elmslie, *in loc.*, pensa que temos aqui uma confusão provocada pelos revisores das narrativas, a qual obscureceu a questão. Além disso, ele chamou as coisas santas que foram oferecidas de *misteriosas*. Mas é possível que as coisas se tenham desenvolvido de tal modo que, no tempo dos últimos reis de Judá, as cerimônias fossem bastante diferentes dos ritos originais.

As ofertas sagradas. As coisas consagradas eram cozidas em panelas e caldeirões. As coisas consagradas eram os bois (ver II Crô. 29.33). "A carne deles eram cozida ou frita, e então distribuída pelos levitas aos leigos. O autor sacro diz aqui o que foi feito na noite do décimo quarto dia de nisã, o dia da celebração da páscoa. Mas também revela o que ocorreu durante os sete dias seguintes, a festa dos Mazzoth, isto é, a festa dos Pães Asmos. Na noitinha da páscoa, somente os cordeiros pascais e acompanhamentos eram comidos. Os bois eram mortos como ofertas pacíficas, durante as festas subseqüentes (ver Deu. 16.1-8), quando então eram fornecidos materiais para as refeições sacrificais" (Ellicott, *in loc.*). Dessa maneira, o comentarista resolveu os problemas do texto, mas admitindo-os, algo que o cronista não fez, pois deixou a questão um tanto confusa. Talvez o cronista pensasse que seus leitores entenderiam tudo sobre a questão, e não teve o cuidado de esclarecer as coisas. Cf. Lev. 3.1-5.

35.14

Depois as prepararam para si e para os sacerdotes. Os levitas e os sacerdotes comiam sua porção depois do povo. A gordura e o sangue tinham sido oferecidos a Yahweh (ver Lev. 3.17). Portanto, quando tudo isso estava terminado, eles cuidavam de si mesmos. Serviam aos outros primeiro, principalmente a Yahweh, e então serviam a si mesmos, o que nos provê uma lição moral e espiritual. O maior é o que serve, uma lição ensinada pelo Senhor Jesus no capítulo 13 do evangelho de João. "Ocupados o dia inteiro a servir aos outros, os levitas não tinham lazer para prover refrigério para si mesmos" (Jamieson, *in loc.*).

35.15

Os cantores, filhos de Asafe. Cada indivíduo desempenhava a sua função. Os cantores acompanhavam a festa com seus cânticos espirituais; os videntes estavam em evidência, dando aos demais o exemplo apropriado; os porteiros estavam em seus postos. E os levitas serviam a todos eles. Talvez fossem entoados os Salmos 113 e 118. Os canteiros não podiam deixar seus lugares, nem os porteiros podiam largar seus postos. Portanto, esses dois grupos, os cantores e os porteiros, tinham de ser servidos *in situ*. Ver os nomes próprios no *Dicionário*.

Os nomes dados falam dos turnos, pelo menos em alguns casos, e não de indivíduos, e devemos entender as palavras "filhos de", que acompanham os indivíduos nomeados, como seus *descendentes*.

35.16

Assim se estabeleceu todo o serviço do Senhor. *Um Sumário.* Tudo foi feito com precisão, cada indivíduo desempenhando a parte que lhe cabia, de modo que todo o "serviço prestado a Yahweh" foi realizado em consonância com as regras. Dessa maneira, a páscoa de Josias foi efetuada com decência e ordem. A páscoa foi realizada devidamente, e assim também os sacrifícios relativos aos pães asmos, bem como as festividades acompanhantes que envolveram toda a comunidade.

Josias foi o poder por trás das celebrações, as quais haviam sido negligenciadas em tempos de apostasia. Ele tentava cumprir o propósito de obter a *unidade nacional* por via da realização de uma festa nacional. Isso fazia parte de sua restauração do yahwismo.

35.17

Os filhos de Israel que se acharam presentes. Tanto Israel quanto Judá participaram das festividades, conforme demonstram este e o versículo seguinte.

Naquele tempo. "A páscoa foi observada na noite do décimo quarto dia do mês de nisã, e os mazzoth (pães asmos), do dia quinze ao dia vinte e um do mesmo mês" (Ellicott, *in loc.*). Assim foram satisfeitos antigos preceitos da lei. Cf. este versículo com Mat. 26.2; Mar. 14.1; Luc. 2.41-43; 22.1; João 2.13; Atos 12.4. Ver também Êxo. 12.8,15,17,18,20,39; 13.6,7 e 23.15. Ver Êxo. 12 e 13 quanto às festividades originais.

35.18

Nunca, pois, se celebrou tal páscoa em Israel. *A Maior das Páscoas.* A páscoa de Josias foi esplendorosa, maior ainda que a de Ezequias (capítulo 30 deste livro). A liberalidade de Josias, para tomá-la um sucesso, fez dela uma grande páscoa. O livro de Reis concorda e diz que foi a maior das páscoas desde os tempos dos Juízes (ver II Reis 23.22). O cronista diz que não houve maior desde os dias de Samuel, o que é a mesma coisa, visto que Samuel foi o último dos juízes de Israel. Ver as notas em II Reis quanto a detalhes que não reitero aqui. Houve certa grandiosidade na páscoa de Josias que a fez ultrapassar todas as outras. Além disso, concentrou-se uma grande congregação nessa páscoa, maior do que em todas as anteriores ou posteriores. Representantes de Israel também estavam presentes, embora o reino do norte tenha ficado quase vazio de hebreus devido ao cativeiro assírio, ocorrido em 722 A. C. Quanto a essa *universalidade*, cf. a páscoa de Ezequias (II Crô. 30.5,6,18). Era esperança de Josias restaurar o *yahwismo* tanto no norte como no sul da antiga nação de Israel, talvez para evitar o predito cativeiro babilônico, que estava tão próximo. Mas essa esperança fracassou, e as palavras de Hulda, a profetisa (ver II Crô. 34.24 ss.), tiveram cumprimento. Seja como for, o rei Josias, por causa de sua sinceridade, não teve de sofrer sob o cativeiro babilônico. Enquanto viveu, o cativeiro babilônico não ocorreu. II Crô. 36 registra o temível acontecimento.

35.19

No décimo-oitavo ano do reinado de Josias. *Uma Nota Cronológica.* A grande páscoa foi celebrada no décimo oitavo ano do governo de Josias, quando ele estava com 26 anos de idade. O trecho paralelo é II Reis 23.23, onde ofereço as notas expositivas. O livro de Reis adiciona "a Yahweh". Josias fez tudo em honra à Fonte de toda bondade e bênção, e não para sua própria glorificação.

"A reforma religiosa *culminou*, muito apropriadamente, em uma esplêndida celebração da páscoa" (Ellicott, *in loc.*).

Encontro Fatal de Josias com Neco, do Egito (35.20-27)

Ver o paralelo desta seção em II Reis 23.28-30.

35.20

A Assíria vinha sendo gradualmente enfraquecida por seus inimigos e, pelos fins de 609 A. C., os assírios haviam perdido a maior parte de seu anterior vasto império. Nínive havia caído em 612 A. C. diante dos babilônios. Portanto, os assírios tinham concentrado suas forças em redor de Harã e Carquêmis, no alto rio Eufrates. O Egito, temendo mais a Babilônia do que a Assíria, resolveu ajudar a esta última, e entrou em favor dos assírios na batalha de Carquêmis. Josias de Judá, por outra parte, favorecia a Babilônia e assim, estupidamente, envolveu-se na batalha. Josias tentou *interceptar* as forças egípcias que avançavam através da Palestina. O Faraó Neco, rei do Egito, era o comandante, e tentou convencer Josias a sair do caminho e não se envolver na guerra. Mas o rei de Judá recusou-se a atendê-lo e logo no começo da batalha foi morto.

O *vs. 20* é um paralelo aproximado de II Reis 23.29, onde são dadas notas expositivas adicionais. O cronista mencionou o local da batalha de Carquêmis, que os livros de Reis não apresentam. Mas ambos os autores dizem que Josias foi morto em *Megido*. Ver sobre ambos os lugares comentados no *Dicionário*.

35.21

Então Neco lhe mandou mensageiros, dizendo. O *cronista* fala sobre os esforços de Neco para impedir que Josias entrasse na batalha, o que o autor dos livros de Reis omitiu. Conforme diz um ditado popular, o rei do Egito "não tinha tempo para amolar seu machado" no caso de Josias. Seu *deus* (provavelmente não uma referência a Yahweh), tinha ordenado que ele avançasse contra a Babilônia, para ajudar a Assíria. Evidências arqueológicas, literárias e outras confirmam o fato de que a maioria dos exércitos antigos, e certamente os de Israel-Judá, do Egito, da Assíria e da Babilônia sempre iam à guerra com a "aprovação" de seus deuses. A chamada pedra Moabita fala de Quemos, um deus que ordenava os exércitos a marchar.

Mas contra a casa que me faz guerra. Supostamente está aqui em foco a "casa da Babilônia", embora a referência seja um tanto obscura. O livro apócrifo de III Esdras diz: "contra o Eufrates é a minha guerra", o que foi conseguido mediante a troca de uma única palavra hebraica por outra. Josefo dá seu apoio a essa versão. A versão siríaca e a Septuaginta simplesmente omitem a frase, e a Vulgata Latina tem a frase explicativa de "contra aliam" (contra outrem).

O Targum faz do *deus* que aparece neste texto um *ídolo*. Mas não é impossível que o cronista se tivesse referido a Yahweh como quem dirigira ordens ao Faraó Neco.

35.22

Porém Josias não tornou atrás. *Josias,* de mente fixa em seu louco propósito, disfarçou-se conforme sucedera com Acabe (II Crô. 18.29) e deu prossegui-

mento à sua intervenção. O local da batalha foi Megido, aquele antigo lugar de matar e ser morto, tão frequente na história belicosa de Israel-Judá. "Durante séculos, as planícies de Megido têm sido a cena de muitas batalhas. Armagedom (literalmente, *a colina de Megido*) será a cena da batalha de Cristo, por ocasião de Sua segunda vinda (ver Apo. 16.6 e capítulo 19)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver o detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário.*

35.23

Os flecheiros atiraram contra o rei Josias. Um *grupo de arqueiros* viu o impotente rei Josias, e um ou mais deles aplicaram sua habilidade de matar, e Josias foi atravessado por uma ou mais flechas. O cronista não nos diz (se é que ele o sabia) se os arqueiros egípcios sabiam a quem tinham alvejado. Eles já haviam matado a tantos naquele dia, e o que era um a mais? Além disso, o rei Josias estava disfarçado. Provavelmente ele caiu atravessado pela flecha diante dos arqueiros egípcios, apenas outro soldado não-identificado de Judá. Cf. o caso de Acabe, em I Reis 22.34 que tem muitos detalhes semelhantes.

35.24

Seus servos o tiraram do carro. Os oficiais militares de Josias cuidadosamente retiraram o rei de seu carro de combate, colocaram-no em outro e correram com ele para Jerusalém. Mas os esforços foram muito tardios e vãos. Ele morreu uma morte miserável em sua capital. Foi assim que um tão bom rei morreu de uma morte estúpida e desnecessária, intervindo em uma batalha que não tinha nenhum significado para ele nem para Judá. Ademais, ele favorecia a Babilônia, o próprio poder que tomaria Judá e imporia o cativeiro babilônico. Neco mostrou-se mais sábio do que Josias quanto ao poder mais perigoso, a Assíria ou a Babilônia. Talvez se Neco e Josias tivessem unido forças com as da Assíria, o cativeiro babilônico teria sido adiado por mais algum tempo. Por outro lado, Yahweh estava punindo Judá pela sua apostasia, e o soerguimento da Babilônia como uma grande potência mundial estava predestinado.

O trecho paralelo de II Reis 23.30 diz-nos que Josias já estava *morto* em seu carro de combate, antes de chegar a Jerusalém. Ninguém sabia, com certeza, em qual momento o rei morreu.

A morte de Josias foi agudamente sentida tanto em Judá como entre os poucos sobreviventes do cativeiro assírio, no norte, que lamentaram com sinceridade a perda. Algumas mortes parecem um desperdício. Perguntamos por que Deus tem tanta pressa. Mas em algum lugar, há respostas para as nossas perplexidades. Ver no *Dicionário* sobre *Problema do Mal,* quanto a um exame de *por que* os homens sofrem e por que sofrem *de determinada maneira.*

35.25

Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias. Os *intérpretes identificam variegadamente* o material que aparece aqui, as lamentações sobre Josias, algumas das quais, pelo menos, foram compostas pelo profeta Jeremias. Seguiram-se canções populares, e até os dias do cronista tanto homens quanto mulheres continuavam entoando canções acerca do rei que morrera tão inutilmente em batalha. As *lamentações,* muito provavelmente, não devem ser identificadas com o livro bíblico canônico que tem esse nome, embora alguns estudiosos pensem assim. O livro canônico desse nome não tem uma lamentação específica sobre Josias. Provavelmente, esteve em vista uma canção fúnebre que o profeta compôs para a oportunidade. O Targum refere-se à *grande lamentação* citada pelo profeta, e então fê-la referir-se ao livro do Antigo Testamento com esse nome. John Gill diz: "uma coletânea de lamentações, atualmente perdida", o que, provavelmente, reflete a verdade sobre o caso.

Os cantores e cantoras. Ou seja, cantores profissionais, alguns dos quais podem ter pertencido às guildas levíticas. A Septuaginta diz "governantes", em lugar de cantores, mas provavelmente essa é uma glosa infeliz do texto original.

As deram por prática. As canções tristes que lamentavam a morte do rei Josias tonaram-se tão freqüentes e persistentes que a questão se transformou em um costume virtual em Judá, uma espécie de *ordenança* popular, uma obrigação. O paralelo de II Reis ignora a informação dada neste versículo.

35.26

Quanto aos atos de Josias. O cronista adicionou aqui sua especial *nota de obituário,* que não tem paralelo no livro de II Reis. Josias distinguiu-se como um obediente seguidor da lei de Moisés. Suas reformas provaram a sua sinceridade. Ele era um homem de *bondade,* um dos melhores reis de Judá, que seguiu o exemplo do rei ideal, Davi, o qual, embora culpado de vários crimes, jamais se voltou para a idolatria. Ver I Reis 15.3 quanto ao rei ideal de Israel. Ver sobre o *rei ideal,* em Deu. 17.14 ss.

35.27

E aos mais atos, assim os primeiros como os últimos. Este versículo é essencialmente paralelo a II Reis 23.28, excetuando que o cronista disse "assim os primeiros como os últimos", como se fosse uma glosa explanatória. Ver a exposição em II Reis. Quanto à "história" dos reis de Israel e de Judá, uma fonte (não-canônica) constante dos livros de Reis e de Crônicas, ver I Reis 14.19. Quanto a outros livros perdidos, ver II Crô. 9.29; 12.15; 20.34; 26.22 e 32.25. Além de sua oposição à idolatria e das tentativas de restaurar o yahwismo tanto em Judá quanto em Israel, Josias também foi um homem *bom,* que realizou muitos *atos piedosos.*

Capítulo Trinta e Seis

Jeoacaz (36.1-4)

Ver no *Dicionário* três artigos informativos: *Jeoacaz; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.*

O *rei Josias* teve pelo menos quatro filhos (ver I Crô. 3.15), e três deles tornaram-se reis. Os últimos *cinco* monarcas de Judá foram Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias, entre 640 A. C. a 587 A. C. Ver o gráfico existente no artigo *Rei, Realeza.* O primeiro filho de Josias a reinar foi Jeoacaz, embora não fosse o filho mais velho. Ele ocupou o trono de Judá por apenas *três meses,* no ano de 609 A. C.

O Paralelo. II Crô. 36.1-11 reduz a passagem de II Reis 23.26-24.6 com alguma liberdade. Os vss. 12-20 são a própria acusação do cronista contra Zedequias, o último rei de Judá. Ele não quis obedecer a Jeremias, e o povo de Judá mostrou-se infenso ao ensino. As coisas tinham-se desintegrado muito desde os tempos de Josias. O povo zombava dos profetas e, assim sendo, não havia remédio. O *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) tornou-se uma espantosa realidade.

36.1

O povo da terra tomou a Jeoacaz. *Os judeus escolheram a Jeoacaz,* filho de Josias (embora ele não fosse o mais idoso dos filhos), para ser sucessor de seu amado rei, o último bom rei de Judá. O paralelo é a segunda metade de II Reis 23.30, onde a exposição foi oferecida. Ver I Crô. 3.15 quanto ao fato de que esse novo rei não era o filho primogênito de Josias.

36.2

Tinha Jeoacaz vinte e três anos de idade quando começou a reinar. O trecho paralelo é II Reis 23.31, onde apresento a exposição. O cronista não citou o nome da mãe do novo do rei, sendo essa a única diferença com o trecho paralelo. Ver a exposição de II Crô. 23.30 e 31, que é plena de detalhes. Judá retornou com grande facilidade à apostasia, uma vez que as reformas desceram ao túmulo juntamente com Josias. O filho dele, Jeoacaz, trouxe mediocridade e mal ao trono, o qual ocupou por miseráveis três meses. A passagem de Jer. 22.10 ss. mostra-nos que o novo rei não merecia a confiança nele depositada quando foi guindado ao trono de Judá.

36.3

Porque o rei do Egito o depôs em Jerusalém. O paralelo é II Reis 23.33, que dá mais detalhes que o cronista. A ordem das declarações é levemente diferente, mas as informações dadas são essencialmente as mesmas.

36.4

O rei do Egito constituiu a Eliaquim, irmão de Jeoacaz. O trecho paralelo é II Reis 23.34, onde a exposição foi oferecida. Note-se que o aprisionamento do rei Jeoacaz, mencionado neste versículo, é descrito em II Reis 23. 33, pois a ordem das declarações foi modificada pelo cronista.

Jeoaquim (36.5-8)

As versões portuguesas também grafam seu nome com a forma de "Jeoiaquim". O verdadeiro nome desse homem era *Eliaquim.* Foi o Faraó Neco quem lhe mudou o nome para Jeoaquim. As datas de seu reinado são 609-605 A. C. Neco substituiu Jeoacaz por Eliaquim, seu irmão. O paralelo é II Reis 23.36-24.7, onde apresento a exposição. Algumas poucas idéias foram adicionadas, conforme se vê nos comentários a seguir.

Ver no *Dicionário* os artigos *Jeoaquim; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza,* que apresentam sumários que nos ajudam a obter uma compreensão geral dos reis e eventos daquela época de Judá.

36.5

Tinha Jeoaquim a idade de vinte e cinco anos. Este versículo é paralelo a II Reis 23.36,37, que o cronista reduziu um pouco. Ele omitiu o nome da mãe de Jeoaquim. Note-se que o cronista também alterou a ordem das declarações que aparecem em II Reis. Além disso, o autor de Reis mencionou que o rei teve de pagar *tributo* a Neco, Faraó do Egito, algo que o cronista omitiu. Ver II Reis 23.35. Em geral, neste capítulo 36, o cronista reduziu sua fonte informativa, não mencionando vários detalhes que, na realidade, revestem-se de interesse para os historiadores. Portanto, o leitor deve examinar as notas expositivas no trecho paralelo e o artigo no *Dicionário,* para obter completo entendimento da época histórica.

36.6

Subiu, pois, contra ele Nabucodonosor, rei de Babilônia. Novamente, o trecho paralelo é mais completo. Ver II Reis 24.1-7 quanto ao relato histórico detalhado. O cronista escreveu uma versão breve, omitindo importantes detalhes históricos. Os pecados de Manassés são mencionados no paralelo como uma das principais causas para o avanço da Babilônia e o cativeiro final de Judá. E agora nos é dado compreender que Jeoaquim participou desses pecados condenadores. Assim ele foi deportado em cadeias para a Babilônia (vs. 6). Além disso, Nabucodonosor pilhou o templo e levou seus vasos e suas riquezas (vs. 7). O cronista ignorou completamente os vários aliados que a Babilônia enviou contra Judá para assediar e enfraquecer esse reino (ver II Reis 24.2). *Yahweh,* o verdadeiro autor do livro de Reis, foi o poder por trás de todas as tribulações de Judá, visto que o *julgamento final* do cativeiro estava começando a ser preparado, e vários toques divinos preliminares da *ira divina* começaram a atingir o reino de Judá.

O rei de Judá foi levado escravo para a Babilônia? Os eruditos demonstram que os registros, além do presente versículo, não confirmam tal suposição. Talvez esse tenha sido o *intuito* de Nabucodonosor, que acabou não se cumprindo. Jer. 46.2 mostra-nos que a Babilônia derrotou Neco, do Egito, em Carquêmis, no quarto ano do reinado de Jeoaquim. Esse homem permaneceu então como rei vassalo em Judá. A versão siríaca não anota o cativeiro do rei na Babilônia, embora outras versões e fontes informativas o façam, seguindo o original hebraico do presente versículo. Aprendemos que, usualmente, quando há discrepâncias entre os livros de Reis e de Crônicas, os primeiros mostram-se historicamente corretos. Algumas vezes, o cronista apresentou uma histórica didática, ignorando certos detalhes históricos ou alterando-os para adaptar-se a seu propósito.

36.7

Também alguns dos utensílios da casa do Senhor. O trecho paralelo em II Reis não menciona esta pilhagem, mas Dan. 1.2 concorda com o cronista. Não há nenhuma razão para supormos que os babilônios, aquecendo-se para o cativeiro final dos judeus, não tenham saqueado primeiramente a cidade de Jerusalém, pelo menos por uma vez.

Alguns utensílios da casa do Senhor levou Nabucodonosor para a Babilônia, onde os pôs no seu templo. Esse templo era de Marduque ou Merodaque, principal divindade dos babilônios, mencionada com freqüência nas inscrições babilônicas. O grande templo de Belus (Bel Merodaque) que Nabucodonosor construiu era uma das sete maravilhas do mundo antigo, conforme nos diz Heródoto (*Hist.* 1.181 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Deuses Falsos.* Em Iil.24 dou informações sobre *Merodaque.*

É possível que nessa época a *arca da aliança* se tenha perdido e sido levada para a Babilônia. Seja como for, nunca mais ouvimos falar sobre ela novamente. Ver o vs. 10.

36.8

Quanto aos mais atos de Jeoaquim. *A Nota Fúnebre.* Jeoaquim só teve uma característica. Foi um rei ímpio. Esteve envolvido em *abominações* de toda espécie, a idolatria pagã e seus maléficos acompanhamentos. II Crônicas contou sua história abominável. Ver I Reis 14.19 e sobre outros livros perdidos, que serviram como fontes informativas das histórias do Antigo Testamento, em II Crô. 9.29; 12.15; 20.34; 26.22 e 32.25. Cf. o paralelo aproximado de II Reis 24.5,6, e ver as *notícias fúnebres* sobre os reis, em I Reis 1.21 e 16.5,6.

Joaquim (36.9,10)

Ver no *Dicionário* os *artigos Joaquim; Reino de Judá;* e *Rei, Realeza.* Joaquim era filho do rei Jeoaquim. Ele tinha 18 anos quando sucedeu a seu pai, mas a maioria dos manuscritos hebraicos dá-lhe apenas *8 anos* de idade, o que parece impossível, entretanto. Joaquim tinha várias mulheres (ver II Reis 24.15). Esse infeliz rei governou por apenas três meses e dez dias (598-597 A. C.). Ele e seus familiares foram levados para o cativeiro na Babilônia, como uma das etapas daquele evento, que culminou no caso de Zedequias. Tanto o cativeiro assírio como o cativeiro babilônico sucederam por meio de ondas, e não de uma vez só. O trecho paralelo é II Reis 24.8,9.

36.9

Tinha Joaquim dezoito anos quando começou a reinar. O trecho paralelo é II Reis 24.8,9. No original hebraico, esse trecho dá a idade do rei Joaquim como 18 anos, em lugar dos 8 anos que lhe atribui o livro de II Crônicas (no original hebraico). Provavelmente isso é correto, embora alguns intérpretes façam toda espécie de esforço (e distorções) para reconciliar os dois textos. O homem em questão tinha esposas (ver II Reis 24.15), e nenhum menino de 8 anos conseguiria ter esposas! Neste caso, não podemos apelar para a explicação usual da co-regência, porque não havia espaço para isso nos governos dos reis anteriores. Portanto, pelo menos aqui, devemos admitir um equívoco da parte do cronista ou o erro de algum escriba subseqüente. Seja como for, tais discrepâncias, mesmo quando são reais, nada dizem contra a sã teoria da inspiração das Escrituras.

Fez ele o que era mau. Quanto a essa parte do versículo, ver o paralelo direto em II Reis 24.9. O autor do livro de Reis menciona também o mau exemplo do pai de Joaquim, que fez o que era *mau,* inclusive envolvendo-se em *idolatria.* A exposição aparece no trecho paralelo. Os comentários dados aqui são apenas suplementares.

36.10

Na primavera do ano mandou o rei Nabucodonosor levá-lo a Babilônia. *Uma das ondas* do cativeiro babilônico foi levar para a Babilônia Joaquim, o rei de Judá, sua família e muitos outros. Então o templo sofreu um segundo saque. Ver o vs. 6. Por esse tempo, todos os vasos sagrados do templo já tinham sido levados, incluindo a arca da aliança, a menos que algum sacerdote a tenha escondido. Seja como for, a arca desapareceu, e nunca mais se ouviu falar nela. II Reis 24.13,14 informa-nos que, juntamente com Joaquim e seus familiares, 10.000 judeus foram feitos cativos e deportados para a Babilônia. Cf. Jer. 27.18-22.

Estabeleceu a Zedequias, seu irmão, rei sobre Judá. O irmão carnal do rei Joaquim foi feito rei títere em Jerusalém. Ele foi o último rei de Judá, antes do cativeiro babilônico.

Zedequias (36.11-16)

36.11

Tinha Zedequias a idade de vinte e um anos, quando começou a reinar. Este versículo é diretamente paralelo a II Reis 24.18, excetuando_se que o cronista não mencionou o nome da mãe do rei Zedequias. Ver a exposição no trecho paralelo. Note o leitor que II Reis dá um relato mais detalhado sobre toda a questão da onda preliminar do cativeiro babilônico (ver II Reis 24.11-17). Todo o *poder* que havia em Jerusalém, a saber, todos os governantes de qualquer nota, foi deportado, restando um país capenga, governado por um rei títere.

36.12

Fez o que era mau perante o Senhor seu Deus. O trecho paralelo é II Reis 24.19, mas o cronista refez sua fonte informativa, assegurando-nos que Jeremias dirigiu as palavras de Deus ao homem; o rei era arrogante e não deu atenção ao profeta, a despeito das calamidades que tinham sobrevindo a Judá. O livro de Reis diz que ele seguiu o exemplo ímpio de seu pai iníquo. Não havia remédio em Judá. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento em breve poria fim a toda aquela massa confusa e triste.

II Reis 25.27-30 dá-nos a informação adicional de que Joaquim foi libertado de sua prisão na Babilônia, no trigésimo sétimo ano de seu cativeiro, a saber, em 560 A. C. Foi-lhe então dada uma pensão real na Babilônia, pelo resto da vida. Textos neobabilônios confirmam essa informação. Isso aconteceu dois anos depois da morte de Nabucodonosor e pode ter ocorrido por influência de Daniel. O homem foi exaltado ao lugar em que tinha comunhão regular com os oficiais babilônicos, comendo à mesa do rei, ou seja, sustentado pelo governo babilônico.

36.13

Rebelou-se também contra o rei Nabucodonosor. A rebeldia de Zedequias contra Nabucodonosor está registrada no trecho paralelo de II Reis 24.20. Tolamente, Zedequias tentou quebrar o jugo babilônico; de que forma, não foi dito, mas provavelmente através de alguma ação militar. Ou então ele deixou de pagar

o tributo à Babilônia, para ver o que aconteceria, e foi derrubado por causa de sua insensatez.

Ele teve de jurar lealdade ao rei da Babilônia. E havia jurado por *Elohim,* o Deus de Israel-Judá. Cf. Eze. 17.11-21, especialmente o vs. 17, que menciona o *juramento* não citado pelo livro de Reis. A revolta de Zedequias ocorreu em 588 A. C.

Como se fosse um touro selvagem, Zedequias *endureceu a cerviz,* ou seja, rebelou-se, tentando quebrar o seu jugo. Cf. Deu. 2.30; II Reis 17.14 e Jer. 19.5. Ver sobre o verbete chamado *Dura Cerviz,* em Êxo. 32.9.

"Zedequias não era totalmente desfavorável ao profeta Jeremias. De fato, consultou-o por mais de uma vez. Mas era fraco e temeroso demais para agir segundo a palavra profética. Antes, aceitava a opinião de seus conselheiros, os príncipes, que intrigavam com o Egito" (Ellicott, *in loc.*). Ver Jer. 37-38 e o trecho paralelo, quanto a anotações completas.

36.14

Também todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam mais e mais as transgressões. *A idolatria florescia* mesmo em meio à calamidade! Toda a população de Judá estava envolvida, e não meramente o rei e seus associados. O rei fazia o que era *mau* (ver II Reis 24.19), e isso é sempre essencialmente definido como envolvimento no culto pagão. Ver Jer. 21.3-7 e 32.1-5 quanto a uma documentação sobre o mal praticado. A ameaça babilônica já tinha reduzido Jerusalém a um mero títere, mas o povo que foi ali deixado nada havia aprendido, nem da história nem de suas experiências pessoais. Ver Eze. 8.5-18 quanto às abominações do rei e de seu povo. Ver Eze. 8.16. *Vinte e cinco* homens principais, o sumo sacerdote e os cabeças dos vinte e quatro turnos de sacerdotes, de costas voltadas para o templo, olhavam para o sol e o adoravam! Cf. Jer. 32.32 ss. A Terra Prometida, pois, estava cheia de *abominações* e *violência,* segundo Eze. 8.17.

36.15

O Senhor, Deus de seus pais. A *compaixão* de Yahweh-Elohim continuou tentando convencer aquele povo teimoso e estúpido, enviando-lhes profetas, como Jeremias, Sofonias e Ezequiel. Então houve um período de severas punições, mas coisa alguma funcionou. O câncer da idolatria e do paganismo era permanente e terminal. Cf. Jer. 25.3,4 e também 26.5; 29.19 e 35.14,15 quanto ao ministério dos profetas cujas mensagens foram ignoradas pelos judeus.

Porque se compadecera do seu povo e da sua própria morada. Yahweh tentou proteger os que Lhe pertenciam, Seu próprio povo e Sua própria terra, porquanto Sua presença se manifestava no templo de Jerusalém. Mas o amor e o cuidado do Pai não produziram efeito algum naqueles filhos rebeldes e de dura cerviz. O amor foi desprezado. O amor foi desgastado. O amor foi transformado em castigo do mais severo tipo. Cf. essa parte do versículo com Sal. 26.8; Jer. 25.6 e II Crô. 30.27. Ver também Jer. 11.7 ss., que é o trecho paralelo da mensagem geral deste versículo.

36.16

Eles, porém, zombavam dos mensageiros. *Não Havia Remédio.* Os judeus não somente repeliam as palavras dos profetas, mas também zombavam deles! Coisa alguma restava no seu coração que a mensagem de Yahweh pudesse despertar. Eram pagãos de coração morto, caminhando ao longo da vereda da idolatria, ignorando até as mais severas calamidades que eram atiradas contra eles. Portanto, a ira divina despertou e derrubou por terra aqueles miseráveis homens (vs. 17). Quanto ao fato de que *não havia remédio,* comparar Jer. 5.10-13; 7.12-15, que dá detalhes sobre a situação e seus terríveis resultados. Ver também Sal. 18.8 e II Sam. 11.20.

"... não havia como instruí-los ou recuperá-los; não havia como trazê-los de volta ao arrependimento; não havia perdão à disposição deles" (John Gill, *in loc.*).

A Conquista Babilônica; o Cativeiro de Judá (36.17-21)

O cativeiro babilônico ocorreu em etapas. Cf. os vss. 6 e 10 quanto à deportação prévia de dois reis, seus príncipes e 10.000 habitantes de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a uma sumário da questão inteira. O golpe final caiu sobre Zedequias e o que restava de Jerusalém. Pela *terceira vez,* vasos foram levados do templo. Cf. os vss. 7 e 10. Talvez os vasos anteriores tivessem sido substituídos por outros, de modo que sempre havia alguns vasos, nas sucessivas ondas de ataque. Em um dos três saques do templo, a arca da aliança perdeu-se para sempre. Talvez algum sacerdote a tenha ocultado. Seja como for, nunca mais se ouviu falar dela.

Compaixão. Devido à Sua *compaixão, Yahweh* por longo tempo se restringira (vs. 15). Mas quando a Babilônia desfechou o assalto final contra Jerusalém, não havia mais compaixão, nem da parte de Yahweh nem do coração duro dos saqueadores. O templo de Jerusalém foi incendiado e as muralhas foram derrubadas. As casas excelentes dos príncipes foram incendiadas e demolidas. A palavra predita por Jeremias tinha sido realmente dura, e duro, realmente, foi o seu cumprimento. Ver o paralelo mais detalhado sobre esse *ataque final,* em II Reis 25.8-21.

36.17

A matança dos judeus atingiu homens, mulheres, crianças e pessoas idosas. Os que se tinham ocultado no templo não foram poupados. Os babilônios chegaram a matar mulheres jovens escolhidas, virgens, em lugar de levá-las para a Babilônia e engrossar os haréns. Naturalmente, entre os deportados, haveria alguns sobreviventes que serviriam na Babilônia. Portanto, os que não morreram foram reduzidos a uma abjeta escravidão e pobreza.

Todos foram entregues nas *mãos* dos conquistadores babilônicos. Ver Jer. 32.3,4 e 37.6. O cronista poupou-nos uma ampla descrição, que o autor de II Reis proveu, tal como a execução dos filhos do rei, perante os olhos dele (ver II Reis 25.7). Os olhos do rei Zedequias foram vazados, e em total cegueira ele foi levado à Babilônia. O rebelde Zedequias foi assim humilhado da maneira mais horrenda e cruel. Grande foi o preço que teve de pagar finalmente, por causa de suas abominações! A desumanidade dos homens contra os homens nos assusta.

36.18

Todos os utensílios da casa de Deus. *Uma vez mais,* os vasos do templo foram levados para a Babilônia. Cf. as duas vezes anteriores em que isso havia sido feito (vss. 7 e 10), nas ondas preliminares do cativeiro babilônia e dos saques. Só podemos supor que os vasos anteriores tivessem sido substituídos por novos. É difícil dizer em qual das três vezes a arca da aliança foi carregada para a Babilônia. A arca era o coração da adoração a Yahweh. Ela se perdeu para sempre. Seja como for, os judeus há muito tempo tinham abandonado a arca, de maneira que agora ela os abandonara. Era a arca que apresentava aos israelitas a presença divina, sem a qual eles eram como nada. II Reis 25.13-17 dá-nos um inventário dos itens que foram levados para a Babilônia. Coisa alguma é dita ali sobre a arca da aliança. Aquela passagem dá a impressão de que os itens eram peças *originais* do templo de Salomão. Nesse caso, não há como reconciliar essa notícia com as outras duas. John Gill (*in loc.*) comentou: "Tudo quando restava, tinha sido levado em ambos os reinados anteriores". Além dos itens do templo, houve saque total dos tesouros do templo, ouro, prata e outros artigos de valor, que os sacerdotes guardavam. Os palácios dos príncipes também foram saqueados. Em outras palavras, toda a cidade foi reduzida a escombros, e qualquer coisa valiosa foi levada dali. Foi o golpe mortífero da mão de Yahweh.

36.19

Queimaram a casa de Deus, e derrubaram os muros de Jerusalém. *O Belo Templo de Salomão Foi Incendiado!* O que resistiu às chamas foi transformado em escombros. Os palácios dos príncipes foram queimados e demolidos. Os bons itens, coisas de valor, que não foram levados embora, foram simplesmente destruídos. As casas dos ricos, com sua cara decoração importada, foram destruídas e transformadas em cinzas. O ano era 588 A. C. Ver II Reis 25.1 quanto a uma nota cronológica. Cf. Jer. 52.13,14 quanto a informações adicionais.

36.20

Os que escaparam da espada a esses levou ele para Babilônia. *Os sobreviventes* (que julgamos terem sido pouquíssimos) foram levados à Babilônia e reduzidos à mais abjeta escravidão. Essa condição persistiu até a queda da Babilônia diante da Pérsia, em 539 A. C. Os que escaparam da morte foram sujeitados a uma *morte em vida.* As abominações deles tinham sido grandes; o castigo deles foi terrível. Eles tinham adorado aos deuses dos pagãos, e assim os pagãos os reduziram à miséria. A vida espiritual deles, assim como a vida física, tornou-se miserável.

Alguns pobretões que não representavam ameaça para a Babilônia foram deixados na Terra Prometida. Os ricos e poderosos ou foram mortos ou foram levados para o exílio na Babilônia. Ver Jer. 52.15,16.

E de seus filhos. Os filhos do rei da Babilônia, Evil-Merodaque e Belsazar, continuaram as normas políticas brutais de Nabucodonosor. Ver Jer. 27.7. O cativeiro babilônico deveria perdurar por setenta anos, de acordo com a profecia de Jer. 25.11,12, e foi exatamente o que aconteceu. *Todas as nações* (daquela parte do mundo) sofreram a mesma sorte. Jer. 27.,7. Ver também II Reis 20.18.

Ezequiel e *Daniel*, os profetas do período pós-cativeiro, foram contemporâneos de Ciro, rei da Pérsia. Os livros históricos que se seguem foram escritos após esse evento. Como é óbvio, embora descrevam condições anteriores ao cativeiro babilônico (os governos dos reis de Judá), os livros de Crônicas também foram escritos após o cativeiro, o que se torna óbvio através dos três versículos finais deste livro.

Ver a palavra profética concernente ao cativeiro babilônico em II Reis 20.17,18. Ver também Isa. 44.28; 45.1-19 e Jer. 29.10. Ver, finalmente, o primeiro capítulo do livro de Daniel.

36.21

Para que se cumprisse a palavra do Senhor por boca de Jeremias. *Um Pouco de Ironia.* Judá havia negligenciado as leis sobre o sábado, incluindo a que exigia que a terra descansasse um ano em cada sete, para renovação da fertilidade. Mas os agricultores israelitas, gananciosos como eram, ignoraram a regra mosaica. Ver Lev. 25.4. Portanto, o cativeiro babilônico durou *setenta anos*, para compensar os sábados de descanso da terra que haviam sido negligenciados. A terra descansou assim por setenta anos, de uma vez, em lugar de um ano em cada sete, durante quatrocentos e trinta anos. Nesse espaço houve sessenta e nove anos sabáticos negligenciados. Maimônides (*Talmude ab. Bava Bathra*, col. 15.1) diz-nos que foi no fim de um ano sabático que a cidade e o templo foram destruídos, perfazendo assim o total de setenta. Por conseguinte, houve um sábado forçado de setenta anos. Não havia ali agricultores para plantar e colher. A lei do ano sabático, neste versículo, representa toda a lei de Yahweh que havia sido violada, provocando o cativeiro. Ver a muito significativa passagem de Lev. 26.31-35. A lei ameaçava que, se Israel se rebelasse, a terra seria deixada desolada e gozaria de descanso (mas não o povo). Israel seria espalhado "entre as nações", sem dúvida uma antiqüíssima previsão tanto do cativeiro assírio quanto do cativeiro babilônico. Essa *ameaça* se cumpriu porque o povo de Israel insistia sobre a tragédia, e não em obedecer ao Senhor.

O povo judeu e o sacerdócio se tinham contaminado. Em 538 A. C., sacerdotes leais e não-contaminados retornaram a Jerusalém, e a história começou de novo. Israel foi renovado com o fragmento de uma única tribo, Judá. Yahweh nunca desistiu. Cf. Jer. 25.9,12; 26.6,7 e 29.12.

Os *setenta anos* foram contados a partir do quarto ano do rei Jeoaquim, quando a profecia foi dita pela primeira vez (ver Jer. 25.1,12), até o primeiro ano do rei da Pérsia, Ciro, sob Zorobabel, quando um remanescente de Judá retornou a Jerusalém, em 536 A. C.

O Decreto de Ciro, o Exílio e o Retorno (36.22,23)

Ver comentários adicionais sobre esse decreto, em Esd. 1.1-3. *Surgira um raio de esperança.*

Oh Mestre, deixa-me andar Contigo
Em veredas humildes de serviço gratuito.
Diz-me o Teu segredo, ajuda-me a suportar
A tensão da labuta, o cansaço da preocupação.

Em esperança que envie um raio brilhante
Até bem longe pela caminho do futuro,
que se alarga.

(Washington Gladden)

Yahweh nunca desistiu.

O pagão Ciro, rei da Pérsia, era agora o novo instrumento da graça divina. O cronista encerrou sua mensagem fazendo brilhar um raio de luz na escuridão do cativeiro babilônico. O povo sob juízo estava ali para ser purificado, e não para ser esmagado. É assim que todos os juízos de Deus operam: eles são retributivos, mas também restauradores. Até o julgamento dos perdidos tem esse caráter. Ver I Pedro 4.6 e o artigo do *Dicionário* chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

Um povo castigado e arrependido seria enviado de volta a Jerusalém para reiniciar as coisas. Israel sobreviveria mediante um fragmento da tribo de Judá. Zorobabel, descendente de Davi, daria *autoridade política* ao remanescente, porquanto nele a dinastia davídica continuaria. Além disso, alguns levitas e sacerdotes retornariam, dando ao minúsculo Israel-Judá *autoridade espiritual* para dar continuidade yahwismo, em consonância com os ditames da legislação mosaica.

Em *Ciro* (rei da Pérsia, 559-530 A. C.), a Pérsia substituiu a Babilônia como a nova potência mundial. Em seu primeiro ano de governo sobre a Babilônia (538 A. C.), ele expediu um decreto que libertou os cativos. Foi assim que os cativos judeus retornaram e reedificaram o templo e levantaram de novo as muralhas de Jerusalém. Assim sendo, veio à existência o segundo templo, humilde, para dizer a verdade (pois quem poderia comparar-se a Salomão?), mas um lugar genuíno de adoração a Yahweh. Esse decreto é confirmado na história secular e em uma inscrição babilônica. O cronista assegura que Yahweh-Elohim foi o verdadeiro poder por trás do decreto de Ciro, e que Ciro foi Seu instrumento. Ver no *Dicionário* quanto a detalhes sobre esse nome. O homem em questão foi Ciro II. Conto a história inteira no artigo referido, portanto não repito o material aqui. As descobertas arqueológicas têm confirmado os textos bíblicos. Ver também o artigo do *Dicionário* intitulado *Pérsia.*

36.22

Despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia. Ironicamente, Deus despertou o espírito de um rei pagão para tornar possíveis os acontecimentos históricos que, com a passagem do tempo, levaram à vinda de Jesus, o Cristo, enquanto a maioria dos reis de Israel e de Judá deixaram de atender à Sua voz ou obedecer a Seus mandamentos. Judá precisava ser restaurado. Jesus estava esperando pelo Seu tempo. Em certo sentido, a Igreja cristã dependia do decreto libertador de Ciro. De outra sorte, Judá, a nação do sul, ter-se-ia perdido para sempre, tal como aconteceu a Israel, a nação do norte, que se perdeu por causa do cativeiro assírio.

Este versículo deve ser comparado a I Crô. 5.26 e II Crô. 21.16, quanto ao *poder despertador* de Yahweh. O decreto recebeu forma escrita, para que assim tivesse autoridade especial. Alguns poderiam ter questionado uma *palavra dita* da parte do rei, como *alegadamente* dada. O decreto foi enviado *por todo o império persa*, porquanto a permissão para que Judá voltasse para sua terra teria implicações internacionais.

36.23

Assim diz Ciro, rei da Pérsia. *As condições do decreto:*

1. *Revestia-se de autoridade.* Ciro não possuía inimigos que questionassem a sua palavra. Ele era, naqueles dias, o rei de reis. Por conseguinte, sua palavra era lei.
2. *Yahweh-Elohim* é quem o havia inspirado para baixar o decreto de libertação, embora não saibamos de que forma se deu essa inspiração. Sem dúvida, homens importantes de Judá, que estavam no cativeiro, incluindo profetas, exortaram o rei Ciro a fazer o que ele, finalmente, fez. Talvez isso tenha sido suficiente. Por outro lado, ele pode ter recebido instruções celestiais por meio de visões ou sonhos.
3. O decreto dizia respeito diretamente à *edificação de um novo templo em Jerusalém*, o segundo templo, e todos quantos quisessem ajudar no projeto de construção estavam livres para deixar a Babilônia. Provavelmente a maioria dos judeus (embora não todos) assim fizera. Alguns permaneceram na Babilônia porque ali tinham prosperado e se divertiam.
4. *O decreto* invocava *a bênção de Yahweh-Elohim* sobre todos quantos quisessem construir o novo templo de Jerusalém. Não sabemos dizer a qual decreto o rei da Pérsia incorporou Yahweh, em seu sistema politeísta, mas este versículo nos permite entender que Ciro tinha grande respeito pelo Deus de Israel. O "Deus do céu" era o título de *Ormazd* ou *Ahuramazda*, o deus supremo da Pérsia. A religião persa era o *zoroastrismo*, que aparece como um verbete na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia.* Ao chamar Yahweh de "Deus dos céus", Ciro pode tê-lo identificado ou, pelo menos, *associado* a seu próprio deus supremo. Seja como for, um alto respeito estava envolvido, podemos estar certos, pois do contrário Ciro jamais teria baixado esse decreto.

Foi assim que Ciro foi *divinamente comissionado*, conforme lemos em Isa. 44.28; 45.1-5,13. Jeremias havia prometido a volta do remanescente judeu à Terra Prometida (ver Jer. 25.12; 29.10), e isso precisava acontecer. Ver Esd. 1.1 quanto a isso, e Esd. 1.1-4 quanto a uma reiteração do decreto de Ciro, com alguns detalhes adicionais.

CATIVEIRO BABILÔNICO

Este título refere-se ao período da história dos judeus que começou no ano de 597 A.C., quando foi deportado o primeiro grande grupo de judeus, juntamente com seu rei, Jeoaquim, para Babilônia, por determinação de Nabucodonosor. Esse período terminou em 538 A.C., quando Ciro, vencedor persa da Babilônia, baixou um decreto concedendo aos judeus o direito de retornar a Jerusalém para construir um novo templo. No período entre essas duas datas, ocorreram diversas outras deportações. Ver detalhes no artigo *Dicionário* chamado *Cativeiro Babilônico.*

AS DEPORTAÇÕES E SUAS DATAS:

1. Primeira deportação: 598-597 A.C., 3.023 judeus.
2. Segunda deportação: 587-586 A.C., 832 jerusalenitas.
3. Terceira deportação: 582-581 A.C., 745 judeus

Total: 4.600 deportados.

O PODER DEVASTADOR DA LEI DA COLHEITA SEGUNDO A SEMEADURA

O Cativeiro Babilônico

Como jaz solitária a cidade, outrora populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações, princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados

Lamentações de Jeremias 1.1

Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

Gálatas 6.7